

A ÚNICA ESPERANÇA DA HUMANIDADE NÃO É HUMANA.

PARTIALS

DAN WELLS



PARTIALS

DAN WELLS

Tradução de Kátia Hanna



PARTE I

CAPÍTULO UM

Recém-nascido #485GA18M, morto em 30 de junho de 2076, às 6h07 da manhã. Tinha três dias de vida. O tempo médio de sobrevivência de uma criança, no período pós-Break, era de cinquenta e seis horas. Elas sequer recebiam nomes.

Kira Walker assistia impotente ao Dr. Skousen examinar o pequeno corpo. As enfermeiras – metade das quais igualmente grávidas – anotavam os detalhes da vida e da morte do bebê, anônimas nos macacões e máscaras de gás. A mãe lamentava desesperadamente no corredor, o som abafado pelo vidro. Ariel McAdams, mal acabara de completar dezoito anos. A mãe de um cadáver.

– Temperatura corporal interna 37,2 graus ao nascer – disse a enfermeira, conferindo os dados no termômetro. Sua voz saía fraca através da máscara; Kira não sabia seu nome. Outra enfermeira transcrevia cuidadosamente os números numa folha de papel amarelo. – No segundo dia, 36,7 graus – prosseguiu a enfermeira. – Às quatro da manhã de hoje, 37,2. Ao morrer, 43,1. – Moviam-se vagorosamente pelo quarto, pálidas sombras verdes na terra dos mortos.

– Só quero segurar meu bebê – gritou Ariel. A voz áspera e embargada. – Só quero segurar meu bebê.

As enfermeiras a ignoravam. Era o terceiro nascimento da semana, e a terceira morte. Era mais importante documentar a morte, para aprender com ela – e assim prevenir, se não a próxima, ao menos a que viria em seguida, pela centésima ou milionésima vez. Encontrar um meio, seja qual for, de ajudar uma criança a sobreviver.

– Batimento cardíaco? – perguntou outra voz.

Não posso mais fazer isto, pensou Kira. Estou aqui para ser uma enfermeira, não um agente funerário...

– Batimento cardíaco – perguntou novamente a enfermeira Hardy, chefe da maternidade.

Kira recobrou a atenção; monitorar o coração era função dela. – Batimento cardíaco estável até às quatro da manhã de hoje, saltando de 107 para 133. Batimento cardíaco às cinco da manhã era de 149. Batimento cardíaco às seis, 154. Batimento cardíaco às 6h06... 72.

Ariel gritou de novo.

– Meus dados confirmam – disse outra enfermeira.

A enfermeira Hardy anotou os números, fechando a cara para Kira.

– Você precisa permanecer focada – disse, ríspida. – Há muitos residentes de medicina que dariam o olho direito para estar no seu lugar.

Kira assentiu com a cabeça.

– Sim, senhora.

Dr. Skousen, no centro da sala, entregou o bebê morto à enfermeira e tirou a máscara de gás. Seus olhos pareciam tão mortos quanto a criança.

– É tudo que podemos aprender, por agora. Limpem tudo isso e façam uma análise completa do sangue. – Ele saiu da sala e, em volta de Kira, as enfermeiras continuaram o frenesi das atividades, enrolando o bebê para o enterro, esfregando o equipamento, colhendo sangue. A mãe chorava, esquecida e sozinha – Ariel fora inseminada artificialmente; não havia nem marido nem namorado para confortá-la. Kira, obediente, recolheu os relatórios para serem analisados e arquivados, mas não conseguia tirar os olhos da menina que soluçava do outro lado do vidro.

– Mantenha a cabeça no jogo, estagiária – disse a enfermeira Hardy. Ela também tirou a máscara, o cabelo empastado de suor na testa. Kira olhou-a em silêncio. A enfermeira Hardy a encarou de volta, então levantou a sobancelha.

– O que o aumento drástico na temperatura nos informa?

– Que o vírus passou do ponto de saturação – respondeu Kira, recitando de memória. – Ele replicou-se o suficiente para saturar o sistema respiratório da criança, o coração ficou sobrecarregado tentando compensar a deficiência pulmonar.

A enfermeira Hardy balançou a cabeça, e, pela primeira vez, Kira notou os olhos vermelhos e irritados da chefe.

– Um dia os pesquisadores encontrarão um padrão nestes dados e descobrirão a cura. Mas só vão conseguir isso se nós...? Pausou, esperando, e Kira completou a frase.

– Rastreamos o curso da doença em cada criança, o melhor possível, e aprendermos com os nossos erros.

– A descoberta da cura depende dos dados que estão nas suas mãos. – A enfermeira Hardy apontou para os papéis que Kira segurava. – Fracasse em documentar isso e esta criança terá morrido em vão.

Kira balançou a cabeça outra vez, arrumando, com indiferença, os papéis na pasta suspensa.

A enfermeira-chefe virou-se de costas e Kira tocou-lhe o ombro; quando ficou de frente, Kira não ousou olhar em seus olhos.

– Perdão, senhora, mas se o médico já examinou o corpo, Ariel não poderia segurá-lo? Só um minutinho?

A enfermeira Hardy suspirou, o cansaço alquebrando sua rígida fachada profissional.

– Olhe, Kira – disse –, sei como você progrediu rápido no programa de estágio. Está claro que possui aptidão para a virologia e a análise RM, mas a habilidade técnica é apenas metade do trabalho. Precisa estar preparada, emocionalmente, ou a

maternidade vai te engolir. Você está conosco há três semanas, esta é sua décima criança morta. É a minha criança número 982. Eu me lembro de cada uma delas. – Ficou quieta, seu silêncio se arrastando por mais tempo que o esperado por Kira. – Precisa aprender a seguir em frente.

Kira olhou na direção de Ariel, chorando e batendo na janela de vidro espesso. – Sei que você perdeu muitas delas, senhora. – Kira engoliu. – Mas esta é a primeira de Ariel.

A enfermeira Hardy olhou-a fixamente por um longo período, uma sombra distante em seus olhos. Finalmente, virou-se.

– Sandy?

Outra jovem enfermeira, que carregava o pequeno corpo, levantou o olhar.

– Desembrulhe a bebê – disse a enfermeira Hardy. – A mãe vai segurá-la.

Kira terminou os relatórios cerca de uma hora depois, bem a tempo de comparecer à assembleia no Senado. Marcus a recebeu no saguão de entrada com um beijo, e ela tentou deixar para trás a tensão da noite anterior. Marcus sorriu e ela devolveu-lhe um sorriso delicado. A vida era sempre mais fácil com ele por perto.

Deixaram o hospital e Kira piscou ao receber a explosão de luz natural em seus olhos. O hospital era como um bastião tecnológico no centro da cidade, tão diferente das casas em ruínas e ruas com o mato alto, que até poderia ser confundido com uma nave espacial. Claro que a pior parte de toda aquela sujeira já havia sido limpa, mas os sinais do Break ainda estavam em todo lugar, mesmo onze anos depois: carros abandonados tornaram-se barracas de peixe e vegetais; os gramados dianteiros foram transformados em hortas e galinheiros. Um mundo outrora civilizado – o mundo antigo, o mundo antes do Break – era agora uma ruína emprestada de uma cultura apenas um degrau acima da Idade da Pedra. Os painéis solares que alimentavam o hospital eram um luxo que a maior parte da população de East Meadow apenas sonhava possuir.

Kira chutou uma pedra na rua.

– Acho que não consigo fazer isso.

– Você quer um jinriquixá [\[1\]](#)? – perguntou Marcus. – Não estamos longe do coliseu.

– Não quis dizer caminhar – respondeu Kira. – Quis dizer o hospital, os bebês. Minha vida. – Lembrou-se dos olhos das enfermeiras, sem vida, avermelhados e cansados, tão exageradamente cansados. – Você sabe quantos bebês vi morrer? – perguntou mansamente. – Bem ali na minha frente?

Marcus segurou sua mão.

– A culpa não é sua.

– Faz alguma diferença de quem é a culpa? – perguntou Kira. – Eles continuarão

mortos do mesmo jeito.

– Ninguém salvou uma criança desde o Break – disse Marcus –, ninguém. Você está estagiando no hospital há três semanas. Não pode ficar se punindo por não fazer algo que nem mesmo os médicos e pesquisadores têm sido capazes de fazer.

Kira parou, encarando-o; ele não poderia estar falando sério.

– Está tentando me fazer sentir melhor? – perguntou. – Dizer que é impossível salvar a vida de uma criança é realmente uma tentativa muito estúpida de me confortar.

– Você sabe que não é isso que quero dizer – disse Marcus. – Só estou dizendo que não é você, pessoalmente. Foi o vírus RM que matou aquelas crianças, não Kira Walker.

Kira lançou o olhar ao longo da via expressa que se alargava à frente deles.

– É uma forma de encarar a situação.

A multidão aumentava à medida que se aproximavam do coliseu; talvez o local ficaria cheio, o que não acontecia há meses. A população não lotava o coliseu desde que o Senado aprovara a última emenda à Lei da Esperança, derrubando a idade de gravidez para dezoito anos. Kira sentiu um inesperado nó no estômago e fez uma careta.

– Sobre o que você acha que é esta “reunião de emergência”?

– Conhecendo o Senado, alguma coisa entediante. Vamos pegar um lugar próximo à porta, assim podemos escapar se Kessler começar com outra diatribe.

– Você não acha que será importante? – perguntou Kira.

– Será, no mínimo, autoimportante – disse Marcus. – Sempre se pode confiar no Senado quanto a isso. – Ele sorriu para ela, viu o quanto estava séria, e franziu o cenho. – Se quer um palpite, diria que vão falar sobre a *Voz*. Pela manhã, o assunto no laboratório era que atacaram outra fazenda esta semana.

Kira olhou para a calçada, propositalmente evitando seus olhos.

– Você acha que vão baixar a idade de gravidez de novo?

– Tão rápido? – perguntou Marcus. – Nem se passaram nove meses ainda. Não acredito que abaixem a idade mais uma vez antes que as garotas de dezoito deem a luz.

– Abaixariam – disse Kira, ainda cabisbaixa. – Fariam isso porque a Lei da Esperança é a única medida que conhecem para lidar com o problema. Acreditam que se tivermos bebês o bastante, um deles estará destinado a ser resistente; mas não está funcionando, e não funciona há onze anos. Engravidar um bando de adolescentes não vai mudar nada. – Ela soltou a mão de Marcus. – É a mesma coisa no hospital: eles cuidam das mães, mantêm tudo esterilizado, recolhem todos os dados, e os bebês continuam morrendo. Sabemos exatamente como morrem. Sabemos tanto sobre como eles estão morrendo que só de pensar nisso fico doente. Mas não

sabemos absolutamente nada sobre como salvá-los. Engravidamos um monte de jovens garotas e tudo que vamos conseguir são mais bebês mortos e mais cadernos cheios da mesma estatística exata de como morreram. – Ela sentiu a face ruborizar e as lágrimas brotando em seus olhos. Algumas pessoas olhavam para ela enquanto passavam pela via expressa; muitas das mulheres estavam grávidas, e Kira sabia que algumas delas ouviram seu desabafo. Ela engoliu em seco e deu um abraço apertado em si mesma, sentindo raiva e vergonha ao mesmo tempo.

Marcus aproximou-se e colocou o braço em volta dos ombros de Kira.

– Você está certa – murmurou. – Você está absolutamente certa.

Ela o abraçou.

– Obrigada.

Alguém gritou do meio da multidão.

– Kira!

Kira levantou o olhar, secando os olhos com as costas da mão. Madison estava acenando animadamente do meio da multidão. Kira não conseguiu segurar o sorriso. Madison era dois anos mais velha, mas haviam crescido juntas, praticamente irmãs na família temporária que as acolhera após o Break. Kira levantou a mão e retribuiu o aceno.

– Mads!

Madison os alcançou e abraçou Kira calorosamente. Seu novo marido, Haru, vinha alguns passos atrás. Kira não o conhecia muito bem: ele estava na Rede de Defesa quando ela e Madison se conheceram, e só foi transferido para um cargo civil quando eles se casaram alguns meses atrás. Ele apertou a mão de Kira e inclinou solenemente a cabeça para Marcus. Kira perguntou-se mais uma vez como Madison havia se apaixonado por alguém tão sério, mas imaginou que todo mundo era sério quando comparado com Marcus.

– Que bom ver você – disse Haru.

– Você pode me ver? – perguntou Marcus, apalpando a si mesmo, em súbito choque. – O efeito do elixir deve ter vencido! Esta é a última vez que troco o almoço com um grilo falante.

Madison riu, e Haru levantou a sobrancelha, confuso. Kira o observava, esperando, até a falta de humor dele ser tão engraçada que ela não aguentaria e também explodiria numa risada.

– Como vão vocês? – perguntou Madison.

– Sobrevivendo – disse Kira. – Ou quase isso.

Madison fez uma careta.

– Noite difícil na maternidade?

– Ariel teve o filho.

Madison ficou pálida e seus olhos mergulharam em genuína tristeza. Kira podia

ver o quanto aquilo era doloroso para a amiga, agora que ela já tinha quase dezoito. Madison ainda não estava grávida, mas era apenas uma questão de tempo.

– Sinto muito. Vou voltar com você depois da assembleia para dizer um “oi” a ela e ver se tem algo que eu possa fazer.

– É uma boa ideia – concordou Kira –, mas terá que fazer isso sem a minha presença, temos uma missão de resgate hoje.

– Você passou a noite toda acordada! – protestou Madison. – Não podem forçá-la a participar de uma missão.

– Vou tirar um cochilo antes de sair – disse Kira. – Preciso ir. O trabalho tem sido muito desgastante e posso me beneficiar com a mudança de ritmo. Além disso, preciso provar a Skousen que sou capaz. Se a Rede de Defesa quer uma médica na sua equipe de resgate, então serei a melhor médica que eles já tiveram, pode apostar.

– Eles têm sorte de contar com você – disse Madison, abraçando-a outra vez. – O Jayden vai?

Kira fez que sim com a cabeça.

– É o sargento no comando.

Madison sorriu.

– Dê um abraço nele por mim.

Jayden e Madison eram irmãos – irmãos de sangue, não adotivos –, os únicos parentes diretos que sobraram no mundo. Diziam que eles eram o indício de que a imunidade ao RM poderia ser hereditária, o que tornava ainda mais frustrante o fato de que nenhum recém-nascido, até o momento, fosse imune ao vírus. Na opinião de Kira, era mais provável que o caso de Madison e Jayden fosse uma anomalia que talvez jamais se repetisse.

Jayden era também um dos humanos mais atraentes deixados no planeta, como Kira quase sempre comentava com Madison. Kira lançou a Marcus um olhar travesso.

– Só um abraço? Eu poderia transmitir a ele um beijo ou dois.

Marcus olhou meio sem jeito para Haru.

– Então, alguma ideia sobre o que vai ser a reunião?

Kira e Madison riram, e ela suspirou de alegria. Madison sempre a fazia sentir-se melhor.

– Estão fechando a escola – disse Haru. – Os garotos mais novos da ilha estão completando catorze anos, e agora praticamente há mais professores que alunos. Acho que todos vão se formar, mais cedo, em cursos profissionalizantes, e vão enviar os professores para algum lugar onde sejam mais úteis.

– Você acha? – perguntou Kira.

Haru deu de ombros.

– É o que eu faria.

– Provavelmente vão ficar tagarelando sobre os Partial, de novo – disse Madison.

– Os senadores não conseguem permanecer de boca calada quando o assunto é esse.

– E você pode culpá-los? – perguntou Haru. – Os Partial mataram todos sobre a face da Terra.

– Com exceção deste que vos fala – disse Marcus.

– Não estou dizendo que eles *não eram* perigosos – disse Madison –, mas já se passaram onze anos desde que foram vistos pela última vez. A vida continua. Além disso, está claro que agora temos problemas maiores para enfrentar. Acho que vão falar sobre a *Voz*.

– Vamos descobrir muito em breve, acredito – disse Kira, apontando a cabeça na direção norte; o coliseu era visível logo além das árvores. O Senado tinha seu próprio prédio, sem dúvida, numa prefeitura de verdade, mas assembleias como esta, quando a cidade inteira era convocada a comparecer, eram realizadas no coliseu. O local raramente recebia pessoas o suficiente para lotar suas dependências, mas os mais velhos contavam que ele costumava ficar cheio, nos velhos tempos, quando era usado para esportes. Antes do Break.

Kira tinha apenas cinco anos no Break; a maioria das coisas sobre o velho mundo ela sequer se lembrava, e não confiava em metade do que lembrava. Recordava-se do pai, o rosto escuro e os cabelos negros desalinhados, a armação grossa dos óculos empurrada até a base do nariz. Viviam numa casa de dois níveis – ela estava quase certa de que era amarela – e quando fez três anos, ganhou uma festa de aniversário. Não tinha nenhum amigo da sua idade, por isso não havia crianças na festa, mas a maioria dos amigos do seu pai estava lá. Recordou-se da caixa de brinquedos cheia de animais de pelúcia, e que queria mostrá-los para todos. Então ofegou e fez força, empurrando a caixa pelo corredor. Na sua cabeça, parecia ter se passado meia hora ou mais, mas ela sabia que não poderia ter levado tanto tempo assim. Quando finalmente alcançou a sala de estar, gritou para todos olharem, seu pai riu e a repreendeu, levando tudo de volta para o quarto. Todo seu esforço virou pó, em segundos. A lembrança não a incomodava; jamais pensou no pai como um homem mau ou injusto. Era apenas uma lembrança, uma das poucos que ela tinha da sua vida no velho mundo.

A multidão estava agora maior, as pessoas se espremiavam ao passarem pelas árvores ao redor do coliseu. Kira segurava firme em Marcus com uma mão e em Madison com a outra. Haru os seguia como o final de uma corrente humana. Eles abriram caminho através da massa de pessoas e encontraram uma fileira de lugares vazios – perto da porta, como Marcus queria. Kira sabia que ele tinha razão: se o senador Kessler embarcasse em mais um discurso bombástico, ou se o senador Lefou começasse a falar sobre o horário dos carregamentos ou qualquer outro

assunto enfadonho em que ele estivesse envolvido naquele mês, eles precisariam de um meio fácil para dar o fora. Comparecimento compulsivo era uma coisa, mas depois que o assunto importante estivesse terminado, eles não seriam os únicos a ir embora cedo.

Enquanto os senadores lotavam o tablado no centro do coliseu, Kira mexia-se desconfortavelmente no seu lugar, ponderando se Haru estaria certo. Havia um total de vinte senadores e Kira reconhecia cada um deles, embora não soubesse seus nomes. Um dos homens, entretanto, era novo: alto, escuro, robusto. Estava parado como um oficial do exército, mas seu terno era simples e de um civil. Ele cochichou algo para o Dr. Skousen, o senador representante do hospital; então misturou-se à multidão.

– Bom dia.

A voz ressoou pelo imponente estádio, ecoando através dos alto-falantes e escapando pelo teto. O centro do coliseu iluminou-se com uma gigantesca imagem holográfica do senador Hobb. Havia vinte senadores, mas eles sempre deixavam Hobb assumir a liderança nas assembleias fazendo os comentários iniciais e transmitindo a maioria dos avisos. Ele definitivamente era o mais encantador.

– A assembleia está aberta – continuou o senador Hobb. – Estamos todos muito contentes de vê-los aqui; é importante que vocês participem do governo, e estas reuniões abertas são a melhor maneira de cada um se manter conectado. Neste momento, gostaríamos de fazer um agradecimento especial à Rede de Defesa de Long Island, particularmente ao sargento Stewart e sua equipe, por girarem manualmente as manivelas dos geradores à noite toda aqui no coliseu. Como havíamos prometido, estas reuniões nunca retiram e nunca irão retirar energia da comunidade. Houve poucos aplausos e Hobb sorriu gentilmente enquanto esperava o som das palmas desaparecer.

– Bem, vamos começar com nossa primeira ordem do dia. Srta. Rimas, poderia se juntar a mim na tribuna?

– São as escolas – disse Kira.

– Eu disse – falou Haru.

A Srta. Rimas era a chefe do sistema escolar de East Meadow, que foi minguando com o tempo, até sobrar uma única escola na qual agora atuava como diretora. Kira ouvia com a mão sobre a boca enquanto a senhora falava orgulhosamente do trabalho que suas professoras realizavam, o sucesso que o sistema demonstrara ao longo dos anos e as grandes conquistas dos alunos formados. Era uma despedida, um olhar retrospectivo triunfante sobre o trabalho árduo e a dedicação das professoras, mas Kira não conseguia evitar o enjoo. Não importava como a história era contada, o quanto tentavam enfatizar o lado positivo, a verdade nua e crua era simplesmente que não havia mais crianças. Estavam fechando a escola porque

ficaram sem crianças. As professoras tinham feito seu trabalho, mas os médicos não.

O ser humano mais novo no planeta, até onde todos sabiam, completaria quatorze anos em um mês. Era possível a existência de sobreviventes em outros continentes, mas ninguém conseguira fazer contato com eles. Com o passar do tempo os refugiados em Long Island acabaram por acreditar que estavam sozinhos e que o mais novo deles era o mais novo do mundo. Seu nome era Saladin. Quando o trouxeram para o palco, Kira não conseguiu conter as lágrimas.

Marcus a enlaçou e juntos ouviram os discursos e as congratulações. Os alunos mais novos estavam sendo levados precocemente para os cursos profissionalizantes, como Haru havia previsto. Dez deles haviam sido aceitos no programa pré-médico que Kira acabara de concluir; em um ano ou dois começariam a estagiar no hospital, assim como ela. Alguma coisa seria diferente, então? Os bebês continuariam morrendo? As enfermeiras continuariam assistindo-os morrer e documentando as estatísticas e os embrulhando para o enterro? Quando tudo isso terminaria?

Enquanto cada professor ficava em pé para dizer adeus e desejar aos alunos seus melhores votos, o coliseu permaneceu silencioso, quase reverente. Kira sabia que as outras pessoas estavam pensando o mesmo que ela. O fechamento das escolas era como o encerramento do passado, a consciência final de que o mundo estava acabando. Quarenta mil pessoas deixadas no planeta e nenhuma criança. E nenhuma perspectiva de que algum dia elas ressurgiriam.

A última professora falou calmamente, despedindo-se de seus alunos, entre lágrimas. As professoras também estavam entrando para as escolas profissionalizantes, mudando de emprego e de vida. Esta última professora irá juntar-se a Saladin na Comissão de Animais, treinando cavalos, cachorros e águias. Kira sorriu ao ouvir aquilo. Se era preciso que Saladin crescesse, pelo menos poderia continuar brincando com um cachorro.

A última professora sentou-se e o senador Hobb caminhou até o microfone, mantendo-se calmo sob a luz do holofote. Sua imagem tomou todo o coliseu, solene e perturbado. Manteve-se imóvel por um momento, recolhendo os pensamentos, então olhou para o público com olhos azuis cristalinos.

– As coisas não precisavam ser assim.

A multidão murmurou, um barulho correu o estádio como uma onda, enquanto as pessoas sussurravam e se entreolhavam. Kira percebeu que Marcus olhava para ela, segurou firme a mão dele e manteve os olhos grudados no senador Hobb.

– A escola não precisa fechar – disse calmamente. – Mal temos vinte crianças em idade escolar em East Meadow, mas na ilha inteira existem mais. Muito mais. Uma fazenda em Jamesport tem dez crianças, quase tão jovens quanto Saladin, eu mesmo as vi. Segurei suas mãos. Implorei para que viessem para cá, onde é seguro, onde a Rede de Defesa pode protegê-las, mas não vieram. As pessoas que estão com elas,

seus pais adotivos, não permitiram. E apenas uma semana depois da minha partida, apenas dois dias atrás, a *Voz*, a suposta voz do povo, atacou a fazenda. – O senador fez uma pausa para se recompor. – Enviamos soldados para recuperar o que for possível, mas temo pelo pior.

O holograma do senador Hobb observou atentamente o coliseu, atravessando as pessoas com seu olhar intenso.

– Onze anos atrás, os Partialts tentaram nos destruir, e eles fizeram um trabalho dos diabos. Nós os construímos para serem mais fortes que nós, mais rápidos que nós, para lutar por nós na guerra de isolamento. Eles não tiveram a menor dificuldade em ganhar aquela guerra, e quando se voltaram contra nós, cinco anos mais tarde, não precisaram de muito tempo para nos varrer da face do planeta, especialmente depois de lançarem o vírus RM. Aqueles que sobreviveram vieram para esta ilha, sem nada: quebrados, fragmentados, mergulhados no desespero. Mas sobrevivemos. Reconstruímos. Estabelecemos um perímetro defensivo. Encontramos comida e abrigo, criamos energia e estabelecemos um governo e uma civilização. Quando descobrimos que o RM não pararia de matar nossas crianças, aprovamos a Lei da Esperança para maximizar nossas chances de dar à luz uma nova geração de humanos resistentes ao vírus. Graças a essa lei e a nossa incansável força médica, estamos cada dia mais perto de realizar esse sonho.

O senador Hodd acenou com a cabeça para o Dr. Skousen, sentando ao lado dele na tribuna, então levantou novamente o olhar. Seus olhos estavam sombrios e solenes.

– Mas, no meio do caminho, algo aconteceu. Alguns decidiram se separar de nós. Alguns se esqueceram do inimigo que continua à espreita no continente, observando-nos e aguardando, e se esqueceram do inimigo que impregna o ar que nos rodeia, impregna nosso próprio sangue, matando nossas crianças, como matou tantos dos nossos familiares e amigos. Agora, alguns decidiram que a civilização que construímos para nos proteger é, de alguma forma, nosso inimigo. Há algum tempo a nossa batalha ainda era pelo que é nosso, agora enfrentamos uns aos outros. Desde a aprovação da Lei da Esperança, há dois anos, a *Voz*, esses gângsteres, esses criminosos armados, sob o disfarce zombeteiro de revolucionários, têm incendiado nossas fazendas, saqueado nossas lojas, assassinado seus próprios irmãos e irmãs, mães e pais e, Deus nos ajude, suas próprias crianças. Porque é isto que somos: somos uma família. Não podemos pagar o preço de brigarmos entre nós. E seja qual for a motivação que os alimenta, qual a bandeira que levantem, a *Voz*, vamos chamá-los do que realmente são: bárbaros. Eles estão apenas terminando o trabalho que os Partialts começaram. E não vamos permitir que façam isso. – Sua voz era dura, a força da pura determinação. – Somos uma única nação, um único povo, uma só vontade. – Houve uma pausa. – Ou de veríamos ser. Gostaria de transmitir notícias

mais animadoras, mas a Rede de Defesa encontrou uma equipe de ataque da *Voz* saqueando um depósito de mantimentos, ontem à noite. Querem saber onde? Conseguem adivinhar?

Algumas pessoas na multidão gritaram, a maior parte apostando nas fazendas das cercanias e nas vilas de pescadores, mas a gigantesca imagem holográfica balançou a cabeça, tristemente. Kira olhou para o homem de carne e osso, lá embaixo, uma figura minúscula metida num terno marrom surrado, que sob a luz do holofote era quase branco. Ele virou-se lentamente, balançando a cabeça, enquanto a multidão gritava o nome de localidades de todas as partes da ilha. O senador, imóvel, apontou para o chão.

– Aqui mesmo – disse. – Na verdade, logo ali, ao sul da via expressa, na antiga escola Kellenberg. Foi um ataque de pequenas proporções, mas, mesmo assim, eles estavam bem ali. Quantos de vocês vivem próximo dali? – Ele levantou a mão, assentindo com a cabeça para os outros na multidão que igualmente levantavam a deles. – Sim – disse –, vocês moram bem ali. Eu moro ali, é o coração da nossa comunidade. A *Voz* já não está mais na floresta, está bem aqui, em East Meadow, em nossa própria vizinhança. Eles querem nos separar de dentro para fora, mas não vamos permitir que consigam!

– A *Voz* se opõe à Lei da Esperança – prosseguiu o senador. – Chamam isso de tirania, chamam isso de fascismo, chamam isso de controle. Nós a chamamos de nossa única chance. Queremos oferecer um futuro à humanidade; eles querem viver no presente, fazer tudo o que querem e matar qualquer um que tente impedi-los. Isso é liberdade? Se aprendemos alguma coisa nesses últimos onze anos, meus amigos, é que a liberdade é uma responsabilidade a ser merecida, não uma licença para a imprudência e a anarquia. Se algum dia finalmente sucumbirmos, apesar de nossos ferrenhos esforços e de nossa mais profunda determinação, que seja porque nossos inimigos, por fim, nos derrotaram e não porque nós mesmos nos derrotamos.

Kira ouvia em silêncio, envolvida na gravidade do discurso. Ela não se deleitava com a ideia de engravidar tão rapidamente – em menos de dois anos atingiria a idade –, mas sabia que o Senado estava certo. O futuro era a coisa mais importante, certamente mais importante do que a hesitação de uma garota diante do próximo passo.

A voz do senador Hobb era macia, inflexível e resoluta. – A *Voz* discorda da Lei da Esperança e decidiu expressar seu descontentamento usando o assassinato, o roubo e o terrorismo. Eles têm o direito de discordar; o problema são os métodos que empregam. Havia outro grupo que empregava os mesmos métodos – um grupo que não estava satisfeito com a situação e decidiram rebelar-se. Eles se chamavam *Partials*. A diferença é que os *Partials* não pensavam, não sentiam, eram assassinos não humanos. Matavam porque nós os construímos para isso. Os membros da *Voz*

são humanos e, de certa forma, isso os torna ainda mais perigosos.

A multidão murmurou. O senador Hobb baixou o olhar, limpou a garganta e continuou.

– Existem coisas mais importantes que nós mesmos, mais importantes que os limites do presente e os caprichos do agora. Há um futuro a ser construído e protegido. E caso queiramos tornar esse futuro uma realidade, precisamos parar de brigar entre nós. Temos que dar um basta nas divergências, onde elas estiverem. É necessário voltarmos a confiar no outro. O que estamos tratando aqui não diz respeito ao Senado ou à cidade, não é sobre a cidade e as fazendas, nem sobre um pequeno grupo ou facção. Somos nós. Toda a raça humana, unida numa só. Há pessoas lá fora que querem nos reduzir a migalhas, mas não vamos permitir que isso aconteça!

A multidão clamou de novo, e desta vez Kira uniu-se a eles. Ainda que gritasse com os outros, não conseguia se livrar de uma inesperada sensação de medo, como dedos gelados apertando sua garganta.

CAPÍTULO DOIS

— **E** stá atrasada, Walker.
Kira manteve o passo no mesmo ritmo, observando o rosto de Jayden enquanto caminhava despreocupadamente até a carroça. Era tão parecido com Madison!

— Qual o problema? — perguntou Kira. — Os soldados não precisam mais participar das assembleias compulsórias?

— Obrigado pela atitude — disse Jayden, deitando o rifle contra o ombro. — É um prazer contar com ambos nesta ronda: você e sua sagacidade.

Kira imitou uma arma com o polegar e o indicador e disparou no rosto dele, silenciosamente.

— Aonde vamos desta vez?

— A uma pequena cidade chamada Asharoken.

Ele a ajudou a subir na traseira da carroça metálica, já abarrotada com mais dez soldados e dois geradores portáteis, o que significava que ela provavelmente iria a campo testar com um dos geradores algum velho equipamento e decidir se valia a pena trazê-lo de volta. Havia dois outros civis, um homem e uma mulher, que deveriam estar ali para testar, sozinhos, o outro gerador em algum equipamento.

Jayden encostou-se na lateral da carroça. — Por Deus, esta ilha tem a cidade com o nome mais esquisito que já ouvi.

— Rapazes, vocês estão armados contra ursos? — perguntou Kira, olhando para os pesados fuzis dos soldados. Estavam sempre armados quando saíam dos limites da cidade — mesmo Kira carregava um fuzil pendurado no ombro —, mas hoje pareciam prontos para a guerra. Um dos soldados carregava um cilindro comprido, que ela reconheceu como um lançador de granadas. Kira achou um lugar vazio e acomodou a bolsa e seu kit médico embaixo dos pés.

— Esperando encontrar bandidos?

— Costa Norte — disse Jayden. Kira empalideceu. A Costa Norte era praticamente deserta e por isso mesmo um território da *Voz*.

— Valêncio, está atrasado! — gritou Jayden. Kira levantou os olhos e sorriu.

— Oi, Marcus.

— Há quanto tempo.

Marcus abriu um sorriso largo e saltou para dentro da carroceria.

— Desculpe pelo atraso, Jayden. Tive uma reunião mais enfadonha do que esperava. No final, o clima estava muito quente e todo mundo suado. Você foi um dos assuntos principais, entre um acesso e outro de paixão...

– Pule para a parte em que elas falam da minha mãe – disse Jayden –, e eu entro com a parte em que mando você para o inferno. Depois podemos voltar ao trabalho. É para isso que estamos aqui.

– Sua mãe morreu de RM onze anos atrás – disse Marcus, o rosto estampando uma máscara de falso horror. – Você tinha quanto, seis anos? Isso seria muito baixo da minha parte.

– E a sua mãe já deve estar no inferno uma hora dessas – disse Jayden. – Tenho certeza de que você vai vê-la em breve. Babaca.

Kira franziu o cenho ao ouvir o insulto, mas Marcus deu um sorriso afetado, olhando para as outras pessoas na carroça.

– Dez soldados, hum? Qual é a ronda?

– Costa Norte – disse Kira.

Marcus assobiou.

– Eu aqui pensando que não iríamos nos divertir. Acredito que todos os outros locais já estejam limpos a esta hora, certo? – Olhou para os dois civis na outra ponta da carroça. – Desculpe, mas não reconheço nenhum de vocês.

– Andrew Turner – disse o homem, estendendo a mão. Ele era bem mais velho, quase cinquenta anos, o sol começando a queimar o couro cabeludo através dos cabelos ralos. – Eletricista.

– Prazer em conhecê-lo – disse Marcus, apertando sua mão.

A mulher sorriu e acenou.

– Gianna Cantrell. Trabalho com ciências da computação.

Ela também era mais velha, não tanto quanto Turner. Kira lhe daria uns trinta e cinco – idade o bastante para estar envolvida com ciências da computação muito antes do Break. Kira olhou para o ventre da mulher, num gesto quase automático, que ela só se deu conta depois; mas é claro que não estava grávida! As rondas de resgate eram perigosas demais para colocar a vida de uma criança em risco. Ela provavelmente estaria entre um ciclo menstrual e outro.

– Um grupo interessante – disse Marcus. Ele olhou para Jayden. – Qual o problema com esse lugar?

– Os patrulheiros estiveram na região dias atrás – disse Jayden. – Encontraram uma clínica, uma farmácia e uma “estação do tempo”, seja lá o que isso significa. Agora tenho que fazer todo o caminho de volta até lá numa “corrida de coelho”. Você pode imaginar a minha alegria. – Ele caminhou para a frente da carroça e sentou-se ao lado da condutora, uma garota que Kira vira algumas vezes – ainda um ano ou dois abaixo da idade de engravidar, o que a deixava apta para estar na ativa. – Pronto, Yoon, vamos.

A garota balançou as rédeas algumas vezes e deu um comando de voz para os quatro cavalos. A Rede de Defesa possuía alguns carros elétricos, mas nenhum forte

o suficiente para transportar, com alguma eficácia, uma carga tão pesada. A energia era um bem precioso e cavalos eram baratos, por isso os melhores motores elétricos eram destinados a outras finalidades. A carroça partiu num sacolejo e Kira colocou o braço atrás de Marcus para segurar-se na lateral do veículo. Marcus pressionou o corpo contra o dela, aproximando-se ainda mais.

– Oi, querida.

– Oi.

Andrew Turner olhou para eles.

– Corrida de coelho?

– É uma gíria para missão de resgate, com especialistas como vocês em vez de soldados da infantaria. – Kira olhou para o homem cada vez mais queimado de sol. – Nunca participou de uma?

– Fiz muitos salvamentos num primeiro momento, como todo mundo, mas depois de um ano, fui enviado para trabalhar com painéis solares em tempo integral.

– Corridas de coelho são simples. A Costa Norte assusta um pouco, mas vamos ficar bem. – Ele olhou em volta e sorriu. – Mas as condições das ruas fora do povoado não são das melhores. Por isso, aproveite o conforto enquanto pode.

Mantiveram-se em silêncio por algum tempo, o vento atravessando a carroça descoberta e esvoaçando o rabo de cavalo de Kira na direção de Marcus. Ela inclinou-se para a frente, deixando os cabelos roçarem freneticamente no rosto dele. Marcus ria enquanto tentava pronunciar algumas palavras e afastar os cabelos que roçavam seu rosto. Ele fez cócegas em Kira e, ao inclinar-se para trás, a jovem chocou-se com um dos soldados. Ele sorriu, sem jeito. Sem dúvida, um rapaz da mesma idade sentia-se satisfeito em ter uma garota praticamente sentada no seu colo. No entanto, o soldado não disse uma única palavra. Kira voltou a se acomodar no seu lugar, prendendo o riso.

O soldado ao lado de Kira gritou um alerta.

– Último marcador. Olhos abertos!

Os soldados sentados no chão da carroceria endireitaram-se, segurando as armas mais próximas do corpo, e olharam para os prédios em volta, com a atenção de uma águia.

Kira virou-se, observando a vasta e desabitada cidade se revelando diante de seus olhos – parecia vazia, e provavelmente estava, mas todo cuidado era pouco. Os marcadores sinalizavam os limites do povoado de East Meadow e da região que o exército conseguia patrulhar com certa eficiência, mas estava longe de ser o limite de uma área urbana. A cidade do velho mundo estendia-se por quilômetros em todas as direções, cobrindo quase todo o território de uma costa à outra da ilha. A maioria dos sobreviventes vivia em East Meadow, ou mais a oeste, numa base militar, mas havia saqueadores, vagabundos, bandidos e tipos piores espalhados pela ilha. A *Voz*

tornara-se a maior ameaça, porém, estava longe de ser a única.

Mesmo fora dos limites de East Meadow, as ruas eram bastante utilizadas e estavam razoavelmente desobstruídas. Claro que havia lixo, lama, folhas e os eventuais entulhos da natureza, mas a regularidade do tráfego mantinha o asfalto, até certo ponto, limpo do mato. Raras vezes a carroça dava um solavanco, ao cair num sulco profundo ou numa depressão. Os domínios além do meio-fio eram outra história: onze anos de abandono deixaram a cidade em ruínas, as casas caindo aos pedaços, as calçadas esburacadas e deformadas pelas vigorosas raízes das árvores. As ervas daninhas cresciam por toda parte, e uma vasta massa de kudzu[2] cobria tudo como um carpete. Já não havia gramados, nem jardins, ou vidros em quaisquer janelas. Mesmo as ruas secundárias, menos usadas que as principais, encontravam-se entrecruzadas com linhas verdes. Aos poucos a Mãe Natureza reclamava tudo que o velho mundo havia lhe roubado.

De certa forma, Kira gostava que fosse assim. Ninguém dissera à natureza o que fazer.

Seguiram em silêncio por mais algum tempo; então um dos soldados apontou para o norte e berrou.

– Ratos!

Kira virou-se, esquadrinhando a cidade, e logo percebeu um movimento com o canto dos olhos – um ônibus escolar, as laterais carregadas com bugigangas, o teto com caixas altas empilhadas e engradados, sacos e mobília, tudo amarrado precariamente com dezenas de metros de corda. Havia um homem parado ao lado do ônibus, tirando gasolina de um carro com uma mangueira; dois adolescentes ao lado dele. Kira imaginou que tivessem entre quinze e dezesseis anos.

– Cara, ele ainda usa gasolina – disse Marcus.

– Talvez tenha encontrado uma forma de filtrá-la – observou Gianna, examinando o ônibus com interesse. – Muitas comunidades fora de East Meadow usam gasolina. Ela estraga o motor, mas pelo jeito vão continuar rodando pela ilha por um tempo.

– Eles deveriam se mudar para a cidade – disse Turner. – Morar numa casa de verdade, ter eletricidade e segurança... bem, tudo.

– Tudo menos mobilidade, anonimato e liberdade... – retrucou Gianna.

– Como assim, “liberdade”? – perguntou o soldado sentado ao lado de Kira. O nome no distintivo dizia: BROWN. – Nós temos liberdade. O que ele tem é anarquia.

– Nós temos segurança, você quer dizer – disse Gianna.

O soldado Brown levantou o fuzil e o segurou de forma a avaliar o seu peso.

– Que nome dá para isto?

– As comunidades maiores foram as primeiras a tombarem durante a revolta dos Partials – respondeu Gianna. – Centros populacionais são alvos fáceis. Se os

Partials, seja lá onde estiverem, desenvolverem uma nova cepa do RM que vença nossa imunidade, as armas não terão o menor efeito contra ela. Uma área como East Meadow seria o pior lugar para alguém estar.

– OK, obrigado – disse Brown. – Fico contente quando alguém valoriza o fato de eu colocar minha vida em risco.

– Não estou dizendo que não reconheço o seu trabalho – respondeu Gianna. – Só estou dizendo que... bem, acabei de dizer o que estou dizendo. Obviamente escolhi viver em East Meadow. Apenas acho que ele deve ter seus motivos para não ter feito a mesma escolha.

– Deve ser um membro da *Voz* – rosnou outro soldado. – Criando os filhos para serem espiões ou assassinos, ou só o diabo sabe o quê.

O soldado Brown xingou o homem em altos brados. Kira virou-se para o outro lado, ignorando-os e sentindo o vento no rosto. Tinha ouvido o suficiente dessas discussões para durar uma vida inteira. O dia estava quente, mas o vento o tornava agradável, e ela nunca desperdiçava a oportunidade de aninhar-se em Marcus. Kira pensou sobre a noite passada e aquela manhã, sobre a criança morta e em tudo o mais. “*Como era mesmo que meu pai costumava dizer?*”, pensou. “*Sou mais forte que minhas provações.*”

Sou mais forte que minhas provações.

CAPÍTULO TRÊS

Chegaram a Asharoken algumas horas depois, o céu já começava a escurecer. Kira torcia para que terminassem rapidamente o resgate e acampassem em algum lugar distante da costa. Asharoken era mais um bairro do que uma cidade, conectado com o resto da ilha por uma massa contínua de casas, ruas e prédios. Kira entendeu, de imediato, por que as patrulhas evitaram aquele lugar por tanto tempo – era um istmo estendendo-se ao norte da ilha, de um lado o mar, do outro a baía. Uma praia deixava as pessoas nervosas o suficiente; duas eram insuportáveis.

A carroça parou na frente de uma pequena clínica veterinária. Marcus rosnou.

– Você não contou que era uma clínica para cães, Jayden. O que vamos encontrar aqui?

Jayden saltou da carroça.

– Se eu soubesse, eu mesmo teria feito o serviço quando estive aqui, dois dias atrás. Os patrulheiros encontraram remédios e uma máquina de raios X. Faça seu trabalho.

Marcus saltou para a rua, e ambos, ele e Jayden, estenderam as mãos para ajudar Kira a descer. Numa travessura, ela aceitou as duas mãos. Por dentro ela ria, enquanto eles a ajudavam a descer, ambos de cara fechada.

– Sparks, Brown, vocês vão na frente – gritou Jayden, e metade dos soldados saltou da carroça, arrastando consigo um dos geradores. – Paterson, você e sua equipe cuidem da segurança e acompanhem os médicos até o próximo local. Pelo jeito, alguém passou por aqui ontem; não quero nenhum tipo de surpresa.

– Como sabe que alguém esteve aqui? – perguntou Kira.

– Olhos, cérebro e um corte de cabelo de arrasar – disse Jayden. – Deve ser apenas um rato, mas não vou dar sopa para o azar nesta droga de Costa Norte. Se encontrar alguma coisa boa lá dentro, prepare para o transporte. Pegamos na volta. Vou levar minha equipe para o norte, no ponto três. Patterson, quero receber um sinal seu a cada quinze minutos. – Ele montou na carroça e gritou para a condutora. – Vamos!

A carroça partiu rumo ao norte, sacolejando. Kira ajeitou o kit médico sobre os ombros e olhou ao redor; Asharoken estava enterrada em kudzu, como a maioria das cidadezinhas, mas o mar de Long Island marulhava calmamente na praia. O céu estava azul e tranquilo.

– Bonita cidade – comentou Kira.

– Olhos abertos – disse Patterson.

Os soldados espalharam-se, preparando cuidadosamente um cordão de isolamento

ao redor da clínica, enquanto Sparks e Brown aproximavam-se do prédio destruído, os fuzis levantados à altura dos olhos. Kira era fascinada pela maneira como movimentavam-se, o corpo todo girando, levantando e abaixando para manter a linha de tiro firme como uma rocha – quase dava a impressão de que a arma corria sobre trilhos invisíveis enquanto os soldados moviam-se livremente em volta delas.

A fachada da clínica era quase toda de vidro, agora toda quebrada e coberta de kudzu, mas a pilastra central apresentava a marca de uma patrulha, um glifo luminoso, cor de laranja. Kira reconhecia a maioria dos glifos, pois já participara de várias missões. Não teve dificuldades em compreender o recado deixado: “parcialmente catalogado, retorno de médicos”. Entre todos os glifos, era o que mais conhecia.

Sparks e Brown davam cobertura um ao outro enquanto avançavam através dos destroços e da vegetação. Patterson subiu cuidadosamente no telhado, mantendo-se nas laterais, onde era seguro pisar, e continuou vigiando dos pontos mais altos.

Enquanto isso, Kira e Marcus testavam o gerador, uma estrutura pesada, com duas rodas na ponta; o fundo sustentava uma bateria gigante e uma manivela, a parte de cima continha um pequeno painel solar e espirais de fios e tomadas. Os médicos participavam de todas as missões de resgate para cuidar dos trabalhadores, e, quando a patrulha encontrava algum equipamento médico, eles o testavam para decidir se valia a pena levá-lo de volta. A ilha já estava abarrotada, não fazia sentido encher East Meadow com tranqueiras recolhidas nas operações, que sequer funcionavam.

As ruas estavam abarrotadas de carros abandonados, as pinturas enferrujando, os pneus murchos, as janelas quebradas, resultado de anos de negligência e de exposição a toda sorte de intempéries. Em um deles havia um esqueleto horrível no banco do motorista – uma vítima de RM que tentara fugir para algum lugar, dirigindo para longe do fim do mundo. Kira perguntou-se para aonde pensara fugir. Não conseguiu passar da calçada da garagem.

Após dois longos minutos, Brown abriu a porta e acenou para eles.

– Tudo limpo, mas atenção onde pisam. Parece que alguns cães selvagens fizeram deste lugar um covil.

Marcus sorriu, afetado.

– Criaturinhas leais. Deviam adorar o veterinário.

Kira concordou com a cabeça.

– Vamos ligá-lo.

Marcus inclinou o gerador sobre as rodas traseiras e o empurrou lentamente para dentro. Kira notou que Brown havia colocado a máscara, então parou para preparar a sua: uma bandana dobrada onde salpicou cinco pequenas gotas de mentol. Qualquer corpo deixado naquele local teria se decomposto há anos, como o esqueleto no

carro, mas uma matilha de cães certamente traria para dentro do edifício carniça de outros animais, sem mencionar almíscar, urina, fezes e sabe-se lá mais o quê. Kira amarrrou a bandana em volta do rosto, cobrindo a boca e o nariz. Ao entrar no prédio viu Marcus prendendo a respiração e procurando nos bolsos sua máscara.

– Devia prestar mais atenção – ela disse suavemente, passando por ele ao dirigir-se para a sala dos fundos. – Sinto apenas o agradável aroma de menta.

A sala médica era bem guarnecida e não parecia ter sofrido nenhum ataque – embora os vestígios e pegadas na espessa camada de pó deixassem claro que alguém vasculhara o local recentemente. *Provavelmente os patrulheiros*, ela pensou, *apesar de nunca ter visto nenhum vasculhar uma sala médica*.

Kira começou a organizar o balcão, reservando um espaço para os medicamentos que seriam guardados e outro para os que seriam descartados. Nos treinamentos de resgate uma das primeiras coisas que um médico residente aprendia era quais remédios poderiam durar, e por quanto tempo, e quais seriam descartados. Levar remédio vencido de volta a East Meadow era ainda pior que levar máquinas quebradas, não porque ocupavam espaço, mas por serem perigosos. Os médicos eram os cuidadores de toda a raça humana; a última coisa que eles precisavam era que alguém tomasse o comprimido errado – e, ainda pior, que uma vasta reserva de remédio descartado fosse parar no lençol freático. Era mais fácil e seguro separá-los ali mesmo; eles aprendiam até a lidar com remédio de animais – num cenário como este, o antibiótico de cachorro ainda era, no frigor dos ovos, um antibiótico, e, sem a facilidade da produção em larga escala, não restava outra saída aos moradores da ilha senão tomar o que tivessem à mão. Kira organizava eficientemente os armários quando Marcus apareceu, a máscara, por fim, no lugar certo.

– Este lugar tem cheiro de cripta.

– É uma cripta.

– E os animais nem são a pior parte, embora eu possa jurar, pelo fedor, que existe uma civilização inteira de cachorros aqui.

Ele abriu outro armário e começou a arremessar remédios nas pilhas que Kira havia formado, sabendo exatamente qual era qual sem ao menos olhar.

A pior parte é a poeira – acrescentou. – Se levarmos mais alguma coisa daqui, voltarei com pelos menos meio quilo de pó nos pulmões.

– Vai fortalecer seu caráter – disse Kira, rindo ao tentar imitar a enfermeira Hardy. – Estive em nove “zilhões” de missões de resgate, estagiária, e você só precisa aprender a lidar com isso. Respirar pó de cadáver é bom, ativa o funcionamento dos rins.

– O resgate não é bom apenas para você, é essencial para a própria sobrevivência de toda a raça humana – disse Marcus, embarcando numa perfeita personificação do senador Hobb. – Considere o papel importante que você desempenha nesta gloriosa

nova página da história!

Kira riu alto. Hobb estava sempre falando na “nova página da história”. Como se fosse apenas continuar escrevendo um livro que nunca teria fim.

– As gerações futuras olharão para o passado com admiração pelos gigantes que salvaram a humanidade, que derrotaram os Partial e encontraram, de uma vez por todas, a cura para o vírus RM – prosseguiu Marcus. – Que salvaram a vida de infinitas crianças...

Seu discurso empolgado arrefeceu. De repente, o ambiente ficou desconfortável e voltaram a trabalhar em silêncio. Depois de algum tempo, Marcus voltou a falar.

– Acho que eles estão mais preocupados do que aparentam – disse, calando-se em seguida. – Não mencionaram isso na reunião, mas estão mesmo cogitando abaixar a idade de gravidez, de novo.

Kira parou, as mãos no ar, e lançou-lhe um rápido olhar.

– Está falando sério?

Marcus assentiu com a cabeça.

– Encontrei Isolde quando fui me trocar. Ela disse que há um novo movimento no Senado pedindo mais estatísticas e menos estudos. Dizem que não precisamos encontrar a cura, apenas ter bebês o suficiente para alcançar a porcentagem das crianças que deverão nascer imunes.

Kira virou-se de frente para ele.

– Já atingimos a porcentagem de imunidade. O número de 0,04 por cento significa que uma a cada duas mil e quinhentas crianças será imune, mas já o ultrapassamos em duas vezes.

– Sei que é estupidez – disse Marcus –, mas mesmo os médicos estão apoiando. Mais bebês ajudam os médicos nos dois sentidos. Mais possibilidades de estudo.

Kira virou-se de volta para o mostruário.

– Se abaixarem a idade, cairá para dezessete. Isolde tem dezessete. O que ela vai fazer? Ainda não está preparada para engravidar.

– Encontrarão um doador...

– Não se trata de uma agência de encontros, mas de um programa de reprodução – disse Kira, áspera, não o deixando terminar. – Pelo que supomos, eles colocam drogas de fertilidade no fornecimento de água. Para ser sincera, não ficaria surpresa se fosse verdade.

Kira estava irada. Tirou as caixas de dentro do armário com violência, jogando algumas no monte das que seriam preservadas e arremessando outras, com igual violência, no lixo.

– Esqueça o amor, esqueça a liberdade, esqueça a *escolha*, apenas fique grávida e salve o maldito mundo agora mesmo.

– Não é dezessete – disse baixinho Marcus. Ele pausou, olhando fixo para a

parede, e Kira sentiu um nó no estômago, como se antecipasse o que ele estava para dizer. – Isolde disse que há um referendo no Senado para abaixar a idade de gravidez para dezesseis.

Kira congelou, enojada demais para falar. A idade de gravidez não era uma recomendação, era uma lei: Toda mulher de certa idade era obrigada a engravidar o mais rápido e o mais frequentemente possível.

Há dois anos sei que isso estava para acontecer, pensou Kira, desde que promulgaram a lei. Dois anos para me preparar psicologicamente, mas, ainda assim, pensei que teria mais dois. Eles vivem abaixando. Não estou preparada, de modo algum.

– É estúpido e injusto, sei disso – disse Marcus. – Posso apenas imaginar como vocês se sentem. Acho que é uma ideia horrível. Espero que ela seja esquecida o mais rápido possível.

– Obrigada.

– E se não for?

Kira tossiu, espremendo os olhos.

– Não me venha com isso agora, Marcus.

– Só estou dizendo que a gente devia... pensar nisso – disse rapidamente –, *caso* a lei comece a vigorar. Se você não fizer sua própria escolha, irão apenas...

– Eu disse agora não – ralhou Kira. – Não é o momento, não é o lugar e nem de longe as circunstâncias em que eu quero ter essa conversa.

– Não estou falando apenas de sexo. Estou falando de casamento — disse Marcus. Ele deu um passo em sua direção, parou, e olhou para o teto. – Desde os treze anos temos planejado isto: trabalhar juntos no hospital e casarmos. Eram seus planos também...

– Não são mais – respondeu de pronto. – Não estou preparada para tomar esse tipo de decisão, OK? Não estou pronta agora e estava menos ainda quando tinha treze anos. Que droga!

Kira virou-se para o armário e praguejou baixinho. Em seguida, caminhou em direção à porta.

– Preciso de um pouco de ar.

Do lado de fora, tirou a máscara, respirando longa e profundamente. *O pior é que entendo totalmente a posição deles.*

As árvores ao norte iluminaram-se subitamente com um intenso clarão alaranjado. Um segundo depois ouviu-se um estrondo ensurdecedor. Kira sentiu uma onda de tremor atravessá-la, revirando suas entranhas. Mal teve tempo de processar na sua cabeça a imagem e o som da explosão quando, restabelecida a audição, ouviu os soldados gritando.

Capítulo Quatro

O soldado Brown correu em direção a Kira. Numa investida rápida, derrubou-a ao lado de um carro abandonado.

– Fique abaixada!

– O que está acontecendo?

– Fique abaixada! – Brown apertou o botão do rádio transmissor. – Sargento, é Shaylon. Estão sendo atacados? Câmbio!

O som do rádio falhou, não se ouvia nada além do ruído branco[3].

– Estão atirando contra nós? – perguntou Kira.

– Se eu soubesse, não perguntaria a Jayden – disse Brown, apertando o botão novamente. – Sargento, está me ouvindo? Qual a sua situação?

Kira e Brown olhavam desesperadamente para o rádio emitindo apenas um chiado vazio. Até onde sabiam, uma explosão poderia ser um acidente, a *Voz*, ou mesmo os *Partials*. Seria um ataque? Uma invasão? O rádio não dizia nada. Então, abruptamente, a voz de Jayden quebrou o silêncio, chegando num sinal ruim.

– O local três estava carregado de explosivos! Cinco homens soterrados. Traga os médicos imediatamente.

Brown levantou-se num movimento ágil e correu em direção à clínica.

– Baixas no local três!

Kira saiu correndo antes mesmo de Brown virar-se para trás – via a fumaça subindo do local, a pouco mais de um quilômetro e meio dali. Brown seguiu atrás dela, o fuzil colado ao corpo, correndo a toda velocidade pela rua. Kira tocou na bolsa médica, sussurrou um silencioso “obrigada” a seja lá o que a mantivera ali e abaixou a cabeça para dar uma arrancada. Brown mal conseguia acompanhá-la.

Primeiro ela viu Jayden, em pé na cabine de um caminhão coberto de vegetação, examinando a linha do horizonte com um par de binóculos. A carroça estava ao lado, a roda esquerda dianteira destruída e pelo menos dois cavalos mortos, os outros relinchando de horror. Por último, Kira viu o prédio – uma ruína em chamas entre duas estruturas, como uma torre de cubos de madeira derrubada por uma criança enfurecida. Um soldado arrastava outro pela mão, retirando-o dos destroços. Kira ajoelhou-se ao lado do homem caído, uma mão tomando o pulso, a outra examinando o tórax e o pescoço à procura de ferimentos.

– Estou bem – disse o soldado, tossindo. – Peguem os civis.

Kira assentiu com a cabeça, levantando-se. Olhava atônita para a casa destruída. Por onde deveria começar? Agarrou o soldado em pé e o puxou para o lado.

– Onde estão os outros?

– No subsolo – disse, apontado para baixo. – No canto de cá.

– Então me ajude a entrar lá.

– O prédio tinha dois andares. Eles estão completamente soterrados.

– Então me ajude a entrar lá – insistiu Kira, puxando-o em direção ao prédio. Kira já abria caminho entre os destroços quando Marcus chegou, ainda ofegante.

– Minha... nossa.

Kira aprofundou-se nas ruínas.

– Sr. Turner! – gritou. – Sra. Cantrell! Algum de vocês me ouve? – Ela e o soldado ficaram parados, ouvindo. Kira apontou para o chão, a sua esquerda. – Aqui em baixo.

Ajoelharam-se, jogando para o lado um pedaço largo de piso destruído. Kira parou, e escutou novamente – uma leve vibração, como uma respiração entrecortada ou uma tosse abafada. Ela apontou para uma porção de tijolos e o soldado ajudou-a a retirá-los, passando-os a Marcos, Sparks e aos outros soldados. Todos escavavam os escombros para limpar o terreno. Kira gritou outra vez e ouviu o som fraco de uma resposta.

– Aqui – respondeu uma voz. Kira reconheceu o timbre feminino, sabia que era Gianna. Ela avaliou o peso de um pedaço de mobília quebrada e os soldados retiraram o entulho do lugar. Soterrada dentro de um buraco, Gianna gemia de dor.

– Graças a todos os deuses.

Kira deslizou o corpo para dentro do buraco.

– Ainda está presa?

– Acho que não – respondeu Gianna. Kira segurou firmemente na sua mão e agarrou-se a outro pedaço de chão revirado. Ela perdeu a força e escorregou, sentindo uma mão forte segurar a sua por trás.

– Peguei você – disse Kira –, e eles me pegaram. Não pare. – Lentamente Gianna livrou-se da madeira quebrada e dos tijolos. Kira a puxou para cima, centímetro por centímetro. Quando Gianna subiu o suficiente, a mão forte que segurava Kira puxou ambas até o topo da pilha de destroços. Kira virou-se e viu Jayden cansado de fazer força.

– Obrigada – disse Kira.

Ele balançou a cabeça.

– Me ajude a encontrar o outro.

Kira virou-se para o buraco.

– Sr. Turner! Pode me ouvir?

– Ele estava perto de mim quando a bomba explodiu – disse Gianna, num sopro. – Não pode estar muito longe.

Kira voltou a entrar no buraco, desta vez engatinhando. Ela continuava a chamar pelo desaparecido.

– Sr. Turner! Andrew! – Ela parou, ouvindo atentamente, dobrando-se à frente o máximo possível. *Nada*. Voltou o tronco para trás e examinou os destroços, tentando descobrir onde ele estaria.

– Atrás daquela pedra – disse Gianna, apontando para uma pedra grande e plana em pé no meio do entulho. – Havia uma lareira no sótão, com uma chaminé enorme, toda em pedra. Provavelmente a parte mais antiga da casa.

– Jamais conseguiremos movê-la – disse Marcus. Kira abaixou-se ao lado da pedra, aproximando-se ainda mais do chão.

– Andrew Turner! – gritou Marcus, mas Kira pediu que ficasse em silêncio.

– Quietos, tive uma ideia.

A poeira baixou e o ar estava parado. Kira abriu seu kit médico e retirou um estetoscópio – um modelo digital com amplificador de som. Ligou o aparelho, rezando em silêncio para que a bateria não estivesse descarregada. Pressionou o auscultador no entulho.

Tum, tum, tum, tum...

– Seu coração está batendo! – gritou Kira – Ele está bem debaixo da chaminé.

– Essas pedras estão escorando metade da casa – disse Marcus. – Não podemos tirá-las do lugar.

– Enquanto o coração dele estiver batendo, podemos sim – ordenou Jayden. – Saia da frente, Walker. Ele deslizou o corpo até perto de Kira e chamou os outros soldados para ajudar. – Yoon, passe uma corda para cá e amarre a outra ponta num dos cavalos. – Logo a jovem arremessou uma corda resistente de nylon, e Jayden, ofegante, amarrou-a em volta da chaminé quebrada. Kira pressionou novamente o auscultador contra o pedaço de pedra.

Tum, tum, tum.

– Continuo ouvindo as batidas do coração. – Kira virou-se, procurando vigas de madeira. – Marcus tem razão. Se movermos esta pedra, todo o primeiro andar vai cair sobre nós. Tome, reforce com isto. – Ela puxou um caibro comprido, ainda preso às tábuas partidas do assoalho, e Jayden o empurrou na posição, servindo de arrimo aos pedaços de pedra.

– Tudo pronto – Jayden instruiu a condutora da carroça. – Leve o cavalo mais para a frente, Yoon! Mais... mais... aí. A corda está esticada, agora é puxar um centímetro de cada vez.

A corda esticou ao máximo; Kira não via o pedaço da chaminé se mexer, mas podia ouvi-lo arranhando o chão de pedra. – Está funcionando!

Jayden gritou novas ordens a Yoon.

– Não pare de puxar, devagar e sempre, está perfeito. Agora, prepare a corda.

A pedra desalojou-se do buraco e Jayden grunhiu ao empurrá-la para o lado.

Kira virou-se para o buraco, de olho na viga que funcionava como arrimo

temporário, quando um contorno na escuridão congelou seus movimentos. Não vira isso antes, estava atrás da pedra.

Era uma perna humana, cortada logo abaixo do joelho.

– Não – murmurou. Ela avançou cuidadosamente, examinando a ponta saliente onde o osso havia quebrado. *Esmagado*, pensou, avaliando o estrago. *A chaminé caiu e arrancou a perna dele. Como pode ainda estar vivo?* Pressionou o estetoscópio contra a próxima pedra.

Tum, tum, tum.

– Caramba – disse Jayden, agachando-se ao lado dela –, isso é uma perna?

– Significa que estamos próximos.

– Significa que está morto – disse Jayden. – Aquela chaminé deve ter feito ele virar pó.

– Estou ouvindo o coração, já disse – sussurrou Kira. – Me passe a corda.

Os destroços moveram-se. Kira fechou os olhos e a boca firmemente para proteger-se da saraivada de pedra e pó. A viga rangeu e ela ouviu gritos de alerta vindos dos soldados lá em cima.

– Tirem ela lá de dentro! – gritou Marcus.

– Ele tem razão – disse Jayden. – Isso vai desabar na nossa cabeça a qualquer momento. Um homem morto não vale a vida de uma médica.

– Estou dizendo, ele está vivo.

– Saia – disse Jayden, ríspido. – Se não conseguimos tirá-lo daqui, definitivamente não vamos conseguir desenterrar você.

– É uma vida humana – argumentou Kira. – Não estamos em condições de desperdiçar nenhuma.

– Saia!

Kira cerrou os dentes e avançou alguns centímetros; Jayden praguejou atrás dela, tentando segurá-la pelos pés, mas ela o chutou.

Tum, tum, tum.

Kira alcançou a próxima pedra, tateando-a em busca de reentrâncias onde pudesse segurar-se e testando sua estabilidade. *Acho que esta eu consigo mover*, pensou. *Ele tem que estar logo do outro lado da pedra, então eles vão ver.* Eu sei que ele está vivo.

– Olá, Mr. Turner – gritou –, pode me ouvir? Estou indo te salvar. Não vamos te deixar para trás. – Ela se apoiou contra o chão do subsolo, rezando para que não deslocasse nada vital, e empurrou a maior das pedras, sentindo-a rodar levemente fora do eixo. Ela empurrou de novo, lutando contra o peso da pedra, então deslocou-a para o lado. Havia outra silhueta na escuridão, a figura retorcida demais para ser reconhecida. Ela ligou o estetoscópio novamente, avançando desesperadamente.

Tic, tic, tic, tic...

Espera, pensou, tem alguma coisa errada. Então seus dedos raspavam na carne lisa e molhada. Ela pegou um pedaço de tecido entre dois dedos e o puxou para perto, ouvindo o *tic* ficar cada vez mais alto dentro da pequena caverna. Kira sentiu o membro ensanguentado com ambas as mãos, recusando-se a acreditar naquilo. Recuou alguns centímetros na direção da luz e levantou o objeto, confirmando suas suspeitas com os próprios olhos.

– É seu braço – disse baixinho. – Ele já era.

Jayden olhava atônito.

– E a batida do coração?

Ela levantou o braço decepado, no pulso um brilho metálico. *Tic, tic, tic.*

– Seu relógio de pulso. – Kira sentiu-se esgotada e triste. – Ele já era.

Jayden tirou o braço de perto dela e a amparou com a mão.

– Vamos sair daqui.

– Temos que levá-lo de volta – disse Kira.

– O que aconteceu aqui não foi um acidente – disse Jayden. – Alguém plantou as bombas, alguém que sabia que viríamos. Provavelmente ainda estão por perto.

Kira franziu o cenho.

– Por que alguém explodiria uma estação meteorológica?

– Era uma emissora de rádio – disse Gianna. – Não deu tempo de ver tudo antes da explosão, mas tenho certeza disso. Este era o maior centro de comunicação que jamais vi.

– A *Voz* – disse Kira.

A voz de Jayden era baixa e inflexível.

– E, depois desse barulho todo, eles com certeza sabem que estamos aqui.

Capítulo Cinco

Jayden reuniu os sobreviventes à sombra da carroça queimada.

– Não há a menor chance de voltarmos para casa nesta coisa. Isso quer dizer que ficaremos dois dias fora da civilização. Nosso rádio também foi destruído. Estamos sozinhos.

– Precisamos improvisar uma maca para o soldado Lanier – disse Marcus. – Está com uma fratura múltipla na tíbia. Fiz o melhor que pude, mas ele não vai conseguir dar um passo.

Kira examinou as árvores e as ruínas ao redor, a tensão aumentado a cada movimento. Certa vez, quando a *Voz* atacou, ela estava no hospital. Viu os soldados feridos, gritando de dor enquanto eram levados para a sala de cirurgia. A ideia de que algum ser humano pudesse ferir outro ainda a chocava.

– Improvisem uma maca – disse Jayden. – Ainda temos dois cavalos. Petterson e Yoon, voltem com eles e enviem reforço assim que chegarem ao perímetro da Rede de Defesa. O resto de nós seguirá a pé.

– São quase cinquenta quilômetros – disse Yoon. – Os cavalos já estão cansados. Não vão conseguir fazer o trajeto todo de uma vez.

– Eles ainda conseguem andar pelo menos mais uma hora – disse Jayden. – De qualquer forma, em uma hora vai anoitecer. Vá o mais longe que puder, então deixe os cavalos descansarem até o amanhecer.

– Não precisamos voltar o caminho todo até East Meadow – disse Gianna. – Existe uma comunidade rural a oeste daqui, e muitas outras a leste. Estão a menos de cinquenta quilômetros. Lanier pode receber ajuda rapidamente.

– Nosso mapa explodiu junto com a carroça – disse Jayden. – Não estou no clima de ficar vagando pela ilha a procura de caipiras.

– Não são caipiras – discordou Gianna. – Muitos deles têm mais escolaridade que você...

– A maravilhosa educação deles não serve para nada sem um mapa para encontrá-los – disse Kira. Por que Gianna discutia numa situação como aquela? – East Meadow é nossa melhor aposta, podemos seguir pelas vias principais até lá.

– Lanier não vai conseguir – disse Gianna –, não com aquela fratura. As fazendas possuem hospitais, assim como os nossos.

– Não são como os nossos – disse Kira –, e Lanier não vai morrer no caminho. Você tem algum passado médico que se esqueceu de mencionar?

– Qualquer um pode ver...

– Qualquer um pode ver que ele está mal – disse Marcus, calmamente –, mas nós

o imobilizamos. E posso sedá-lo tão fortemente que ele vai achar que está voando de volta para casa num arco-íris de gomas mágicas. Você poderia ficar doidona com os peidos dele.

– Petterson e Yoon, sigam para East Meadow pelo sul – disse Jayden com determinação. – O resto segue atrás, com o mesmo objetivo – prosseguiu, olhando para Gianna. – Se no caminho cruzarmos com uma fazenda, uma base militar externa, ou algo do tipo, podemos exigir outra carroça.

– Você não tem autoridade para exigir uma carroça – disse Gianna, ríspida.

– E você não tem autoridade para desobedecer minhas ordens – respondeu Jayden. – Estamos numa operação militar, numa situação de emergência, e vou levá-la de volta para casa da maneira que eu achar melhor, nem que tenha que drogá-la tanto quanto Lanier. Fui claro?

– Então é isso que nos espera? – perguntou Gianna. – Esse é o nosso admirável mundo novo, em que uma praga de bebês como vocês crescem rápido demais e começam a mandar em tudo?

Jayden não vacilou.

– Perguntei se fui claro.

– Perfeitamente – respondeu Gianna. – Voltemos ao paraíso.

Jayden levantou-se e o grupo se dispersou, cada qual recolhendo seu equipamento e preparando-se para a viagem. Kira puxou Jayden de lado.

– Não podemos deixá-los aqui – disse. – Os cavalos mortos, tudo bem, mas há três pessoas soterradas no prédio. Como vamos levá-las para casa?

– Não dá para vir buscá-las.

– contei seis gatos selvagens apenas durante a nossa breve reunião de planejamento, e aquela clínica era o lar de uma matilha de cães. Se deixarmos três corpos aqui, não vai sobrar nada para vir buscar depois.

O olhar de Jayden era frio.

– O que quer que eu faça, Walker? Não podemos carregá-los, e não temos tempo para enterrá-los. Vamos voltar com reforço para investigar o local e recuperar os geradores, mas no momento dez pessoas vivas são mais importantes que três mortas.

– Dez minutos – disse Kira. – Temos tempo para isso.

– Você acha que precisa de apenas dez minutos?

– Já estão parcialmente embaixo da terra.

Kira observou o semblante pensativo de Jayden. Então, deu de ombros e balançou a cabeça.

– Tem razão. Vou ajudar.

Além de Andrew Turner, a explosão havia matado mais dois soldados. Seus corpos foram colocados no chão, ao lado da casa, cuidadosamente. Um homem e uma mulher – um garoto e uma garota, na verdade, provavelmente nenhum deles

tinha mais de dezesseis anos. A garota talvez fosse ainda mais jovem, mas Kira não sabia precisar. Ela permanecia solenemente parada ao lado dos corpos, perguntando-se quem teria sido eles: o que faziam para se divertir, com quem tinham morado, como chegaram até ali. Ela sequer sabia o nome deles. Jayden levantou a garota pelos braços e Kira, pelas pernas. Entraram nos escombros escolhendo atentamente onde pisar. O buraco mais profundo era o que eles haviam cavado para tentar salvar Turner. Abaixaram o corpo o mais cuidadosamente possível, empurrando suas costas para dentro de um vão atrás das pedras da chaminé. Os soldados que haviam terminado suas tarefas vieram ajudar. Carregaram com todo cuidado o corpo do garoto, escorregando-o para dentro da cavidade. Kira assistia, entorpecida, a Jayden e ao soldado Brown derrubarem a última parede que restava em pé. Ela caiu dentro do buraco, cobrindo os corpos.

O coração de Kira veio abaixo junto com a parede. Aquilo não era o suficiente – era bom poder enterrá-los, mas eles mereciam mais. Ela tentou falar, mas as nuvens preguiçosas de poeira que se levantavam dos escombros eram mais fortes do que ela. Não disse uma palavra.

Marcus a observava, o olhar solidário e amável. Em seguida, disse a Jayden:

– Deveríamos dizer algo.

Jayden deu de ombros, indiferente.

– Adeus?

– Tudo bem – disse Marcus, dando um passo a frente. – Deixem comigo. Alguém sabe qual deus eles cultuavam?

– Um deus não muito misericordioso – murmurou Gianna.

– Maija era cristã – disse Sparks. – Não sei de qual igreja. Rob era budista. Do civil, não faço ideia.

Marcus olhou para os outros soldados em busca de mais informações, mas ninguém sabia de nada. – Não é dos grupos mais fáceis de se trabalhar – disse. – Que tal assim, então? Acho que consigo lembrar um pouco de poesia antiga que nos ensinaram na escola. – Ele endireitou o corpo, fixando seu olhar num ponto a distância. Os soldados abaixaram a cabeça. Kira manteve o olhar no monte de tijolos, uma nuvem de poeira ainda pairando sobre ele.

– “Morte, não te orgulhes” – recitou Marcus –, “embora alguns te provem poderosa e temível”. – Parou, pensativo. – Acho que estou assassinando o poema. “És escrava do destino, de reis e do suicida / mas não poderás... matar-me / após curto sono, acorda o eterno que jaz / e tu morrerás.”[4]

Jayden lançou um olhar de relance a Marcus.

– Você acredita que irão acordar? Num passe de mágica?

– É apenas um antigo poema – disse Marcus.

– Não sei onde vão acordar, mas o maldito lugar está ficando lotado – disse

Jayden, voltando para a carroça.

Kira segurou a mão de Marcus e observou a poeira baixando sobre os tijolos caídos.

A chuva fazia poças na lama, as gotas espirrando nas marcas de pneus cheias de água. Kira puxou o capuz para a frente, tentando proteger os olhos. A tempestade ficava cada vez mais violenta e parecia cair torrencialmente de todas as direções. Ela chapinhava na lama, a água entrando por toda a costura da roupa.

Jayden parou outra vez, detendo a fila com o punho levantado. O rastro dos pneus não vinha de Asharoken nem as bombas, mas qualquer presença poderia ser perigosa naquele lugar ermo. Tempos atrás, aquela parte da ilha fora uma das mais ricas, por isso, em vez de casas grudadas umas nas outras e cobertas de grama alta, o grupo seguia por uma floresta densa e úmida, com uma mansão solitária aqui e ali, sobressaindo-se na escuridão. Kira inclinou a cabeça para o lado, atenta, na esperança de ouvir o menor ruído que Jayden continuava notando através da tempestade. Ela podia perceber Marcus fazendo a mesma coisa; ela ouvia a chuva, os pingos espirrando nas poças, o barulho da lama quando alguém transferia o peso do corpo de uma perna a outra.

Jayden abaixou o punho, apontando à frente, e o grupo voltou a caminhar.

– Acho que ele está inventando – sussurrou Marcus. – Ele gosta mesmo é de fazer esse sinalzinho com o punho e ver todo mundo obedecendo.

– Nunca estive tão molhada em toda a minha vida – disse Kira. – Juro que mesmo imersa numa banheira eu estava mais seca do que agora.

– Veja pelo lado positivo – sugeriu Marcus.

Kira esperou.

– Esse é o momento em que você tradicionalmente sugere um lado positivo – ela falou.

– Nunca fui um cara muito tradicional – disse Marcus. – Além do mais, não estou dizendo que conheço um lado positivo. Só acho que este seria um ótimo momento para ver as coisas dessa maneira.

Jayden ergueu o punho e o grupo parou de caminhar.

– Jayden acabou de ouvir alguma coisa pelo lado positivo – sussurrou Marcus. – Existe alguma metáfora inspiradora rastejando entre aqueles arbustos.

Kira bufou e Jayden olhou para trás. Em seguida, estalou os dedos na direção da lateral da estrada e caminhou até uma passagem entre as árvores.

Kira seguiu-o, surpresa. Até mesmo ela sabia que a trilha continuava em frente, entre os troncos jovens na rua arruinada. De ambos os lados, as árvores eram escuras e ameaçadoras – o que Jayden ouvira ali?

O grupo seguiu cuidadosamente por uma passagem estreita, esburacada e danificada por uma década de ação das ervas daninhas. Uma casa enorme e sombria

surgia um pouco mais a frente, quase tão escura quanto a noite que a envolvia. Marcus avançou rapidamente, agachando-se do lado da casa. Kira inclinou-se para perguntar algo a Marcus, mas parou bruscamente quando um raio de luz colorida chamou sua atenção: um lampejo laranja na janela. *Fogo*. Ela congelou. Agarrou o braço de Marcus e cochichou:

– Tem alguém lá dentro.

Kira apertou a arma, na esperança de que funcionasse adequadamente, apesar de ensopada. Sentia-se exposta, mesmo na companhia de soldados armados. Agachou-se de mansinho, puxando Marcus junto a ela. Jayden parou de repente, erguendo o fuzil à altura do rosto. De dentro da casa escura, alguém gritou:

– Nem mais um passo!

A voz era fina e áspera, um espectro na escuridão. A chuva tamborilava no capuz e nas costas de Kira. Ela destravou o fuzil – um pequeno botão que transformava o bastão grosso em uma varinha de condão letal. Apontar, apertar e ver o alvo explodir. A chuva escorria pelo colarinho, entrava nos olhos, atravessava o tecido das luvas.

– Meu nome é Jayden Van Rijn, sargento da segunda divisão da Rede de Defesa de Long Island – disse. Jayden deve ter visto o homem antes de ouvir a sua voz, pois mantinha o fuzil apontado para o mesmo alvo invisível. Kira não via nada. – Identifique-se!

– Sou alguém com quem você não precisa se preocupar – disse a voz. – E alguém que não se preocupa com você.

– Identifique-se! – repetiu Jayden.

Kira imaginou as árvores ao redor cheias de membros da *Voz* – homens nas sombras escuras, disformes embaixo dos ponchos de chuva, as armas firmes nas mãos, como a dela. Embaixo das árvores era um breu só, a Lua e as estrelas perdidas atrás de nuvens espessas. Se alguém comesse a atirar, perguntou-se, ela ousaria atirar de volta? Como distinguir, no escuro, a silhueta amiga da inimiga?

– Talvez não seja a *Voz* – sussurrou Marcus. A voz quase inaudível, os lábios praticamente tocando a orelha de Kira. – Podem ser negociantes, vagabundos, até fazendeiros. É só ficar abaixada.

– Você tem um nome muito bonito – disse a voz na escuridão. – Pode levá-lo com você quando partir.

– Estamos a caminho de East Meadow – disse Jayden. – Antes de acampar quero saber se a área é segura. Quantos estão aí dentro?

A voz riu roucamente.

– Seria uma grande estupidez passar essa *info* sem conhecer as suas intenções. E se for alguém da *Voz*?

– Somos da Rede de Defesa – respondeu Jayden. – Já disse.

– Não seria a primeira vez que alguém mente para mim.

Kira ouviu um ruído nas árvores – um farfalhar de folhas, um estalido que poderia ser de um galho ou de uma pistola. Abaixou-se ainda mais, torcendo para que fosse alguém do seu grupo.

– Estamos em dez pessoas – disse Jayden. – Os membros da *Voz* são mais sutis que isso... como um velho escondido numa casa em ruínas.

– O que você falou faz sentido – disse o homem. – Pelo jeito não vamos confiar um no outro. A voz silenciou. A chuva batia contra as folhas. Em seguida, o homem falou:

– Meu nome é Owen Tovar. Também estou a caminho de East Meadow. Você poderia ser minha carta de recomendação no posto da fronteira. Se não se importar em dividir o lugar comigo e com a Dolly, seja bem-vindo.

Houve um breve silêncio, então Kira ouviu o barulho de uma porta se abrindo. Jayden hesitou, pelo tempo da batida de um coração, e abaixou o fuzil à altura do quadril.

– Obrigado pela oferta.

Capítulo Seis

Owen Tovar era um homem alto, magro e envelhecido, esperando do lado de dentro da porta com uma espingarda preta apoiada no ombro. Ele sorriu para Kira e Gianna.

– Se aquele idiota tivesse falado que havia mulheres, não demoraria tanto para abrir a porta.

Marcus entrou na frente de Kira para protegê-la. Tovar soltou uma risada e bateu no braço do rapaz.

– Não é nada do que você está pensando, filho, apenas boas maneiras. Soldados, comigo é pegar ou largar, mas receio que minha mãe tenha me educado bem demais para que eu deixe uma mulher do lado de fora numa tempestade como esta. – Ele fechou a porta atrás do último soldado e abriu caminho entre o grupo rumo ao interior escuro da casa.

– Vou dizer uma coisa, aquele de vocês que me achou aqui dentro é um farejador dos melhores. Está desperdiçando seu talento na Rede. – Ele abriu outra porta, que dava para uma sala bem iluminada. Talvez uma antiga sala de estar, sem janelas externas e com uma lareira de pedra onde ardia um fogo vivo e alaranjado. Quase não havia espaço no cômodo abarrotado com sofás velhos, mantas e uma pequena carroça de madeira, colocada contra duas portas fechadas do outro lado. Kira quase caiu de costas quando, ao entrar e virar-se para a direita, examinando o ambiente, deu de cara com um camelo.

– Diga oi, Dolly.

O animal soltou um grunhido e Tovar riu.

– Não sejam rudes, cumprimentem a Dolly.

Marcus sorriu e cumprimentou o camelo inclinando o corpo para a frente.

– Prazer em conhecê-la, Dolly. O Sr. Tovar esqueceu-se de mencionar o quanto sua acompanhante é adorável.

– Não sei se toda *camela* é geniosa como esta aqui, mas a gente até que se entende bem. Deve ter fugido do zoológico. Encontrei-a alguns anos atrás, vagando por aí – disse Tovar, indicando ao grupo o caminho da porta e fechando-a atrás de si. – Deu muito trabalho para manter o fogo imperceptível do lado de fora – explicou. – A chaminé continua funcionando, mas com uma tempestade como esta para esconder a fumaça, nem dá para dizer que estou aqui.

– Seguimos a trilha – disse Marcus, tirando o casaco.

– Ela não chega até aqui – argumentou Tovar. – Pelo menos não diretamente.

– Ouvi barulho – disse Jayden, um leve sorriso despontado no canto da boca. –

Dolly precisa de algumas lições de como passar despercebida.

Tovar balançou a cabeça.

– Ela queria mais açúcar. Acho que vocês se aproximaram bem nos dois segundos em que ela decidiu reclamar. A maioria das pessoas, as barulhentas demais para prestar atenção, nunca encontra este lugar. Vão atrás das minhas pegadas até a casa seguinte, depois voltam pela floresta e então desistem quando chegam no riacho. A ponte acabou caindo, acreditem, e as tábuas que uso para atravessar estão muito bem escondidas do outro lado.

– Você é um errante – disse Jayden.

– Sou um negociante, já disse. Isso faz de mim um alvo para todo tipo de situações indesejáveis, mas não significa que tenha que ser um alvo de oportunidade. – Ele retirou uma pilha de mantas de cima do sofá mais perto do fogo. – Os melhores lugares para as damas, naturalmente. Sozinho, eu me acomodo bem por aqui, mas teremos que ser bons vizinhos com essa quantidade de gente tentando dormir.

Kira observava o homem enquanto ele separava as mantas, espremendo-se entre os sofás empoeirados, arrumando espaço para dez pessoas e um animal. *Ele faz parte da Voz?* Impossível saber, a menos que tentasse explodir o grupo.

O errante entregou uma manta a Brown, que continuou encarando-o com desconfiança, antes de agarrá-la com um gesto brusco. Tovar sorriu e recuou.

– Esta será uma noite insuportavelmente longa se a desconfiança continuar. Você acha mesmo que sou da *Voz*? – Brown não respondeu e Tovar voltou-se para Gianna. – E você? – Virou-se novamente e parou na frente de Jayden, os braços abertos. – E você, acha que sou da *Voz*? Colocar minha vida em risco e dividir minha cobertura com vocês faz parte de um plano maior de destruição da última civilização humana?

– Acho que é um antigo militar – disse Kira, aproximando-se do fogo.

Tovar inclinou a cabeça para o lado.

– O que a faz pensar assim?

– Algumas das palavras que você usa – disse Kira –, como “info” e “alvo de oportunidade”. O modo como segurou a arma quando entramos. A postura idêntica que você e Jayden estão parados neste exato momento.

Jayden e Tovar entreolharam-se, depois olharam a si mesmos: os pés abertos à largura dos ombros, a coluna ereta, os braços cruzados frouxamente atrás do corpo. Afastaram-se desajeitadamente, transferindo o peso do corpo de uma perna a outra e balançando os pulsos.

– Só porque ele já foi militar não quer dizer que não seja da *Voz* – disse Brown. – Muitos deles também são soldados.

– Caso ser um soldado seja prova de culpa – disse Tovar –, então sete das dez

pessoas nesta casa parecem terrivelmente culpadas.

– Nesse caso, fale sobre você – sugeriu Marcus, acomodando-se num sofá. – Se vou passar a noite inteira esperando que vocês parem com as insinuações e acusações, então quero que seja algo ao menos estimulante.

– Owen Tovar – repetiu com uma medida –, nascido e crescido em Macon, Geórgia. Joguei no time principal da escola por dois anos, me formei, entrei para a Marinha e explodi quatro dedos do pé na guerra. Estou falando da guerra contra o Irã. Vocês devem estar pensando na Guerra de Isolamento, contra os chineses, à qual enviamos os Partials para lutarem por nós. A maioria de vocês tem quantos anos? Acho que estão saindo da adolescência, certo? Deviam ter dois ou três anos quando essa guerra terminou e cinco ou seis quando o mundo todo acabou. Com as coisas como estão, quando digo “guerra”, provavelmente pensam na Partial War. Mas odeio ser o portador dessa notícia: a guerra contra os Partials não foi uma guerra, nem de longe, foi apenas um pouco de luta e de gente morrendo, como diriam alguns, friamente. Vejam bem, guerra é quando os dois lados se enfrentam, talvez não de igual para igual, mas pelo menos as duas partes têm a chance de partir para o ataque. O que chamamos de Partial War foi um assalto contra a humanidade num beco sem saída.

– Eu me lembro da Guerra de Isolamento – disse Gianna. – Nem todos aqui são da *geração babilônia*.

– Não cabe a mim especular a idade de uma dama – disse Tovar, sentando-se próximo ao fogo. Ele parecia tranquilo, mas Kira notou que ainda mantinha a arma ao alcance rápido e fácil das mãos. Jayden sentou na frente dele. A maioria dos soldados permanecia em pé. Kira pegou um lugar ao lado de Marcus, colocando o braço dele sobre seus ombros. Era acolhedor e revigorante.

– Não importa em qual guerra aconteceu – disse Tovar. – Perdi quatro dedos, recebi dispensa médica da marinha e voltei a jogar hóquei na Geórgia.

– É impossível jogar hóquei na Geórgia – garantiu Sparks. – Era um dos estados mais ao sul, não era? Hóquei era um esporte de gelo.

– Hóquei era patinação no gelo – disse Jayden, balançando a cabeça afirmativamente –, e de jeito algum se podia fazer isso na Geórgia. Ainda mais sem dedos.

Tovar sorriu.

– É aí que vocês, *geração babilônia*, começam a demonstrar ignorância. – disse Tovar, voltando-se para Gianna. – Você se lembra das pistas de patinação?

Gianna esboçou um sorriso.

– Claro.

– Uma pista de patinação – prosseguiu Tovar – era uma sala gigante, como uma quadra de basquete, dentro de um refrigerador. Imaginem: um prédio tão frio que o

gelo não derretia. Você enchia de pessoas, às vezes centenas delas, e olha que éramos dos times pequenos. Elas começavam a bater palmas, gritar e vibrar. O prédio esquentava como esta casa. Todos aqueles corpos espremidos ali dentro como lenha numa fogueira. O refrigerador gigante continuava mandando ar frio e o gelo não derretia. Tudo que precisavam fazer era espirrar água a certos intervalos e alguns minutos depois a pista estava tão lisa e achatada quanto uma líder de torcida d o *Tiger Sharks*. – Ele sorriu maliciosamente. – Peço desculpas. Antigas rivalidades.

– Isso é a coisa mais idiota que já ouvi – disse Sparks. – Você poderia abastecer uma cidade inteira por um ano com o tanto de eletricidade a que você está se referindo.

– Um lugar pequeno como East Meadow, com certeza – disse Tovar. – Um único aparelho de ar-condicionado, dos grandes, poderia gerar eletricidade para uma cidadezinha. Acontece que as cidades de antigamente eram tão grandes e o modo de vida tão intenso que poderiam engolir East Meadow inteira. Mesmo uma pequena cidade como Macon. Havia centenas de milhares de pessoas dirigindo, indo ao cinema e navegando na internet vinte e quatro horas por dia. Mesmo assim sobrava eletricidade para a gente gastar com uma pista de patinação no estado da Geórgia, um dos mais quentes, como você disse. Não tínhamos problema em congelar o que quer que fosse.

– Ainda não acredito – murmurou Sparks.

– Estou falando de um pequeno time em Macon, na Geórgia – disse Tovar. – Nem eu punha muita fé nele. Sabem como era chamado? Se não acreditaram numa só palavra que eu disse, com certeza não vão acreditar nisto: o nome do time era Macon Maravilha! – Tovar caiu na risada. – Parece ainda mais absurdo, mas é verdade: Macon Maravilha! – repetiu, batendo no joelho. Vários soldados gargalharam e mesmo Kira não conseguiu conter o riso. – Éramos de uma liga sem importância, que nunca participava dos grandes campeonatos. Estávamos numa cidade que adorava todo tipo de esporte, menos o nosso. A gente sabia que o time não tinha futuro, então, por que não se divertir? Na década de quarenta éramos oficialmente o time mais violento do país, ou seja, do mundo, provavelmente. Por isso eu podia patinar sem os dedos. Claro que na patinação artística, na corrida no gelo e nos jogos da Liga Nacional de Hóquei você precisaria dos dedos para controlar os movimentos. Mas esse tipo de requinte fica no banco de trás quando o que você quer é apenas bater alguém contra a parede e quebrar todos os seus dentes.

– Hóquei – filosofou Marcus –, o esporte dos reis.

Tovar ficou em silêncio, o olhar focado numa lembrança distante.

– Às vezes acho que é disso que mais sinto falta. Dos velhos tempos. Tínhamos tanto de quase tudo que podíamos desperdiçar com um monte de bobagens que

ninguém precisava. “A Idade de Ouro do Homem”. – Desta vez sua risada era sarcástica e amarga. – Primeiro vem o orgulho, como dizem, depois, a queda.

Jayden balançou a cabeça, sorrindo de leve.

– Não sei dizer se essa história aumenta minha confiança em você, mas com certeza me fez gostar de você.

Tovar o saudou com a cabeça.

– É muito gentil da sua parte, dadas as circunstâncias. – Ele tirou uma garrafinha do bolso, tomou um gole e ofereceu a Jayden. O soldado deu um trago e a passou de volta.

– Devo admitir que, como médico, continuo esperando a melhor parte da história – disse Marcus.

Tovar olhou surpreso.

– Como?

Marcus riu.

– Os dedos, cara, mostre os dedos!

Os soldados aplaudiram e Tovar sorriu.

– Foi você quem pediu – disse, desamarrando a bota. – O artista deste show de aberrações recomenda que todas as mulheres e crianças evitem olhar para o horror que se aproxima, mas como isso inclui quase todos vocês, imagino que ficarei decepcionado. – Descalçou a bota, abaixou a meia, revelando a perna branca e peluda, e a puxou, fazendo rodopios no ar, deixando o dedão à mostra.

– Vejam!

Todos ficaram boquiabertos, meio chocados, meio espantados; a própria Kira pegou-se rindo e franzindo o rosto ao mesmo tempo. O pé de Tovar era uma massa de cicatrizes e calos, os tocos dos dedos queimados, e o dedão, o único que restara, estranhamente curvado para o lado. O dedão não tinha unha e o pé inteiro era completamente branco.

– Isso é terrível – disse Kira, forçando cada palavra em meio aos ataques de riso. – Como foi mesmo que aconteceu?

– Eu era especialista numa unidade da Marinha – disse Tovar, balançando o dedo deformado. – Explosões.

O clima na sala mudou tão repentinamente que Kira jurou sentir a diferença: um arrepio gelado no ar, uma borrifada de água fria, enquanto os soldados, num movimento sincronizado, colocavam as armas em posição de tiro, tão rapidamente que a imagem era de um borrão de fúria. Mesmo sentado, Tovar perdeu o equilíbrio e cambaleou para trás, atrapalhando-se com as meias e quase caindo do sofá.

– Que diabos... o que eu fiz?

– Você tem dez segundos para dizer onde esteve nas últimas quarenta e oito horas – ordenou Jayden, mirando o fuzil em Tovar. – Ou, na dúvida, começamos a atirar.

– Do que estão falando? – gritou Tovar.
– Nove – continuou, firmemente. – Oito.
– Espere – disse Kira, erguendo as mãos na tentativa de acalmar os ânimos. – Deixe ele pensar.

– Sete – prosseguiu Jayden.
– Não sei do que está falando! – disse Tovar.

Kira avançou em desespero.

– Calma – disse, com firmeza. – Ele nem sabe do que você está falando.

– Não faça nada estúpido, Kira.

Kira olhou para Tovar.

– Você disse que trabalhava com explosões. Tivemos um dia ruim, explosivamente falando, e tudo que querem saber é se você andou...

– Nem mais uma palavra, Kira, ou ele saberá exatamente o que não dizer.

Kira mantinha o olhar preso no de Tovar.

– Apenas diga onde você esteve.

– Estive em Smithtown ontem – disse Tovar. – Voltei direto para cá. Lá tem uma fazenda num antigo campo de golfe. Estava vendendo armas.

– Armas?

– O que vocês acham que eu negocio, filhotes? Sou um fuzileiro naval, negocio o que conheço. Aqui as pessoas não têm a Rede de Defesa de Long Island para protegê-las, então precisam de armas. Muitas das casas antigas têm um cofre de armas no porão, então eu... explodo os cofres e vendo as armas.

– Não me parece nem um pouco menos culpado – disse Jayden.

A voz de Tovar era grossa e aflita.

– Com dez armas apontadas para mim, parece difícil acreditar que nem todos na ilha possuem uma. Nem todos podem contar com a prontidão da Rede de Defesa toda vez que alguém parece suspeito. Nesta região todos sabem que a guerra entre East Meadow e a Voz está próxima e precisam estar preparados para se defenderem. Meu negócio é garantir que tenham instrumentos para isso.

– Está mentindo – disse um soldado.

– Como tem certeza? – disse Kira. – Não pode atirar em alguém com base numa suspeita.

– Alguém tentou lançar vocês pelos ares? – perguntou Tovar.

– Viu? – gritou outro soldado, dando um passo à frente. – Ele sabe!

– Parado – ordenou Jayden. – Só atire se eu mandar.

Kira engoliu em seco.

– Depois de prestar atenção nos últimos dois minutos da nossa conversa não precisa ser nenhum gênio para adivinhar que alguém tentou explodir a gente. Se ele sabia sobre a bomba, porque contou que fazia explosões, em primeiro lugar? – Kira

voltou-se para Tovar. – Já esteve em Asharoken?

Ele balançou a cabeça negativamente.

– Isso não tem a menor chance de ser o nome de uma cidade de verdade.

– Você disse que vende armas e munição. Também vende explosivos? – perguntou Jayden.

– Seria um idiota se fizesse isso – respondeu Tovar. – Qualquer um que comprasse explosivos estaria atrás da mesma coisa que eu, ou planejando coisa pior, por exemplo, o que fizeram com vocês. Todos os meus explosivos estão escondidos.

– Onde? – inquiriu Jayden.

– Alguns na carroça, outros em pequenos esconderijos espalhados pela ilha.

Gianna se afastou da carroça:

– Estava apoiada numa bomba?

– Está estabilizada – disse Tovar, levantando-se. Os soldados apontaram os fuzis novamente. Ele ergueu as mãos no ar, numa demonstração de inocência. – Estão perfeitamente estabilizadas, OK? – Arrastou os pés até a carroça, mancando sobre a bota pesada e o pé descalço. – É um gel aquoso, permanece totalmente inerte até você ativá-lo, e, mesmo assim, precisa de um detonador.

– Onde encontra explosivos na região? – perguntou Jayden, mantendo-o sob a mira do fuzil. – Pensei que os militares tivessem recolhido todo esse tipo de material há anos.

– Recolheram as armas, é verdade, mas isto aqui é usado comercialmente – disse Tovar, levantando a pesada lona que cobria a carroça e apontando para uma sacola plástica branca, parecida com uma bolsa de água. – Consegui numa construção, o pó ativador está do outro lado da carroça. Juro que não vendi para ninguém.

Kira olhou para Jayden.

– Se for mentira – ela disse –, é a mentira mais elaborada e bem encenada da história da humanidade. Seja como for, estamos voltando para East Meadow, então vamos abaixar as armas e deixar que o pessoal de lá decida o que fazer. Se decidirem que é culpado, podem prendê-lo, mas não deixarei que o matem aqui.

– Essa é a segunda pior ideia que já ouvi – disse Tovar –, mas já que a primeira é levar um tiro na cara, fico com a segunda.

Jayden encarou Kira, seu olhar queimando como carvão em brasa. Após uma longa espera, abaixou a arma.

– Tudo bem. Mas se ele tentar alguma coisa nesse meio tempo, não vou pedir seu consentimento. Ele é da *Voz*, ele morre.

Capítulo Sete

Kira dormiu mal. Ela ouvia Marcus e os outros mudando de posição, roncando e sussurrando na escuridão. A noite toda, o camelo gemeu de forma estranha, meio humana, e a casa estalou sob a chuva. Até os ratos, onipresentes em todas as casas que conseguia se lembrar, pareciam mais barulhentos e irritantes que o normal, enquanto corriam e pulavam pelo chão e pelas paredes. Ratos – ou, quem sabe, algo maior.

Em meio a isso tudo, ela não conseguia parar de pensar nas palavras de Tovar. Havia mesmo uma guerra se aproximando? A *Voz* estava de fato tão desesperada – ou tão organizada? O Senado parecia pintar o grupo como um bando de terroristas meio selvagens, que atacavam, davam ordens e matavam indiscriminadamente. Mas, nesse caso, ela pensava, o Senado tinha interesse em pintá-los assim. Se havia um número suficiente deles para formar um verdadeiro exército e começar uma guerra de verdade, então eles eram uma ameaça muito maior do que ela jamais imaginou.

O vírus RM poderia lentamente estrangular a humanidade, uma morte após outra, sem novas gerações para substituir as passadas. Por outro lado, uma guerra poderia dar fim à humanidade em semanas.

Kira afundou ainda mais no sofá, tentando pegar no sono.

Pela manhã, estava cansada e com o corpo todo dolorido.

Tovar os conduziu pelos fundos da casa, através de um labirinto de proteção: uma ponte temporária, um pátio envelhecido e de volta à estrada, quase um quilômetro adiante. Sem a chuva e com Dolly puxando velozmente a carroça, puderam manter um bom ritmo de deslocamento. Kira se esforçava em não olhar para trás, tentando tirar da cabeça a ideia de que atrás de cada árvore ou carro abandonado haveria uma centena de fantasmas da *Voz*. O grupo precisava estar visível para o caso de a Rede de Defesa vir procurá-lo, mas aquela visibilidade fazia Kira sentir-se vulnerável. Até mesmo Jayden parecia apreensivo. O sol já ia alto quando pararam para almoçar. Kira bebeu sua última reserva de água enquanto olhava as fileiras de casas arruinadas. Nada se movia. Ela massageou o pé dolorido e foi examinar Lainer na maca; estava inconsciente e a temperatura, perigosamente alta.

– Como ele está? – perguntou Gianna.

– Nada bem. Estamos ficando sem Nalox e acho que ele está com uma infecção – disse Kira, preparando uma pequena dose de antibióticos que encontrou em seu kit médico.

– Não faz mal ele dormir tanto?

– Bem, não é uma maravilha, mas não é ruim. O analgésico que estamos usando é

feito para o campo de batalha, a pessoa pode receber altas doses e não há risco de morte. Por outro lado, os antissépticos parecem não estar funcionando bem – respondeu Kira, injetando a dose completa de antibiótico. – Se não formos resgatados em breve, ele estará encarcerado.

Kira escutou um assobio ao longe e olhou para cima, subitamente. Jayden também tinha ouvido.

– Os olheiros – ele disse. – Viram que alguém se aproxima.

Empurraram todos para dentro de uma casa nas proximidades. As janelas estavam quebradas e o vento havia carregado terra suficiente para que uma planta crescesse dentro da sala; o sofá já estava coberto de kudzu. Kira agachou-se num canto, atrás de um piano tombado, Lanier tremendo intermitentemente atrás dela. O olhar de Marcus encontrou o dela e ele forçou um sorriso.

Ela ouviu outro assobio, uma série de sons curtos que decodificou como “pessoas suspeitas são amigas”. Kira começou a levantar, mas Jayden fez sinal para que se abaixasse novamente.

– Não custa ter certeza – ele sussurrou.

Um minuto depois, uma carroça comprida e fechada, puxada por seis cavalos de raça, passou pela casa. Jayden assobiou de volta, “amigos saindo, não atirem”, e deixou o esconderijo. Kira e Marcus carregaram Lanier para a varanda, onde foram recebidos por outra equipe médica. Kira os deixou a par do estado de Lanier. Enquanto ajudavam todos a subir na carroça, os soldados distribuíam água e barras de proteína.

Tovar saiu com Dolly pelos fundos da casa, no rosto uma expressão de infelicidade.

– Vão atirar em mim agora ou quando chegarem em casa?

– Teoricamente, em nenhuma das situações – disse Kira.

Jayden saudou o chefe dos soldados. Kira não reconheceu sua insígnia.

– Obrigado pela carona.

Os outros soldados retribuíram a saudação.

– Não contávamos encontrar vocês pelas próximas horas. Estavam caminhando bem.

– Este negociante tem nos ajudado bastante – disse Jayden, acenando com a cabeça para Tovar. – Transportou a maior parte do nosso equipamento em sua carroça.

Jayden tomou um gole de água e secou a boca com as costas da mão. – Não vimos mais ninguém. Se alguém nos seguiu, decidiu não mexer com uma patrulha armada da Rede.

– Maldita *Voz* – disse o soldado. – Temos batedores atrás de qualquer coisa que possam encontrar. A explosão que ocorreu com vocês levantou muitos problemas na

base de East Meadow. Vamos fazer uma pausa em Dogwood para uma conversa.

A carroça fez meia volta e os tirou dali, o condutor chicoteando os seis cavalos até atingirem um bom galope. O sol esquentava a cobertura da carroceria, o calor era insuportável. Kira sentia-se cada vez mais distante. Acordou com a cabeça no colo de Marcus, sentando-se abruptamente enquanto a carroça parava num sacolejo. Dogwood era uma antiga estação de energia, transformada em posto de guarda na entrada da área habitada de East Meadow, cercado por um alambrado alto. Ao se aproximarem, o portão foi aberto por um soldado e Kira viu que havia outros no local.

– Daqui podemos seguir a pé – disse Kira, mas o soldado no comando balançou a cabeça negativamente.

– Mkele quer conversar com todos vocês, não apenas com o negociante.

Conversar, pensou Kira. Um jargão militar para “interrogar educadamente”.

– Quem é Mkele?

– Da Inteligência – respondeu o soldado. – O comando está de cabelo em pé por causa das novidades. Esperam que vocês tenham alguma informação importante.

Ele ajudou todos a descer da carroça e os conduziu para dentro da antiga estação de energia. Um jovem vestindo um uniforme de combate completo acompanhou Kira até uma sala pequena, onde foi deixada sozinha. O soldado saiu e fechou a porta.

Kira ouviu o clique da fechadura.

Embora a sala fosse pequena e sem decoração, Kira notou pelo linóleo desbotado que várias peças de mobília haviam sido removidas recentemente. Contornos indefinidos de escrivaninhas e estantes de livros cobriam o chão, como um escritório fantasma, uma visão de um tempo distante. Não havia mesa, mas no canto da sala, ao fundo, encontravam-se duas cadeiras.

Ela esperava sentada, planejando a conversa, fazendo um roteiro do que cada umalaria e imaginando-se soar naturalmente brilhante. Mas a espera se estendeu, e as críticas que faria sobre ser injustamente retida para interrogatório transformaram-se num violento discurso sobre o aprisionamento ilegal. Por fim, ela se entediou e parou de pensar naquilo de vez.

Havia um relógio na parede, do tipo antigo, redondo, com pequenos ponteiros pretos. Pela milionésima vez na vida, Kira perguntou-se como aquilo funcionava. Na sua casa havia um relógio parecido, mais bonito que este – o antigo morador, de antes do Break, seja lá quem fosse, tinha uma queda por vidros. Aparentemente, os ponteiros andam se receberem energia, mas os relógios digitais são mais econômicos e os únicos que ela viu funcionando.

Bem, era tudo que conseguia lembrar. Seu pai tivera um relógio redondo com ponteiros? Era muita estupidez não saber ao menos como eram chamados – não existia um bom motivo para algo tão presente desaparecer do vocabulário humano.

E, por mais que tentasse, não se lembrava de ter visto um daqueles trabalhando, de ter aprendido como dizer as horas nele, ou de ter escutado como se chamam. Eram a relíquia de uma cultura morta.

O ponteiro grande apontava para o número dez e o menor estava na metade do caminho entre o número dois e o três. *Dez zero dois e... meio?* Ela deu de ombros. *Este relógio ficou sem energia exatamente às dez zero dois e meio. Ou seja lá o que estiver marcando.* Levantou-se para examiná-lo. *Deve estar pregado na parede ou já teria caído.*

A porta foi aberta e um homem entrou. Kira o reconheceu: era o homem misterioso da assembleia popular. Talvez tivesse quarenta anos. Sua pele era mais escura que a dela – essa era a cor da maioria dos descendentes africanos, ela supôs, ao contrário da dela, marcadamente indiana.

– Boa noite, Srta. Walker. – Ele fechou a porta e estendeu a mão. Kira levantou-se e apertou a mão dele.

– Já estava na hora.

– Peço mil desculpas pela demora. Meu nome é Sr. Mkele. – Ele apontou uma cadeira para Kira e puxou outra para ele. – Por favor, sente-se.

– Não tem o direito de me manter aqui...

– Peço desculpas, se é assim que se sente – disse Mkele. – Não estamos mantendo-a aqui, meu desejo foi apenas o de garantir sua segurança enquanto você esperava. Trouxeram comida?

– Não trouxeram nada.

– Deveriam ter trazido. De novo, peço desculpas.

Kira o olhava com cautela. Aos poucos, a raiva que sentia por ter ficado presa tanto tempo naquela sala transformava-se em suspeita.

– Por que se apresentou como senhor Mkele? – perguntou. – Não tem um posto?

– Não sou do exército, Srta. Walker.

– Mas está numa instalação militar.

– Assim como você.

Kira mantinha a expressão rígida, tentando não franzir o cenho. Alguma coisa naquele homem a incomodava. Ele não havia feito nada além de falar calmamente, um modelo de boas maneiras e cortesia, ainda assim... ela não colocaria a mão no fogo por ele. Olhou para a cadeira que ele ofereceu, mas manteve-se em pé e cruzou os braços.

– Você disse que estou aqui para a minha segurança. Contra o quê?

O homem levantou a sobrancelha.

– Essa é uma pergunta interessante vinda de alguém que acabou de chegar da terra de ninguém. Meu entendimento é que alguém tentou explodi-la há menos de dois dias.

– Não a mim pessoalmente, mas tentou.

– Meu título oficial, Srta. Walker, é o de chefe da inteligência, não do exército, mas de toda a ilha. Na prática, significa dizer que sou o chefe da inteligência de toda a raça humana. Meu trabalho hoje é assegurar que ainda haverá uma raça humana amanhã e faço isso sabendo das coisas. Considere, se assim o desejar, o que sabemos no momento. – Ele levantou a mão e contou nos dedos. – Um: alguém, potencialmente da *Voz*, ou, que os céus nos protejam, um Partial, deflagrou outro bem-sucedido ataque contra as forças de East Meadow. Dois: alguém altamente proficiente em explosivos e, talvez, em tecnologia de rádio. Três: esse alguém matou um mínimo de três pessoas. Agora, dada a natureza desagradável desses três pequenos detalhes que sabemos, acredito que irá concordar comigo que a enorme quantidade de coisas que não sabemos é incrivelmente preocupante, para não dizer coisa pior.

– Bem, é – disse Kira, assentindo com a cabeça. – Só que não estou mais na terra de ninguém, estou numa base militar. Aqui deve ser o lugar mais seguro da ilha.

Mkele olhava para ela sem se alterar.

– Alguma vez já viu um Partial, Srta. Walker?

– Em pessoa? Não. Eu tinha apenas cinco anos durante a guerra e desde então eles nunca mais foram vistos.

– Como pode ter certeza?

Kira franziu a testa, pensativa.

– O que quer dizer? Ninguém vê um Partial há anos, eles estão... bem, se estou viva, então, é porque eles aparentemente também nunca me viram.

– Vamos supor – disse Sr. Mkele –, apenas por um momento, que os planos dos Partials, e não sabemos quais são eles, sejam muito maiores em abrangência do que o assassinato de uma adolescente.

– Não precisa ofender.

– De novo, peço desculpas.

– Então o problema aqui é esse? – perguntou Kira, a voz expressando mais do que um toque de exasperação. – Partials? Mesmo? Não temos ameaças mais importantes com que nos preocuparmos?

– Se um Partial estiver planejando algo grande – disse, ignorando a pergunta dela –, algum ataque traiçoeiro contra nós, nossos recursos ou qualquer outro aspecto de nossa vida, a maneira mais eficiente de fazer isso seria infiltrando-se diretamente entre nós. Eles se parecem exatamente como nós; poderiam andar entre nós sem medo de serem descobertos. Você é médica, deveria saber disso tão bem quanto qualquer outra pessoa.

Kira franziu o cenho.

– Os Partials foram embora, Sr. Mkele. Eles nos encurralaram nesta ilha e depois

desapareceram. Nunca foram vistos em nenhum lugar. Nem aqui, nem na fronteira, nem em lugar algum.

Mkele deu um sorriso breve e zombeteiro.

– A complacente inocência de uma *geração babylândia*. Você disse que tinha cinco anos quando os Partials se rebelaram. O mundo que você vê é o único que conhece. Quanto da rebelião você se recorda, Srta. Walker? Quanto do velho mundo? Se não sabe nem o que um Partial é capaz, como saberá o que um batalhão deles pode fazer?

– Temos problemas muito maiores que os Partials – repetiu Kira, tentando não perder a calma. Parecia a mesma velha atitude que percebia no hospital – na verdade, de todos os adultos, uma insistência teimosa e brutal de lidar com o ontem ao invés do hoje. – Os Partials destruíram o mundo, eu sei, mas isso foi há onze anos, e então desapareceram. Enquanto isso o vírus RM continua matando nossas crianças, a tensão está aumentando por causa da Lei da Esperança, e a *Voz* está lá fora atacando fazendas e roubando provisões, e eu não acho...

– A *Voz* – disse Mkele – é ainda mais humana que os Partials.

– Aonde quer chegar?

– Aqui, Srta. Walker. Os Partials talvez tenham mesmo desaparecido, mas não vão precisar preparar um ataque direto à ilha se as tensões entre o povoado e a *Voz* continuarem crescendo. O vírus RM está desempenhando um papel muito mais perverso que os Partials poderiam arquitetar: nossa incapacidade de produzir crianças saudáveis e as subsequentes medidas que tomamos para lidar com isso...

– Você quer dizer a Lei da Esperança.

– Entre outras coisas, sim... elas estão dividindo a ilha ao meio. Não consigo acreditar que o ocorrido de ontem não tenha relação com isso. A não ser que haja provas contundentes do contrário, vou concluir que o ataque fazia parte de um plano para desestabilizar a civilização humana e assim apressar nossa extinção.

– Você é uma pessoa incrivelmente paranoica.

Mkele inclinou a cabeça para o lado.

– Fui encarregado, como já disse, de cuidar da segurança da raça humana. É meu trabalho ser paranoico.

A paciência de Kira estava por um triz.

– Tudo bem, então. Vamos acabar logo com isto. O que você quer saber?

– Conte sobre a clínica veterinária.

– O quê?

– A clínica à qual você e Marcus Valencio foram enviados para um resgate. O que viu lá?

– Pensei que estivesse interessado na bomba.

– Já conversei com outras testemunhas que estavam no local antes e durante a

explosão e as informações que me passaram sobre o local são mais valiosas que as suas. Por outro lado, você esteve pessoalmente na clínica. Me conte como foi.

– Era uma clínica – disse Kira, procurando algo interessante para dizer. – Era como todas as outras clínicas que nós estivemos em missão: velha, fedorenta e caindo aos pedaços. Uma matilha de cães vive ali e, hum..., o que mais quer saber?

– Viu algum cachorro enquanto esteve lá?

– Não, por quê? Isso é importante?

– Não faço ideia – disse Mkele –, embora me pareça estranho que uma matilha de cães selvagens falhe em defender seu território contra um grupo de invasores.

– Verdade – concordou Kira. – Talvez o esquadrão de resgate que esteve lá alguns dias antes tenha espantado os animais.

– É possível.

– Hum... o que mais...? – disse Kira. – Começamos a separar o medicamento e a bomba explodiu alguns minutos depois. Por isso não tivemos tempo de testar o aparelho de raios X.

– Então você viu a parte externa do prédio, a recepção e o depósito de medicamentos.

Kira balançou a cabeça.

– Isso.

– Viu alguma coisa fora do comum?

– Não me vem nada à cabeça. Exceto... – Ela pausou, lembrando-se das marcas no pó. – Agora que você mencionou, os frascos de comprimidos tinham sido mexidos antes de chegarmos lá.

– Mexidos?

– Mudados de lugar – disse Kira –, como se alguém tivesse examinado os remédios a procura de algo.

– Muito antes de vocês chegarem?

– Não muito. Havia manchas e rastros na poeira, tanto no armário quanto no balcão.

– Poderia ter sido, como você sugeriu em relação aos cães, o esquadrão de resgate que passou por lá antes de vocês.

– Pode ser – disse Kira –, mas nunca vi nenhuma patrulha vasculhar os remédios dessa forma.

O Sr. Mkele contraiu os lábios, pensativo.

– Alguma droga que você encontrou ali poderia ser usada para fins recreativos?

– Você acha que um dos patrulheiros estava tentando se drogar?

– É uma das muitas possibilidades.

Kira fechou os olhos, forçando o cérebro para se lembrar do nome dos remédios.

– Não tenho certeza. A esta altura já ficou automático, entende? A gente sabe

quais remédios duram e quais não e vai separando as caixas, cada qual num monte, sem realmente pensar no que está fazendo. Mas as clínicas veterinárias sempre têm analgésicos, como o Rimadyl. – Uma dose caprichada de qualquer analgésico pode fazer você alucinar. Mas também pode matar, a não ser que se use as nanopartículas militares, que obviamente não serão encontradas numa clínica veterinária. Fora isso... – Ela ficou em silêncio, pensando. Se ela fosse da *Voz*, vivendo numa região selvagem e entrando em brigas com a Rede de Defesa, estaria preocupada com coisas maiores que analgésicos para fins recreativos. Começava a entender de onde vinha o raciocínio de Mkele e pensou na clínica como um alvo militar.

– Clínicas como aquela possuem muitos medicamentos que podem ser realmente úteis a um grupo de rebeldes – disse. – Antibióticos, vermífugos, talcos contra pulga e xampus. Existe um grande número de coisas de que um bando de agressores numa floresta poderia fazer bom uso.

– Interessante – disse Mkele. – Você terá que perdoar minha ignorância quando o assunto é clínica veterinária, mas você acredita que exista alguma maneira de encontrar um registro do inventário? Seria possível determinar, com a menor margem de erro possível, o que eles tinham, o que está faltando e o que foi alterado?

– Duvido que tenham alguma coisa no papel – respondeu Kira –, mas a clínica tinha computadores. Você poderia ligá-los num gerador e torcer para o inventário estar armazenado no disco rígido. Se o arquivo ficar numa rede externa, não será seu dia de sorte. – Os computadores eram usados no hospital, graças ao painel solar, mas o velho mundo usava computadores para tudo, todos conectados numa rede mundial que Kira sequer conseguia imaginar. Esse sistema entrou em colapso junto com a rede de energia e tudo que havia nele perdeu-se para sempre.

– Faremos isso – disse Mkele, balançando a cabeça. – Mais alguma coisa que possa nos ajudar?

Kira deu de ombros.

– Se me lembrar de algo, com certeza você ficará sabendo.

– Muito obrigado pelo seu tempo – disse Mkele, indicando com um gesto o caminho da porta. – Está liberada.

Capítulo Oito

O soldado Brown levou Kira para casa numa carroça pequena. Ela apertava a mão de Marcus, no banco traseiro. Jayden e os soldados ficaram para os interrogatórios. Ela não viu Gianna nem Tovar.

Era quase noite e o balanço da carroça deixava Marcus sonolento. Kira observava a cabeça dele tombar para a frente, balançar e depois levantar num tranco, em seguida cair outra vez, lentamente. Repetidas vezes. O som da batida dos cascos dos cavalos contra o chão ecoava tediosamente nas casas vazias, mas ao se aproximarem da área habitada, Kira viu os sinais familiares da atividade humana: casas pintadas, gramados cuidados, telhados ainda de pé. East Meadow. Seu olhar atento procurava o que refletia as luzes e sorriu quando o encontrou: o vidro das janelas. Em todos os outros lugares da ilha, os vidros haviam sido quebrados pelos gatos, pelos pássaros, pelas intempéries ou pelo desnivelamento das paredes apodrecidas. Não ali. Em East Meadow as janelas eram protegidas e cuidadas, e a maioria delas estava tão limpa e transparente quanto um pedaço sólido de céu. Fora dali, no agreste, havia ladrões, a *Voz* e a carcaça do velho mundo.

Ali havia janelas de vidro.

– Acorda, dorminhoco! – disse Kira, batendo com o ombro na orelha de Marcus. – Estamos quase em casa.

– Não pedi sushi.

– O quê?

Marcus abriu os olhos cautelosamente.

– O que foi que eu disse?

– Nada que mereça levar uns tapas. Sorte ter sonhado com comida em vez de garotas.

– Sou um homem – disse Marcus, esfregando os olhos. – Conte apenas metade do sonho.

– Nossa viagem de uma noite transformou-se numa de dois dias, num ataque da *Voz* e num interrogatório militar – disse Kira. – Você acha que vamos nos encenar por faltar no hospital, hoje?

– A Rede de Defesa deve ter avisado – disse Marcus, movimentando o pescoço para liberar a tensão. – Desconfio de que, se tentarmos entrar agora, vão nos mandar de volta para casa com pacotes de ração de canja. – Marcus sorriu e olhou para o sol. – Já vai anoitecer. E se nos dispensaram do horário diurno, garanto que não vão nos deixar trabalhar à noite.

– Então está decidido – disse Kira, transferindo o peso do corpo para o piso da

carroça. – Vou direto para casa, tomar um banho e cair na cama. Talvez acorde para a festa do final de semana, mas não prometo.

– Não perderia essa festa por nada no mundo – avisou Marcus. – Xochi vai preparar um frango, um de verdade, vivo. Embora desconfie que a vida dele será curta. Talvez eu mesmo depene o bicho.

– Você acha que a mãe dela estará lá?

– A senadora Kessler? – perguntou Marcus, o queixo caído, em espanto. – Xochi agora anda armada, a senadora não vai se aproximar da casa.

Kira riu e balançou a cabeça. Gostaria que fosse apenas uma brincadeira, mas não estava tão certa disso.

– Vê se traz alguma coisa – disse Kira, voltando-se para Marcus e cutucando seu peito. – Não vou acobertá-lo como da última vez.

– Só aconteceu uma vez – respondeu Marcus, rindo –, e não foi na última festa, foi a quatro festas atrás. E eu já livreii a sua muito mais vezes.

– Só estou avisando – disse Kira, cutucando-o novamente. – Não quero que meu namorado folgado me envergonhe na frente de todo mundo. – Ela deu mais uma cutucada com o dedo, lançou um olhar brincalhão e voltou a espetá-lo, só para provocar.

– Você cutuca todos os garotos ou a mim em especial?

Ela se aproximou dele.

– Só você. – Deu-lhe um beijo no rosto. – Até encontrar alguém melhor.

Marcus colocou a mão atrás da sua cabeça e a puxou para outro beijo, desta vez na boca; um beijo lento, macio e delicioso. Kira apertou seu corpo contra o dele, sentindo-o ainda mais e pensando quais seriam os comentários dele no consultório. Havia chegado a hora? Ela estava preparada?

– Rapaziada – disse Brown. – Estou a meio metro de vocês.

Kira afastou-se, envergonhada.

– Desculpe.

– Não me desculpo – disse Marcus. – Valeu cada segundo.

– Você disse a casa azul, certo? – Brown apontou para a fileira de casas à frente e Kira reconheceu a rua onde morava.

– Isso, a minha é a azul.

Brown balançou a cabeça.

– O Romeu vai ficar com você?

– Ficaria – respondeu Marcus –, mas Nandita não me deixaria entrar. Minha casa fica duas ruas para cima, se não se importar.

– Sem problemas. – O jovem soldado diminuiu a velocidade e parou os cavalos. Kira deu um último beijo rápido na bochecha de Marcus e desceu.

– Olha a Nandita ali – disse Marcus, endireitando-se no banco e apontando para a

mulher. Kira virou-se e a viu atarefada no jardim. Marcus abaixou a voz. – Veja se ela tem algumas ervas para o frango.

– Acho que alecrim – respondeu Kira. Marcus sorriu, balançando a cabeça. – Algo mais?

– O que mais puder dividir – disse Marcus. – Tudo no seu jardim é incrível.

– É verdade – disse Kira. – Obrigada, Brown.

O soldado sorriu.

– Me chame de Shaylon.

– Devagar, garanhão – disse Marcus. – Ela já fez a escolha dela.

A carroça partiu.

Kira ajeitou a mochila nas costas e caminhou em direção a casa. Ela morava com outras garotas e com a “babá” Nandita. Depois de onze anos de convivência, Nandita parecia mais uma avó do que qualquer outra coisa. Entre a Guerra dos Partials e o RM, nenhuma família saía ilesa: todas as esposas que sobreviveram tornaram-se viúvas e toda criança, órfã. Os poucos humanos imunes ao vírus uniram-se para garantir sua segurança e vieram morar em Long Island por ser um lugar que oferecia segurança e infraestrutura, com fácil acesso à pesca e à terra arável. As crianças foram divididas entre os adultos e Nandita tinha alegremente ficado com quatro delas: Kira, Madison, Ariel e Isolde. Ariel mudara-se há cerca de três anos, quando completou dezesseis, e Madison foi morar com Haru após o casamento. Ariel raramente as procurava, mas Kira amava a todas como irmãs.

Nandita trabalhava na horta e Kira sentia o perfume da exótica mistura de ervas aromáticas: alecrim, noz-moscada, erva-doce, coentro, manjerição, manjerona... Todo verão Kira ajudava na horta e mesmo assim não conseguia saber o nome de tudo que havia ali.

– Marcus quer um pouco de alecrim para o frango de sábado? – perguntou Nandita. A velha endireitou o corpo e limpou as mãos sujas de terra. Falava rápido, quase impassível, mas Kira podia ver em seus olhos o quanto se preocupava com sua ausência.

Kira sorriu.

– Você ouviu o que ele disse?

– Não preciso ouvir o que ele diz – respondeu Nandita. – A cabeça daquele garoto só pensa numa coisa. – Ela grunhiu e se levantou, pegando uma cesta com folhas frescas, ervas e amoras. Nunca tirava o sári, mesmo quando trabalhava na horta. – As vendas no mercado foram boas hoje. Me ajude lá dentro.

Kira ajeitou a mochila e o kit médico nos ombros, subiu as escadas atrás da velha e entrou na varanda. Xochi ouvia música no último volume no andar superior. Kira sorriu. Teria que conversar com ela depois que terminasse de ajudar Nandita.

Nandita amava todas as garotas, mas Kira era sua preferida. Talvez porque fosse

a caçula ou talvez porque fosse tão adorável. Kira lembrava-se de ajudar Nandita na feira, quando era pequena, gritando sem medo para os adultos que passavam, exigindo com toda determinação que comprassem um maço de hortelã. Nandita a chamava de Pequena Explosão.

Algumas vezes Kira sentia-se culpada por ter muitas recordações de Nandita e nenhuma de sua mãe verdadeira. Seu pai ela conhecera, mas sua mãe... Deixa para lá. Ela tinha Nandita.

– Aconteceu alguma coisa excitante enquanto estive fora?

– Minha Pequena Explosão quase morreu em uma grande explosão – disse Nandita, abrindo a porta da casa. Segundo os documentos, as fotos e os álbuns que elas tinham encontrado na casa, o local pertencera à família Martel. Eles haviam morrido com a porta trancada, e os primeiros sobreviventes foram forçados a arrombá-la para entrar e retirar os corpos. Nandita trocara a porta quatro vezes desde então, sempre que uma ou outra garota esquecia a chave depois de uma longa noite fora. Nandita dizia que preferia trocar de porta a deixá-la aberta. Não era difícil encontrar portas usadas na ilha. Kira largou a mochila na sala e seguiu a “avó” até a cozinha.

– Você já está bem crescida – disse Nandita, entrando na cozinha e olhando para Kira com um sorriso. – Será uma boa esposa.

– Hum, como?

A velha colocou a cesta em cima do balcão, abrindo o armário à procura de tigelas. – Não quer ser uma esposa? Não vai se casar com Marcus?

Kira abriu outro armário e entregou uma tigela de cerâmica à Nandita.

– Ainda não pensei muito sobre isso.

Nandita virou-se e encarou Kira. A garota ficou encabulada, esperando que ela desviasse o olhar. Por fim, suspirou e soltou as mãos.

– Tudo bem, já pensei, mas não decidi nada. Não sei o que quero.

– Você quer ser feliz – disse Nandita, indo até o armário aberto atrás de Kira e pegando uma pilha inteira de tigelas. – É o que todos querem. Você só não sabe o que a faz feliz.

Kira fez uma careta.

– Isso é esquisito?

Nandita balançou a cabeça gentilmente.

– A felicidade é a coisa mais natural do mundo quando você a possui, e a mais incerta, esquisita e impossível quando não. – Ela arrumou as tigelas e começou a selecionar as ervas, separando-as em maços e removendo as folhas e os talos para colocar nas tigelas. O aroma de hortelã se espalhou pela cozinha. – É como aprender uma língua estrangeira: você pode pensar em todas as palavras que quiser, mas nunca será capaz de falar se não criar coragem para pronunciá-las em voz alta.

– E se você falar errado?

– Nesse caso, terá pedido ao garçom um prato de elefantes à la biblioteca – respondeu Nandita –, ou seja lá qual for o equivalente metafórico para isso. Não consigo ir muito longe com as analogias, me atrapalho toda.

– Que pena – disse Kira, pegando um punhado de alecrim e partindo os galhos verdes-claros sobre a tigela. – Gostaria que você continuasse a falar sobre a felicidade, o amor, sobre tudo... que é o propósito da vida.

– Da vida de quem?

– Como assim?

– Cada vida tem um propósito – disse Nandita. – Algumas pessoas conseguem encontrá-lo mais facilmente que outras. O segredo, a coisa mais importante que você precisa saber, é que, seja lá qual for o propósito da sua vida, ele não é o único caminho que você tem para seguir – continuou a velha, apontando com firmeza um ramo de coentro em direção à Kira.

– Ah?

– Não importa por que você está aqui, não importa por que qualquer um de nós está aqui, você nunca está presa ao destino. Nunca está amarrada. Você faz suas escolhas, Kira, e não deve nunca deixar que roubem isso de você.

– OK. Mas não era bem onde imaginei que essa conversa fosse chegar.

– Isso porque eu também faço minhas próprias escolhas. – Nandita pegou a cesta, com metade das ervas dentro. – Vou levar estas aqui para os vizinhos. Armand está doente. Vá tomar um banho. Quero minha casa com cheiro de manjerição, não de axila de adolescente.

– Fechado – concordou Kira, correndo escada acima. A música de Xochi era ainda mais alta no andar superior, uma variedade de *screeching*, batidão e gritaria que Xochi sempre ouvia quando estava sozinha. Kira riu. Em seguida, percebeu o quanto cheirava mal e correu para o chuveiro com uma careta.

Na pequena lista de benefícios que se podia ter com o fim do mundo, no topo, ou quase lá, estavam as roupas. Long Island já chegou a ter cerca de oito milhões de pessoas, com todos os shoppings, lojas de departamento e mecas da moda necessárias para vesti-las. O Break reduziu a população a uma fração mínima de pessoas e destruiu o sistema econômico, deixando todas aquelas roupas disponíveis. Kira tinha consciência de que tudo que aconteceu foi terrível e que os sobreviventes tocavam a vida numa mistura brutal de trabalho pesado, desespero e medo. Mas todos se vestiam muito bem.

Muitas das roupas na ilha estavam surradas demais para o uso – mofadas, roídas pelas traças ou desbotadas pela exposição ao sol –, mas muitas continuavam em bom estado, mesmo hoje em dia. “Ir às compras” era tão simples quanto vasculhar numa loja vazia ou a vizinhança, bastava encontrar algo que caísse bem e dar uma

boa lavada para se livrar dos insetos e do mau cheiro. Os depósitos e armazéns eram os melhores. As roupas estavam em caixas fechadas. Kira havia passado muitos finais de semana com as amigas fuçando em pequenos shoppings atrás de uma loja *Twenty-Two*, especializada em artigos de futebol, de camisetas *Threadless*, ou qualquer outra boutique que ninguém encontrara ainda. As garotas de Nandita tinham um quarto lotado de todo tipo de roupa imaginável, de malhas folgadas a vestidos sensuais e tudo o mais entre os dois extremos. Kira escolheu uma peça que realçava suas pernas – depois de dois dias de experiências quase mortais, era melhor que se divertisse um pouco – e foi conversar com Xochi.

Xochi Kessler mudara-se para a casa logo após a saída de Madison. Tinha acabado de completar dezesseis anos e não via a hora de se ver livre da “mãe”. Xochi trouxera consigo quatro painéis solares – sua mãe pelo menos era rica –, o suficiente para acender lâmpadas, fazer funcionar um fogão elétrico e mesmo uma torradeira, se ela quisesse, mas em vez disso cada gota de eletricidade que aqueles painéis produziam ia para o seu aparelho de som. A música era praticamente a vida de Xochi. Kira a conhecera anos atrás enquanto “fazia compras”. Kira procurava roupas e Xochi, aparelhos de som, *tablets* feitos de metal, plástico e vidro onde o antigo dono havia armazenado horas e horas de todo tipo de música imaginável. Xochi recolhera quase cem aparelhos.

A amiga acenou assim que Kira apontou na porta.

– Renda-se à Kira, a poderosa heroína da abominável missão de resgate em Asharoken! Está arrasando nesses shorts, garota!

Kira sorriu e a saudou.

– Quando alguém tem pernas como as minhas, tem obrigação de mostrá-las – falou, brincalhona, rodopiando sobre um pé. – Às pessoinhas.

– Isso é uma piada irlandesa? – perguntou Xochi, franzindo o cenho, num falso tom de formalidade.

– Certamente.

A senadora Erin Kessler tinha orgulho de ser irlandesa e por isso Xochi crescera num ambiente agressivamente irlandês. Na verdade, sua ascendência estava mais para os povos do sudoeste norte-americano, mexicano ou mesmo asteca, mas isso não impediu a senadora de forçar uma doutrinação cultural. Quando Xochi ficava brava, ela usava um sotaque irlandês. Kira achava aquilo hilário.

– Não quero dizer duendes, quero dizer plebeus – disse Kira. – Foi uma piada de plebeu, mas não tem graça se você não fizer de conta que sou uma princesa.

– Eu sou uma princesa e desafio qualquer um a provar o contrário – disse Xochi.

– Princesa da onde? – perguntou Kira – Da Lincon Avenue?

– Meus pais eram donos de um vasto e exótico império – disse Xochi, movendo os dedos enigmáticamente. – Como ninguém nunca chegou a conhecê-los, pode ser

que tenham sido mesmo.

– Quais são os planos para a festa de sábado? – perguntou Kira. Nandita era uma boa cozinheira, mas Xochi era excelente e sempre cozinhava nas ocasiões especiais.

– Frango assado, batatas fritas e *donuts*, se arranjar farinha. Arroz-doce é gostoso, mas pelo amor de tudo o que é mais sagrado: eu quero comer chocolate!

– *Donuts* de chocolate? – perguntou Kira, valorizando a ideia com um assobio. – Qual senador morreu para que você ficasse no lugar dele?

– Infelizmente não foi a minha mãe – disse Xochi. Ela deu um pulo e foi em direção à porta. – Ontem conheci um cara no mercado que jurou ter um pouco de farinha. Vem comigo?

– Estas pernas não vão ajudar às pessoinhas em nada se ficarem trancadas aqui dentro – disse, levantando-se num rodopio. – O povo precisa ver sua princesa!

Era sexta-feira. Dia da Reconstrução.

Dia de festa.

No sábado não houve partos nem bebês febris para monitorar. Embora estivesse exausta, Kira voltou para casa disposta a se divertir, sem culpa. Tomou banho, arrumou o cabelo e escolheu uma roupa clara da seção “paquera” do guarda-roupa: uma blusa de seda com bordados chineses, um par de sandálias de salto alto e shorts jeans. Ficou em dúvida por alguns momentos, preocupada com o tempo. Era verão, mas um verão frio. Se viesse outra tempestade, ela poderia se arrepender de não ter colocado algo mais pesado. Remoeu a decisão por algum tempo, comparando os shorts com uma calça comprida. Por fim, decidiu-se pelos shorts. Caíam melhor com a blusa e com ela. Precisava desse incentivo. Ela arriscaria ficar com as pernas geladas em troca de sentir-se, por algum tempo, uma pessoa normal outra vez. Talvez durante a festa nem saíssem de dentro da casa.

– Vamos logo – disse Xochi, batendo na porta do quarto de Kira. Ela estava toda de preto, incluindo o batom e o delineador de olhos, mas com um incompatível avental colorido amarrado na cintura. – Madison e Haru já chegaram. E um cara chamado Marcus: alto, de roupa ridícula e fácil de levar na conversa. Vai gostar dele.

– Entendo porque seus pais expulsaram você da realeza – disse Kira, brincalhona, com uma careta de desprezo. – Você pode ser uma garotinha muito impertinente quando quer.

– Minha inteligência é como as suas pernas – disse Xochi. – Seria muito egoísmo de minha parte mantê-la só para mim. – Kira a seguiu até a cozinha e acenou para Nandita, que estava ocupada lavando louças. Xochi pegou uma tigela de tomates de cima do balcão, temperou-os com azeite e polvilhou o alecrim de Nandita à vontade, misturando os ingredientes com as mãos. – Nandita, suas ervas têm um aroma maravilhoso!

– Obrigada, garota assustadora – agradeceu Nandita. Era uma brincadeira entre elas: o guarda-roupa de Nandita era inteiro de sáris coloridos e ela não entendia a preferência de Xochi pelo preto.

– A cozinha está com cheiro ótimo – disse Kira, respirando fundo –, mas vou deixar vocês e procurar Marcus.

– Dê um beijo nele por mim – disse Xochi.

– De língua?

– Não muito prolongado. Não quero parecer fácil.

Kira atravessou o corredor, inalando profundamente o aroma que a deixava com água na boca. Podem falar o que quiserem sobre a mãe de Xochi, mas ela ensinou aquela garota a cozinhar.

O corredor estava iluminado com lâmpadas de gasolina, todas encapadas e com filtros para bloquear o cheiro. Kira ouvia o ruído de vozes vindas da sala de estar, o assobio e o estalar do fogo no fogão à lenha da cozinha. *É assim que os camponeses comem*, pensou. *Quase me faz desejar mudar de vida.*

Quase.

Ela seguiu as vozes até a sala. Marcus e Haru conversavam animadamente no sofá enquanto Madison descansava numa poltrona. A música preenchia o ambiente como uma nuvem carregada.

Madison sorriu.

– Oi!

– Oi, Mads! E aí?

Madison deu um sorriso afetado e apontou com o olhar na direção de Marcus e Haru.

– Estou relaxando enquanto seu gentil namorado arca com o ônus da justificada fúria do meu marido. Ele está naqueles dias.

Kira balançou a cabeça. Haru falava sem parar.

– Claro que é sobre liberdade – dizia Haru –, é a preservação da liberdade por meio da lei. – O olhar de Haru era intenso. Marcus, apesar de determinado, parecia pálido perto dele. – Qualquer sociedade necessita de certa quantidade de leis: de mais é tirania, de menos é caos.

– Kira! – exclamou Marcus, praticamente pulando do sofá. Ele cruzou a sala e a abraçou. Ao se separarem, mantiveram as mãos dadas. Ele a olhou de cima a baixo, intencionalmente evitando olhar para Haru. – Você está ótima!

– Obrigada – disse Kira. – Ela o conduziu até o sofá e sentaram-se. – Olá Haru, que bom te ver. – Ela realmente não queria que ele recomeçasse a martelar o mesmo assunto, seja lá qual fosse, mas não podia recusar-se a reconhecer sua presença.

– Bom te ver também – respondeu. – Fico feliz em saber que ambos sobreviveram à aventura na costa.

Kira levantou a sobancelha.

– Ficou sabendo?

– Todos ficaram – disse Madison. – Acho que temos assuntos mais animados que a misteriosa emissora de rádio carregada com uma massiva quantidade de bombas que matou três pessoas. Mas você sabe como funciona. Às vezes também conversamos sobre coisas chatas.

– Foi a *Voz* – afirmou Haru. – Aquela mulher que estava com vocês, Gianna, é um deles.

Kira riu.

– O quê? Ela estava no meio da explosão. Eu mesma a tirei de debaixo dos escombros. Ou está dizendo que ela se explodiu? De propósito? Ou que ela é uma terrorista de araque?

– Talvez quisesse proteger algo que estava lá – disse Haru.

– Ela não voltou mais – Marcus falou, calmamente.

Kira olhou surpresa para ele, depois para Haru.

– Ela voltou com a gente.

– Até a estação de Dogwood – disse Marcus, balançando a cabeça. Kira podia ver a tristeza em seus olhos; tristeza e confusão, além de um pouco de medo. – Depois ninguém mais a viu.

Kira balançou a cabeça; aquilo era loucura.

– Ela não era da *Voz*. Ela não gostava muito de Jayden, mas ele exagerou um pouco na dose, ninguém teria gostado. – Olhou para Madison. – Sem querer ofender.

– Não ofendeu.

– Foi ela quem identificou aquele lugar como sendo uma estação de rádio e a única pessoa que não deveria morrer na explosão – disse Haru. – Até onde sabemos, o outro sujeito percebeu que era uma base de operação da *Voz* em atividade e Gianna detonou os explosivos para silenciá-lo. Ela foi a única sobrevivente.

Kira riu alto. Mas, sentindo-se culpada, emendou:

– Desculpe, mas isso é... incrivelmente paranoico. Você é quase tão terrível quanto o cara que nos interrogou.

– Paranoico ou não é óbvio que a Rede de Defesa pensa a mesma coisa ou não a teria mantido sob custódia – defendeu-se Haru.

Xochi entrou na sala e encostou-se no batente da porta.

– Estão falando sobre aquela cientista da computação que participou da missão de resgate?

Kira soltou as mãos e arregalou os olhos.

– Todos sabem, menos eu?

– Você passa quinze horas no hospital – disse Madison. – A *Voz* poderia sequestrar o Senado inteiro e você não saberia.

– A Rede de Defesa não deveria manter uma pessoa sob custódia – argumentou Xochi. – As prisões deveriam ser públicas, assim como os julgamentos. As pessoas não podem desaparecer sem nenhum motivo.

– Não é sem motivo – disse Haru. – Ela é uma terrorista. É um bom motivo.

– Você não sabe se ela é uma terrorista – rebateu Xochi. – Ou será que você foi readmitido na Rede de Defesa com total liberdade para agir e esqueceu-se de contar?

Haru a encarou.

– Você tem algum problema com a Rede de Defesa?

– Tenho problema com o fato de “fazer pessoas desaparecerem” ter se tornado, inesperadamente, parte do trabalho da Rede de Defesa. Quando foi que isso aconteceu?

– O trabalho deles é nos proteger e fazem isso da maneira como acham melhor. Se não confia neles, por que continua aqui?

– Talvez acredite em resolver os problemas em vez de fugir deles.

– Talvez?

A discussão está ficando acalorada demais, pensou Kira. Quando ia intrometer-se e dar um basta na polêmica, Marcus decidiu falar, e pelos dois.

– Acho que está na hora de mudar de assunto – disse. – É melhor todo mundo se acalmar. – Ele voltou-se para Xochi. – Está precisando de ajuda na cozinha?

– Está quase tudo pronto – respondeu Xochi, lançando um último olhar de sarcasmo a Haru. – Pode me ajudar a servir.

Caminharam de volta pelo corredor e Kira sentiu-se aliviada. Ela gostaria de culpar Haru pela briga – e ele certamente era um dos maiores responsáveis pela discussão ter virado uma briga –, mas ela sabia que a culpa não era toda dele. A tensão estava alta em toda East Meadow, provavelmente na ilha inteira, todos estavam no limite. Será que Gianna fazia mesmo parte da *Voz*? O governo tinha desaparecido com ela?

Em certo sentido, tinha sido mais fácil quando Kira era uma criança e os *Partials* eram os grandes malvados. Tudo de terrível que acontecia podia ser explicado, e mesmo que a explicação fosse assustadora, pelo menos era simples. A escuridão estava nitidamente separada da luz. Mas agora... Kira não fazia ideia de quem era o inimigo, a quem culpar ou em quem confiar. Se Gianna fosse da *Voz*, não se podia confiar nos vizinhos, e se ela não fosse, não se podia confiar no governo. Kira não gostava de nenhuma das possibilidades.

Haru levantou-se, ainda contrariado.

– Vou lá fora, preciso de ar.

Ele deixou a sala e Kira ouviu o clique da fechadura.

Madison deu um sorriso triste.

– Desculpe por ele – disse. – Está sob muita pressão.

– Semana difícil no trabalho? – perguntou Kira. Haru trabalhava em construção. Não na construção de coisas, porque tudo que eles pudessem precisar o velho mundo já havia construído. Em East Meadow o departamento de obras fazia a manutenção dos prédios em uso e avaliava aqueles que o Senado julgava necessários à comunidade. Eles faziam muitas missões de resgate, determinando a estabilidade de prédios antigos, antes de as equipes entrarem e retirarem o que havia de útil. Haru demonstrara talento para este tipo de atividade, por isso fora transferido da Rede de Defesa. Mas pelo jeito não andava muito satisfeito. Kira sabia que toda vez que algo dava errado no trabalho, ele ficava azedo durante alguns dias. Em mais de uma ocasião Kira já havia se perguntado se a transferência de Haru não teria sido uma dispensa velada, resultado de algum conflito ou infração.

Para a surpresa de Kira, Madison balançou a cabeça.

– Está tudo bem no trabalho – disse calmamente –, é que... – Ela parou, o olhar fixo no chão, então olhou intensamente para Kira. – Venha cá. – A voz era mansa, mas animada, os olhos subitamente cheios de energia. Kira apertou os olhos de leve, tentando imaginar o que poderia deixar Madison tão feliz e Haru tão intratável. Ela deslizou pelo sofá enquanto Madison olhava por cima do ombro. Naquele momento, ela compreendeu. Sentiu o peso da emoção como um soco no estômago. Arregalou os olhos para Madison, o ar preso na garganta.

– Não...

Madison virou-se, o sorriso de uma orelha a outra.

– Estou grávida.

Kira balançou a cabeça, ainda tentando respirar fundo.

– Não, Mads, não...

– Sim, tenho certeza – disse Madison. – Estou com náuseas há semanas. Às vezes não consigo comer e depois de meia hora estou morrendo de desejo de comer algo totalmente esquisito. Tenho desejo de comer terra, Kira, como a do nosso jardim. Não é a coisa mais doida?

– Não temos certos minerais em nossa dieta – sussurrou Kira. – Os desejos de uma grávida são uma forma do seu corpo dizer de quais nutrientes está precisando. O desejo por terra não é tão incomum com a dieta que temos.

– Daqui a alguns dias, vou ao hospital fazer um teste de verdade – disse Madison –, mas queria te contar antes.

– Não – repetiu Kira, balançando a cabeça. Isso não pode estar acontecendo. Ao mesmo tempo, sabia que podia sim, que na verdade as chances eram grandes. Mas Madison era como uma irmã para ela, o mais próximo de uma família. – Você sabe como é? – perguntou. – A dor? O risco? Mulheres que morrem no parto? Mesmo com todos os recursos e a experiência do hospital, ainda acontece. E também você

pode sobreviver e o bebê não. Ainda não encontraram a cura para o RM. Você carrega o bebê na barriga por vários meses, depois sofre todas aquelas dores, sangra e tudo o mais para no final o bebê morrer.

Kira sentiu as lágrimas vindo, o calor úmido se acumulando nos olhos e escorrendo friamente pelo rosto. Ela imaginou Madison no lugar de Ariel, gritando, com os olhos arregalados, batendo contra o vidro enquanto a filha agonizava, chorava e morria.

– Haru tem razão – desabafou Kira. – É demais para você, não precisa passar por isso.

– Sim, preciso – respondeu baixinho.

– É uma lei estúpida – disse Kira, levantando a voz, enraivecida. Depois olhou nervosamente para o corredor e falou baixinho:

– Não precisa ir adiante com isso. Só me dê um tempo, posso falsificar que você é estéril, acontece, apenas não...

– Já está feito – disse Madison. Seu sorriso era igual ao que Kira presenciara em uma dúzia de outras mães: doce e puro. O coração de Kira partiu-se. Madison colocou a mão sobre a dela.

– Não fiz isso pela Leia da Esperança nem pelo Senado. Foi por mim mesma.

Kira balançou a cabeça, as lágrimas ainda rolando no rosto.

– Quero essa gravidez – explicou Madison. – Nasci para ser mãe. Está no meu sangue, está bem aqui, no centro de quem sou. – Ela apertou o peito e derramou algumas lágrimas. – Entendo que isso assuste você e Haru. Eu também estou com medo, morrendo de medo, mas estou fazendo a coisa certa. Mesmo que ele viva apenas alguns dias, apenas algumas horas.

– Oh, Madison! – Kira inclinou-se para a frente, abraçando a amiga. Sentia-se mortificada e culpada. Sabia que estava certa, mas envergonhava-se de ser tão estraga prazer com a amiga. Claro que Madison sabia dos riscos; todos na ilha sabiam. Madison não fugia deles, batia de frente.

Kira afastou-se, enxugando as lágrimas.

– Um dia *teremos* um sobrevivente – ela falou. – É inevitável. Poderá ser o seu.

Marcus entrou na sala carregando uma bandeja grande de madeira e parou ao ver as duas abraçadas e chorando.

– Está tudo bem?

– Depois te falo – disse, afastando-se de Madison e enxugando as lágrimas novamente. Suas bochechas ressecaram de tanto esfregá-las.

– Tudo bem – disse devagar, colocando a bandeja na mesinha de centro. Xochi servira um frango assado inteiro, suculento e coberto com ervas. Ao lado, um monte de batatas fritas. Xochi veio logo em seguida, com uma bandeja de vegetais – todos frescos, em homenagem ao feriado. Por último, Nandita trouxe uma bandeja com

donuts de chocolate. Kira ficou com água na boca. Não conseguia se lembrar da última vez que comera algo tão gostoso. Talvez um ano atrás, no último Dia da Reconstrução.

Marcus parou na frente de Kira.

– Precisa de algo? Quer beber alguma coisa?

Kira balançou a cabeça.

– Estou bem, mas você pode trazer um copo de água para Mads?

– Trago para você também. – Ele tocou o ombro de Kira amavelmente, em seguida voltou à cozinha.

Xochi olhou para Madison, depois para Kira. Não disse nada, mas virou-se para o aparelho de som.

– Acho que precisamos de uma música mais relaxante.

O equipamento de som era um pequeno painel sobre a prateleira, que se conectava, sem fios, a uma série de caixas de som espalhadas pelo cômodo. No centro do painel, uma entrada para os aparelhos de música digital. Xochi desconectou o que estava ali, arremessando-o dentro de um cesto. – Alguma sugestão?

Madison sorriu.

– Música relaxante é uma boa ideia.

– Ponha alguma da Athena – disse Kira, levantando-se para ajudar. – Gosto das músicas dela.

Ela e Xochi vasculharam dentro do largo cesto de palha cheio de cubos finos e prateados. A maioria com dedicatórias: À CATELYN, DO PAPAI. A CHRISTOPH: FELIZ ANIVERSÁRIO. Mesmo os que não tinham dedicatória, apresentavam algum tipo de identificação: uma capa de plástico com algum desenho ou estampa; uma imagem gravada no verso, um pequeno amuleto pendurado no canto. Eram mais que depósitos de música, eram lembranças de uma personalidade – uma pessoa real, do que ela gostava e do que não gostava, suas preferências e pensamentos íntimos refletidos na lista de músicas. Xochi passara anos garimpando os aparelhos entre as ruínas e ela e Kira ficavam horas a fio deitadas no chão ouvindo cada um deles e imaginando como deveria ter sido o dono. À KATHERINE, NA SUA FORMATURA estava repleto de música country, alegre e dançante, os sentimentos à mostra. JIMMY OLSEN ouvia todo tipo de música, de cânticos ancestrais a música clássica, de *thrash rock* a metal. Quase no fundo do cesto estava o que Kira procurava: ATHENA, MEU ANJO. Ela plugou no aparelho. Após alguns segundos, a música começou, suave e envolvente, uma camada sutil de ondas eletrônicas, guitarras dissonantes e vocais roucos e íntimos. Era relaxante, reconfortante e triste, e casava perfeitamente com o humor de Kira. Ela fechou os olhos e sorriu.

– Acho que teria gostado de Athena. Seja lá quem tenha sido.

Marcus voltou com a água e um minuto depois Haru entrou, vindo dos fundos. Sua expressão era solene, mas tranquila. Ele inclinou a cabeça educadamente a Xochi.

– O cheiro está delicioso. Obrigado por tê-lo preparado.

– O prazer foi meu.

Kira deu uma rápida olhada ao redor.

– Estamos esperando mais alguém?

Madison balançou a cabeça negativamente.

– Tentei falar com Ariel, mas ela ainda não quer falar comigo. E Isolde vai se atrasar. Disse para começarmos sem ela. Está acontecendo algo importante no Senado e Hobb precisa dela até mais tarde.

– Garota de sorte – disse Xochi. – Ela passou os pratos e as facas. Após uma pequena pausa, atacaram a comida.

– Feliz Dia da Reconstrução! – exclamou Marcus. Ele levantou o copo de água e os outros fizeram o mesmo. As taças de cristal, resgatadas numa imensa propriedade fora da cidade, tocaram-se perfeitamente. A água fora fervida e estava fresca, levemente amarelada pelas substâncias químicas do purificador de Nandita.

– O velho mundo terminou – disse Madison, entoando as palavras familiares –, mas o novo está apenas começando.

– Nunca esqueceremos o passado – disse Haru –, nem renunciaremos ao futuro.

Xochi levantou o queixo, mantendo a cabeça erguida.

– A vida vem da morte e a fraqueza nos fortalece.

– Nada pode nos derrotar – disse Kira. – Podemos fazer qualquer coisa. – Depois de uma pequena pausa, completou: – Nós faremos tudo.

Eles beberam dos copos e por um momento tudo o que se ouvia era a música suave e nostálgica ao fundo. Kira sorvia a água, retendo-a na boca propositadamente, sentindo o gosto da química. Acostumara-se com o sabor, mas lá estava ele, pungente. Pensou em Madison, Haru, e no bebê perfeito, inocente e condenado. Pensou em Gianna, Mkele, na explosão, na *Voz*, no Senado e em tudo o mais, no mundo inteiro, no futuro e no passado. *Não vou deixá-lo morrer*, pensou, olhando para o ventre de Madison, ainda firme, reto, latente. *Vou salvar você, não importa o preço.*

Nós faremos tudo.

Capítulo Nove

– **P**reciso de uma amostra do teu sangue – disse Kira.
Marcus levantou a sobrancelha.

– Não sabia que estávamos nesse estágio de relacionamento.

Ela arrancou um tufo de grama e jogou nele.

– É para o trabalho, gênio.

Estavam no gramado da casa de Kira, aproveitando um raro momento de folga do hospital para ambos. Havia ajudado Nandita com as ervas e as mãos estavam ásperas e perfumadas.

– Vou encontrar a cura para o RM.

Marcus riu.

– Sempre me perguntei quando apareceria alguém para fazer esse trabalho. Há anos consta da minha *“lista de coisas para fazer”*, mas você sabe como é: nossa vida está tão movimentada, e salvar a raça humana é tão inconveniente...

– Estou falando sério! – exclamou Kira. – Não aguento mais ver crianças morrendo. Não posso ficar parada, fazendo anotações, enquanto o bebê de Madison morre. Não vou fazer isso. Desde que ela contou da gravidez, algumas semanas atrás, eu quebro a cabeça tentando descobrir como ajudá-la. E acho que finalmente descobri por onde começar.

– Tudo bem – disse Marcus, sentando-se. Sua expressão não era mais de gozação. – Você sabe que te considero brilhante, suas notas em Virologia são melhores... que as de todo mundo. Mas como espera resolver o maior mistério médico da história? Quero dizer, faz uma década que o hospital tem uma equipe médica inteira tentando entender o vírus RM e agora uma estagiária vai chegar lá e... encontrar a cura? Do nada?

Kira balançou a cabeça. Dito daquela maneira parecia mesmo estúpido. Ela olhou para Nandita, imaginando qual seria a sua opinião sobre o assunto, mas a velha trabalhava na horta, completamente alheia. Kira voltou-se para Marcus.

– Sei que parece a coisa mais arrogante do mundo, mas eu... – Calou-se e respirou fundo, olhando diretamente nos olhos de Marcus. Ele a observava, esperando; levava a sério o que ela dizia. – Sei que posso ajudar, no mínimo. Deve haver alguma coisa que passou despercebido. Entrei para a maternidade porque achei que era o nervo central, entende? Achei que tudo acontecia ali, que era o lugar mais importante do hospital. Mas agora que estou lá, vejo o que estão fazendo e sei que não está funcionando. Se conseguir mostrar algo de concreto a Skousen, sei que posso ser transferida para o departamento de pesquisa em tempo integral. Vai levar

um mês ou dois, mas eu consigo.

– Seria uma boa mudança para você – disse Marcus. – E para eles também. Como você está na maternidade, tem um olhar completamente diferente. E sei que há uma vaga porque recebemos a transferência de um pesquisador para a cirurgia no mês passado.

– É exatamente o que quero dizer – disse Kira –, uma nova perspectiva. A maternidade e a equipe de pesquisa estudam exclusivamente os bebês. Mas não precisamos procurar a cura, precisamos da imunidade. Somos resistentes aos sintomas, então deve haver algo em nós que barra o vírus. Os únicos que não são imunes são os bebês, e ainda assim é neles que continuamos procurando.

– É para isso que você precisa do meu sangue – disse Marcus.

Kira assentiu com a cabeça, passando os dedos nas costas da mão de Marcus. Por isso o amava: era divertido quando ela precisava rir e sério quando ela precisava conversar. Ele a entendia, e ponto final.

Ela arrancou uma lâmina de grama e lentamente a descascou, até restar apenas um talo amarelado. Kira o examinou por um momento, em seguida arremessou-o em Marcus. O pedacinho de grama voou apenas alguns centímetros, parou por um instante e caiu rodopiando em círculos irregulares direto de volta no colo de Kira.

– Belo arremesso – caçoou Marcus, sorrindo. Ele olhou por trás do ombro de Kira. – Isolde está chegando.

Kira virou-se e acenou para a “irmã”. Isolde era alta, pálida e loira – sua pele clara era uma exceção no abrigo de Nandita. Isolde acenou de volta, sorrindo, embora Kira percebesse o sorriso forçado e cansado. Marcus aproximou-se de Kira, abrindo espaço para Isolde, mas ela recusou com a cabeça.

– Obrigada, mas este é o meu melhor conjunto. – Ela soltou a bolsa executiva e ficou parada ao lado deles, exausta, os braços cruzados, o olhar fixo num ponto distante.

– Dia difícil no Senado? – perguntou Kira.

– Já houve um tranquilo? – Isolde olhou em volta, procurando alguma coisa para sentar em cima; suspirou e sentou-se sobre a bolsa, as pernas cruzadas para manter as calças cinza-claro fora da grama. Kira a observava com preocupação. Isolde não podia nem mencionar seu trabalho sem ter uma síncope por causa do senador Hobb. Devia estar realmente exausta para não agir assim. O olhar de Isolde estava vazio. Ela levantou-se e disse:

– Hei, nenhum de vocês viaja muito para fora cidade, certo?

– Não muito – respondeu Kira. Ela olhou para Marcus, que assentiu com a cabeça. – Quando nos convocam para uma missão de resgate, sim, mas nunca por conta própria. Por quê?

– Porque acabaram de votar o estabelecimento de postos de fiscalização de

fronteira – disse Isolde. – A *Voz* atacou uma torre de vigia na semana passada. Trouxeram a torre abaixo e ainda levaram os soldados que faziam o abastecimento do local. Somando com o ataque no depósito da antiga escola, podemos afirmar que há pelo menos uma célula da *Voz* agindo bem aqui em East Meadow. Talvez mais de uma. – Isolde deu de ombros. – Perto demais de casa. O Senado acha que a melhor maneira de encontrá-los é inspecionar todas as vezes que alguém entra ou sai da cidade.

– O perímetro da cidade é enorme – disse Kira. – Não tem a menor chance de patrulharem tudo.

– Isso não significa que não devam tentar – argumentou Marcus. – É melhor do que nada...

– Por favor, não comece – disse Isolde, massageando as têmporas. – Ouvi esse argumento cem vezes hoje e não preciso ouvi-lo novamente. A votação já aconteceu, os postos de fiscalização estão oficializados. Não há mais razão para se discutir o assunto.

– Qual o voto do senador Hobb? – perguntou Kira. Isolde é sua assessora. Ela abriu um olho e encarou profundamente Kira, abrindo o outro olho. Em seguida cruzou os braços.

– Se quer saber, votou a favor – respondeu Isolde. – Ele não era de sacrificar direitos pessoais em nome da segurança, mas não quis ser o responsável por obstruir medidas que evitem um novo ataque. – Ela deu de ombros. – Não acho que esteja certo, mas não tenho uma sugestão melhor. Se a *Voz* começou a sequestrar pessoas, quem sabe o que virá depois?

– O que a *Voz* está tentando alcançar? – perguntou Kira. – É isso que não consigo entender. Não precisam de provisões, há comida e roupas à vontade pela ilha, é só pegar. Mesmo assim continuam atacando East Meadow e as fazendas. Não estão ganhando apoio para a causa deles, estão apenas deixando todos com raiva e apreensivos. Não entendo. Apenas para atacar a torre de vigia devem ter gastado semanas na preparação e execução do plano. E para quê? Não levaram provisões, não deixaram nenhuma declaração, cada um deve ter levado três ou quatro pentes de munição dos soldados que sequestraram. Isso não é nada.

Isolde balançou a cabeça.

– O mais próximo que chegamos, ou pelo menos o melhor palpite no Senado, é que eles estão tentando desestabilizar o governo. Se acertarem os alvos, insuflarem a insatisfação no povo e balançarem o vespeiro o suficiente, logo as pessoas de East Meadow ficarão enfurecidas. Será difícil controlá-las, dificultando as coisas para o Senado e dando à *Voz* a melhor oportunidade para dar o bote e tentar um golpe.

– Urgh! – disse Marcus.

– Espere um pouco – disse Kira. – Você disse que é difícil para o Senado nos

“controlar”?

Isolde fez uma careta.

– Não foi o que eu quis dizer, foi apenas a primeira palavra que me veio à cabeça...

– Mas a ideia é essa, certo?

Isolde fechou os olhos, tentando pensar, e Kira sentiu-se culpada por pressioná-la. Ela não merecia isso, mas o sangue de Kira fervia. Ela queria saber.

– E?

– Qual é, Kira, você sabe o que o Senado faz. – Isolde deu de ombros, indiferente.
– O Senado governa e há muito controle inerente a isso. Não é que estejam controlando nossa cabeça, estão apenas... mantendo a paz. Fazendo com que as pessoas cumpram com suas obrigações. Esse tipo de coisa.

Kira ouviu o barulho de cascos atrás de si. Dois soldados a cavalo trotavam em direção a eles. A casa ficava próxima dos limites da cidade, por isso as patrulhas não eram exatamente raras, mas àquela hora do dia era estranho. Kira sentiu-se nervosa e protegida ao mesmo tempo.

Até eles começarem a vir em sua direção.

– Marcus – disse Kira, baixinho. Ele percebeu a preocupação no seu tom de voz e sentou-se imediatamente.

– O que foi? – Ele viu os cavalos e franziu o cenho. – Por que estão vindo para cá?

– Não sei. Reconhece quem são?

– Os uniformes não são padrão – disse Isolde. – Não são da guarda regular da Rede de Defesa.

Marcus os encarava, as sobrancelhas contraídas de preocupação.

– Quem mais usa uniforme? Na verdade, se parecem um pouco com os caras do Mkele. – Ele balançou a cabeça, mirando intensamente os dois soldados: um da idade deles, outro aparentando estar na casa dos quarenta.

– Não reconheço nenhum deles. Não acredito que estejam alocados em East Meadow.

– Podemos ajudá-los? – gritou Kira, mas os soldados passaram por ela e seguiram na direção de Nandita. A velha, que cavava o solo, endireitou-se, assistindo aos guardas pararem no jardim.

– Nandita Merchant? – perguntou o soldado mais novo.

– Sim – respondeu calmamente. – Sem familiares.

– Como?

– Sra. Merchant, fomos informados que a senhora faz viagens frequentes para fora dos limites de East Meadow – disse o mais velho, balançando a cabeça e fazendo o cavalo se aproximar dela. – Está correto?

– Algum problema com isso? – perguntou Nandita.
– Não disse que era um problema – respondeu o outro. – É verdade?
– Ela coleta ervas – disse Kira, levantando-se e indo em direção a eles. – Estão vendo este jardim incrível? As plantas daqui vieram de todas as partes da ilha.
– Posso responder sozinha, Kira – disse Nandita. Kira estava nervosa e contraiu bem os lábios.

O soldado em comando segurava as rédeas frouxamente, usando os joelhos para manter o cavalo imóvel. O animal também estava nervoso. O homem encarou Nandita fixamente.

– Você coleta ervas?
– Coleta-as fora da cidade e planto-as aqui – respondeu Nandita. – E também numa estufa, no quintal. Vendo-as no mercado, são as melhores de East Meadow.

O soldado balançou a cabeça.

– Onde costuma ir nas suas excursões?
– Não é da sua conta – disse Kira. As notícias de Isolde deixaram-na irritada e ela estava com vontade de gritar com alguém. – Você acha que pode entrar no jardim de alguém sem pedir licença e perguntar o quiser? E se ela esteve em algum lugar que você não gosta? Vai prendê-la?

– Ninguém aqui está falando em prisão – respondeu o soldado. – Estamos apenas fazendo perguntas. Acalme-se.

– Fazendo perguntas? – disse Kira. – E se ela se recusar a respondê-las?

– Kira... – disse Nandita.

– Caso não tenha percebido, estamos com muitos problemas no momento – disse o soldado mais velho, direcionando o cavalo à Kira. – Estamos lutando por nossas vidas contra um inimigo oculto que quer destruir nossa cidade, e a única arma que temos contra ele é a informação. Pensamos que sua avó talvez saiba de alguma coisa que possa ajudar a nos mantermos vivos. Agora, se isso ofende algum ideal fantasioso que você fabricou na sua cabeça, sinto muito. Considere por um momento que gastar cinco minutos com soldados tentando obter informações necessárias para a sua proteção vale mais do que ficar fazendo buracos na terra.

– Seu idiota arrogante...

– Viajo para todo lugar – disse Nandita, entrando na frente de Kira. – Quando consigo carona, vou até as fazendas, do contrário fico nos arredores. Não consigo mais caminhar como antes, porém há muitos jardins abandonados, mesmo aqui em East Meadow, esperando alguém que entenda de plantas.

– Precisamos de locais específicos – disse o soldado mais novo. – Existe uma razão para que você não nos informe isso?

O mais velho suspirou.

– Ela é uma catadora de lixo – ele disse. – Não vão a lugares específicos, apenas

perambulam. – Ele olhou de volta para Nandita. – Pode me dizer com quem pega carona, quando consegue encontrar uma?

– Negociantes, às vezes camponeses voltando de um dia de trabalho no mercado. – Nandita lançou um olhar duro como aço ao soldado. – Até mesmo errantes, se parecerem confiáveis.

O soldado devolveu o olhar.

– E como é um errante confiável?

– Na semana passada vi um mais ou menos parecido com você – ela disse. – A camisa era diferente, claro, mas os mesmos olhos, a mesma arma, a mesma arrogância. Há muitos como você hoje em dia. – Ela olhou para o soldado mais novo. – Estava acompanhado de uma criança, também.

– Veja bem como fala – ameaçou o mais jovem.

– Você também precisa ter cuidado com a sua língua – disse o outro, ríspido, apontando para Kira. – Você é tão atrevida quanto ela. – Kira mordeu a língua, pronta para dizer mais algumas verdades para o soldado, mas sabia que só iria piorar as coisas. Ele se voltou para Nandita.

– Era tudo que queríamos saber, senhora. Estamos apenas fazendo nosso trabalho, rastreando algumas informações. Desculpe o incômodo.

– Não tem problema – respondeu Nandita, sua atitude ainda firme como uma rocha.

– Fico feliz em ouvir isso. Agora, se me dá licença... – disse, puxando as rédeas e virando o cavalo. Em seguida, parou de súbito e voltou novamente. – Desculpe, o que vou perguntar não é oficial, apenas uma curiosidade: por que veio morar aqui, tão próximo da fronteira?

– Não tenho certeza se entendi sua pergunta.

– É que a maioria das pessoas tenta viver o mais próximo possível do centro da cidade. Este bairro é basicamente de jovens, casais recém-casados que tiveram que escolher sua casa recentemente e não encontraram mais nenhuma disponível no centro. A senhora deve ter escolhido morar em East Meadow há uns dez anos, como a maioria de nós, mas escolheu uma casa distante. Apenas curiosidade.

Nandita o analisava.

– Se está perguntando como um vizinho curioso em vez de um soldado, preciso saber o seu nome.

– Sargento Jamison, senhora. Alex.

– Minha casa no centro, Alex, foi danificada pela água – explicou Nandita. – Alguns anos atrás, algo vazou na fundação e congelou. Quando descongelou na primavera, a parede dos fundos praticamente veio abaixo. Minhas garotas e eu precisamos de outro lugar e este tem uma estufa de plástico nos fundos. Era a melhor opção disponível.

– Suponho que sim – disse o soldado. – Obrigado pela ajuda. Ele virou-se novamente e o soldado mais jovem o acompanhou, descendo a rua de volta.

Kira ficou olhando a dupla, o estômago todo embrulhado.

– O que foi isso?

– O Serviço Secreto – respondeu Nandita. – Montaram guarda no mercado, estão de olho nos negociantes.

– Só estavam trabalhando – disse Isolde. – Não precisava pular no pescoço deles daquele jeito.

– Eles não precisavam pular no pescoço da Nandita – rebateu Kira, olhando para Isolde. – Era justamente sobre isso que eu falava, não é porque alguém está no comando de alguma coisa que ele está no comando de todas as coisas. Não podem sair por aí mandando na gente.

– São do governo – disse Marcus. – Dar ordens é o papel deles e, francamente, acredito que conversar com as pessoas que viajam com frequência é uma boa maneira de se obter informações. Não estavam tentando intimidar ninguém. Embora admita que o soldado mais novo estava sendo um pentelho.

– Todos nesta ilha estão muito paranoicos – disse Nandita. – Eles pensaram o pior de mim, mas Kira pensou o pior deles. – Lançou um olhar cortante a Kira. – Sua atitude foi completamente indesejada e se não mudá-la vai lhe causar mais problemas do que será capaz de resolver.

– Desculpe – respondeu Kira. No entanto, logo balançou a cabeça e vociferou:

– Se querem que eu fique calma, deveriam me deixar sentar no gramado da porta da minha casa sem ser interrogada. Que tal?

Nandita olhou para ela e depois para os cavalos dobrando a esquina no final da rua.

– As coisas só vão piorar. Cada nova patrulha na fronteira, cada nova emenda à Lei da Esperança, só vai irritar ainda mais as pessoas – disse Nandita, olhando para Isolde. – Se a *Voz* está tentando fomentar uma rebelião, está fazendo um trabalho brilhante.

Kira sentiu uma repentina onda de vergonha; Nandita ouvira tudo que conversaram.

– E o que será que vem agora? – perguntou Marcus. – Você vai fugir e se juntar à *Voz*?

– Vou fugir e encontrar a cura para o RM – respondeu Kira. – Chega de RM, de Lei da Esperança. Vou começar uma experiência. Temos dados de uma década inteira de pesquisa sobre a ação do vírus nas crianças infectadas, mas não vi nenhum estudo de como ele funciona no organismo daqueles que são imunes. Está na hora de mudar isso.

Isolde virou-se, curiosa:

– Como?

– Vou recolher uma amostra de sangue do meu namorado amoroso, solícito e que nunca reclama, e vou injetar o vírus RM nela – explicou Kira.

Marcus assobiou.

– Seu namorado parece um sonho.

Nandita avaliou Marcus com o olhar. Em seguida, abaixou-se para recolher os instrumentos de jardinagem. – Poderia ter arranjado coisa melhor.

Capítulo Dez

— ^{i!}**A** — Não se mexa, bebezão! — Kira afastou a agulha do dedo de Marcus e colocou um pequeno tubo de vidro contra a ferida. Logo estava cheio de sangue e Kira o substituiu por outro. Ela os tampou, colocou-os numa bandeja e pressionou um chumaço de algodão contra o dedo de Marcus. — Prontinho.

— Não sei como você fez isso, mas a ponta do meu dedo está ótima, como se você tivesse acertado a picada da primeira vez — elogiou Marcus. — Eu me curvo às suas habilidades.

— Sou naturalmente talentosa — disse Kira. — Tire o algodão. — Ele levantou o algodão e Kira aplicou uma bandagem, apertando-a bem firme ao redor do dedo. — Você é oficialmente a pessoa mais velha de quem colhi sangue na clínica da maternidade. Agora, tome dois destes aqui e vai se sentir melhor imediatamente. — Ela se inclinou e deu-lhe dois beijinhos.

— Hum... Quantos você disse que eu preciso tomar? — disse Marcus, agarrando-a pela cintura.

— Apenas dois, mas acho que não vai fazer mal se exagerar na dose — respondeu Kira, inclinando-se novamente e lambendo os lábios. Mas Marcus a deteve com a mão.

— Não — disse firmemente. — Como médico não me sinto confortável com o procedimento. Remédio não é brincadeira. E se causar uma overdose? — Ele a afastou gentilmente. — E se eu ficar viciado?

Kira forçou o corpo em direção a ele novamente.

— Você é um *nerd* tão divertido!

— E se meu organismo se tornar tolerante? — perguntou, a boca aberta numa imitação de horror. — Dois agora e dois mais tarde e de repente dois não serão mais suficientes: vou precisar de quatro, ou oito, ou vinte, para começar! Você acha que conseguirei dar conta de tantos beijos?

Kira aproximou-se ainda mais e falou na sua voz mais sensual:

— Acho que pode encontrar um jeito.

Marcus ficou imóvel, vendo-a chegar mais perto, os rostos quase se tocando. Inesperadamente, colocou um dedo nos lábios de Kira, fazendo-a parar.

— Sabe, a melhor maneira de se evitar uma overdose é variar o princípio ativo. Aquela enfermeira loira da clínica do lado sul tira sangue muito bem. Poderia receber dois de você e dois dela.

Kira resmungou jocosamente, agarrando-o pelo colarinho.

– Ah, não. Não faça isso.

– Se pensarmos em termos médicos, eu estaria perfeitamente seguro – disse Marcus. – Poderia até receber dois de você e dois dela ao mesmo tempo! Ficaria um pouco tonto, mas... meu!

– Ainda estou com a agulha – disse Kira, pressionando-a na lateral do corpo de Marcus forte o bastante para ele saber que ela estava ali. – Você é um flebotomista[5], Marcus Valencio. Entendeu?

– Entendi – respondeu Marcus. – Falando nisso, acho que o efeito do remédio está passando.

– Por hoje chega – ela disse, empurrando-o de volta para a cadeira e pegando os tubos de sangue. – Está na hora de descobrir que tipo de homem você realmente é. – Kira levou o sangue até um aparelho computadorizado *medicomp* no canto da sala, ligou-o e começou a preparar uma amostra enquanto o computador carregava. Marcus a ajudava, passando a ela lâminas de vidro, pipetas de plástico e outros pequenos instrumentos. Ela gostava de trabalhar com Marcus; lembrava-lhe do ritmo fácil e que dispensava palavras de quando selecionavam remédios numa missão de resgate.

Ela terminou de passar as amostras nas lâminas, colocou-as no leitor do aparelho e passou a correr o dedo pela tela. O computador detectou o sangue e forneceu as informações básicas.

– Tipo O positivo – disse Marcus, lendo por cima do ombro de Kira. – Bom nível de colesterol, de glicose. Hum... uma contagem bastante elevada de sensualidade, interessante.

– Sim – murmurou Kira, os dedos correndo velozes pela tela. – Mas veja estas partículas de arrogância! – Marcus começou a protestar e ela caiu na risada, digitando no computador um pedido de um escaneamento mais detalhado. Uma opção para “Análise Completa de Sangue” surgiu na tela do computador. Ela aceitou. Nunca havia solicitado essa quantidade de informação antes e aparentemente havia a opção de se pedir “tudo do menu”. Isso a fez pensar o quanto deveria ter sido diferente a vida no velho mundo, quando os computadores eram usados em cada aspecto da vida e não apenas nos hospitais, onde se podia gerar a energia necessária para colocá-los em funcionamento.

Em poucos segundos o computador ofereceu uma lista de eletrólitos, moléculas de glicose e outras partículas no sangue. Uma análise mais completa, calculando, por exemplo, o que a densidade de glicose sugeria sobre o fígado, levaria mais tempo; mas o computador atualizaria esses detalhes no decorrer do processo. Kira começou a tirar fotos do sangue em 3D, examinando porções individuais em busca de anomalias, quando o computador deu um pequeno sinal de alerta e um quadrado azul brilhante apareceu no canto da tela. Ela franziu o cenho, olhando para Marcus, que

apenas deu de ombros e balançou a cabeça. Ela voltou-se novamente para o computador e clicou no aviso.

Uma nova janela se expandiu na tela, com uma frase curta e um punhado de imagens em anexo: 27 ocorrências de vírus RM.

– O quê? – balbuciou Kira. O número piscou, atualizando para vinte e oito. Ela clicou numa das imagens, que se deslocou para o canto da tela, passando para uma representação em 3D do vírus RM: uma esfera grande e áspera, iluminada em amarelo para destacar-se da imagem ao fundo. Parecia pútrido e assustador.

O número no quadradinho de alerta continuava a subir: 33 ocorrências, 38, 47, 60.

– O vírus está em todos os lugares – disse Kira, clicando nas imagens instantaneamente, assim que surgiam na tela. Já vira a estrutura do vírus antes, claro, como parte dos seus estudos iniciais de medicina, mas nunca assim. Não tantos e nunca num ser humano vivo. – Tem alguma coisa errada.

– Não estou doente, obviamente – disse Marcus.

Kira franziu o cenho e analisou uma das imagens mais atentamente. O vírus se impunha em relação aos outros dados como um predador, sem limites e insaciável.

– Não está dizendo que é anormal, apenas que ele está lá – explicou Kira. – Alguém disse ao computador como reconhecer o vírus, mas não que o vírus é perigoso. Isso é comum? – Ela voltou a olhar para o aviso e encontrou um pequeno link para o banco de dados. Ela clicou e abriu uma nova janela, um retângulo estreito e comprido, tomando todo o canto direito da tela. Ao expandi-la, Kira imaginou que se tratasse de uma lista com referências similares à anterior. Ela correu o dedo em revista, abrindo páginas e mais páginas de links. Clicou em uma e encontrou o prontuário de outro paciente, o sangue infestado de vírus RM. Olhou outro e mais outro, todos iguais. Quase não tinha coragem de dizer em voz alta o que via.

– Somos todos portadores – concluiu Kira. – Todos os sobreviventes estão infectados, e sempre estiveram. Mesmo sendo resistentes, nós transmitimos o vírus. Por isso os bebês morrem. Por isso são atacados tão cedo. Mesmo num quarto hermeticamente fechado. Ela olhou para Marcus. – Nunca vamos nos livrar dele. – Analisou as imagens do vírus, tentando lembrar-se de tudo o que aprendera, como se espalhava e seu comportamento. Em parte o vírus era perigoso porque não se comportava como um vírus normal – vivia no sangue, sim, mas também em todas as outras partes do corpo. Podia ser transmitido pelo sexo, sangue, saliva e mesmo pelo ar. Kira examinava cuidadosamente as imagens, procurando algo que a levasse à chave do mistério. Tratava-se de um vírus grande o suficiente para conter cada função de um sistema bastante complexo – embora ainda não soubessem qual sistema era aquele.

Marcus coçou os olhos, passando as mãos lentamente pelo rosto.

– Foi o que eu disse: as melhores cabeças que restaram no mundo estudam o vírus RM há onze anos. Procuraram em tudo.

– Mas deve ter algo mais – insistiu Kira, percorrendo freneticamente a lista.

– Estudos com seres vivos, mortos, depuração sanguínea, hemodiálise, máscaras respiratórias. Existem até pesquisas com animais! – exclamou Marcus. – Kira, já estudaram literalmente tudo o que foi possível cair às mãos.

Ela continuou pulando de estudo em estudo, variáveis após variáveis. E ao se aproximar do fim da lista, teve um estalo.

Havia uma cobaia que não fora incluída em nenhum banco de dados. Algo que ninguém via há onze anos.

Kira fez uma pausa, encarando a tela, sentindo-se contaminada e desconfortável com o vírus a encarando sombriamente de volta.

Se quiserem compreender o vírus, por que não ir até a sua fonte? Se quiserem saber como é a imunidade total, por que não olhar para aqueles que são realmente imunes?

Se quiserem realmente a cura para o vírus RM, qual a melhor forma de se fazer isso se não estudando um Partial?

Capítulo Onze

— Entre — disse o Dr. Skousen.

— **E** Kira abriu a porta lentamente, o coração na mão. Passara uma semana analisando a pesquisa em curso com Marcus, convencendo-se da necessidade de procurar Skousen, e vários outros dias planejando exatamente o que e como falar com ele. Daria certo? Ele concordaria com ela ou riria alto no escritório? Ficaria enfurecido e a jogaria para fora do hospital de uma vez por todas?

O escritório de Skousen era claro, iluminado tanto pelas duas janelas de vidro quanto por uma luminária branca sobre a mesa. As lâmpadas elétricas sempre a surpreendiam, não importava quantas vezes as visse. Era uma extravagância à qual poucas pessoas podiam se dar ao luxo. Será que percebiam como as usavam displicentemente no hospital?

— Obrigada por me receber, doutor — disse Kira, fechando a porta atrás de si e aproximando-se da mesa educadamente. Usava sua roupa mais elegante: uma blusa vermelha, um conjunto de saia e jaqueta em tom café e até sapatos de salto alto. Normalmente odiava esse tipo de sapato, eram ridiculamente desajeitados, tanto para o trabalho quanto para a vida em geral, após o Break. Mas Skousen cresceu no velho mundo e ela sabia que ele valorizaria as aparências. Queria que ele a enxergasse como uma adulta, uma pessoa madura e inteligente, e ela usaria todas as armas para isso.

Kira estendeu a mão e Skousen apertou-a com firmeza. Sua mão era velha, a pele fina e enrugada, mas continuava forte.

— Por favor, sente-se — disse, apontando para uma cadeira. — É Walker, certo?

Kira assentiu com a cabeça, sentando-se ereta na beirada da cadeira.

— Sim, senhor.

— Fiquei impressionado com o seu artigo.

Kira arregalou os olhos, surpresa.

— O senhor leu?

Skousen confirmou com a cabeça.

— Pouquíssimos estagiários se arriscam a publicar uma pesquisa. Chamou minha atenção. — Ele sorriu. — Imagine a minha surpresa quando percebi que não se tratava apenas de uma pesquisa bem elaborada, mas de um trabalho totalmente original. Suas conclusões sobre a estrutura do RM foram inconsistentes, mas inovadoras. Você demonstra muito talento para a pesquisa.

— Obrigada — respondeu Kira, sentindo uma onda de calor atravessar o corpo. *Talvez isto funcione*, pensou. — Foi justamente sobre isso que vim conversar com o

senhor.

Skousen reclinou-se na cadeira, olhando-a fixamente. Não parecia entusiasmado, mas era todo ouvidos. Kira foi em frente.

– Considere o seguinte: a Lei da Esperança é, na verdade, apenas uma forma de regulamentar o que temos feito há onze anos: obter o maior número possível de recém-nascidos. E em onze anos nunca ofereceu uma única possibilidade viável de sucesso. Estamos jogando lama na parede para ver o quanto gruda, mas onze anos é o suficiente para saber que jogar mais lama não é a solução. Precisamos começar a jogar alguma outra coisa.

Skousen a encarava, o rosto duro como pedra.

– E o que você sugere?

– Quero ser transferida da maternidade para a pesquisa.

– Feito – respondeu. – De qualquer forma, era o que eu ia sugerir. Alguma coisa mais?

Kira respirou fundo.

– Acho que precisamos considerar seriamente os benefícios de um programa de pesquisa sobre a fisiologia dos Partials.

– O que quer dizer com isso?

– Senhor, na falta de uma maneira melhor de dizer isso, acho que deveríamos organizar uma equipe para ir ao continente e capturar um Partial.

Dr. Skousen ficou em silêncio. Kira esperou, observando-o, a respiração suspensa. Ela ouvia o zumbido da lâmpada elétrica, um ruído insistente, ao fundo.

A voz de Skousen era baixa e inflexível.

– Pensei que estivesse levando nossa conversa a sério.

– Nunca falei tão sério em toda a minha vida.

– Sua vida não é parâmetro para nada.

– Estamos falando de extinção. O senhor mesmo disse isso – argumentou Kira. – Até o momento, o único plano que temos é o de colocar máscaras nas mães e isolá-las para depois anotar direitinho como as crianças morrem. Concordo que, apesar de tudo, coletamos dados importantes. Mas não estou disposta a enforçar o futuro da minha espécie insistindo num plano que desde o início não apresentava nenhuma garantia de sucesso. Os Partials criaram um vírus perfeitamente projetado para matar seres humanos, mas eles são imunes.

– Isso porque não são humanos – disse Skousen.

– Mas possuem DNA humano, pelo menos em parte – rebateu Kira. – O vírus deveria afetá-los tanto quanto nos afeta. No entanto, isso não acontece. A imunidade deles foi fabricada e *isso* significa que podemos decifrá-la.

Skousen balançou a cabeça em desaprovação.

– Você está louca.

– Estamos tentando solucionar o enigma do vírus RM usando crianças que não têm imunidade: a resposta não está lá, não importa quantas cobaias mais usarmos. Se quisermos aprender alguma coisa sobre imunidade, temos que olhar para os Partials. Não temos registro de como foram construídos, da sua estrutura genética, de nada. As respostas estão ali. O mínimo que podemos fazer é arriscar.

– Os Partials não vão simplesmente se entregar.

– Então, capturamos à força – sugeriu Kira.

– Atravessar a fronteira pode desencadear outra Guerra Partial.

– Se isso acontecer, morreremos amanhã – retrucou Kira –, mas sem a cura do RM morremos dia a dia pelos próximos cinquenta anos, ou mais cedo, caso a *Voz* desencadeie uma guerra civil. Sem uma solução rápida, é isso que vai acontecer.

– Não vou ter esse tipo de conversa com alguém da *geração babylândia* – rosnou Skousen. – Você não tem idade suficiente para entender o que aconteceu quando os Partials se voltaram contra nós. Não presenciou quando um pequeno grupo deles tomou de assalto uma brigada militar inteira. Não viu todos os conhecidos definharem, vomitarem sangue e queimarem vivos em sua própria febre.

– Perdi meu pai...

– Todos nós perdemos os pais! – gritou Skousen. Kira empalideceu e recostou na cadeira, evitando o olhar colérico do médico. – Perdi meu pai, minha mãe, minha esposa, meus filhos, meus amigos, vizinhos, pacientes, colegas, alunos. Estava no hospital quando aconteceu. Vi quando os corredores se encheram de doentes e transbordaram de mortos até quase não haver sobreviventes o suficiente para carregar os cadáveres. Vi o mundo devorar-se a si mesmo, senhorita Walker, enquanto você brincava com suas bonecas. Por isso não venha me dizer que não estou fazendo o bastante para salvar a raça humana e não se atreva a sugerir que podemos arriscar outra guerra com os Partials. – Seu rosto estava lívido, as mãos tremiam de raiva.

Kira engoliu sua resposta, sem ousar abrir a boca; qualquer coisa que dissesse só pioraria as coisas. Ela deixou a cabeça cair, evitando novamente olhar em seus olhos, lutando contra o desejo de simplesmente levantar e sair da sala. Não faria isso. Ele estava irado e ela, provavelmente, demitida, mas ela sabia que tinha razão. Se ele a queria fora dali, teria que fazer isso pessoalmente. Kira levantou a cabeça e o encarou, pronta para receber sua sentença. No momento não podia fazer mais nada, mas não pretendia desistir. Esperava que ele não percebesse que tremia.

– Compareça no departamento de pesquisa amanhã cedo – disse Skousen. – Avisarei a enfermeira Hardy que você foi transferida.

Capítulo Doze

Kira observava os amigos se divertindo na sala de estar da casa de Nandita. Era tarde da noite, e as velas iluminavam precariamente o local. Como sempre, a energia dos painéis solares de Xochi alimentava somente o aparelho de som. A seleção da noite vinha de PARABÉNS KEVAN, um dos favoritos de Xochi: *drill'n bass*, música eletrônica agitada. Mesmo num volume baixo, fazia o coração de Kira bater apressado.

Nandita já havia se recolhido, o que era bom. Kira preparava-se para pedir aos amigos que cometessem um ato de traição, e não seria justo envolver Nandita.

Ela não conseguia parar de pensar nas palavras de Skousen – de como tinha sido para ele a experiência do Break. Não podia culpá-lo por nutrir um sentimento tão forte, todos sentiam assim, mas fora apenas naquele momento que Kira percebeu como o evento afetou de maneira diferente as pessoas. Skousen estava num hospital quando o vírus foi lançado. Em poucas horas, viu o local se encher de doentes, até não haver mais espaço para acomodá-los, e transbordar estacionamento afora. O mundo consumia-se numa tormenta nascida de um vírus. Os membros da família dele morreram em seus braços. Por outro lado, Kira estava sozinha: a babá morreu em silêncio no banheiro e seu pai simplesmente... jamais voltou para casa. Ela esperou alguns dias, até acabar toda a comida e então saiu à luta, vagando sem rumo. O bairro estava vazio; o mundo parecia vazio. Não fosse a passagem de um destacamento militar, recuando desesperadamente de uma frente de batalha, talvez não tivesse sobrevivido.

Para Skousen o mundo se desintegrou. Para Kira o mundo se uniu em busca da salvação. Essa era a diferença. Era por isso Skousen e o Senado tanto temiam fazer o que era preciso para resolver o problema. Esse seria um trabalho para a *geração babylândia*.

Haru estava falando – entusiasticamente, claro, uma vez que isso parecia ser sua única arma. Ele era sempre o centro da conversa, nem tanto por carisma, mas por pura determinação.

– O que você não percebe é que o Senado não liga a mínima – disse Haru. – Você pode falar da sua infância roubada, da ciência que não produz resultados, mas para o Senado não é isso que está em jogo.

A onda de boatos era incessante, espalhando sempre que o Senado abaixaria a idade da gravidez compulsória outra vez, e Haru havia tomado a recusa de Isolde em comentar o assunto como uma confissão de que os boatos tinham fundamento.

– Eles decidiram que a melhor maneira de vencer o RM é afundá-lo em

estatísticas e isso significa que vão abaixar a idade de gravidez até um nível que não comprometa a popularidade deles. Reduzir a idade de dezoito para dezesseis vai gerar quantas novas mães, cinco mil? Cinco mil bebês a cada dez ou doze meses? Não importa se trará resultados ou não. Seguindo a estratégia que escolheram, é o que dá para fazer de melhor e mais rapidamente. É inevitável.

– Você não sabe disso – rebateu Isolde, mas Haru não se convenceu.

– Todos nós sabemos – disse. – É a única forma que conhecem de tomar decisões.

– Talvez seja a hora de termos um novo governo – opinou Xochi.

– Não comece – disse Jayden. Mas quando Xochi se empojava era quase impossível detê-la.

– Quando foi mesmo a última vez que elegemos alguém? – perguntou Xochi. – Quando foi a última vez que votamos? Quem tem dezesseis anos nem pode votar. Estão tomando uma decisão que nos afeta diretamente e nem podemos opinar? Isso é justo?

– O que a justiça tem a ver com isso? – perguntou Haru. – Olhe para o mundo, Xochi. Sem dó nem piedade. É um lugar bastante injusto.

– O mundo, sim. Mas isso não quer dizer que devemos imitá-lo. Gosto de pensar que os humanos possuem um senso de justiça mais sensato que as aleatórias forças da natureza.

Kira analisava o rosto de Xochi enquanto ela falava, procurando... não sabia bem o quê. Xochi andava diferente, mais impetuosa que o normal. Os outros provavelmente nem haviam notado – Xochi era sempre impetuosa –, mas Kira a conhecia melhor que ninguém. Alguma coisa nela estava diferente. Essa mudança a faria mais propensa a ajudar, ou não?

– A Lei da Esperança foi promulgada antes que qualquer um de nós tivesse idade para votar – disse Madison. – Mas eu teria que engravidar aos dezoito anos mesmo que não estivesse preparada. É assim que funciona. – Ela ainda estava no início da gravidez, mas já começava a engordar. Acariciava a barriga com frequência, num gesto quase automático. Kira já tinha visto outras grávidas fazerem o mesmo. Havia uma união ali, uma ligação tangível, mesmo naquele estágio em que o feto mal era reconhecido como humano. Pensar nisso partiu seu coração.

Ela tinha certeza de que Madison apoiaria seu plano, afinal dizia respeito ao seu filho. Era quem mais tinha a ganhar e a perder. Haru provavelmente também, pela mesma razão, mas ele era imprevisível. Mais de uma vez ela tinha visto o marido de Madison discutir contra os próprios interesses. Suas opiniões eram mais fortes que suas necessidades. Quanto a Jayden, bem, ele era um mistério. Kira sabia que ele não gostaria de perder a sobrinha ou o sobrinho, mas ao mesmo tempo ele era extremamente leal à Rede de Defesa. Não reagiria bem quando Kira pedisse para

cometer uma traição.

– Você está falando de traição – disse Jayden, encarando Xochi friamente. Kira riu: era o velho, bom e previsível Jayden. – Trocar um senador é uma coisa, ele se aposenta e elegemos outro, tudo bem, mas trocar o governo inteiro é revolução. E também suicídio: você já parou para pensar como esta cidade ficaria vulnerável se não existisse o Senado para organizar a Rede de Defesa e manter a paz? A *Voz* explodiria tudo nos dez primeiros minutos.

– Sem Senado, sem explosão – contra-argumentou Xochi. – O problema da *Voz* é inteiramente o Senado.

– Não me diga que agora você é da *Voz* – disse Jayden.

Xochi inclinou-se à frente.

– Se as alternativas são um governo de idiotas ou um governo de militares, talvez um governo de rebeldes não seja tão ruim.

– Não são rebeldes, são terroristas – grunhiu Jayden.

Apesar da predisposição de Xochi, Kira se questionava se a amiga poderia ajudar em alguma coisa. Seu treinamento militar não ia além das aulas elementares de tiro ao alvo que recebera na escola. Suas habilidades concentravam-se, surpreendentemente, em atividades tradicionais: cozinhar, plantar, costurar. Ela crescera numa fazenda que lhe dera alguma experiência com o ambiente rural, mas não passava disso. Com Isolde era ainda pior: ela até poderia colaborar, pois sua natureza era essa, mas não iria, nem poderia, realmente acompanhá-los. Talvez fosse capaz de ajudar nos bastidores, impedindo que o Senado e a Rede de Defesa descobrissem as ações do grupo, mas nem isso era garantido. Se Kira desejasse levar o plano adiante, apesar dos obstáculos, precisaria de pessoas dedicadas e capazes de tomar conta de si mesmas. Quanto a isso, a própria Kira tinha suas limitações, mas, ao menos, era médica, e nas missões de resgate adquirira alguma experiência com armamentos.

A lembrança das missões de resgate a fez pensar em Marcus. Sentado ao lado dela no sofá, ele admirava relaxadamente os últimos raios do pôr do sol através da janela, evitando participar da discussão com Haru. Marcus não era um soldado, mas tinha habilidade com o fuzil, além de ser um cirurgião de mão cheia, especialmente em situações de grande tensão. De pronto, fora selecionado para trabalhar na emergência do hospital. Marcus a manteria segura. Marcus a manteria lúcida. Ela acariciou seu joelho, preparando-se para o que estava por vir e ajeitou-se no sofá, endireitando a coluna.

– Preciso conversar com vocês.

– Sabemos o que vai falar – disse Haru. – Você tem Marcus. É claro que não se opõe à Lei da Esperança.

Kira lançou um olhar desconfortável a Marcus, depois a Haru, desaprovando-o

com um meneio de cabeça.

– Na verdade, não sei bem o que penso da Lei, mas não é sobre isso que quero conversar. Meu assunto é o seu bebê.

Haru franziu o cenho, olhando de relance para Madison, que acariciava a barriga, indiferente ao que se passava ao redor.

– Sobre o bebê? – estranhou Haru.

– Posso ser direta?

– Todo mundo é – disse Isolde.

– OK, então – continuou Kira. – O bebê de Madison vai morrer.

Haru e Jayden resmungaram algo, mas a expressão de mágoa nos olhos de Madison quase matou Kira. Ela segurou as lágrimas e foi em frente.

– Desculpe, sei que é cruel, mas precisamos ser realistas. Não importa se a Lei da Esperança é considerada estúpida, diabólica, necessária, ou seja lá o que for, ela não vai salvar o bebê de Madison. Talvez algum outro bebê, daqui alguns anos, mas não este. A menos que a gente faça alguma coisa.

Haru a mantinha sob um olhar frio e intenso.

– O que você tem em mente?

Kira engoliu em seco e o encarou de volta, tentando parecer tão séria e determinada quanto ele.

– Quero que me ajudem a capturar um Partial.

Jayden franziu a testa.

– Está falando num ataque organizado ao continente?

– Sem East Meadow. Sem a Rede de Defesa – continuou Kira. – Tentei explicar a Skousen e ficou claro que o Senado jamais vai encampar um plano como este. Estou falando da gente. Os Partials talvez sejam a resposta para a cura do RM, por isso quero que a gente saia daqui, atravesse o mar e capture um.

Seus amigos ficaram boquiabertos, encarando-a em silêncio, a música de Kevan, falecido há anos, rugindo violentamente ao fundo. Madison estava em choque, os olhos arregalados, incrédulos. Isolde e Jayden franziram o cenho, certos de que ela estava louca. Xochi tentou sorrir, talvez pensando que fosse uma piada.

– Kira... – disse Marcus, baixinho.

– Meu, *é isso aí!* – exclamou Haru. – É disso que estou falando.

– Não pode estar falando sério – disse Madison.

– É claro que está falando sério. Faz todo sentido. Os Partials criaram o vírus, podem nos contar como curá-lo. Sob tortura, se for necessário.

– Não disse que devemos interrogá-los – explicou Kira. – Existem milhares deles e é muito improvável encontrarmos um com conhecimento na área de virologia. Mas podemos estudar um Partial. Marcus e eu tentamos pesquisar o processo imunológico usando os dados disponíveis, mas é um beco sem saída. E não é porque

a equipe do hospital não faz o trabalho deles. Ao contrário, é porque vêm fazendo o trabalho bem demais há onze anos. Eles exauriram todas as possibilidades. Nossa melhor opção, nossa única opção, é analisar a fisiologia de um Partial em busca de alguma coisa para a inoculação ou a cura. E temos que fazer isso rápido, antes que este bebê nasça.

– Kira... – disse Marcus novamente, mas Jayden o interrompeu.

– Você vai recomeçar a guerra.

– Não se formos discretos – sugeriu Haru, inclinando-se para a frente animadamente. – Uma grande invasão seria percebida, mas uma equipe pequena pode cruzar a fronteira, pegar um Partial e sair despercebido. Nem ficariam sabendo que estivemos lá.

– Exceto pelo fato que ficaria faltando uma pessoa – disse Xochi.

– Não são pessoas, são máquinas – rosnou Haru. – Máquinas biológicas, mas para todos os efeitos, máquinas. Eles dão tanta importância a um Partial desaparecido quanto uma arma se importa com a outra. Na pior das hipóteses, se um comandante Partial notar a falta de uma arma na estante, ele simplesmente fabrica outra.

– Eles podem fabricar outros Partials? – perguntou Isolde.

– Ninguém sabe – respondeu Haru. – Sabemos que podem se reproduzir, mas quem pode garantir que eles não encontraram a máquina de produzir Partials na ParaGen e não a colocaram para funcionar? A questão é a seguinte: não podemos pensar neles como se fossem pessoas porque nem eles pensam assim. Roubar um Partial não é sequestro, é... capturar um equipamento.

– Não gostamos nem um pouco quando a *Voz* captura nossos equipamentos – lembrou Madison.

– Sim, vocês têm razão – disse Jayden, o olhar fixo no chão. – Podemos fazer isso.

– Ah, não, você também – lamentou Madison.

Kira comemorou em silêncio – ela não entendia por que Madison estava tão resistente, mas isso não importava, contanto que ela não fizesse Jayden mudar de opinião. Kira capturou o olhar de Jayden, determinada a incentivá-lo em sua decisão.

– No que está pensando?

– Conheço alguns recrutas da Rede que poderiam ajudar – disse Jayden. – Sequer temos certeza de onde os Partials estão, quem dirá do quanto estão organizados. Vamos precisar de uma equipe de reconhecimento, que vá até o local, procure um soldado desacompanhado ou uma patrulha pequena, agarre um deles e volte para a ilha, sem ser descoberto. – Ele olhou para Madison, depois para Kira. – Não é o plano mais seguro do mundo, mas é viável.

– Eu vou – disse Xochi.

– Não vai, não – intrometeu-se Isolde. – Assim como ninguém de nós.

Sem desgrudar o olhar de Jayden, Kira ignorou as duas. Ela precisava dele para o serviço.

– Conhece uma passagem segura para atravessar o mar?

– Não devemos ir pelo mar – disse Haru. – Vigiamos as entradas laterais da ilha como gaviões e aposto que eles fazem o mesmo. Se a gente quer cruzar a fronteira, devemos escolher uma região deserta e isolada, onde sabemos que não há ninguém vigiando.

– Manhattan – disse Jayden.

– Agora tenho certeza de que enlouqueceram – disse Marcus, colocando a mão no braço de Kira. – A razão pela qual ninguém vigia Manhattan é porque está carregada de explosivos: as pontes estão carregadas, os dois lados da cidade estão carregados e, até onde sabemos, a fronteira Partial na margem norte do Rio Harlem também está. Um movimento em falso e a ilha inteira explode.

– O fato é que sabemos a localização das nossas bombas – disse Jayden. – Posso conseguir todos os planos e documentos antigos, que mostram exatamente onde ficam as rotas seguras.

– Existem rotas seguras? – perguntou Xochi.

– Só se a gente fosse idiota para não deixar algumas – respondeu Jayden. – São pequenas e de difícil acesso, mas com os mapas certos podemos encontrá-las e avançar sorrateiramente.

– Quero que parem de falar sobre isso agora mesmo, todos vocês – disse Madison com o tom de voz mais pesado e decidido que Kira jamais ouvira. Ela estava falando sério. – Ninguém vai para Manhattan, ninguém vai atravessar um campo minado e posso garantir que ninguém vai atacar e capturar um Partial. Eles são supersoldados, foram desenvolvidos para vencer a Guerra de Isolamento, não vão rolar no chão como cachorrinhos para um bando de adolescentes. São monstros, incrivelmente perigosos, e você não vai levar meu marido nem meu irmão para perto deles.

– Estamos fazendo isso por você – argumentou Haru.

– Mas eu não quero – insistiu Madison. Kira podia ver seus olhos se enchendo de lágrimas, as mãos protetoras ao redor da barriga um pouco crescida. – Se quer proteger meu filho, não o deixe sem pai.

– Se eu ficar, nosso filho terá um pai por uns três dias. Quatro, se tivermos sorte. Kira tem razão: se não fizermos alguma coisa agora, o bebê vai morrer, não há dúvida disso. Mas se eu for e voltarmos com um Partial, talvez a gente consiga salvá-la.

Ela? Eles falam como se já soubessem o sexo, embora seja ainda muito cedo para dizer. O que está na barriga de Madison é uma pessoa real para eles. Será que a Madison não consegue ver que é a única saída?

A voz de Madison fraquejou.

– E se você morrer?

– Nesse caso terei trocado a minha vida pela do meu filho – respondeu Haru. – Nenhum pai nesta ilha faria diferente.

– Você me convenceu – disse Xochi, cruzando os braços. – Estou dentro.

– Eu não. Desta vez estou com a Mads: é perigoso, desleal e tem uma chance em um milhão de dar certo. Não vale o risco – opinou Isolde.

– Claro que vale a pena. Você pode dizer que é estúpido, que é impossível, mas nunca diga que não vale a pena. Sei muito bem que talvez a gente não volte com vida ou que a operação seja um fracasso, e reconheço isso. Não teria falado se não estivesse preparada para aceitar essas possibilidades. Mas Haru tem razão, vale a pena trocar a vida de qualquer um de nós, mesmo a vida de todos nós, pela oportunidade de começar uma nova geração de seres humanos. Se conseguirmos vencer os obstáculos e usar um Partial para curar o RM, não estaremos salvando apenas o bebê da Madison, mas milhares de bebês, talvez milhões deles: cada bebê humano que nascer até o fim dos dias. Salvaremos a nossa espécie.

Isolde permaneceu calada. Madison chorava. Com o olhar perdido em Haru, sussurrou, enxugando as lágrimas:

– Por que você?

– Porque até provarmos que demos o passo certo, todo o plano é ilegal – disse Haru. – Quanto menos pessoas envolvidas, melhor. Jayden pode conseguir mais dois para dar retaguarda, mas nesta sala estão todos que precisamos. É a única chance de não sermos descobertos.

– Continuo achando que vocês são insanos – disse Marcus. – Você tem pelo menos um plano? Ou acha que é só agarrar um Partial e apertar o botão “cura do RM”? Vamos supor que você consiga pegar um deles, tem alguma ideia do que fará depois?

Kira virou-se para ele, surpresa de ouvi-lo argumentar contra sua ideia.

– O que quer dizer com *vocês* são insanos? – perguntou. – Pensei que tivesse concordado conosco.

– Nunca disse nada parecido com isso – respondeu. – Acho perigoso, desnecessário e estúpido...

– E o que ela acabou de falar sobre o futuro? – questionou Haru. – E nossa espécie? Nem para isso você liga?

– Claro que ligo, mas as coisas não se resolvem assim – respondeu Marcus. – É muito nobre dizer que vai dar a vida por uma causa, e o futuro da humanidade é, sem dúvida, uma causa e tanto. Mas se você usar a cabeça por dez segundos, o que estão planejando vem abaixo. Faz onze anos que ninguém vê um Partial: não sabem onde estão, o que estão fazendo, como encontrá-los, como capturá-los, do que são

capazes fisicamente. E se por algum ridículo milagre não forem massacrados e conseguirem pegar um deles, o que farão em seguida? Vão circular com ele pelo centro de East Meadow, torcendo para que não leve um tiro assim que alguém colocar os olhos nele?

– Vamos levar com a gente um medicomp portátil e um gerador. Podemos fazer todos os testes fora de East Meadow – disse Kira.

– Não, não podem, porque estarão mortos – disse Marcus. – Você começou essa conversa avisando que seria direta, então aqui vão mais algumas verdades para você: qualquer um que te acompanhe nesta aventura idiota vai morrer. Não há outro desfecho. E eu não vou permitir que você se mate.

– Por que diabos você pensa que essa decisão é sua? – gritou Kira. Ela sentiu o rosto esquentar. O sangue fervia. As mãos formigavam por causa do súbito fluxo de sangue, adrenalina e emoção. Quem ele pensava que era? O ambiente ficou silencioso e desconfortável, todos admirados com sua explosão. Ela ficou de pé e se afastou, sem coragem de olhar para Marcus, temendo gritar com ele outra vez.

– Vamos levar pelo menos um mês para preparar tudo – disse Jayden, baixinho. – Haru pode conseguir alguns com seus contatos na área de construção e eu vou falar com duas pessoas que podem nos ajudar. Vamos dizer que estamos numa missão de resgate, com um pessoal selecionado por mim. Só vão perceber que existe alguma coisa errada quando já for tarde demais para nos deterem. Mas recolher todas as informações, sem levantar suspeitas, vai levar um tempo.

– Está bem – disse Kira. – Não queremos perder tempo, mas também não queremos atropelar as coisas. Se vamos fazer, faremos do jeito certo.

– Como vão me requisitar? Não sou certificada para participar das missões de resgate – perguntou Xochi.

– Você não vai – respondeu Jayden.

– Nem morta, vou sim!

– Precisa ficar com Madison – disse Haru. – Cada um ajuda como pode, com suas habilidades. Levar você no território Partial é pedir por confusão. Seria mais um estorvo que uma ajuda.

– Fique comigo, por favor – pediu Madison, esticando a mão na direção de Xochi, os olhos bem abertos e cheios de lágrimas, no rosto a expressão de súplica e desespero. – Não vou suportar perder todos ao mesmo tempo.

– Se Xochi não pode ir com vocês, eu menos ainda – disse Isolde. – Posso interceder junto ao Senado se notarem a falta de vocês. Mas qualquer decisão da Rede de Defesa está além do meu alcance.

– Isso ajuda, mas não é o suficiente – disse Haru. – Seu trabalho será garantir que, na volta, o Senado irá pelo menos ouvir o que temos a dizer.

– Eu também não vou – disse Marcus. – Nem Kira.

Kira virou-se rapidamente, marchou até o sofá e agarrou Marcus pelo braço.

– Jayden e Haru, podem começar. Marcus e eu vamos conversar lá fora. – Kira puxou Marcus pelo corredor até a entrada da casa e escancarou a porta violentamente. Empurrou-o de graus abaixo e seguiu atrás como uma tempestade. Plantou-se na frente dele, os olhos quentes com as lágrimas. – O que você pensa que está fazendo?

– Salvando a sua vida.

– A vida é minha. Eu mesma posso salvá-la.

– Então faça isso. Acha mesmo que vai sobreviver? Quer deixar tudo para trás?

– Tudo o quê? Está falando de nós? Essa é a questão? Tenho que ficar de braços cruzados enquanto o mundo escorre pelo ralo só para a gente continuar juntos? Você não é meu dono, Marcus...

– Não estou dizendo isso, é óbvio. Só não entendo por que colocar tudo a perder.

– Porque é a única saída – disse Kira. – Isso não te afeta? Você não entende? Estamos nos destruindo. Sei que posso morrer, mas se eu ficar, nós *morreremos*, inevitavelmente. E toda a raça humana morrerá conosco. Me recuso a conviver com isso.

– Eu te amo, Kira.

– Eu também te amo, mas...

– Mas nada. Você não precisa salvar o mundo – disse Marcus. – É médica, e nem totalmente formada ainda, é uma estagiária. Possui um dom natural para a ciência. Pode fazer muito mais ficando aqui, no hospital. Onde é seguro. Se precisam mesmo ir, deixe que eles façam isso, você fica. – Sua voz falhou. – Fica comigo.

Kira cerrou os olhos. Gostaria tanto que ele compreendesse.

– Ficar com você e o quê, Marcus? – Ela olhou fundo em seus olhos. – Você quer casar? Quer ter uma família? Não podemos fazer nada até o RM ter cura. Com a redução ou não da idade de gravidez, vou passar o resto da minha vida grávida: a maioria das mulheres engravida todo ano, e nenhum bebê sobrevive. É isso mesmo que você quer? Casamos, eu engravido e daqui vinte anos teremos vinte filhos mortos? Meu coração não suporta tanto. Não sou forte o bastante.

– Vamos fugir daqui – disse Marcus. – Vamos para uma fazenda, uma vila de pescadores, ou nos juntamos à *Voz*, tanto faz. Qualquer coisa para te fazer feliz.

– A *Voz* e a Rede vão destruir a ilha se não encontrarmos a cura, Marcus. Não estaremos seguros em nenhum lugar. – Ela o encarava, tentando entendê-lo. – Você realmente acha que eu poderia ser feliz numa pequena vila em algum lugar, ignorando a morte do mundo? – Sua voz fraquejou. – Será que você realmente me conhece?

– Ninguém jamais encontrará a cura, Kira. – Sua voz era fraca e aflita. Respirou profundamente, o maxilar firme. – Você é uma idealista, gosta de desafios. Olha

para um problema e vê apenas o que ainda não foi feito. Pensa nas coisas malucas e tolas que ninguém tentou ainda porque elas são malucas e tolas. Encare a verdade: tentamos tudo, procuramos em todos os lugares, usamos todos os recursos confiáveis. Não encontramos a cura para o RM porque ela não existe. Morrer do outro lado do rio não vai mudar isso.

Kira balançou a cabeça tentando encontrar as palavras certas. Como podia dizer aquilo? Como ousava pensar assim?

– Você não... – Parou, sem conter as lágrimas. – Como consegue viver assim?

– Foi o que nos restou, Kira.

– Como consegue viver sem um futuro?

Ele engoliu em seco.

– Vivendo o presente. O mundo já acabou, Kira. Talvez algum dia um bebê sobreviva, talvez não. Não faz diferença. Só temos um ao outro, vamos aproveitar. Vamos ficar juntos como sempre planejamos e esquecer a morte e o medo. Vamos apenas viver. Você quer deixar a ilha, deixamos a ilha. Vamos para um lugar onde ninguém nos encontre, longe do Senado, da *Voz*, dos Partials, longe de tudo. Mas vamos juntos.

Kira soluçava.

– Você realmente me ama?

– Você sabe que sim.

– Então faça uma coisa por mim. – Ela suspirou, enxugou as lágrimas e olhou direto em seus olhos. – Não tente nos deter. – Marcus esboçou um protesto, mas ela o interrompeu. – Não consigo viver no seu mundo. Vou partir e se morrer foi porque tentei mudar a situação. Se você me ama, não vai contar a ninguém o que estamos fazendo, onde estamos indo ou como nos deter. Prometa. – Marcus nada disse. Kira agarrou-o pelo braço, enérgica. – Por favor, Marcus, prometa!

A voz de Marcos saiu lenta e apagada:

– Prometo.

Ele se afastou, desvencilhando-se dela.

– Adeus, Kira.

PARTE II

TRÊS MESES DEPOIS

Capítulo Treze

A carruagem rodou para fora da cidadezinha às 12h02: um grupo pequeno e armado. Jayden encontrara um antigo plano de resgate numa localidade ao sudoeste, uma escola de segundo grau da costa sul, que ninguém havia dado prosseguimento. As escolas costumavam ter um bom material de ambulatório, o que facilitou requisitar a participação de Kira. Essa em particular era bastante antiga, justificando a presença de Haru: ele testaria a estabilidade do prédio e Kira procuraria medicamentos. Não havia nada fora do ordinário e os superiores de Jayden aprovaram a missão sem pensar duas vezes. A patrulha da fronteira sequer os parou; apenas viram os uniformes e acenaram para que passassem direto.

Chegaram ao agreste. A primeira fase fora um sucesso.

Kira e Marcus haviam brigado novamente na noite anterior: a última tentativa de fazer Kira mudar de ideia. Sua incapacidade de compreender deixava Kira maluca – estava totalmente equivocado em relação a ela. Sentada na carroça da Rede, Kira ainda fumegava de raiva, tentando pensar em outra coisa. Ela olhou para o grupo que conseguiram reunir. Na condução da carruagem estava a mesma garota que participara da última missão, uma garota de constituição pequena chamada Yoon-Ji Bak. Do lado dela, Gabriel Vasicek, um homem corpulento e cheio de cicatrizes de batalha, que fazia a expressão “*riding shotgun*”^[6] parecer uma piada. Ele viajava com uma *Minigun*, uma gigantesca monstruosidade de metal com ao menos oito canos. Ninguém que o visse segurando a metralhadora de canos giratórios teria coragem de incomodá-los. Jayden, Haru e outros dois soldados identificados como Nick e Steve iam sentados atrás. Kira não sabia qual deles era Nick e qual era Steve, por isso, decidiu pensar neles como Magrelo e Sujinho. Observavam as fileiras de casas abandonadas passando sem nenhum comentário.

Jayden abriu um mapa da ilha.

– Em Meadowbrook seguimos para o sul, depois a oeste em Sunrise, e de novo ao sul no bulevar Long Beach, até a ponta da ilha. Vamos passar bem perto da escola, que está a alguns quarteirões adiante. Isso é bom. Se alguém nos vir, e acabar sendo interrogado, dirá que estávamos exatamente onde deveríamos estar.

Kira apontou no mapa o litoral sul, um labirinto de contorno irregular, formado por baías, enseadas e ilhas.

– No mapa tem uma ponte. Será que ainda está de pé?

– Você está pensando nas de madeira – disse Haru. – A que vamos usar é de aço e, mesmo sem manutenção, elas duram mais de onze anos.

– Por que vamos tão ao sul? – perguntou Kira. – Se encontrarmos alguém perto da

escola, ótimo, uma testemunha. Mas não vai ser muito difícil justificar um desvio de dois ou três dias?

– Não temos escolha, por dois motivos – respondeu Jayden, batendo o dedo na metade oeste do mapa. – Primeiro: o aeroporto, este bloco marcado com as iniciais “JFK”, é grande e resistente, e nós não o utilizamos, o que praticamente faz dele a capital da *Voz* na ilha. Todos aqueles que não querem seguir a lei acabam, cedo ou tarde, indo parar ali.

– Todos, menos nós – completou Kira.

Jayden sorriu.

– O aeroporto está localizado entre East Meadow e a base militar do Queens, nosso segundo grande obstáculo. Se formos muito para o norte, encontraremos com a Rede de Defesa, o que obviamente está descartado. Se avançarmos pelo centro, corremos o risco de ataques da *Voz* fora do aeroporto. Mas se seguirmos até o extremo sul da ilha, evitamos ambos, mesmo sendo bem perto do aeroporto. Nossos olheiros disseram que a *Voz* não costuma patrulhar aquela área. – Ele fez um sinal para Magrelo e Sujinho, um deles acenou uma vez com a cabeça, o outro não respondeu. – No litoral há menos coisas para roubar e menos pessoas para assaltar, além de ser uma linha reta até o Brooklyn. – Ele bateu com o dedo novamente no mapa, depois deslizou-o para o sul, até um lugar chamado Staten Island. – Aqui está deserto, até onde sabemos. Além disso, a Rede de Defesa derrubou esta ponte, por isso não há uma maneira fácil de atravessar. Mais ao sul ainda, claro, só mesmo o oceano, o que significa noventa e nove por cento de chances de o exército Partial estar no Queens, onde nossos territórios quase se encontram. Resumindo: a rota que traçamos desce fundo até o sul e se afasta de tudo que queremos evitar.

Kira assentiu com a cabeça, entendendo o plano.

– Então vamos seguir pelo litoral até o extremo sul, torcendo para as pontes estarem funcionando, depois cortamos por trás da Rede de Defesa até... – ela deu uma espiada nas legendas do mapa – o Brooklyn.

– Exatamente – disse Haru. E atravessamos a ponte do Brooklyn.

Kira franziu o cenho, estudando o mapa.

– Se essa área é tão desprotegida, por que os Partials nunca entraram por ali e nos mataram? Por causa das bombas de que falou?

– Carregamos aquela área com todos os explosivos que pudemos encontrar – explicou Jayden. – Temos postos de patrulha e olheiros em toda a extensão, além de minas e armadilhas tanto na cidade como nas pontes. Podemos evitá-las porque sabemos onde estão, mas um exército marchando por ali acabaria voando pelos ares, ficando preso ou virando pedacinho enquanto nossos homens viriam para cercá-los.

– Será que os Partials terão a mesma defesa no... como é mesmo, Bronx?

– É possível, se é que estão lá. Mas não acredito que se importem. Para eles

somos insetos: alguns milhares de humanos contra mais de um milhão de Partials. Talvez não sejam tão prevenidos como nós, porque não acreditam que sejamos estúpidos o suficiente para atacá-los.

Kira grunhiu.

– Não consigo pensar que “somos mais estúpidos do que eles pensam” seja uma boa estratégia de ataque.

– Confie em nós – disse Jayden. – Sabemos o que estamos fazendo. Podemos evitar nossas próprias minas. Steve e Nick colocaram metade delas, por isso podemos encontrá-las antes que nos peguem. Vai funcionar.

Kira olhou para Magrelo e Sujinho de novo. Um deles acenou com a cabeça, o mesmo da vez anterior. Seu acompanhante permaneceu em silêncio. Kira tirou o cabelo da frente do rosto.

– Você confia nessas pessoas? Nick, Steve, Gabe, Yoon?

– Haru as escolheu. Se ele confia, não há motivos para não fazermos o mesmo – respondeu Jayden. – Eles sabem o que estamos fazendo e o porquê, e aceitaram assumir o risco. Já os conhecia. Não vão se voltar contra nós nem nos denunciar, se é o que você estava pensando.

– Apenas curiosidade – disse Kira, voltando-se para Magrelo. – O que você tem a dizer? Por que está aqui?

– Quero um pedaço de um Partial.

– Ótimo! – disse Kira. – Eis um motivo respeitável – Em seguida, olhou para Sujinho. – E você?

Sujinho sorriu, os olhos escondidos atrás de óculos escuros esportivos.

– Só quero salvar os bebezinhos.

– Incrível! – disse Kira. – Ela olhou para Jayden e arregalou os olhos. – Incrível!

– São quase vinte quilômetros até Long Beach, então vamos avançar para o oeste o máximo possível antes de anoitecer – disse Haru. – Se quiserem fechar os olhos um pouco este é o momento. Vasicek, descansar!

– Sim, senhor – respondeu Gabe.

– Vou vigiar aqui detrás. O resto de vocês também pode descansar, a semana vai ser longa.

– É uma ponte de pista dupla – avisou Yoon, analisando a paisagem com um binóculo. Haviam alcançado a pequena ponte de acesso a Long Beach, no sul da ilha. – Aço e concreto, em bom estado. Melhor que isso, estão quase limpas. Há entulho acumulado nas laterais, mas nada no meio das pistas. – Ela abaixou o binóculo. – A ponte é usada, e regularmente.

Kira mirou à frente.

– A Voz?

– Provavelmente uma comunidade de pescadores. Dois grupos de famílias formadas após o Break, que usam a ponte para ir ao mercado vender peixes. Os pescadores estão todos nesta região – disse Jayden, estalando a língua e levantando os ombros. – Mas a ocasião faz o ladrão.

– Então vamos fazer desta ocasião a menos atraente possível – disse Haru. – Vasicek!

O homenzarrão se mexeu e acordou. Em poucos segundos tinha parado de roncar, embalado pelo balanço da carroça, e estava totalmente alerta.

– Senhor?

– Volte para a frente com a metralhadora.

Gabe colocou a metralhadora no ombro e subiu na parte da frente da carroça. A cada passo seu, a carroça balançava perigosamente.

– Por que diabos essa coisa é chamada de *Minigun*? – perguntou Kira. – É maior do que eu. É como chamar um cara gordo de Fino. Não tem nada de míni.

– É o mesmo tipo de arma usado nos tanques, mas pequena o bastante para a infantaria – explicou Haru. – Quando você chama algo de míni, precisa ter em mente o tamanho da original.

– Gabriel é um tanque ambulante – disse Kira, assobiando baixinho para o soldado enquanto ele se acomodava do lado de Yoon. – Me lembre de nunca chamar você de Fino.

– Em frente! – ordenou Haru.

Yoon chicoteou os cavalos e a carroça entrou em movimento. Com a ponte cada vez mais próxima, Kira olhava ora para a ponte, ora para os prédios passando ao redor. As ruas eram largas, delimitadas por estacionamentos e lojas saqueadas. Nos cruzamentos havia pequenos canteiros triangulares onde cresciam grama e árvores. Na esquina, Kira olhou para a outra rua, esperando, a qualquer instante, uma emboscada, mas tudo que viu foram fachadas de lojas destruídas e carros enferrujados. A carroça seguia ruidosamente, os cascos dos cavalos golpeando o asfalto esburacado. Chegaram à entrada da ponte e Kira viu a estreita baía estendendo-se nos dois lados. Começaram a travessia na ponte descoberta. Centenas de metros para cruzar sem a proteção de uma árvore, um prédio ou de qualquer outro tipo de cobertura. Kira nunca se sentira tão exposta. Crescera no centro da ilha, cercada por... coisas. Por tudo que o velho mundo construíra e deixara para trás. Abrigava seus próprios perigos – buracos que escondiam bandidos ou animais, paredes que caíam sobre você caso não tomasse cuidado, pontas de metal e estilhaços de vidro, e outras centenas de ameaças. Ela as conhecia, e estava acostumada. Estar naquela ponte, longe de tudo, sem um lugar onde se esconder ou se abrigar, ou mesmo um apoio onde se encostar, era como se o mundo estivesse vazio e abandonado.

No ponto mais distante da península a praia era ainda pior. Ondas cinzas quebravam-se contra a areia, a crista branca, agitadas pelo vento, que carregava o cheiro salgado do mar. A praia do lado norte ficava de frente para o continente, mas ali o oceano simplesmente continuava, monótono, até onde os olhos de Kira podiam alcançar. Ela muitas vezes sonhara com o mundo para além dos limites da ilha, suas ruínas e maravilhas, seu perigo e isolamento. Ali, via o mundo como um grande vazio acinzentado – uma parede quebrada, uma praia deserta, uma onda tediosa pulverizando-se vagarosamente dentro do nada. Viu um cachorro morto, metade do corpo enterrado na areia da praia, marrom e com o sangue seco, pontilhado de larvas brancas. Virou-se para a estrada, mantendo o olhar fixo no caminho a sua frente.

Se havia pessoas em Long Beach, fizeram questão de não aparecer. A carroça avançou ruidosamente sem nenhum incidente até a próxima ponte, no canto oeste. Naquele ponto, cruzaram de volta para a ilha principal, evitando uma enseada ampla e pantanosa, virando novamente a oeste, e atravessando outra cidade desabitada. A praia era mais próxima da rua do que indicava o mapa, o que deixava Kira mais apreensiva, embora não soubesse o porquê. Todos os soldados estavam acordados.

– Isto é o máximo que vamos nos aproximar do aeroporto – sussurrou Jayden, sentado ao seu lado. – Esta faixa estreita de cidade segue direto até lá, cinco ou seis quilômetros adiante.

– Acha que vamos encontrar bandidos? – perguntou Kira.

– Você está com o fuzil?

Kira balançou a cabeça, pegando a arma e conferindo o tambor. Respirou fundo, tentando se acalmar.

– Travada e carregada.

– Então está preparada.

Kira engoliu em seco e apontou o fuzil para fora da carroça, segurando-o da forma que aprendera na escola: a mão esquerda sustentando o cano, a direita na coronha e o dedo próximo ao gatilho, mas não nele. Ela destravou a arma, observando o cenário de casas elegantes com árvores seculares no jardim, provavelmente cada uma valendo milhões de dólares antes do Break. Agora as portas e janelas estavam quebradas, os jardins deram espaço ao matagal e os carros enferrujados estavam entocados nas garagens como insetos gigantes mortos. Passaram por uma alameda e por uma fileira de prédios altos – um antigo *resort* na praia, provavelmente metade dele agora embaixo da água.

Kira notou um brilho momentâneo na janela de uma sobreloja: o reflexo despretenso de um pedaço de vidro? Ou um sinal a alguém escondido na cidade?

As árvores cederam espaço a mais edifícios, o coração da comunidade da antiga cidadezinha. Kira viu sinais das novas habitações: grafites nas paredes, lonas sobre os telhados, tapumes pregados nas janelas de vidros quebrados. A fachada de um

antigo banco estava coberta com telhas de alumínio e os carros no estacionamento amontoados numa barricada. Ela não conseguia estimar se aquilo era trabalho recente ou se ainda havia alguém lá dentro. Nada se mexia e ninguém falava.

Dois blocos adiante um estalo ecoou pelo ar. Kira pulou de susto, apertando a arma.

– Foi um tiro?

– Parece que algo caiu – disse Jayden, os olhos esquadrinhando cada esquina, cada lugar mal iluminado. – Uma placa de compensado. Não tenho certeza.

– Não estamos sozinhos?

– Ah, definitivamente não.

Kira vasculhava as janelas ao longo da rua – casas velhas, condomínios, restaurantes e sorveterias, tudo vazio, saqueado, com marcas deixadas pela passagem do tempo, pelas intempéries e pela violência humana. Yoon mantinha os cavalos num ritmo constante, sussurrando devagarzinho para acalmá-los. Gabe exibia a metralhadora como um talismã, metade do corpo levantado, para botar ainda mais banca de autoridade. Magrelo e Sujinho, bem abaixados na carroça, miravam os rifles para lugares incomuns, onde Kira nunca pensaria olhar: a lixeira num beco, um *outdoor*, uma *van* de entrega tombada sobre a lateral danificada.

O som de passos ecoou pela rua e o coração de Kira apertou dentro do peito. Ela não distinguia se estavam correndo em direção a ela ou para longe dela. Forçou a vista e não viu nada.

– Podem ser membros da *Voz* planejando uma emboscada – disse Jayden. – Podem ser pescadores achando que somos da *Voz*.

– Estamos uniformizados – disse Haru. – Deveriam saber que somos de confiança.

Kira apertou o fuzil firmemente.

– A desconfiança deles faz de nós um alvo para a *Voz*.

Ela viu um movimento veloz na janela do segundo andar e girou o corpo rapidamente, apontando a arma para o inimigo. O dedo, num movimento fluido, tocando o gatilho, pronto para disparar o primeiro tiro.

Era uma criança, talvez de catorze anos. Tão novo quanto Saladin. Seu rosto estava sujo e a camiseta, grande e rasgada. Kira ofegava, com o garoto em seu campo de visão e o dedo no gatilho. Ela abaixou a arma.

– Ninguém atira.

Jayden já estava de olho nele, que olhava apático para o grupo armado. A carroça seguiu e o garoto desapareceu da visão. Kira virou-se e desabou contra a parede interna da carroça, largando a arma e cobrindo o rosto com as mãos.

A carroça seguiu ruidosa.

Aquela península era muito maior que a anterior. O sol começava a se pôr e os

edifícios projetavam longas sombras na rua. Kira observava enquanto as lojas viravam casas, as casas viravam apartamentos e os apartamentos, uma floresta de kudzu e árvores jovens. Quando pensou que já estava escuro demais para prosseguirem, Jayden fez sinal para Yoon parar a carruagem e apontou para uma marina em ruínas. Magrelo e Sujinho pularam da carroça e praticamente desapareceram, misturando-se às sombras. Kira aguardava, tensa, tão nervosa que pegou o fuzil de novo. Quis dizer algo, mas Jayden fez sinal para que ficasse calada. Os minutos passaram como horas, até que uma luz fraca brilhou na janela da marina. Jayden assobiou mansinho e Yoon sacudiu as rédeas, guiando os cavalos em direção ao edifício. A fachada da marina era toda de vidro, um *showroom* para barcos de pesca, e agora a abertura era grande o suficiente para abrigar a carroça inteira. Jayden pulou da carroça e Gabe lançou-se pesadamente ao chão, sem tirar os olhos da rua atrás deles.

– Uma porta no fundo e duas janelas largas demais para tapar – comunicou Magrelo.

– Vamos – disse Jayden, desaparecendo nos cômodos dos fundos. Haru começou a soltar os equipamentos e Kira correu para ajudar – comida e cobertores, munição extra, até explosivos. Ela não sabia que carregavam aquilo. Eles passaram os explosivos para Yoon e Sujinho, e juntos carregaram todo o material para uma sala nos fundos, cujo único acesso era aquela porta. Por último, descarregaram o computador médico, uma unidade portátil com gerador próprio, projetado para trabalho de campo em países subdesenvolvidos. Kira não se lembrava do velho mundo – os dias de sua infância, quando a terra devastada onde morava ainda era “desenvolvida”. Pensou sobre as larvas no cachorro; rastejando, comendo, e cegas.

Cuidaram dos cavalos, colocaram um relógio para despertar e acomodaram-se para dormir. Kira embrulhou-se apertada no cobertor. Não sentia frio, mas de alguma maneira, congelava, os dentes batendo na escuridão. Flutuando no ar, uma voz suave, cantando – Gabe montando guarda. Sua voz era mansa e doce, o que surpreendia vinda de um corpo tão grande. Ele entoava uma música antiga que a professora de Kira às vezes cantava na escola, sobre a perda de um amor e a tentativa de esquecê-lo. A música a fez pensar em Marcus e na última noite em que estiveram juntos. Ela o amava, ou pensava que o amava, ou costumava amá-lo. Mesmo assim, sempre que ele falava em casamento, ela não conseguia ir adiante com a conversa.

Por que não consigo conversar com ele? Sobre as coisas realmente importantes? E por que ele não enxerga que não basta abrir mão de tudo e esperar pelo fim? Como alguém pode pensar assim?

Cobriu a cabeça com o cobertor e ouviu a música melancólica de Gabe. Quando adormeceu, sonhou com a morte – não apenas a dela, não apenas a da sua espécie,

mas a de todos os seres vivos que ela já conhecera. A terra era achatada, larga e marrom, um campo de poeira tão desolado quanto a lua, uma única estrada estendendo-se na distância infinita. Os últimos a cair foram os edifícios, inalcançáveis e imponentes, lápides de um mundo inteiro. Então eles desapareceram e não restou nada além do nada.

Capítulo Catorze

Pela manhã, Jayden acordou Kira cedo e juntos chamaram os outros. Partiram cortando a densa névoa cinza. Desta vez, Haru guiava os cavalos, balançando as rédeas de mansinho e estalando a língua para encorajá-los. Yoon estava sentada atrás, com Kira, e fazia movimentos circulares com os ombros para soltar os nós dos músculos. Na luz forte da manhã, podiam ver o aeroporto do outro lado da ampla baía. A névoa pairava, espiralada, sobre a água.

Atravessaram mais alguns quilômetros de cidade antes de alcançarem a próxima ponte, a maior até agora, que se estendia para longe da baía e religava-se à península na parte principal da ilha. A ponte podia ser vista a longa distância, e Kira esperava, desesperadamente, que ainda estivesse intacta. Caso não pudessem atravessar ali, isso significaria dias perdidos de viagem.

Já estariam atrás deles? A missão de resgate estava programada para durar uma noite, então ninguém teria sentido a falta do grupo ainda – a menos que Marcus tivesse contado a verdade sobre o destino deles. Gostaria de confiar nele, não podia imaginar um único motivo para não confiar, porém ele havia se negado a ajudar. Havia se recusado a vir. Ela precisava dele mais que do fuzil em suas mãos, porém...

O grupo parou num estacionamento gigantesco, uma grande extensão de terra atravessando de uma costa a outra da península. A entrada da ponte estava bloqueada; avançaram agachados até encontrar uma barricada improvisada com carros velhos há muito abandonada. Magrelo e Sujinho ficaram de guarda enquanto os outros esforçavam-se para levantar e empurrar os destroços, usando os cavalos a fim de abrir caminho entre a sujeira. Kira manteve-se em pé na carruagem durante a travessia da ponte, que era a edificação mais alta entre todas ao redor. Isso a apavorava. E por isso agia assim.

A área era mais aberta que a península, com muitos terrenos e árvores, em vez de prédios abandonados. Kira pode respirar mais aliviada quando o aeroporto ficou para trás. A amplidão permaneceu por poucos quilômetros, até caírem de volta na cidade. Seguiram por uma avenida larga, passando por centros comerciais, casas de madeira e tijolo, todas fechadas. Muitas despedaçavam-se sobre si mesmas, ruínas cobertas de trepadeiras numa selva faminta.

Num cruzamento encontraram um amontoado de carros carbonizados por algum fogo antigo – talvez um acidente ou o centro de uma fogueira ateada num motim há muito esquecido. Aquela era uma cidade maior que East Meadow, com mais construções e uma população maior do que qualquer outro lugar que Kira visitara

nas missões de resgate ou em outras viagens. Os moradores ao leste de East Meadow contraíram o vírus com dignidade, reunindo os familiares e morrendo pacificamente em suas casas. Por outro lado, os distritos fora de Manhattan, haviam enfrentado o inimigo duramente, e depois que os Partial desapareceram, haviam brigado entre si. A cidade era o espelho disso. Agora estava vazia.

Kira havia crescido à sombra do hospital Nassau, o prédio mais alto de East Meadow, que ela acreditava ser o mais alto do mundo. Mas os distantes arranha-céus de Manhattan destruíram aquela ilusão quando chegaram ao Brooklyn. A rua era quase uma linha reta no sentido nordeste, mas Jayden pegou outro mapa e guiou Haru por esquinas e ruas laterais, ora permanecendo na rua principal, ora pegando longos atalhos em seu entorno. Alguns quilômetros adiante, fizeram uma pausa num cemitério destruído, molhando os cavalos num tanque. Enquanto os animais matavam a sede, Yoon e Sujinho amarraram grossas tiras de camisetas velhas em volta dos cascos para abafar o som. Kira, que assistia à operação, viu uma família de antílopes sair devagarzinho de trás das árvores ao longe – graciosamente listrados e com delicados chifres espiralados. Mordiscaram a grama nova que crescia entre as lápides e em seguida lançaram-se num movimento perfeitamente sincronizado, correndo para longe numa velocidade espantosa. Kira viu um borrão negro no encalço do grupo.

– Pantera – disse Yoon.

Kira puxou o fuzil para perto dela.

– Bom saber.

– Panteras são caçadoras noturnas. Não senti muita firmeza nessa daí – comentou Yoon.

Subiram de volta na carruagem e partiram, seguindo o intrincado caminho do mapa. Ao se aproximarem de Manhattan, os prédios ficaram maiores, e, como já era de tarde, fizeram uma pausa sob a sombra de um complexo de apartamentos de trinta andares, esperando por quase meia hora enquanto Jayden inspecionava cuidadosamente as esquinas. Magrelo se enfiou no prédio ao lado e Sujinho desapareceu atrás da fileira de carros. Kira aproximou-se de Haru.

– O que estão fazendo?

– Tem uma torre de vigia no final da rua – sussurrou Haru. – Dois homens e um rádio, de olho em qualquer movimento Partial na fronteira. Não temos um caminho melhor, então, estamos esperando.

– Esperando o quê?

– Uma hora vão ter que mijar.

– Está falando sério? – Com todo cuidado, Kira espiou da esquina. – Não localizei nada.

– Essa é a questão. Sabemos onde procurar – explicou Haru, puxando-a de volta.

– Jayden tem um pequeno dispositivo na ponta do fuzil que auxilia na mira. Assim que ele se mover, nós nos movemos.

– E aí o parceiro dele nos vê – disse Kira. – Se passar por eles fosse tão fácil assim, qualquer um poderia atravessar.

– Apenas fazemos parecer fácil – disse Jayden, deitado atrás de um carro, o binóculo num tripé. – Somos bons demais no que fazemos.

– Mesmo o vigia mais dedicado torna-se imprudente após uma década sem ver coisa alguma – disse Haru. – Seu parceiro da noite deve estar descansando. Tenha paciência, mas prepare-se para correr quando dermos o sinal.

Kira sentou-se na sarjeta, olhando para os prédios altos que os cercavam. De vez em quando, via um gato selvagem deslizar sobre o entulho ou observá-la do parapeito de uma janela. Os minutos pareciam durar horas, e na base daquele desfiladeiro de aço e reboco, Kira não sabia dizer quanto tempo havia se passado. Começou a lançar pedregulhos na rua, dentro da janela aberta de um carro, do outro lado da rua, mas a mão pesada de Gabe a imobilizou.

– Eu sei que o vigia não consegue ver nem ouvir você. Mesmo assim é mais seguro não fazer isso.

Kira sorriu envergonhada.

– Desculpe.

Ela percebeu um movimento rápido no final da rua e olhou para Sujinho, que acenava de detrás de uma parede quebrada.

– Como ele chegou ali?

Jayden levantou a mão.

– Preparem-se.

Yoon agarrou as rédeas e Kira levantou-se num salto. Jayden esperou alguns instantes e então abaixou bruscamente a mão.

– Vai!

Yoon balançou as rédeas e os cavalos saíram a galope, as patas cobertas produzindo um ruído seco no asfalto. Kira corria com os outros, levantando o olhar para a torre, mas vendo apenas prédios vazios.

Chegaram à outra ponta da rua e esconderam a carruagem atrás de outro edifício. Jayden olhou para trás com os binóculos. Sujinho emergiu silenciosamente das sombras.

– Como chegou aqui? – perguntou Kira.

Ele deu de ombros e subiu na carruagem.

– O vigia ainda não voltou – disse Jayden, os olhos atentos sabe-se lá a que. – Também não ouço nenhum sinal de comunicação via rádio. Acho que continuamos despercebidos. – Voltou agachado para trás da parede e levantou-se. – Vamos.

Magrelo juntou-se a eles algumas quadras adiante, surgindo do nada e saltando

para dentro da carruagem.

– Ele não nos viu – disse.

Jayden assentiu.

– Perfeito.

O cocheiro continuou a esquivar-se por um caminho sinuoso, preferindo as ruas curtas e estreitas, seguindo as orientações do mapa para fugir das sentinelas da Rede de Defesa. Pararam num enorme edifício de granito, provavelmente o antigo fórum, e Yoon começou a desenfaixar as patas dos cavalos.

– Não dá para ver daqui, mas estamos apenas a alguns quarteirões do rio – disse Jayden. – São duas pontes, uma bem do lado da outra, e apenas um posto de vigia. Achamos que é possível atravessá-la, mas deixaremos a carruagem e os cavalos aqui.

Kira olhou para o parque arborizado do outro lado da rua e imaginou-o cheio de panteras escondidas nas sombras.

– Yoon vai ficar com eles?

Jayden balançou negativamente a cabeça.

– Vale mais ter Yoon armada conosco em Manhattan e arriscar ter que voltar a pé para casa. – Apontou para os degraus do fórum. – Vamos escondê-los ali dentro e torcer para que nada aconteça.

Os degraus eram íngremes e a carruagem pesada. Era arriscado demais empurrá-la para cima. Carregaram os equipamentos na mão e guiaram cuidadosamente os cavalos pelos estreitos degraus de granito. As janelas do antigo prédio público estavam quebradas, claro, mas as pesadas portas continuavam mais ou menos intactas. Yoon foi com Gabe e Kira até o parque do outro lado da rua, cortaram várias braçadas de grama alta usando uma faca curva e levaram para os animais. Improvisaram um curral com as mesas e bloquearam as portas com um jogo de pesados sofás de metal. Ocorreu à Kira que se eles não voltassem os cavalos ficariam presos ali para sempre. Ela espantou essa ideia do pensamento.

Os soldados examinaram minuciosamente as armas, certificando-se de que os canos estavam limpos, as câmaras carregadas e que as partes móveis moviam-se como o esperado. Kira verificou seu fuzil o mais detalhadamente possível, estudando peças da arma que ela sequer notara antes, percebendo pela primeira vez que sua vida literalmente dependia delas. O tambor estava totalmente carregado e ela tinha cartuchos na mochila, alguns amarrados nas costas e mais dois de fácil acesso no cinto. Gabe deixou a metralhadora mais rápida, conferindo o giro dos canos, e colocou nos ombros uma mochila enorme, entupida de munição. Jayden jogou seu fuzil sobre o ombro e certificou-se de que suas duas pistolas semiautomáticas estavam no cinto. Magrelo e Sujinho trouxeram fuzis de cano longo com silenciador e quebra-chamas. A arma de Haru era pequena e versátil, de

coronha dobrável; Yoon trazia uma arma similar, além da faca de lâmina longa e cruel presa atrás do corpo.

Jayden deu um tapinha nas costas de Kira.

– Está pronta?

Não, pensou Kira, *estou com frio, com calor, cansada e assustada, e nunca estive mais despreparada para alguma coisa em toda minha vida*. Ela forçou um sorriso.

– Pronto! Vamos atacar um supersoldado!

A ponte começava próxima ao fórum, e caminharam nela cerca de oitocentos metros até chegarem ao rio. Ao se aproximarem da borda do terreno, apoiaram-se sobre os joelhos e as mãos, rastejando ao longo da lateral de um muro de cerca de um metro, uma faixa estreita de concreto que os abrigaria da vista de algum vigia oculto em um dos prédios nos arredores. Magrelo e Sujinho rastejavam na frente, desarmando as armadilhas e desativando as minas para que o resto do grupo atravessasse em segurança. Mesmo com as armadilhas desarmadas, Kira pode perceber como cada uma delas deveria funcionar.

Kira imaginava um vasto exército Partial escondido atrás dos arranha-céus do outro lado do rio, coincidentemente ou não, escolhendo aquele exato momento para lançar um ataque. Não havia mais armadilhas; as portas estavam abertas. Estaria ela traíndo a humanidade?

Não. Ela estava salvando-a. Kira travou o maxilar e continuou rastejando.

O Brooklyn havia surpreendido Kira pela quantidade de prédios; Manhattan a deixara boquiaberta por ter prédios ainda maiores que os do Brooklyn. A ilha era uma montanha de metal, esticando-se tão alto em direção às nuvens que literalmente tinha-se a impressão de que arranhavam o céu. A base da cidade era um tapete verde. Parques, árvores e canteiros de grama há muito tempo haviam transbordado para fora dos seus limites, espalhando-se pelas ruas. As sementes acharam fendas, e as raízes encontraram pontos que não ofereciam nenhuma resistência ao seu crescimento, até o asfalto tornou-se curvo e quebrado. As ruas transformaram-se em uma floresta de vegetação nova. As vinhas de kudzu trepavam implacavelmente na lateral dos prédios, cobrindo os pavimentos térreos com camadas tão grossas de folhas que os próprios prédios pareciam brotar de dentro do solo.

Quando a ponte chegou do outro lado do rio e espichou-se para dentro da cidade, eles finalmente ficaram em pé. Kira sentia-se no mesmo nível das copas das árvores, numa floresta literalmente urbana. Os pássaros construíram ninhos nas vinhas e calhas. Gatos selvagens rondavam cautelosamente entre a estrutura de treliça dos escritórios destruídos, a centenas de metros no ar. Kira ouviu o ladrar de cães e, podia jurar, o distante bramido de um elefante.

– Este lugar deveria se chamar AniManhattan – disse Gabe, lançando um sorrisinho a Kira. Ela riu e assentiu com a cabeça.

– Todos abaixados. Conhecemos muito bem o Brooklin, mas este é território desconhecido. Não devemos encontrar Partials aqui, mas não custa ter cuidado – alertou Jayden, apontando para um prédio claro, um ou dois quarteirões ao norte. – Daquela torre teremos a melhor visão desta parte da ilha. Vamos subir, fazer um reconhecimento da ilha e seguir em frente. Fiquem juntos e não façam barulho.

Kira engatinhava atrás dos outros enquanto a ponte se inclinava e curvava através de um elevador de árvores altas como torres. No nível do chão o mundo era completamente novo: uma mistura esquizofrênica de floresta e ferro-velho; Kira precisava redobrar a atenção ao se locomover. A muralha de arranha-céus resultava em mais entulho que o normal – estilhaços de vidro e montes de pedras, pedaços de reboco e fragmentos de gesso, uma quantidade absurda de papel, alguns voando livremente e outros em decomposição numa grossa camada de terra, folhas e fungos. Gavinhas longas e verdes enroladas em latas de refrigerante, entrelaçadas nos aros de bicicletas enferrujadas, e tenazmente agarradas na lataria de antigos táxis, ônibus e placas de trânsito.

Kira e os soldados seguiam cuidadosamente pela rua, escolhendo o caminho entre carros “enferrujadas”, árvores “enfolhados” e pilhas de entulho inclassificável. Quando chegaram ao prédio claro, Gabe montou guarda na escada e o resto do grupo subiu o mais alto que pode, antes de Haru preocupar-se com a estabilidade dos pavimentos. Doze andares foram o suficiente. Aquela parte da ilha apresentava mais casas e apartamentos, no lugar dos gigantescos prédios comerciais, oferecendo uma ampla visão do terreno na direção norte.

– Aquela faixa verde deve ser um parque – disse Jayden, apontando para o noroeste. – Pelo jeito se estende por uns dez quarteirões, e as árvores nos darão uma boa cobertura.

– Também vão nos atrasar. Devemos escolher uma rua larga e seguir direto pelo meio dela – sugeriu Haru.

Os dois discutiram as opções por alguns minutos. Yoon inclinou-se para fora da janela para espiar um casal de pássaros coloridos. Kira estudava a linha do horizonte, tentando absorver o máximo possível da cidade. Onde havia pontos de referência para guiá-la? Prédios marcantes que ela poderia encontrar e lembrar caso estivesse perdida? Enquanto seus olhos corriam pela cidade, Kira viu uma linha fina e branca, que parecia estar se movendo – um reflexo, talvez, ou não... Era fumaça. Ela apontou em sua direção.

– Tem fogo ali. Estão vendo?

Jayden e Haru pararam de conversar, acompanhando com os olhos a direção que seu dedo apontava.

– Logo atrás daqueles três prédios marrons.

– Estou vendo – disse Haru. – Não é uma casa em chamas, o fogo está muito

baixo e controlado. Acho que é uma fogueira.

– É uma chaminé – afirmou Jayden, olhando pelo binóculo. – Tem alguém morando ali.

Kira franziu o cenho para a fumaça distante.

– Morando ou acampando?

– Achei que a ilha estivesse deserta – disse Yoon. – Por que alguém continuaria morando aqui sozinho?

– Pode ser uma torre de vigia. Uma posição externa dos Partial.

– É muito baixa para ser uma boa torre de vigia – disse Jayden. – É apenas uma casa, com no máximo três andares.

– Um acampamento Partial, como disse Kira. Uma patrulha passando o dia na região – sugeriu Haru.

– Não é necessariamente um Partial. Pode ser apenas algum velho maluco que não quis deixar sua casa.

– Não tem como uma pessoa sem treinamento chegar tão longe sem detonar uma das minas – opinou Haru. – Acho que devemos checar. Se forem Partial, podemos preparar uma emboscada e economizar dias de viagem.

– Se for apenas um refugiado, corremos o risco de nos expormos desnecessariamente – disse Jayden. – Qualquer pessoa louca o bastante para sobreviver aqui é igualmente paranoica para saber que estamos nos aproximando e atirar primeiro.

– Agora você é quem está sendo paranoico – disse Haru.

– Pode apostar nisso, Haru! – rebateu Jayden. – Se um “hermitão maluco armado” não te assusta, que tal “armadilha Partial”? Podem ter montado isso para nos atrair até lá.

– Nem sabem que estamos aqui.

– Ficaremos vivos por mais tempo se acreditarmos que eles sabem – argumentou Jayden. – Não quero me aproximar.

– Decisão descartada – disse Haru. – Vamos nos aproximar, mas com muito cuidado. Quando chegarmos aos três prédios que Kira apontou, subimos em um deles para espiar. Nick e Steve vão pela lateral em busca de qualquer coisa que chame a atenção.

– Você não está no comando – disse Jayden. – Nem é mais um militar de verdade.

– São minha mulher e meu filho que estão em jogo. Pode tentar tirar minha autoridade, mas não vou facilitar para você.

– As coisas não funcionam assim, Haru.

– Os recrutas estão comigo – disse Haru. Magrelo e Sujinho moveram-se de leve, lembrando sutilmente aos outros a presença deles. – O que você tem, duas garotas? Nós vamos até o fogo.

Num piscar de olhos a sala ficou gelada, cada um olhando o outro, avaliando as distâncias, observando as mãos.

Jayden cerrou os dentes, claramente engolindo o orgulho.

– Coordenaremos via rádio – disse. A tensão cedeu. – Canal trinta e cinco, sem indicações verdadeiras para o caso dos Partial estarem ouvindo. O prédio alvo será Holly, e as três torres próximas a ele Max; os Partial serão Fred e os humanos Ethel; admitindo-se que estejam de uniformes, poderemos identificá-los. Todos sem identificação serão Lucy.

Jayden rascunhou rapidamente um mapa da região, assinalando a fumaça e os outros pontos de referência. A descida pelas escadas foi tensa, mas nada aconteceu. Haru explicou o plano a Gabe e eles partiram através da cidade, saltando em cima dos carros para ter um campo de visão mais amplo, sem a interferência das árvores que cresciam em toda a extensão da rua. Kira reconhecia os prédios que serviriam de referência. Parou, surpresa, quando viu um cavalo preto, magricela, mordiscando a grama da sarjeta. O cavalo relinchou apreensivo ao vê-la e desceu trotando a rua ao lado. Yoon observou o animal com uma admiração quase melancólica.

– Você gosta de cavalos? – perguntou Kira.

Yoon confirmou com um movimento de cabeça.

– Cavalos, cães, gatos, o que você imaginar. Durante anos tive um pinguim de estimação, antes de entrar para a Rede de Defesa.

– Por que se alistou? – perguntou Kira. – Poderia ser veterinária, fazendeira, sei lá.

– Minha mãe era soldado. Pelo menos acho que era – respondeu Yoon, dando de ombros. – Lembro que ela tinha um uniforme... azul. Sim, era azul-marinho. Tenho uma foto dela guardada em algum lugar. – Ela parou por um momento, depois inclinou para a frente e cochichou:

– Mantenha os olhos abertos. Todos sabiam que Haru era um chato, mas nunca imaginei que fosse enfrentar Jayden daquele jeito. E Nick e Steve estão com ele, não com a gente.

– E quando nos separarmos? – sussurrou Kira. – Vai alterar a hierarquia?

– Nick e Steve são mais perigosos quando não podemos vê-los – disse Yoon. – Não vou ficar menos preocupada quando partirem.

A tarde inteira Kira observou Haru com olhos de águia, mas nada aconteceu. Alcançaram as três torres; na verdade, cinco prédios idênticos de apartamentos. Magrelo e Sujinho separaram-se, cada qual para um lado, na missão de vigiar as laterais.

Haru guiou os outros até a torre mais ao norte. Eles entraram cuidadosamente pelo *lobby* e subiram as escadas. O prédio tinha um cheiro forte de plantas e animais em decomposição e Kira colocou a máscara para evitar o odor. Chegaram ao último

andar e silenciosamente soltaram o trinco da porta de um apartamento. A família toda ainda estava lá dentro; os esqueletos com a pele enrijecida rente aos ossos. Um bando de ratos refugiou-se nos buracos das paredes, deixando para trás metade de um pardal, semidevorado. Jayden chutou-o para longe e rastejou até a janela.

Agora era possível ver a fumaça nitidamente, a pouco mais de meio quilômetro dali, saindo em linha reta da chaminé de uma casa de tijolinho à vista. Jayde, Haru e Yoon pegaram os binóculos, e Gabe ficou de guarda no corredor, atrás deles. Kira olhava pela janela: centenas de casas e prédios, milhares de pequenas janelas pretas que pareciam olhar fixamente para ela, como se fossem olhos cegos. Um daqueles olhos procurava por eles – já os teria visto? Ou o grupo de Kira o encontraria primeiro? Qual grupo de soldados, espreitando atrás dos binóculos, veria o outro primeiro, e o que aconteceria?

Observavam e esperavam. Dois ratos saíram da parede e puxaram o pardal para baixo do sofá. Kira impacientou-se e explorou o apartamento: um esqueleto no sofá da sala, um no chão da cozinha, dois no quarto dos fundos. Os corpos estavam enlaçados num abraço final. Kira fechou a porta bem devagar e voltou para a sala. O rádio chiou baixinho. “Timmy chamando Jimmy”. A voz estava bastante distorcida e Kira não sabia dizer se era Magrelo ou Sujinho. Haru levou o rádio à boca.

– Aqui é Jimmy. Prossiga.

– Vejo Holly e mais nada. Quer que eu me aproxime?

– Negativo, Timmy. Mantenha sua posição.

– Entendido – disse a voz no rádio. – Nenhum sinal de Fred ou Ethel, mas Holly parece habitada, há uma trilha até a porta. Quem estiver lá, está há muito tempo.

– Entendido, Timmy. Me avise qualquer mudança. – Haru abaixou o rádio e coçou os olhos. – É melhor descobrirmos algo em breve. Não quero passar a noite neste apartamento.

Kira abriu os armários à procura de comida enlatada. Trabalhara em tantas missões de resgate que o hábito já estava interiorizado.

– Jimmy e Timmy, hum? Que nomes mais másculos para um código de rádio!

– Isso não é nada, Kira. O outro é Kimmy – disse Haru.

Por coincidência, o rádio chiou baixinho. Kira alcançou três latas de vegetais do armário em cima da geladeira e Haru pegou o rádio.

– Kimmy chamando Jimmy.

– Jimmy falando. Prossiga.

– O relato de Timmy era falso, repito, falso. Fred está na Holly. Estou com eles na mira neste momento. Timmy foi capturado.

– Desligando, câmbio – disse rapidamente Haru e abaixou o rádio. – Minha nossa! Jayden virou-se, o cenho franzido.

– Isso não é bom – disse Jayden. Haru esmurrou a mesa. – Não é hora de perder a

cabeça. – Haru esmurrou a mesa de novo.

Kira contraiu o rosto.

– Pegaram... Timmy? Qual dos dois é ele?

– Steve – respondeu Yoon.

– Magrelo ou Sujinho?

Yoon hesitou por um momento.

– Magrelo.

Kira praguejou.

– Acha que está morto?

– Não sabemos se é ele – respondeu Jayden. – O segundo chamado pode ser um aviso de que o primeiro é falso. Mas da mesma forma pode também ser falso. Podem ter feito isso para nos confundir.

– Se o segundo fosse falso, o primeiro não teria chamado para avisar?

– Desliguei o rádio – disse Haru. – Se um dos recrutas foi capturado, eles estão em vantagem. A única razão de nos passarem essa informação é descobrir onde estamos. Neste momento já podem ter rastreado o sinal. Não sei que tipo de tecnologia eles têm.

– Mas as duas mensagens conheciam nosso código – observou Kira. – Ainda podem estar vivos. Talvez não tenham visto a mesma coisa. Talvez estejam olhando para duas casas diferentes.

– Não – disse Haru. – Trabalham juntos há muito tempo. Não se enganariam dessa forma. Se a primeira mensagem dizia a verdade, a segunda só pode estar mentindo. E se a segunda dizia a verdade, obviamente temos que acreditar que alguém estava mentindo na primeira.

– Não teriam torturado ninguém com tanta rapidez – disse Jayden, levantando-se vagarosamente. – Não tinha como conseguirem os códigos, a menos que... – Houve uma pausa. – E se... Não pode ser, isso é loucura.

– Do que está falando? – perguntou Haru.

– Não é nada. Acho que estou paranoico – respondeu Jayden.

– É uma atitude bastante saudável no momento – disse Kira.

Jayden engoliu em seco, olhou para Haru e depois para Kira.

– E se um dos recrutas for um Partial?

– Isso não é... – disse Kira, parando no meio da frase. Estava para dizer que aquilo não era possível, mas, e se fosse?

– Isso é ridículo! – exclamou Haru. – Há anos conheço Nick e Steve.

– De antes do Break? – perguntou Jayden.

– Bem, não, mas mesmo assim. É impossível!

– Pareciam exatamente como nós – disse Jayden. – Ninguém diria que estavam infiltrados há tanto tempo.

As pernas de Kira bambearam e ela apoiou-se no balcão. As conjecturas eram assustadoras, mas aquilo tudo não... fazia sentido.

– Por que só agora? – perguntou. – Se queriam nos matar, poderiam ter feito isso a qualquer momento. O que ganham em nos trair aqui, no meio de lugar nenhum?

– Não sei. Só estou pensando em voz alta – respondeu Jayden rispidamente.

– Vamos nos acalmar – disse Haru. – Eles não são Partial.

– Então são da *Voz* – concluiu Jayden. – O grupo pode ter infiltrado alguém entre nós para sabotar a missão.

– Eu me responsabilizo pelos dois! – sussurrou Haru.

– É exatamente o que estou querendo dizer – disse Jayden. Kira percebeu a mão de Jayden se aproximando da arma. Pressionou o corpo contra o balcão, apreensiva, entre os dois soldados. Lá fora, no corredor, Gabe virou-se para assistir à discussão. Sua expressão era de raiva e espanto.

Haru percebeu que Jayden tinha a mão perto da arma e sentiu o tom da sua voz. Logo endureceu:

– Seu desgraçado...

– Esperem! Não temos tempo para isso. Se um de nós fosse um traidor, poderia ter nos traído com muito mais eficiência, há muito tempo – disse Kira, respirando fundo e dando um passo à frente, bloqueando a linha de tiro entre eles. – Lá fora, existe um inimigo real, seja lá quem for, e eles sabem que estamos aqui. Se um dos recrutas foi preso e torturado, pode ter contado que estamos nestes prédios. A única coisa que não sabem é em qual prédio. Estão mais próximos do que imaginamos.

Kira calou-se e olhou para o corredor. Aquilo foi...? Pensou ter ouvido algo, mas agora silenciara. Fez um movimento em direção à arma.

O barulho de um tiro ecoou pelo corredor e Gabe caiu, como a lateral de um boi cortado ao meio. Kira soltou um grito curto, olhando em choque para o corpo do soldado no chão. Haru correu em direção à porta, detendo-se no corredor de entrada para examinar Gabe. Virou-se para Kira, gesticulando com as mãos: “uma explosão”, e apontou para uma direção, “uma arma”, e então apontou enfaticamente na direção oposta, para trás. O sangue havia espirrado para o lado esquerdo do corredor, e Kira traduziu: “o atirador está do lado direito”. Haru tirou uma granada do cinto, puxou o pino, e lançou-a para a direita. O prédio tremeu com a explosão, arrancando poeira das paredes.

– Vamos ganhar tempo – rosnou Haru, pegando o fuzil.

Kira lutava para se restabelecer, forçando-se a uma reação; por fim, correu em direção à porta. Haru tentou puxá-la de volta, mas ela resistia.

– Tenho que fazer alguma coisa por ele.

– Está morto.

Kira tentava se soltar.

– Sou médica. Posso ajudá-lo!

– Está morto, Kira! – disse Haru com veemência. Ele cochichava asperamente em seu ouvido, mantendo a voz baixa enquanto as mãos a seguravam como uma tira de ferro. – Gabe levou um tiro e morreu. Quem o matou ainda está no corredor, e a próxima pessoa que colocar a cabeça para fora vai morrer também.

– Tem que me deixar ajudá-lo!

– Não há nada que você possa fazer – disse Jayden baixinho. – Neste momento precisamos descobrir como sobreviver aos próximos cinco minutos.

Kira levantou o olhar e viu Jayden e Yoon agachados sobre um dos joelhos, espremidos no canto da sala, os fuzis apontados para a porta. *Claro*, pensou Kira, aos poucos voltando a si, *os Partial*s atiraram em Gabe porque estão atrás de nós. Ela desistiu de tentar alcançar a porta. Haru lentamente a soltou e ergueu o fuzil, recuando para a cobertura do corredor de entrada do apartamento. Ela o seguiu, mantendo os olhos e o rifle apontados para a porta aberta.

– Quanto tempo temos?

– Não faço ideia – respondeu Jayden, cruzando a sala em direção a eles, enquanto Haru e Kira cobriam a entrada. Yoon veio atrás. – Haru lançou a granada logo em seguida. Eles estão com receio de atacar – completou Jayden.

– Só por isso ainda estamos vivos – disse Yoon. – Se tivermos um enfrentamento direto, perdemos.

– Não há outras saídas no prédio – avisou Haru. – Mais cedo ou mais tarde é o que vai acontecer.

– Podemos sair pela janela, talvez por trás deles – sugeriu Yoon.

– Muito exposto, sem falar que são cinco andares – disse Jayden.

Kira inclinou a cabeça, ouvindo.

– Vão atacar de novo. Temos mais granadas?

Jayden franziu o cenho.

– Pode ouvi-los?

– Você não?

Jayden balançou a cabeça negativamente, mas puxou o pino de uma granada e a arremessou cegamente para fora, por sobre o corpo imóvel de Gabe, em direção aos Partial, do lado direito do corredor. O prédio balançou e Kira manteve-se equilibrada apoiando a mão na parede.

– Mais umas duas dessas e não vai ter chão para pisarem – disse Haru.

Jayden deu um sorriso forçado, pegando outra granada.

– Não é má ideia.

– Espere! – disse Kira, segurando seu braço. – Destruindo o corredor você só vai postergar o ataque.

– Eu sei. A ideia é mais ou menos essa – disse Jayden.

Ela sussurrou na voz mais baixa possível:

– Você tem outros explosivos?

Jayden olhou para ela intrigado e Haru aproximou-se para ouvir melhor. Yoon mantinha a arma apontada para a porta.

– Você tem outros explosivos? – repetiu Kira, o mais baixo possível.

Haru bateu na mochila e sussurrou de volta:

– C4.

Kira concordou com um gesto.

– Se destruirmos o corredor, mesmo assim seremos atacados. Mas sem saber quando ou de onde. Por outro lado, se destruirmos esta sala com os Partials dentro, neutralizamos a ameaça.

– Pode dar certo – concordou Haru. – E para ser sincero, pode ser nossa única opção. Só que este prédio velho talvez não aguento. Uma explosão forte o bastante para destruir um grupo de Partials poderia levar o prédio inteiro junto, ou pelo menos alguns andares.

– Um buraco no chão é uma rota de fuga viável, se sobrevivermos – disse Kira. – É assim ou no tiro, e não acho que a sorte está do nosso lado.

Jayden assentiu com a cabeça.

– Vamos tentar.

Capítulo Quinze

Os Partials avançaram com cautela. Quando Kira notou a presença deles, já estavam na porta de entrada. Um passo, talvez, ou uma respiração pesada – não conseguia distinguir o que ouvira, sabia apenas que ouvira algo. Ela esperava, o silêncio durando uma eternidade. De súbito, outro barulho nos destroços, seguido de um estampido, como o som de um tiro. Era o estrondo de uma bomba. No quarto dos fundos, os quatro permaneceram imóveis, evitando fazer o mínimo barulho, enquanto ouviam pesados passos de botas em direção à cozinha.

Deitado próximo à porta, Jayden segurava um dos instrumentos médicos de Kira: um visor pequeno com uma haste flexível. Era usado para examinar narizes e gargantas, mas funcionava igualmente como um tipo de minúsculo periscópio – Jayden passou-o por baixo da porta e o estendeu até a sala carregada com os explosivos.

Os murmúrios que Kira ouvira na sala estavam agora mais próximos. Não entendia o que falavam, mas escutou algo como “*Que grupo é este?*”. Não houve resposta.

Jayden levantou a mão, preparando-se para dar o sinal, e o dedo de Haru pairou sobre o detonador. Kira o deteve, tentando aflitadamente informá-lo por meio de gestos: “Há mais um no corredor”. Ela podia ouvir os passos. Haru entendeu o recado e meneou a cabeça.

Jayden deu o sinal e curvou-se atrás dos colchões empilhados contra a parede. Como não ouviu nenhuma explosão, virou-se alarmado. Ao ver que Haru continuava esperando, praguejou sem emitir nenhum som, apenas movendo os lábios, e novamente deu o sinal. Kira apontou para o corredor, gesticulando o melhor que pôde: “Tem mais um”. Ela levantou três dedos, espetando o ar enfaticamente. Jayden voltou para o aparelho de visão, devagar e em silêncio. Sobressaltou-se com o que viu e dirigiu a Haru um olhar de puro horror. A maçaneta girou. Um dos Partial se aproximava – e Kira apertou o detonador.

O mundo rugiu.

A explosão balançou o prédio, derrubando os quadros das paredes e o reboco do teto. Os estilhaços voaram na direção deles; mesmo com os colchões amortecendo o impacto, era como se estivessem levando marteladas na cabeça. No mesmo instante, tudo dentro do quarto começou a deslizar; o chão cedia numa nauseante sensação de vertigem. Kira segurou-se no estrado de uma cama, mas o móvel também deslizava. Ouviu outro estrondo ensurdecedor e uma avalanche de madeira e reboco caiu sobre ela, forçando-a a soltar-se da cama para cobrir a cabeça com as mãos.

Kira sentia os golpes chegando de todos os lados; em seguida, percebeu que algo áspero e pesado estava em cima dela. O tremor diminuiu e parou. Cuidadosamente, descobriu a cabeça e viu que outras partes do prédio ainda despencavam: chovia terra e destroços, uma geladeira tombava, um tapete escorregava devagar para dentro do buraco. O pavimento e os cômodos dos apartamentos ficaram irreconhecíveis, estilhaçados num caos tridimensional. Kira tentou se mexer, mas estava soterrada da cintura para baixo.

Ela ouviu um grito vindo de longe e respondeu com a garganta empoeirada; a voz rouca.

– Jayden!

Uma mão surgiu dos escombros. Kira reconheceu a cor cinza-escura da armadura de combate que vira inúmeras vezes nas fotos da guerra. Era o uniforme de um Partial.

Kira forçou as pernas, sem conseguir movimentá-las, e procurou o fuzil. Não estava em nenhum lugar – mesmo seu kit médico desaparecera. No meio do entulho, o braço se mexia lento e tenazmente, tateando a procura de algum apoio. Encontrou uma barra de ferro e a agarrou firmemente, lutando contra o peso do próprio corpo. Kira viu o monte de destroços tremer. O Partial surgiu...

Então, um rato caiu do nada.

Kira entrou em choque, encolhendo-se, a mente processando por alguns segundos a imagem até reconhecer o animal. O rato contorceu-se no chão e soltou um chiado. Kira agarrou um pedaço de reboco nos destroços que a imobilizavam e atirou contra ele, espantando-o. Ouviu mais chiados sobre ela. Ergueu a cabeça e viu uma prateleira inclinada, meio metro acima, fervilhando de ratos.

– Não!

De repente, um sofá moveu-se cinco centímetros para a frente, atrás da prateleira. Mais dois ratos caíram em sua direção, um deles enroscou-se em seus cabelos. Kira jogou-o longe com um tapa; ele desapareceu nos destroços. O braço do Partial continuava a fazer força. Lentamente, um capacete veio à tona. Um visor preto cobria o rosto da criatura, mas Kira ouvia seu resmungo, baixo e gutural. Kira tentava desesperadamente livrar-se dos escombros que prendiam suas pernas. O sofá acima dela deslizou novamente, derrubando mais ratos: três, cinco, ela já nem conseguia contá-los. O Partial forçou o corpo contra o entulho e conseguiu livrar os braços. Ele balançou o corpo para remover o restante dos destroços, lançando longe pedaços de tijolos e lascas de madeira.

Kira nem teve tempo de pensar: levantou o braço, agarrou a prateleira e puxou-a com toda força. Foi uma chuva de ratos, cobrindo-a de pelos, patas e rabos que se agitavam como vermes. O Partial avançou, as mãos feito garras, e naquele momento o sofá veio abaixo com o peso de uma pedra grande, acertando-o em cheio no rosto

e derrubando-o de costas. Kira gritou ao sentir o sofá esmagando seus dedos, ao mesmo tempo que tentava espantar a turba de ratos. Ela ouvia berros a distância, mas não entendia o que diziam. Forçou novamente as pernas e, desta vez, conseguiu movê-las com mais facilidade. A queda do sofá provavelmente arrastara parte dos entulhos que a prendiam. Usou toda a força para puxar o corpo, mas, subitamente, mudou de ideia e passou a jogar todo o peso do corpo contra os entulhos, para tentar removê-los. Se o sofá havia deslocado uma parte, quem sabe ela conseguiria empurrar para longe o restante.

O sofá balançou. Embaixo dele, o Partial continuava vivo.

Kira fez mais força ainda, grunhindo e cerrando os dentes. Os entulhos se moveram, pedaços de parede deslizaram por suas pernas, e, num estrondo, todo o chão pareceu sumir. Kira gritou de pavor, enquanto era sugada. Ela despencou três ou quatro metros de altura, caindo dentro de um buraco escuro. Enquanto buscava, agitadoamente, algum apoio para os pés, mais destroços despencavam sobre seu corpo.

Ouviu um sussurro desesperado.

– Ei?

– É você, Yoon.

– Kira! Me ajude a sair daqui!

A visão de Kira foi adaptando-se à escuridão e, aos poucos, conseguia distinguir algumas formas. As janelas provavelmente estavam bloqueadas pelos escombros. Ela seguiu a voz de Yoon, tropeçando no meio do entulho. Yoon estava presa debaixo de um pesado guarda-roupa de madeira. Ambas conseguiram removê-lo para o lado. O som forte de uma pancada soou atrás delas. Kira virou-se. O Partial a tinha seguido. Ele aterrissou no chão, suave como um gato, e, num segundo, estava em pé. Kira recuou. Torcia para que os olhos da criatura levassem mais tempo para se adaptar à falta de luz do que os dela, mas ele avançou sem titubear e a lançou ao chão. Ela o chutava e o arranhava, gritando por socorro, mas os braços do Partial pareciam de aço. Seu peso era como o de uma jaula, seus braços sólidos como barras. Inesperadamente, ele contraiu o corpo, arqueando as costas. Yoon arrancou a faca das costas do Partial, girou-a, e golpeou sua garganta de um lado a outro. O soldado tombou de lado gorgolejando e lançando sangue quente pela boca.

– Você teve uma sorte dos diabos; ele não me viu aqui – disse Yoon, com a voz ofegante.

– Há pelo menos mais dois deles, que não havíamos percebido – avisou Kira, levantando-se aos trancos. – Precisamos encontrar Jayden e Haru.

Elas estavam dois andares abaixo da explosão. Ali, o estrago havia sido menor, e elas podiam andar mais facilmente. A primeira porta que encontraram estava bloqueada pelo entulho, mas, com um pouco de força, conseguiram abri-la. Em

silêncio, entraram no local, os ouvidos atentos a qualquer barulho. Jayden surgiu do outro lado do longo corredor principal. Ainda carregava suas duas pistolas e entregou uma a Yoon.

– Os andares de baixo são os menos danificados. Mas a parte esquerda da construção está abalada – explicou Jayden. – Se Haru ainda estiver vivo, deve estar nos andares de cima.

Kira assentiu com a cabeça e eles abriram caminho até uma escada na parte direita do prédio, a metade mais segura da construção. Dois andares acima ouviram uma voz fraca. Seguiram-na, por toda a extensão do corredor. Na outra ponta, um foco de luz brilhante atravessava um enorme buraco, escavado na parede que havia explodido. Haru estava agarrado a um cano e segurava pela alça da mochila um Partial que balançava no ar, inconsciente.

– Está vivo – disse Haru, com os dentes cerrados, esforçando-se para não deixá-lo cair. – Consegui agarrá-lo quando a parede despencou.

– Solta esta criatura – disse Jayden, franzindo o cenho, enquanto tentava chegar até Haru. – Vamos salvar você e ficar com um braço ou qualquer outra parte dele que sobrar da queda, lá embaixo.

– Nem pensar! – respondeu Haru. Ele grunhiu e ajustou a alça da mochila na mão – Quero essa criatura viva, para detonar com ela.

Kira balançou a cabeça.

– Não vamos levar a criatura com a gente. Só precisamos de um pouco de sangue e tecidos.

– Vamos sim, e ele vai ser interrogado. Se ninguém sabia que a gente estava aqui, então como os Partial estavam nos esperando? Quero saber por que estavam aqui e o que estavam fazendo. E também se os dois recrutas são agentes Partial.

– Faz sentido – disse Yoon. – Nick e Steve armaram metade das armadilhas do Brooklyn. Se um deles for um Partial, nossa linha de defesa é inútil. E se estiverem planejando um ataque... – Yoon recuou, sem coragem de terminar a frase.

Jayden contraiu o rosto.

– O kit médico ainda está com você, Kira?

– Não, estou apenas com a bolsa que carrego no cinto. Perdi o kit principal na explosão.

– Tem sedativos?

Kira procurou na bolsinha.

– Um analgésico, que faz o mesmo serviço. É só caprichar na dose. – Kira olhou para o corpo balançado. – Isto é, se o organismo dele funcionar como o nosso.

– Não quero ser chato, mas essa criatura é mais pesada do que parece – disse Haru.

Jayden abriu caminho pela lateral, evitando o buraco no centro dos destroços.

Kira analisava o entulho, procurando um meio de alcançar o Partial. Viu um pedaço de parede ainda em bom estado e desceu cuidadosamente por ele. Yoon a seguiu; juntas, puxaram o Partial para dentro, através da janela. Jayden havia resgatado Haru, cujo braço agora pendia ao lado do corpo, adormecido.

Kira e Yoon deitaram o Partial no chão. Kira tirou o capacete do soldado e observou-o atentamente. Sua expectativa era a de que tivesse a aparência de um humano – claro que se pareciam com os humanos, essa era a questão –, mesmo assim, ao olhar para um Partial pela primeira vez... Não encontrava palavras para explicar o que sentia.

Um rosto humano. Boca e nariz humanos. Olhos humanos encarando o vazio. Jovem, bonito, cabelo castanho-escuro, um arranhão no maxilar – este era o maior inimigo que a raça humana já enfrentara; o monstro malvado que havia acabado com o mundo.

Não teria mais que dezenove anos.

– É estranho, não é? – perguntou Yoon. – Falam tanto que eles se parecem conosco e quando você os encara pela primeira vez vê que simplesmente... se parecem conosco.

Kira concordou com a cabeça.

– Não sei se isso é mais, ou menos, assustador.

Yoon apontou a arma para o Partial.

– Seja lá o que for fazer, faça rápido.

Kira pegou um frasco de Nalox.

– Na melhor das hipóteses, isso aqui vai acalmá-lo – disse Kira, olhando para Yoon.

– E na pior? Ele morre?

– Na pior, ele acorda. – Kira preparou a injeção e posicionou a mão sobre o pescoço dele. – Não sabemos como as nanopartículas reagem na fisiologia de um Partial. Na minha opinião, dentro da escala dos possíveis resultados, sua morte estaria bem próxima da marca “melhor das hipóteses”.

Ela espetou a agulha no pescoço dele e apertou o êmbolo. Terminado o serviço, guardou a seringa de volta na bolsa.

– Pronto! – gritou. Jayden ajudava Haru a descer. – Há outro Partial que não contabilizamos.

Haru levantou a sobrancelha.

– Não são dois?

– Yoon matou um – respondeu Kira. Haru arregalou os olhos. Kira riu secamente. – Estou falando sério. Ela praticamente arrancou a cabeça dele. Mas, antes disso, ele sobreviveu a dois soterramentos, a um sofá que despencou sobre sua cabeça, e ainda me perseguiu por dois andares de entulho. E, claro, tentou me matar.

– A explosão matou o outro – disse Jayden. – Vi pedaços dele espalhados pelo andar de cima. Esse aí, com certeza, não representa mais perigo. Acho que estava bem em cima da bomba que explodiu. Estamos seguros.

Dividiram o peso do Partial entre eles e carregaram o inimigo cuidadosamente para fora do prédio, atravessando a cratera resultante da queda de vários andares e seguindo pela escada que dava acesso à porta. Jayden os deteve.

– Esperem, me precipitei – disse, esquadrinhando o térreo, coberto de vegetação. – Esquecemos de pelo menos outro inimigo: um dos recrutas, ou os dois, que ainda estão lá fora e não sabemos de que lado estão. Também pode ter mais dessas criaturas que nos atacaram no apartamento.

Kira observava a área. Viu as árvores ainda novas balançando com a brisa; elas ofereceriam um pouco de cobertura, mas o local era basicamente descoberto.

– Vamos ter que correr por entre aqueles prédios – disse Kira. – Só que este peso morto no meio da gente vai atrapalhar.

Haru friccionou o braço esquerdo, tentando tirá-lo do estado de dormência.

– É tudo que posso fazer.

Jayden levantou o Partial, distribuindo seu peso nos ombros.

– Sinto muito, senhoritas, serei egoísta e ficarei com este escudo humano só para mim. Agora, corram!

Correram a toda velocidade, entre as trepadeiras e as árvores, até o próximo prédio. Dobraram a esquina e continuaram correndo entre os carros, até alcançarem outro prédio mais adiante. Quando Kira pensou que estivessem salvos, uma bala ricocheteou no carro atrás dela, passando a alguns centímetros da sua cabeça. Kira abaixou-se, procurando abrigo.

– Não pare, Kira, corra! – gritou Jayden, ao passar por ela com sua carga. Kira respirou fundo e levantou-se num salto, receando que a qualquer momento uma bala atravessasse sua espinha. Outra bala cortou o ar, a poucos centímetros. Chegaram a uma avenida larga, com árvores e fachadas de lojas em ruínas em suas laterais. Yoon dobrou à esquerda e o grupo a seguiu, usando a cobertura das árvores para atravessar a avenida e se esconder dentro de uma *delicatéssen* destruída.

– Os tiros são disparados um de cada vez e a certos intervalos – disse Jayden, recuperando o fôlego. – Não deve ser um grupo, mas um único atirador.

– Magrelo ou Sujinho – afirmou Kira. – Seja lá quem for o traidor. Boa pedida, Haru.

– Não sabemos se são eles – rosnou Haru, mas Kira percebeu que ele compartilhava do mesmo temor. Yoon observava próxima à vitrine; os outros estavam protegidos atrás de uma barreira de mesas viradas.

– Não podemos ficar aqui – disse Kira.

– Vamos sair pela janela lateral e descer aquela ruazinha – indicou Jayden. –

Precisamos fazer um ziguezague nas ruas. Um atirador não é tão perigoso se o alvo não permanecer numa linha reta de tiro.

– O parque que você viu está a apenas alguns quarteirões a oeste – sugeriu Haru.
– Podemos atravessá-lo, sem perder tempo, correndo em ziguezague.

– Concordo. Vamos – ordenou Jayden.

Saíram pela janela lateral, passando o prisioneiro Partial cuidadosamente sobre o vidro quebrado. Yoon correu para alcançá-los.

– Não vi ninguém.

– E o soldado que não nos traiu? – perguntou Kira, esforçando-se para manter o fôlego na corrida. – Não deveríamos esperar por ele? Ou tentar encontrá-lo?

Haru balançou a cabeça.

– Se não podemos confiar em um, não podemos confiar em nenhum.

– Mas sabemos que um é inocente.

– E não sabemos qual – disse Haru. – Isso torna os dois suspeitos. Ali está o parque; acelerem até alcançar as árvores, depois virem à esquerda.

Outro disparo zuniu enquanto atravessavam a vegetação fechada. Kira praguejou, com a respiração ofegante, escondendo-se atrás de um carro. Os outros passaram, ela recobrou a coragem e correu em direção às árvores. O parque era cercado com grades. O grupo não podia se esconder embaixo da espessa cobertura das árvores, no canteiro central. Pelo menos, tinham o entorno do bosque, o que era melhor que nada. Correram de uma árvore à outra, sempre procurando algum tipo de proteção. O parque era cortado por ruas, mas continuava adiante.

Jayden parou perto de um amontoado de táxis e deitou o prisioneiro no chão, o rosto contraído de dor.

– Não pare! – disse Haru, firmemente. – Vai poder descansar quando estiver morto. – Jayden assentiu e suspendeu o Partial novamente, mas Kira viu uma gota de sangue pingar do seu braço.

– Você está sangrando, Jayden!

– Não pare! – repetiu Haru.

– Ele levou um tiro no braço – disse Kira, examinando a ferida. – Quando isso aconteceu?

– Alguns quarteirões atrás – respondeu, tentando levantar o Partial.

– Haru pode carregá-lo. Você só corre. Quando estivermos num local seguro, faço um curativo.

– Meu braço está praticamente quebrado – protestou Haru.

– Dê uma de louco e o carregue – ordenou Kira, dando um empurrão nele em direção ao Partial. Ela pegou a semiautomática de Jayden e verificou a munição. – Fico na retaguarda. Agora corra.

Partiram de novo, Yoon guiando o grupo através de um labirinto de cercas,

árvores e carros enferrujados. Passaram por uma entrada de metrô, uma escada sombria descendo aos subterrâneos. Kira olhou para a escada alagada até a metade. *Não podemos nos esconder aqui.* Continuaram pelo parque. Logo, uma ponte de aço maciço ergueu-se à frente.

– É essa ponte. Pegue a primeira entrada que encontrar – disse Jayden.

– Não é a mesma – observou Kira, com um meneio de cabeça.

– Tem preferência por alguma? – disse Jayden. – Só quero sair desta maldita ilha.

– E as armadilhas? – insistiu, olhando para trás enquanto corria. – Essa ponte deve estar cheia de armadilhas. É perigoso demais.

Outra bala passou por eles e Jayden soltou um palavrão.

– Não temos muitas opções.

Chisparam do parque e entraram numa rua larga. A ponte levantava-se à frente deles, numa inclinação a sudeste, em direção ao rio. Os quatro estavam tão cansados que subiram a rua cambaleando, ofegantes, com a garganta seca e áspera. Uma bala estalou na mureta de cimento e todos se jogaram no chão, tentando fugir do campo de visão do atirador.

– Não vi quem foi – disse Kira.

– Seja lá quem for, o alcance de tiro do Partial é muito maior que o nosso. Não dá para competir – disse Yoon, mostrando sua pistola.

– Você vai na frente – ordenou Jayden, pegando a arma de Yoon. – Encontre as armadilhas, desarme-as ou marque onde estão. Faça o que for possível. Haru e Kira vão atrás com o Partial. Vou por último, dando cobertura.

– Ela acabou de dizer que não dá para competir com eles – disse Kira. – Está maluco?

– Não consigo acertar daqui de cima, mas lá de baixo é outra coisa. – disse Jayden, apontando para o início da ponte. – Cedo ou tarde ele vai aparecer naquela esquina. Vou me esconder atrás de um carro e esperar.

– Fico com você – disse Kira. – Sou tua médica, bobinho. Não vou te deixar para trás com um furo no braço.

– Tudo bem, mas fique agachada.

Yoon rastejou na frente e Haru a seguiu, arrastando o Partial. Kira e Jayden voltaram cautelosamente, escondendo-se atrás de um enorme pneu de caminhão. Jayden mantinha os olhos grudados na mureta, no começo da ponte. O motorista do caminhão não passava de um amontoado de ossos perdido no vazio.

– Quem você acha que é? – perguntou Kira. – Quero dizer, o Partial: Nick ou Steve?

– Você quer dizer, Magrelo ou Sujinho?

Kira deu um sorriso sem graça.

– Quando estão separados, até que dá para distinguir um do outro. Mas fiquei

constrangida de perguntar quem era Nick, quem era Steve.

– Vamos descobrir – disse Jayden.

Kira olhou para a ponte, depois sussurrou:

– As sentinelas vão ver a gente atravessar.

– Eu sei.

– Seremos denunciados e presos. Você provavelmente será julgado pela corte marcial. Nossa missão secreta não vai permanecer secreta. – Kira o observava, mas ele estava quieto. – Estou começando a achar que isso tudo foi uma grande bobagem. – Jayden esboçou um pequeno sorriso.

– Cale a boca, Walker. Estamos tentando fazer uma emboscada – sussurrou Jayden.

Esperaram. Jayden de olho na ponta da mureta e Kira, no resto da rua. Assim que o Partial apareceu...

Ela ouviu um clique.

– Largue a arma.

Kira olhou para cima e viu um Partial parado ao lado deles: não era nem Magrelo nem Sujinho, mas um soldado Partial, como o que haviam encontrado no prédio, o rosto encoberto por um visor preto, brilhando ao sol. Tinha dado um jeito de se aproximar por trás. Fazia gestos com o fuzil semiautomático. Jayden colocou a pistola no chão, com um suspiro. Kira colocou sua arma ao lado.

– Nem um pio – disse o Partial. – Tem um...

Ouviu-se um estalo e pelo visor do Partial foi surgindo o desenho de uma teia de aranha, no centro um pequeno furo, que parecia ter saído de lugar nenhum; meio segundo depois outro estalo seco de um tiro com silenciador. O Partial desabou e Kira olhou para ele em choque. Jayden agarrou a semiautomática. Ouviram passos apressados, Kira criou coragem e olhou para trás: lá vinha Sujinho correndo na direção deles, o fuzil nas mãos.

– Isso vai dar um jeito no atirador, mas ele não estava sozinho – gritou Sujinho. – Vamos dar o fora daqui agora mesmo.

– Foi você quem avisou – disse Kira.

– Guarde sua surpresa para depois – disse Sujinho, ajoelhando-se ao lado do Partial. Ajeitou o fuzil nas costas, pegou a automática do Partial e virou-se para Jayden. – Estou falando sério. Tem pelo menos mais dez deles atrás de nós. Temos que voar.

Jayden parou por um momento, depois ficou em pé e começou a subir a ponte inclinada.

– Vamos, Kira! Essa maldita ponte é muito comprida.

Correram com o corpo levantado, sem se preocupar em ficar abaixo da altura da mureta, confiando que a velocidade e a distância os manteriam a salvo das balas.

Alcançaram Haru em algum lugar da labiríntica confusão de carros.

– Bom te ver, Nick. – Haru largou o prisioneiro Partial com um gemido de dor. – Meu braço está quebrado e Jayden está baleado, é a sua vez de levar o vira-latas.

Sujinho olhou para trás, deu de ombros e entregou a arma a Haru. Antes mesmo que ele pegasse o prisioneiro, Haru meteu-lhe um tiro na cabeça. Kira gritou, Sujinho tombou no chão e Haru atirou nele outra vez.

– Que diabos está fazendo? – gritou Jayden.

– Avisei que para mim os dois são culpados – disse Haru. – Não vou levar outro Partial para casa.

– Ele nos salvou! – gritou Jayden. – Ele matou um soldado Partial!

– Isso não quer dizer nada – disse Haru, verificando o fuzil de assalto. – Agora cale a boca e carregue o prisioneiro.

– Ele falou a verdade sobre o grupo que está nos perseguindo – disse Kira, olhando para trás. – Já vejo pelo menos um soldado. Não vamos chegar do outro lado a tempo.

Jayden franziu o cenho.

– Quem não tem cão caça com gato. – Apertou o botão do rádio e começou a gritar enquanto colocava o Partial sobre os ombros. – Chamando todas as unidades, repito, todas as unidades, há uma equipe de ataque da Rede de Defesa atravessando a ponte de Manhattan. Partials no encalço. Estamos sendo alvejados, repito, soldados humanos sob fogo inimigo. Solicito toda a ajuda possível.

Agora corriam. Kira na frente, logo atrás Haru, que, a pequenos intervalos, virava-se para trás e atirava para atrasar os Partials.

– Kira, chame de novo – pediu Jayden.

Kira apertou o botão no cinto do soldado e repetiu a mensagem:

– Chamando todas as unidades. Há uma equipe humana de ataque sendo perseguida na ponte de Manhattan. Solicitamos toda a ajuda possível. Estamos mudando de sintonia novamente.

Os tiros vinham diretamente em direção a eles, passando perto o suficiente para assustá-los e obrigá-los a procurar abrigo. Costuravam entre os carros abandonados, olhando para o chão a procura de fios conectados a bombas, com a ardente esperança de que Yoon tivesse sinalizado todas as minas. Haru atirou contra um Partial, dando o melhor de si para mantê-los a distância. Kira olhou de relance para trás e contou pelo menos sete inimigos ganhando velocidade. Jayden perdia o fôlego, curvado sob o peso do prisioneiro. Kira repetia a mensagem insistentemente no rádio, com a esperança que alguém estivesse ouvindo. Alcançaram Yoon muito antes do esperado e ela balançou a cabeça de um jeito sinistro.

– Não vamos conseguir escapar deles e ao mesmo tempo evitar os explosivos. Esta ponte é uma armadilha mortal.

– Desisto – gritou Haru, derrubando o fuzil de assalto e pegando no braço de Jayden enquanto corriam. – Estão se aproximando. – À frente deles, uma bala explodiu no vidro de um carro, despedaçando-o. – Não vamos durar muito tempo.

– Chamando todas as unidades! – gritou Kira novamente, já quase sem fôlego. – Há uma equipe humana na ponte de Manhattan sendo...

– Estou vendo vocês – chiou uma voz pelo rádio. – Por favor, identifiquem-se.

– Não temos tempo para isso – gritou Kira. – O exército Partial está atrás de nós.

– Jayden Van Rijn, sargento da segunda divisão – respondeu Jayden.

– Tem uma torre de transmissão de energia a cerca de vinte metros de onde estão – estalou a voz no rádio.

Kira olhou para cima.

– Estamos vendo.

– Sigam em frente pela pista da direita, passem o carro roxo à esquerda e a torre. Protejam-se atrás do grande caminhão vermelho.

– Proteger-se do quê? – perguntou Kira. O grupo corria o mais rápido possível, seguindo as instruções. A cada passo Kira sentia os músculos exaustos serem açoitados. – O que vai fazer?

– O que acha que ele vai fazer? – perguntou Yoon, puxando-os para trás de um caminhão da Coca-Cola. – Pelo que vi, esta ponte tem mais explosivos C4 do que aço.

– Você está querendo dizer que...

A ponte atrás deles explodiu numa enorme bola de fogo; mesmo abrigada atrás do caminhão, os olhos de Kira arderam. A ponte estremeceu violentamente, os carros voaram pelos ares, e a força da explosão lançou o caminhão três metros à frente, arrastando os fugitivos pelo asfalto. Kira derrubou o rádio, cobrindo os ouvidos, e, quando o tremor da explosão passou, ela saiu de trás do caminhão cambaleando para ver o estrago.

Vinte metros atrás deles, antes da torre de transmissão, a ponte havia desaparecido. Restos de aço e concreto pendurados nos cabos de sustentação. O rio era um mar revolto de fragmentos. Os Partials tinham evaporado.

– Mantenham a posição – disse a voz estridente pelo rádio. – Estamos enviando uma equipe para resgatá-los. E é melhor que tenham uma explicação muito boa para tudo isso.

Capítulo Dezesseis

— **B**em, parece que vamos ter outra conversa – disse Mkele.
— É sempre um prazer – respondeu Kira.

Estavam acampados à beira de uma estrada, onde passariam a noite. Certos de que nenhum Partial continuaria a perseguição sobre a ponte destruída, a Rede havia restabelecido o patrulhamento no local e conduzido Kira e o resto do grupo para o interior da ilha, o mais distante possível do litoral, aproveitando ao máximo a luz do sol. Não estavam algemados, mas um grupo numeroso de soldados da Rede de Defesa vigiava-os de perto. O Partial ainda estava inconsciente, cuidadosamente amarrado em um gradil da estrada.

— Da última vez que conversamos, Srta. Walker, discutimos vários assuntos importantes. — Mkele chegara a cavalo, alguns minutos antes, acompanhado de um grupo da patrulha montada, destacado para reforçar a segurança da área. — Peço desculpas se não fui claro o bastante sobre eles. Vamos começar pelo mais óbvio: em nossa opinião, é muito suspeito e, na verdade, uma grande traição, entrar num território Partial, relacionar-se com eles e ainda trazer uma dessas criaturas para o território dos humanos.

— Acredito que nossa definição de “relacionar-se” seja diferente.

— O que faziam em Manhattan?

— Sou médica no hospital Nassau, de East Meadow – disse Kira. — Quero encontrar a cura do RM e a melhor solução era capturar um Partial.

— Então, simplesmente decidiu ir até lá e agarrar um.

— Não, antes requisitei uma missão por vias normais – explicou Kira. — O valor de um Partial para a medicina é inestimável.

— Não creio que seja necessário explicar-lhe o quanto é perigoso o que você fez – disse Mkele. — O quanto foi idiota. Você acha que a explosão da ponte será o suficiente para mantê-los a distância? Você nunca parou para pensar que a decisão de lançar uma ofensiva deveria ter sido tomada pela nossa força de defesa, que faz todo o possível para nos proteger? Há milhões de Partials, Srta. Walker, todos mais fortes e melhor treinados do que nós. Estamos vivos apenas porque eles escolheram não nos matar. Mas, graças a vocês, podem ter acabado de mudar de ideia. — Sua voz era um rugido furioso. — Mas vamos supor que eles não nos ataquem. Ainda assim você tem alguma ideia de quanto este único Partial é perigoso, mesmo sozinho? Nossa equipe de inteligência, que analisa a Guerra Partial, sugere que foram os Partials que lançaram o vírus RM, não por meio tecnológico, mas biológico, usando o próprio corpo como incubadoras. Se isso for verdade, cada um

deles é potencialmente uma arma do “dia do juízo final”. Quem sabe o tipo de arma biológica que desenvolveram nesses onze anos? Apenas a existência deles já é uma ameaça à nossa.

– Essa é mais uma razão para estudarmos um deles – argumentou Kira. – Em uma única gota de sangue pode haver uma quantidade preciosa de informações. Quem dirá ao certo o que poderemos aprender estudando seu organismo? Se os Partial criaram o RM, e se você estiver certo quando diz que o vírus foi sintetizado e preservado no corpo deles, então o segredo da cura talvez também esteja com eles. É isso que você precisa entender.

– O seu trabalho é garantir o futuro da humanidade – disse Mkele. – O meu é garantir o presente, pois, sem ele, não haverá futuro algum, você há de concordar comigo. Se, por um acaso, algum dia o seu trabalho entrar em choque com o meu, saiba que a prioridade é minha.

– Isso é um absurdo – disse Kira.

– É a verdade. Como médica, deve estar familiarizada com o juramento de Hipócrates: número um, não ferir. Há cerca de trinta e seis mil seres humanos vivos no mundo inteiro e nossa responsabilidade número um é mantê-los vivos. Cuidar deles é a segunda responsabilidade. Nosso trabalho é, portanto, garantir a produção de mais seres humanos para fortalecer nossa posição.

– Falando assim você até parece gentil.

– Você colocou a vida de cinco soldados em risco, de um técnico e de um médico. Três desses soldados não voltaram. E isso me dá o direito de acabar com esse Partial agora mesmo.

– Não pode fazer isso. Precisamos dele – disse Kira, rapidamente. *Depois de tudo que passamos para conseguir essa criatura, não vou permitir que o descarte a troco de nada.*

– Vou deixar que tire uma amostra de sangue, com o único objetivo de estudá-lo. Você vai para um local afastado, longe de qualquer centro populacional. Claro, se o Senado assim o permitir.

– Só isso não é o suficiente – disse Kira. – Precisamos realizar exames clínicos. Toda semana morre um recém-nascido...

– Já cansei de lhe explicar que isso é impossível.

– Então, vamos interrogá-lo – disse Kira, tentando pensar num argumento convincente, que pelo menos fizesse Mkele postergar a sua morte. – Ele faz parte de uma rede muito maior. Estava num local onde nenhum Partial deveria estar. E com certeza tem ligações com alguém de dentro do nosso exército.

– Já ouvi os relatos.

– Precisamos descobrir a verdade – insistiu Kira. – Talvez um dos nossos recrutas fosse um Partial...

– Ou talvez tenha sido interrogado – disse Mkele. – Um soldado torturado é uma explicação simples, por isso a mais plausível. Não acredito numa infiltração em larga escala na nossa sociedade.

– Eles se parecem exatamente conosco. Se eu mesma não tivesse visto dois deles sobreviverem à explosão, jamais saberia que não eram humanos. É muito fácil para eles viverem infiltrados entre nós. Quando nos refugiamos nesta parte da ilha, a situação estava caótica e podem ter se aproveitado da situação para se fixarem em East Meadow. Por isso, seríamos idiotas se nem ao menos considerarmos essa possibilidade.

– Os Partials não envelhecem – argumentou Mkele. – Seria impossível passarem despercebidos.

– No caso de um adolescente seria impossível, mas e os adultos? E você?

– Garanto a você que está tudo sobre controle – disse Mkele com o tom de voz mais perigoso que Kira já ouvira. – Não se ache no direito de me dizer como fazer o meu trabalho, que graças a você agora está mil vezes mais difícil.

Kira calou-se, observando Mkele e tentando avaliar a situação. Em parte, ele tinha razão – o que fizeram foi estúpido e perigoso –, mas ela também tinha razão. Aquilo precisava ser feito. E agora não iria permitir que jogassem fora a oportunidade de estudar um Partial. Quanto Mkele cederia? Como conseguir mais que uma amostra de sangue antes de o destruírem?

– Sr. Mkele! – Mkele e Kira viram um dos soldados correndo em direção a eles, acenando com a mão. – Sr. Mkele, recebemos uma ligação do Senado.

Mkele silenciou, por um momento, irado. Em seguida, olhou para Kira e apontou para o pé da jovem.

– Não saia daqui.

Ele seguiu o soldado até o rádio. Kira o observava, sem conseguir ouvir a conversa. Por fim, ele devolveu o aparelho ao soldado e voltou, furioso.

– O Senado já descobriu o que você fez – disse, com uma expressão sombria. – Querem ver o Partial com os próprios olhos.

Kira deu um sorrisinho.

– Isolde vai nos ajudar – sussurrou.

– Não se anime muito – disse Mkele. – Sua equipe e aquela criatura participarão de uma audiência formal no Senado, em que serão interrogados e sentenciados. Não será nada agradável.

Kira levantou o olhar, num sobressalto. Havia uma agitação entre os soldados, que pegavam as armas. Jayden, Yoon e Haru observavam, desconfiados. Mkele olhou rapidamente ao redor, procurando o motivo do alerta, então recuou num ímpeto.

O Partial estava se mexendo.

Deitado de lado, ele resmungava baixinho. Mkele não se aproximou. O Partial

estava preso com quatro algemas, duas delas prendendo-o firmemente a um gradil de metal e concreto na estrada, mas havia uma grande circunferência em volta dele onde ninguém parecia disposto a entrar. Mesmo a distância, Kira podia ver que ele continuava grogue, esforçando-se para acordar. Mas, mesmo nesse estado, ele parecia ameaçador. Ela procurou o fuzil, mas lembrou-se de que haviam confiscado sua arma e praguejou baixinho.

O Partial dobrou a perna junto ao peito, depois se esticou até onde as algemas permitiam. Assim que chegou no limite, enrijeceu o corpo. Kira viu sua cabeça levantar num tranco enquanto ele lutava contra o efeito do sedativo.

– Quanto tempo faz que você o sedou? – sussurrou Mkele.

– Apenas algumas horas.

– Qual a dosagem?

– Duzentos miligramas.

Mkele a encarou.

– Está tentando matá-lo? Vai asfixiá-lo.

– Não é morfina pura. É Nalox. Metade morfina, metade nanopartículas de Naloxane. Se o corpo perder muito oxigênio, a droga sintetiza mais Naloxane para reativar os pulmões.

Mkele assentiu.

– Nesse caso, pode dar outra dose. O organismo dele aguenta. – Virou-se para os soldados. – Preparem as armas e saiam da frente. Isto não é um pelotão de fuzilamento.

– Com certeza não é uma execução – disse Kira. – Você vai ter que levá-lo ao Senado. São ordens.

A expressão de Mkele era dura.

– A não ser que ele morra tentando escapar.

– Não pode fazer isso! – contestou Kira, olhando para a fileira de soldados armados. Qualquer coisa seria motivo para atirarem, os dedos praticamente puxavam os gatilhos.

Kira pensou no bebê de Madison e no ar de preocupação da amiga.

– Apontar – disse Mkele. As armas estalaram em posição. O Partial se mexeu de novo, tossindo. O som da sua garganta era seco e assustador.

Inesperadamente, Haru saltou para dentro do círculo, colocando-se ao lado dos pés do prisioneiro e encarando o pelotão.

– Não podem matá-lo!

– Saia da frente – rosnou Mkele.

– Esta criatura é a única esperança que tenho de salvar minha filha – disse Haru. – O Senado mandou você levá-lo vivo.

O Partial mudou novamente de posição, tentando acordar. Metade dos soldados

recuou e metade avançou, procurando com as armas o melhor ângulo ao redor de Haru, que se encolheu, cerrando olhos e dentes – mas não saiu do lugar.

– Essa criatura é uma bomba ambulante – disse Mkele.

– Sim, ele é perigoso – concordou Haru. – Mas é a arma mais importante que já tivemos nesta guerra. Precisamos de tempo para aprender tudo que for possível.

O Partial gemeu novamente. Os soldados continuavam com as armas apontadas para ele, esperando a ordem de atirar.

Por favor, pensou Kira, não o matem. Ela reuniu toda sua coragem, deu um passo à frente e plantou-se ao lado de Haru.

O Partial fez outro movimento e roçou a perna de Kira. Ela se esquivou, fechando os olhos, imaginando que ele ficaria de pé e a mataria. Mas apesar do sobressalto, ela também não saiu do lugar.

Mkele a encarava com raiva.

– Dê mais sedativos – ordenou, por fim. – Aplique tudo que tem. Não quero que ele acorde antes de chegarmos à prisão. Partiremos para East Meadow assim que amanhecer.

Capítulo Dezessete

— **A** audiência está aberta.
Kira estava sentada no banco da frente da pequena sala do Senado. Jayden, Haru e Yoon estavam ao lado, em silêncio.

Tinham recebido o direito de tomar banho e trocar de roupas, mas continuavam sob forte proteção policial. Kira sentia-se como se o olhar de toda a cidade estivesse sobre ela, mas era apenas seu nervosismo, pois não havia plateia alguma na sala, e, se Mkele cumprira com seu dever, ninguém sabia que eles estavam ali. Os soldados fizeram juramento de silêncio, os guardas do local foram dispensados e a maioria dos senadores ausentara-se, restando um comitê de apenas cinco políticos carrancudos. Kira estava contente com a presença do senador Hobb. Ele nunca passava sem sua assessora, e a presença de Isolde a fortalecia.

Embora os presentes à audiência não olhassem para Kira, ela se sentia incomodada. O olhar dos senadores estava grudado no Partial, imobilizado no centro da sala. Estava acordado e seus olhos escrutinavam todos na sala, aguardando em silêncio para... Kira não sabia para o quê. Estava preso com tiras de couro, algemas, correntes, cordas e arames. Ninguém tinha noção da sua força – a segurança poderia ser exagerada ou risivelmente inadequada. Por precaução, a sala estava cercada por uma equipe armada até os dentes.

– É um grupo interessante de juízes – cochichou Isolde, sentando-se ao lado de Kira. – O senador Hobb será justo e o Dr. Skousen você já conhece. Ele costuma ficar calado durante as sessões, mas com toda a discussão médica que você levantou, não sei qual será a sua reação. Ao lado dele, Cameron Weist, de quem eu não sei muita coisa. Ele é o novo representante da Rede de Defesa do Queens. Ao centro, Marisol Delarosa, a presidente do Senado. E a que está ao lado dela, claro, é a megera da mãe de Xochi, a representante dos agricultores. Não faço ideia do que ela faz aqui. Fiz tudo que pude para acalmá-los, mas... tenha cuidado. Não são seus maiores fãs.

Kira olhou para o Dr. Skoussen.

– Eu sei.

O senador Hobb levantou-se, desviando o olhar do Partial. Estava mais bonito do que nunca, quase inconveniente para a situação.

– Esta audiência foi convocada por duas razões: a indisciplina destes quatro jovens e a decisão do que fazer com este... Partial, senador Weist.

– Como representante militar deste conselho, vou começar pelo que me diz respeito. Jayden Van Rijn e Yoon-Ji Bak, por favor, levantem-se. – Os dois ficaram

em pé. – Vocês são acusados de falsificar documentos militares, abandonar a tarefa que lhes foi designada, desmontar o sistema de defesa da ponte do Brooklyn, entrar em território inimigo sem permissão e participar de atividades não autorizadas, que resultaram na morte de três soldados. O que vocês têm a declarar sobre as acusações?

– Culpado – respondeu Jayden. A expressão em seu rosto era austera e sem emoção. Olhava fixamente para a frente.

O senador Weist olhou para Yoon.

– Soldado Bak?

Yoon estava quieta, mas Kira podia ver uma lágrima em seu olho. Ela engoliu em seco e levantou a cabeça, posicionando-se o mais ereta possível.

– Culpada.

– A pena para esses crimes é pesada – disse Weist –, mas a Rede de Defesa deseja ser branda. Vocês dois são jovens e, francamente, não estamos em condições de abrir mão de soldados treinados. Mesmo os criminosos. – Weist deu uma olhadela no Partial, com o canto dos olhos, em seguida pegou uma folha de papel. – Num tribunal militar secreto reunido esta manhã, ficou determinado que o soldado Yoon-Ji Bak, como subordinada nas atividades citadas acima, seguia ordens do oficial superior, portanto, é inocente. Soldado Bak, você irá retornar comigo para o Forte LaGuardia, onde receberá novas funções. Por favor, sente-se.

Yoon obedeceu e Kira notou que agora ela não segurava as lágrimas. Kira apertou o joelho de Yoon. Weist olhou para Jayden.

– Tenente Van Rijn. Assim como o posto da soldado Bak a torna menos culpada, o seu o torna mais culpado ainda. Você mentiu para os nossos comandantes, colocou a vida de civis em perigo e matou três dos nossos soldados. Não importa se foram por livre e espontânea vontade nem o fato de serem conspiradores. Isso também não ajuda você em nada. Você era o líder e agora eles estão mortos.

– Sim, senhor.

– A partir de agora você está expulso do exército e ficará sob a custódia da corte civil. A Rede de Defesa recomenda que sua sentença seja a prisão e o trabalho forçado, mas a decisão caberá à corte. Por favor, sente-se.

Jayden sentou-se e Kira sussurrou baixinho:

– Ele é um chato.

– Ele está certo e foi mais do que justo – respondeu Jayden. – Tinham o direito de me executar.

– Nem pense nisso.

– Obrigado, senador Weist – disse Bob. – Vamos agora prosseguir com a audiência civil. Soldado Bak, está dispensada.

– Vou continuar sentada com meus amigos, obrigada – disse Yoon, permanecendo

na sua cadeira.

O senador Hobb silenciou por uns instantes, deu de ombros e prosseguiu.

– Sr. Haru Sato, poderia, por favor, se levantar?

Haru levantou-se.

– Foi uma boa jogada de Yoon – comentou Isolde, baixinho. – Demonstra solidariedade para com o resto do grupo. O senador Hobb adora essas coisas.

– Isso vai influenciar os outros? – perguntou Kira.

– Não dá para saber – respondeu.

– Haru Sato, aos vinte e dois anos você é o membro mais velho do grupo e o único adulto. O que tem a dizer a seu favor?

O olhar de Haru era duro como aço.

– Não seja condescendente com eles, senador.

Kira ouviu um murmúrio percorrer a sala e fez o melhor que pode para disfarçar sua indignação. *Haru, seu idiota, o que está fazendo? Deveria estar ganhando a simpatia deles e não batendo de frente com eles.*

– Você gostaria de explicar seu comentário? – perguntou o senador Hobb, friamente.

– Vocês acabaram de condenar Jayden porque falhou como comandante. Mesmo assim, ele não é um adulto? Kira e Yoon têm dezesseis anos, a idade exata para a gravidez, segundo as novas regras que vocês querem instituir. Querem forçá-las a engravidar, mas não as consideram adultas? – O olhar de Haru atravessou cada senador. – Eu tinha onze anos quando houve o Break, vi meu pai morrer num ataque Partial. Duas semanas depois, minha mãe e meus irmãos também morreram na quadra de um colégio, tão lotado de refugiados que o vírus RM espalhou-se como fogo numa floresta. Fui o único sobrevivente na cidade inteira. Caminhei trinta quilômetros, sozinho, até encontrar outro grupo de sobreviventes. Desde aquele dia não sou mais uma criança, senadores, e estes três aqui passaram pela mesma coisa, numa idade ainda menor que a minha. Todos os dias eles arriscam suas vidas pela nossa sociedade, eles trabalham e a qualquer momento vocês podem também exigir que tenham filhos. Entretanto, vocês não os consideram adultos? O mundo de hoje não é o paraíso que vocês perderam no Break e já passou da hora de vocês aceitarem isso.

Kira ouvia de olhos arregalados. *Mandou bem, Haru.* Ela inclinou-se na direção de Isolde.

– Isso vai por um pouco de respeito.

– No caso dele, sim – sussurrou Isolde. – Mas no seu, na verdade, é muito ruim. Ele quer colocar todos vocês no mesmo nível. Assim, o que fizeram, será o resultado de uma conspiração de adultos, em vez da ação de um adulto liderando um grupo de menores. Ele pode receber uma sentença mais rigorosa se for considerado

o mentor. Se conseguir convencê-los do contrário, não será punido no seu lugar, como Jayden foi no de Yoon.

– Mas isso... – Kira franziu o cenho, olhando alternadamente para Haru e os senadores. – Seu discurso foi tão nobre.

– Foi brilhante – observou Isolde. – Uma raposa como essa é um desperdício trabalhando na construção civil.

– Muito bem. Kira Walker, você deseja ser julgada como um adulto? – perguntou o senador Hobb.

Maldição. Superobrigada, Haru. Kira levantou-se lentamente e ergueu a cabeça.

– Tomei minhas próprias decisões, senador. Sabia dos riscos e das consequências.

– Parece muito segura disso – disse Dr. Skousen. – Conte-me, Kira, o que você planejava fazer com este Partial após capturá-lo? Como você o manteria sob controle? Como iria trabalhar com a ameaça de uma nova epidemia?

– Não planejava, de forma alguma, trazê-lo comigo. Isso quem falou foi você. – Calou-se por alguns instantes, perguntando-se se não teria passado dos limites, enquanto observava a expressão do Dr. Skousen enrijecer-se de raiva. Ela inclinou-se para a frente, olhando para o Partial; ele a encarou de volta, de um jeito sombrio, e ela tentou afastar do pensamento a ideia de como seria fácil para ele soltar-se de tudo que o prendia. – Meu plano era cortar sua mão e fazer os testes lá mesmo, com o medicomp que levamos até o Brooklyn. Ninguém corria perigo até...

– Ninguém corria perigo? – perguntou Dr. Skousen. – E os três homens que morreram do outro lado do rio? E as duas mulheres em idade de procriar que quase morreram com eles? Certamente você, acima de todos, que trabalha na maternidade, compreende a necessidade de proteger cada possível gravidez.

– Se me permite, doutor – disse Kira, sentindo o rosto ruborizar de raiva. – Pedimos para ser tratados como adultos, não como vacas de presépio.

O médico parou no ato, e Kira cerrou os dentes, forçando-se a manter sua expressão a mais calma possível. *O que estou fazendo?*

– Se quiser ser tratada como adulta, recomendo que mantenha sua língua dentro dos níveis de civilidade – disse a senadora Delarosa.

– Claro, senadora.

– Para constar dos autos, pode nos contar qual a sua expectativa em estudar o organismo de um Partial?

Kira fitou o Dr. Skousen, tentando imaginar o quanto ele já tinha contado aos outros.

– Há anos estudamos o RM, mas ainda não sabemos como ele atua. Tudo que pensamos ser eficiente para combatê-lo não funcionou; tudo que pensamos que o tornaria inócuo não deu resultado. Estamos num beco sem saída e precisamos de uma nova direção. Acredito que devemos estudar a imunidade sob a perspectiva de

um organismo Partial e descobrir como funciona a resistência artificial que os torna totalmente imunes. Não devemos mais esperar pela possibilidade de uma mutação do vírus que impeça o surgimento dos sintomas. Só assim vamos encontrar a cura.

O senador Weist apertou os olhos.

– E achou que a melhor maneira de fazer isso seria invadindo o território inimigo sem o nosso apoio e sem um plano?

– Pedi ajuda ao Dr. Skousen. Mas ele deixou claro que eu não teria o apoio do Senado.

– Deixei claro que você não deveria tentar isso, sob nenhuma circunstância – esbravejou Skousen, esmurrando a mesa.

– Minha amiga está grávida – disse Kira. – A esposa de Haru e irmã de Jayden. Se não tentássemos, aquele bebê estaria condenado à morte, como todas as outras crianças que vocês não conseguiram salvar nos últimos onze anos. Não estudei medicina para assistir às pessoas morrerem.

– Seus motivos são louváveis – disse a senadora Kessler –, mas seus atos foram estúpidos e irresponsáveis. Não acredito que alguém pense o contrário. – Kira olhou novamente para a senadora e mais uma vez notou a incrível semelhança entre Xochi e ela. Não na aparência, claro, mas nas atitudes: adotada ou não, Xochi dera um jeito de crescer com a mesma determinação apaixonada e inflexível da mãe. – Temos leis para lidar com pessoas que fazem coisas estúpidas e irresponsáveis. E temos tribunais para aplicar essas leis. Francamente, acredito que a presença destes criminosos aqui no Senado é uma perda de tempo. Minha opinião é que devemos mandá-los para o tribunal competente e encerrar o caso. Por outro lado... – Ela fez um gesto em direção ao Partial. – Estamos numa audiência e é dele que eu gostaria de ouvir alguma coisa.

– Nós temos as leis, mas estamos aqui num caso claramente especial – observou o senador Hobb.

A senadora Kessler olhou para Kira, que fez de tudo para manter um olhar digno e firme diante da senadora.

– Meu voto é para que enviemos estes criminosos ao tribunal competente e passemos a lidar com o verdadeiro problema – disse a senadora Kessler, voltando-se para o senador Hobb.

– É o meu voto também – concordou Skousen.

– Protesto – disse Delarosa. – A presença de um Partial em Long Island, sem falar aqui em East Meadow, é altamente secreto, e certamente não deve ser do conhecimento de nenhum comitê investigativo. Vamos conversar com o Partial e em seguida decidiremos o que fazer com os acusados.

– Sou favorável – disse Weist.

– Não faço objeção – concordou Hobb.

Kessler silenciou por um instante, a expressão autoritária, e então assentiu com a cabeça.

O senador Hobb pediu a Kira e Haru que se sentassem. Hobb voltou-se para o Partial.

– Bem, é a sua vez. O que tem a dizer?

O Partial não disse nada.

– Por que estava em Manhattan? – perguntou Delarosa. Ela esperou alguns instantes, mas o Partial não respondeu. A senadora esperou mais um pouco e voltou a falar. – Você integrava uma equipe armada de ataque, acampada a alguns quilômetros da nossa fronteira. Qual era a sua missão?

O Partial permaneceu em silêncio.

– Por que agora? – continuou Delarosa. – Por que estão de volta após seis meses de uma rebelião brutal e de onze anos de total ausência?

– Vamos matá-lo – disse o senador Weist. – Nunca deveríamos ter trazido esta criatura até aqui.

– Vamos estudá-lo – disse Kira, de pronto. Ela se levantou e sentiu mais uma vez todos os olhares sobre ela. Esta seria sua última chance. Com o Partial recusando-se a falar, perderiam o pequeno interesse que ainda tinham de mantê-lo vivo. Estaria morto em minutos. Era necessário fazê-los entender; convencê-los a não jogar fora aquela oportunidade. – O que fizemos foi uma bobagem. Fomos sozinhos e havia milhões de possibilidades de tudo dar errado. Mas agora, neste exato momento, temos um Partial vivo bem aqui, esperando para ser estudado. Se quiserem, podem nos punir, nos matar se julgarem necessário, mas alguém, por favor, aproveite esta oportunidade para estudá-lo. Se eu estiver errada, tudo bem, o estrago já foi feito. Mas se eu estiver certa, podemos encontrar a cura para o RM e finalmente começar a reconstruir nossa sociedade. Sem o RM, sem a Lei da Esperança, sem a *Voz* ou revoltas armadas. Uma sociedade unida e com oportunidade de futuro.

Os senadores a encararam por alguns momentos. A senadora Delarosa chamou os colegas e eles se aproximaram. Permaneceram algum tempo sussurrando entre eles. Kira esforçou-se, em vão, para ouvir. De vez em quando, um deles olhava para o Partial.

– Saiu-se bem – cochichou Isolde. – Espero que funcione. Gostaria que parassem de olhar para você, estão me deixando nervosa.

– Achei que era para o Partial – disse Kira.

– Um pouco para ele, mas a maior parte do tempo é para você. Não sei o que isso significa.

Os senadores confabularam por mais alguns momentos. Kira constatou que Isolde estava certa: os olhares furtivos atravessavam a sala, passando pelo Partial, mas vinham direto em sua direção. Ela engoliu em seco, pensando nas maneiras que

poderia ser punida. Finalmente, o grupo se desfez silenciosamente, e o senador Hobb levantou-se.

– O Senado chegou a uma decisão – disse. – Estamos convencidos da necessidade de estudarmos os Partial: eles são imunes ao RM e se pudermos descobrir os segredos por trás dessa imunidade, seremos finalmente capazes de encontrar a cura. O corpo deste Partial pode ser a chave para nossa sobrevivência e ele não parece oferecer nenhuma ameaça imediata, quando devidamente amarrado e sedado. – O senador olhou de relance para o Dr. Skousen, endireitou-se e declarou em alto e bom som.

– Vamos transferir o Partial para uma instalação segura dentro do hospital, em segredo e sob proteção policial, onde ele poderá ser estudado em detalhes. Após cinco dias, será desmembrado e descartado. O estudo será conduzido por você, senhorita Walker. – Ele olhou para Kira, que estava atordoada demais para decifrar sua expressão. – Você tem cinco dias. Use-os bem.

Kira balbuciou, tentando ainda processar a informação.

– Você quer dizer que não serei presa... e ainda vou ficar com o corpo? Vou poder fazer os testes?

– Não apenas com o corpo. Poderá conduzir melhor a pesquisa com o Partial vivo – disse Dr. Skousen.

Capítulo Dezoito

— Não faz sentido. Minha mãe odeia os Partials – disse Xochi. – Ela teria matado aquela criatura com as próprias mãos se a tivessem deixado se aproximar dele. Por que o querem vivo?

– Fale baixo – pediu Kira. Ela olhou pela janela novamente, espiando através de uma fresta da cortina. – Se alguém te escutar, ou se alguém descobrir que contamos isso para você, vai nos custar muito caro.

– Provavelmente Mkele quer interrogá-lo – disse Jayden.

Na manhã seguinte, Haru e ele começariam a cumprir a sentença de trabalhos forçados, mas o Senado havia permitido que voltassem para casa para pegar suas coisas. Haru estava em casa com Madison, mas Jayden veio até Nandita, que estava em mais uma de suas viagens de coleta de ervas. Kira estremeceu ao pensar nas explicações que teria de dar a ela quando voltasse. Nandita podia aceitar desaforos das pessoas que odiava, mas a decepção causada por alguém que ela amava era o que a derrubava. Só de pensar nisso os olhos de Kira encheram-se de lágrimas e ela tentou mudar de pensamento.

– Talvez esteja se esquecendo de um fator-chave – disse Isolde. – Os Partials são quentes! Se tivesse me contado antes de partir, teria ido com você para Manhattan.

– Deixa disso, Isolde. É indecente – disse Kira, com uma careta.

– Não vi sozinha, você também estava lá. Aquela criatura é um Adônis. Faça uma coisa por mim: quando passar cinco dias a sós com aquela perfeição genética, encontre um tempinho para fazer um exame físico detalhado. Por mim!

– Nem é humano – disse Jayden.

– Em que sentido? – perguntou Isolde, provocando-o. – Tem todas as partes certas nos lugares certos. Se esse era o objetivo da ParaGen quando começou a fabricar pessoas artificiais, fico ainda mais triste que os Partial tenham enlouquecido e tentado nos matar.

– O que foi falado na audiência não vale nada – disse Jayden. – É só fachada. Vão prendê-lo em algum porão, torturá-lo e tirar dele tudo que conseguirem. Uma noite com alguns soldados da Rede, numa sala com isolamento acústico, vai deixá-lo mansinho.

– Agora você está realmente me excitando – disse Isolde.

– Cale a boca! – ralhou Jayden. Xochi riu.

– Mas por que me escolheram? – perguntou Kira. – Há pesquisadores bem mais experientes, técnicos de laboratório melhor preparados...

– Eu sei – disse Xochi. – Qualquer um naquele hospital seria melhor do que você.

Sem querer ofender.

– Nem um pouquinho. É o que estou dizendo.

– Certo. Agora, raciocine comigo: por que deixar que a aluna mais inexperiente fique no comando de um projeto tão importante, senão para que tudo dê errado? Ou querem usá-la de bode expiatório quando a coisa toda explodir?

– Tenho certeza de que existe uma razão melhor do que essa – disse Kira, embora não estivesse tão segura. Ela olhou através da janela, examinando a rua escura. Nada.

– Acho que ele não vem – disse Xochi.

Kira virou-se rapidamente.

– O quê? Eu estava apenas... olhando as árvores. Admirando uma rua sem panteras nem heras venenosas.

– O mundo do outro lado da fronteira é totalmente diferente – disse Jayden, balançando a cabeça. – Nem sei como explicar.

– É porque não tem ninguém – disse Isolde. – Manhattan tornou-se mais primitiva que Long Island. Não tem gente para espantar os animais ou conter a vegetação.

Jayden deu uma risadinha.

– Há quarenta mil pessoas em Long Island. Costumava ter milhões. Às vezes chego a pensar que a ilha nem sabe que estamos aqui – filosofou Jayden.

– Não é diferente apenas em Manhattan, mas em todo lugar. Vimos uma pantera no Brooklyn. Vimos um filhote de antílope, um pequeno fauno, devia ter no máximo dois meses. Um dia os animais vão perambular por todos os lugares onde nós, estes bichos esquisitos sobre duas pernas, estivemos, e vão beber água do rio, olhar para as nuvens, e esquecer completamente que um dia existimos. A vida vai seguir seu curso. Não há razão sequer para deixarmos qualquer registro, pois nunca mais vai existir alguém para lê-lo.

– Alguém está deprê – disse Jayden.

Xochi deu um soco no braço dele.

– Alguém quer mais batata frita caseira?

– Ah, eu quero! – exclamou Isolde, sentando-se. – Deixa a extinção para lá. Vou morrer no dia que ficarmos sem óleo vegetal! – Xochi passou o prato para ela e levantou-se.

– Não aguento mais ouvir “Antônio, em seu Mitzvah”. Alguma sugestão?

– Phineas – pediu Kira. – Não, Nissyen. Ele sempre me anima.

Xochi vasculhou dentro do cesto, dando uma espiada no gerador para ter certeza de que havia energia. Isolde mordeu uma batata e apontou para Kira com a metade restante, falando de boca cheia.

– Acho que está assustada. Fala sério: a criatura quase te matou e agora você vai trabalhar com ela.

– Não com ela.

– Com ela na sala – disse Isolde. – Você entendeu. É de botar medo.

– Acho que você está assustada – disse Xochi, plugando o aparelho com a dedicatória À NISSYEN, DE LINDA. Um *techno* efusivo saltou dos alto-falantes e ela sentou-se ao lado de Isolde. – Olhe para você, devorando batatas fritas como se fosse um vendedor de rua do outro lado da ilha.

– Acho que estou um pouco bêbada – disse Isolde, apontando para Xochi com a metade de outra batata mordida. Ela levantou a sobancelha. – O senador Hobb me deu um pouco de champanhe.

– Uau! – disse Xochi.

– Deve ter sido porque a audiência foi melhor que o esperado – disse Isolde, dando de ombros. – Não ia recusar.

– Mas eles não conseguiram nada do que queriam – observou Kira. – Quatro crianças tolas obrigando-os a... – Ela parou por alguns instantes. – A menos que eles quisessem isso esse tempo todo.

– Querendo o quê? Ele vivo? Estudá-lo? – perguntou Jayden.

– Não sei. Nada faz sentido – respondeu Kira, olhando para fora, através da janela. Ainda nada.

– Você não fica desconfiado? – perguntou Xochi. – Se o Senado estiver aprontando alguma coisa sinistra, como vamos saber de todas as outras em que estão metidos?

– Está sendo paranoica – disse Jayden. – O que podem estar conspirando de tão terrível?

– Estão escondendo um Partial dentro dos limites da cidade. Se podem fazer isso, podem fazer outras coisas – rebateu Xochi.

A sala ficou em silêncio.

– Ataques contra agricultores. Membros da *Voz* desaparecendo na calada da noite – continuou Xochi. – Aceitamos esse tipo de coisa porque a gente pensa que sabe o que está por trás das decisões do Senado, mas e se não for nada disso? E se estiverem mentido para nós esse tempo todo?

– Sou assessora do senador Hobb há quase um ano e posso lhe garantir que não estou escondendo nenhum segredo de Estado.

– Você está defendendo a honestidade de um grupo que, você mesma sabe, em primeira mão, está mentindo para a população de East Meadow – disse Xochi. – E estão fazendo isso com tanta eficiência que não pode ser a primeira vez. A única coisa que me surpreende nisso tudo é nenhum de vocês estar surpreso.

– Acho que Xochi tem razão – disse Kira, sentindo um buraco no estômago, cada vez mais profundo e escuro, enquanto pensava na lógica de Xochi.

– Por que está tão desesperada para atacá-los? – perguntou Jayden. – Olha,

Xochi, sinto muito que a sua mãe seja uma vaca, mas ela não é o Senado inteiro. E a Rede de Defesa? Você está falando de pessoas que nos defendem e protegem. Pessoas que morreram fora daqui para que você pudesse estar ouvindo música, neste momento, no seu aparelho de som, comendo do bom e do melhor e ainda reclamando de como você é oprimida.

– Deixando de lado o seu próprio fiasco, Jayden, não consigo lembrar quando foi a última vez que um soldado realmente morreu em combate – disse Xochi, impetuosamente.

– No ano passado, num ataque da *Voz* às fazendas de Hampton.

– E como sabe que foi a *Voz*? – inquiriu Xochi.

– Por que mentiriam?

– Como sabe que não foi um agricultor descontente, recusando-se a enviar sua cota ao governo, e a Rede de Defesa foi até lá botar um pouquinho de pressão? – apertou Xochi.

– Por que mentiriam para nós? – repetiu Jayden.

– Para a gente andar na linha! – gritou Xochi. – Dê só uma olhada em tudo que aturamos: soldados armados nas ruas e a investigação de todos que entram ou saem do mercado. Estão começando a vasculhar as casas. O Senado diz “pule” e nós queremos apenas saber de que altura. E sabe por quê? Porque eles nos convenceram de que a *Voz* irá nos matar se não pularmos. Nossos rapazes vão para a guerra, nossas garotas engravidam e sempre fazemos tudo que nos mandam fazer, mas tudo continua igual. Nunca melhora. E sabe por quê? Porque, se as coisas melhorarem, não precisaremos mais obedecê-los.

Kira olhava para cada um deles, chocada com a explosão de Xochi. E todos pareciam tão chocados quanto ela.

Jayden resmungou e ficou em pé.

– Você está louca – disse, caminhando em direção à porta. – Tenho coisas mais importantes para fazer do que desperdiçar meu tempo neste lugar.

– Burro! – murmurou Xochi, saindo como um furacão para a cozinha.

Kira olhou para Isolde, que lhe devolveu um olhar assustado.

– Não são diabólicos – disse Isolde. – Trabalho com eles todos os dias, são apenas pessoas. O senador Hobb faz o melhor que pode. – Ela silenciou por alguns instantes. – Você deveria levar sua arma amanhã. Não temos ideia da força de um Partial ou do que é capaz de fazer. Você tem alguma arma de pequeno porte?

Kira balançou a cabeça negativamente.

– Gosto de um fuzil. Mas isso é em casa; dentro de um laboratório ele não teria muita utilidade.

– Empresto a minha. O prédio do Senado está infestado de soldados e agora você

é a guardiã de um predador hiperinteligente. Vai precisar dela mais do que eu.

Kira olhou a rua vazia através da janela.

– Vamos pegar a arma. A festa já acabou – disse suavemente. Ela saiu com Isolde, parou na varanda e esperou alguns longos segundos antes de dar o próximo passo.

Marcus não apareceu.

O Doutor Skousen conduziu Kira por um corredor comprido.

– Aqui costumava ser a sala da quarentena – disse, apontando para a pesada porta de metal no fim do corredor. – Nunca mais a usamos para essa finalidade ou qualquer outra. Os zeladores passaram a noite limpando o local. Temo que a vedação não seja mais tão eficiente, mas estamos com as equipes de resgate trabalhando dia e noite em busca de antigas distribuidoras de produtos médicos, hospitais e clínicas. Qualquer lugar onde possamos encontrar o tipo certo de plástico para vedar portas e janelas. Mas por enquanto estamos seguros.

E eu estarei trancada lá dentro com um Partial, pensou Kira. Ela apertou sua pilha de frascos, cadernos e outros equipamentos, tentando evitar que caíssem enquanto acompanhava o ritmo acelerado do andar de Skousen.

– Pode ficar com a máscara, mas o plástico está tão degradado quanto os seladores na sala. Não vai ajudar muito – disse Skousen. Ele abaixou a voz, sussurrando secretamente ao dobrarem o final do corredor. – Passamos a noite procurando qualquer coisa que ele pudesse usar como arma contra você. A criatura já foi limpa e pesada. Fizemos tudo que precisava ser feito com ele solto. Agora está amarrado e é todo seu.

Chegaram à porta, uma barreira de aço de mais de dois metros, guardada por dois soldados em uniforme de combate e capacete. Um deles era Shaylon Brown, o soldado que conhecera na missão de resgate em Asharoken. Ele sorriu ao se virar para abrir a porta. Kira olhou para Skousen, mantendo-se agarrada a sua precária carga de equipamentos.

– Preciso saber de mais alguma coisa?

– Aprenda tudo que puder – ordenou Skousen. – Não queria que você fizesse isso e ainda acho que a expedição que vocês fizeram foi uma grande bobagem, mas agora que temos um... é uma oportunidade rara. Honestamente, não sei quanto tempo mais os outros senadores vão permitir que ele fique vivo, os cinco dias combinados ou menos. Você deve comunicar tudo diretamente a mim, em especial se encontrar algo... ameaçador. A última coisa que queremos é pânico.

– Entendido – respondeu Kira. – Vamos lá. – Virou-se para a porta, respirou fundo e passou pelos soldados. – Obrigada pela segurança, rapazes. – *Se precisarem de mim, estarei trancada aqui dentro com o monstro.*

A entrada para a sala era por um túnel de plástico claro e flexível, com um leve zunido elétrico de uma grade no chão – uma grade eletromagnética projetada para sugar partículas nocivas dos sapatos. *Eu esperava que tivesse um...* Ela olhou em volta à procura do jato de ar bem a tempo de receber um turbilhão artificial no rosto, que a deixou totalmente limpa e lançou poeira e cabelos na grade elétrica. Kira conseguiu equilibrar nas mãos os tubos e papéis e quando o jato de ar parou, entrou na sala.

O Partial estava deitado numa cama cirúrgica ao centro, amarrado com fortes tiras de couro; a cama estava parafusada no chão. Acordado e com os olhos alertas, observou-a entrar no laboratório improvisado. Nas paredes havia balcões, computadores e outros equipamentos, tudo limpo e bem iluminado.

Nunca estivera tão assustada em toda sua vida.

Parou por um momento, sem dizer nada, então atravessou a sala e colocou seus pertences sobre o balcão. Os tubos de amostras rolaram livremente pela superfície do balcão. Kira parou para reuni-los e colocou-os, um a um, num suporte de plástico. Engoliu em seco, encarando o suporte, reunindo forças para virar-se e olhar para o Partial. Aquilo não era nada – apenas um homem, nem mesmo um homem, mas um adolescente, sozinho e imobilizado. Já havia passado por isso antes e enfrentado outros como ele sob circunstâncias muito piores, há apenas alguns dias. Mesmo assim, a sensação era outra naquele momento; tudo parecia fora do lugar. Num ambiente selvagem, um Partial era um inimigo e ela sabia o que pensar sobre ele, mas um Partial ali, em East Meadow, na mesma sala...

Kira notou um lampejo com o canto do olho e viu a lente de uma pequena câmera suspensa no canto da sala. Obviamente haviam acabado de instalá-la num buraco quadrado no balcão de madeira, presa com parafusos reforçados. Correu os olhos pelo cômodo e encontrou mais cinco: uma em cada canto e duas no teto, voltadas para ângulos específicos na mesa do Partial e na sua própria mesa de trabalho. Obra de Mkele, disse a si mesma. Sentiu-se nervosa com a ideia de que ele e seus soldados a observavam tão atentamente. Caso o Partial tentasse alguma coisa, logo entrariam em ação.

Kira respirou aliviada. Ela mesma não percebera que estava com a respiração em suspenso. Saber que Mkele assistia a tudo fazia com que se sentisse mais ou menos segura? Não conseguia decidir-se. Passou pelo Partial e foi até a janela.

Estava no segundo andar, de frente para uma fileira de árvores altas que terminava num amplo estacionamento, lotado de carros destruídos. Muitos dos estacionamentos da cidade estavam vazios – o movimento nos restaurantes tinha sido fraco enquanto

a civilização entrava em colapso –, mas o do hospital andava cheio, e havia transbordado de carros há onze anos. Os carros permaneciam ali como advertências fantasmagóricas.

Preciso de uma amostra de sangue, disse a si mesma, forçando-se a voltar à tarefa que tinha em mãos. *Preciso de sangue e tecido. Se eu fui a uma zona de guerra para cortar a mão de um soldado inimigo, eu consigo fazer uma biópsia nesta criatura amarrada a quatro metros à minha frente.*

Voltou para o balcão onde estavam os tubinhos de sangue – amostras do sangue de Marcus. Relíquias das primeiras tentativas de estudar o RM, antes da ida a Manhattan, do Partial, e tudo o mais. Antes do sumiço de Marcus. Conservara todas as anotações que fizera, uma descrição completa da contagem das plaquetas, dos glóbulos brancos, glicose, eletrólitos, o nível de cálcio e da extensa e assustadora quantidade de estruturas virais. Todos os humanos eram portadores, envenenando os próprios filhos, muito depois do exílio dos Partials. Os Partials também eram portadores? Toda essa catástrofe não valeu de nada?

Respirou fundo, limpou o rosto e virou-se para o Partial: ali não estava uma coisa sem face atrás de um visor escuro, mas um homem, um garoto um pouco mais velho do que ela, amarrado a uma mesa e reduzido a quase nada. Sem a camisa, ela podia ver que seu corpo era bem torneado e musculoso, não tanto como um halterofilista, simplesmente em boa forma: forte, esbelto e saudável. Uma perfeição genética, como dissera Isolde. Kira tentou evocar seu entusiasmo da luta em Manhattan, tentou imaginar-se cortando a mão dele para estudar. Seus olhos eram castanhos, como os dela. Eles olhavam para ela tranquilamente.

Segundo Dr. Skousen, o Partial tinha sido lavado, mas Kira olhou novamente e percebeu pequenas manchas ao redor do rosto e da cabeça. Aproximou-se, tentando examinar melhor seu rosto. Eram manchas de sangue, secas e escuras, rodeando a boca e um dos olhos. Havia salpicos de sangue também na orelha do lado oposto. Levantou o braço para tirar seu cabelo da frente, mas não completou o movimento.

– Bateram em você?

O Partial não respondeu, apenas a observava com seus olhos escuros. Kira sentia o ódio esquentá-lo como um fogão de ferro, irradiando ondas de calor. Encheu-se de coragem e levantou novamente o braço, mas desta vez o Partial reagiu, num movimento súbito e brusco com a cabeça, agitando o corpo com força embaixo das amarras. Kira pulou para trás involuntariamente, o coração disparado, a mão em busca da arma. Ela não chegou a sacá-la, apenas a tocou, sólida e tranquilizadora, com a mão. Forçou-se a acalmar-se e deu um passo à frente, cheia de coragem. Após alguns momentos, ela sacou a arma e a mostrou para o Partial.

– Fiz parte do grupo que capturou você – disse ela. – Não estou tentando ameaçá-lo, apenas mostrando o quanto estou determinada. Temos cinco dias pela frente, e se

quiser passar todos eles brigando, estou mais do que pronta. – Ele a observava, o olhar frio e inflexível, analisando-a em busca de qualquer brecha, qualquer falha na sua defesa em que ele pudesse escorregar para dentro...

...e mesmo assim atrás daqueles olhos frios ele estava apavorado. Ela sabia disso, apenas de olhar para ele: nunca estivera tão amedrontado em toda sua vida. Ela recuou, analisando a situação da perspectiva dele: estava sozinho, um prisioneiro de guerra, havia apanhado, estava acorrentado e amarrado numa mesa de cirurgia, e agora ela apontava uma arma para ele. Kira abaixou a arma.

– Caso ainda não tenha percebido, todos aqui estão absolutamente apavorados com a sua presença. Não sabemos como você funciona e do que é capaz. Tudo que sabemos é que você é uma arma biológica sobre duas pernas.

Ela parou por alguns instantes, esperando, mas ele permanecia em silêncio. Fez alguns gestos para ver se ele reagiria, mas não funcionou. Ela suspirou. Não sabia qual reação esperava dele.

Ele a observava atentamente. Kira sentia-se desconfortável como um inseto preso num pote. Quem estudava quem?

– Tudo bem, então. Se você não quer falar, OK. Acho que se estivesse na tua situação também não iria querer. Por outro lado, não sei se conseguiria ficar de boca fechada. Os humanos são criaturas muito sociáveis. Gostamos de nos comunicar para nos sentirmos...

– Você fala demais.

Kira estancou, os olhos arregalados. Sua voz estava seca e rouca dos dias que ficara calado. Até onde sabia, ele não havia pronunciado uma única palavra desde que fora capturado, há mais de cinquenta horas. Kira não tinha certeza se compreendera o que ele falara. *Sou a primeira humana a se comunicar com outra espécie em onze anos e ele me diz para calar a boca?!* Passado o choque inicial, ela quase riu.

– Entendi – disse Kira, assentindo com a cabeça. – Mas antes quero explicar o que vou fazer. A maioria dos nossos exames é feita com sensores, são não invasivos, apenas examinam seus órgãos... – Ele fechou os olhos, claramente ignorando-a, e ela mudou de assunto. – Tudo bem, sem explicações médicas. – Kira foi até o balcão lateral, fuçou nas gavetas e voltou com um tubo de vidro esterilizado e um punhado de pequenos instrumentos. – Deixe eu te avisar: essa picada no dedo vai doer um pouco, nada terrível, só uma agulha de uns dois milímetros. Vai me deixar usar seu dedo ou vamos brigar de novo?

Ele abriu os olhos, viu o instrumento e olhou para Kira. Após um longo momento, ele abriu o punho e ofereceu o dedo.

– Obrigada.

Ela pingou algumas gotas de álcool num chumaço de algodão e passou no seu

dedo indicador. Suas mãos eram firmes e quentes. O perfurador era quase do tamanho e do formato de uma caixinha de fio dental, e ela o pressionou contra a ponta do dedo.

– Agente firme.

Ele mal se mexeu. A agulha espetou a ponta do dedo e Kira a removeu rapidamente, pressionando um frasco fino de vidro contra a pele. O frasco enchia-se de sangue lentamente, mais lento que o normal, e ela apertou o dedo para aumentar a pressão. O fluxo parou antes mesmo de o tubo se encher.

– Sua pressão deve estar baixa – comentou, selando o tubo com um franzir de cenho. – Normalmente um dedo enche dois tubinhos. A menos que... – Ela olhou mais de perto, o sangue começava a coagular dentro do recipiente. Ela olhou para o dedo, apertando cuidadosamente o furo. Já havia cicatrizado. – Incrível – murmurou. Levantou o tubo de vidro à altura dos olhos, o sangue estava adquirindo uma cor marrom-ferrugem, endurecendo até cobrir-se nas duas pontas por uma casca pequena e sólida.

Encarou o Partial. Ele não disse nada.

O primeiro impulso de Kira foi o de fazer outro furo, desta vez mais profundo, mas ela afastou a ideia tão rapidamente quanto pensara nela. Não estava ali para torturá-lo e, com cicatrização rápida ou não, o procedimento causava algum desconforto. A leve retração do dedo no momento da picada era prova disso. Não tinha estômago para machucá-lo apenas para observar a sua reação.

Mas... o que era mesmo que o Senado queria? Não era para isso que estava ali? Não tinha a intenção de simplesmente cortá-lo com facas, mas a ordem era estudá-lo. Se a resistência do Partial ao vírus RM estava baseada no seu poderoso sistema regenerativo, então ela teria de testar os limites da sua capacidade de cura e determinar como usar isso em benefício dos humanos. Se não encontrava a resposta em outro lugar, era ali que teria de procurar.

Ele aguentaria levar um tiro? O que aconteceria com a bala? Sua coragem lutava contra sua curiosidade científica. Balançou a cabeça, deixando de lado o tubo com sangue coagulado.

– Não vou torturar você – disse, voltando até as gavetas, de onde retirou uma pequena seringa de plástico e uma agulha curta e fina. – Mas tenho que coletar outra amostra de sangue. O medicomp precisa de sangue líquido para me dar uma boa resposta do que se passa aí dentro. Se seu sangue coagulou imediatamente em contato com o ar, teremos que manter o ar fora da equação pelo maior tempo possível. – Ela ajustou a agulha na seringa, pegou um tubo de solução alcalina, sugou e expeliu o líquido da seringa até ter certeza de que o espaço interno fora preenchido pela solução. Passou um algodão sobre uma veia interna do cotovelo do Partial e segurou a agulha sobre ela.

– Prepare-se para outra picada.

Dessa vez ele não se moveu. Ela tirou um centímetro cúbico de sangue e colocou um chumaço de algodão sobre a picada, mas logo se deu conta de que o ferimento já estava cicatrizando – claro. Sentiu-se uma boba e virou-se, colocando a seringa, com agulha e tudo, no medicomp. O sangue estava no estado líquido. Ela tirou as luvas e começou a tocar na tela, solicitando testes de sangue, exames do fígado e tudo o mais que ela conseguia pensar. Clicou na mensagem “escaneamento completo” que havia identificado o vírus da última vez, com Marcus. Ela clicou no “sim” e esperou, praticamente sem respirar, enquanto o equipamento catalogava o sangue.

Ela ainda não havia se permitido pensar em Marcus; na verdade, não tivera tempo para isso. Há menos de vinte e quatro horas ainda estava na carroceria do caminhão da Rede de Defesa, sendo levada para a audiência secreta com o Senado, em East Meadow. Marcus não tinha ido à festa de Xochi na noite anterior – e Kira não o procurou. Logo pela manhã, seguira direto para o hospital. Ele ainda estaria zangado com ela? Ela ao menos estava brava com ele? Sim, estava – claro que estava –, mas ao mesmo tempo enxergava o lado dele. Agora ela sabia que ele tinha sido... o quê? Tentado protegê-la? Não precisava de proteção, não quando ela era a única que poderia fazer alguma coisa. Mas será que ele estava certo sobre o RM – que não havia cura e que ela arruinava a vida deles ao tentar encontrá-la? Ela não conseguia acreditar naquilo, sequer permitia-se pensar nisso. Encontraria a cura para aquela coisa maldita e isso era tudo que importava. Mas, então, o que pensou entender sobre Marcus?

Que ele tinha medo e pensava que a perderia. Isso ela entendia. Metade dela já havia se convencido que ela morreria.

O medicomp apitou e Kira voltou o olhar para a tela. O sangue apresentava um número acima da média de eletrólitos, um nível de glicose a um passo da diabetes e uma contagem tão alta de glóbulos brancos que ela não resistiu em tirar sua temperatura, temendo uma infecção. Estava exatamente com 37° C, assim como ela. Talvez a fisiologia de um Partial apresentasse resultados levemente diferentes do normal? Até onde sabia, o resultado de um exame que indicava doença em um humano, para um Partial era normal. Ela anotou os detalhes em seu caderno, marcando as anormalidades que gostaria de estudar mais detalhadamente.

No entanto, a informação mais importante era a de que continuava ausente, mesmo depois de ter analisado todos os dados: não havia nenhum vestígio do vírus RM.

Sem RM. Ela levantou o olhar, extasiada. Embora o Partial continuasse deitado sobre a mesa, com o olhar fixo no teto, ele parecia ameaçador. Qualquer outro naquela posição passaria a impressão de desistência, mas havia algo diferente nele – a tensão nos músculos, o piscar alerta dos olhos –, indicando que sua mente trabalhava a mil por hora.

Naquele momento não fazia diferença. Kira sentiu vontade de rir: o Partial não apresentava nenhum vestígio do vírus no sangue, exatamente como ela tinha previsto. Seu corpo podia destruir ou expelir o vírus. Agora precisava apenas descobrir como isso acontecia.

Os dedos ágeis de Kira dançavam sobre a tela, selecionando os arquivos. Agora, tinha certeza de que os Partial não eram portadores, mas precisava descobrir por que, com os humanos, era diferente. Como se dava o processo contagioso? Não era suficiente apenas afirmar, “Os humanos adoecem”. Ela precisava saber como o vírus era transmitido de uma pessoa a outra e o que acontecia após a transmissão. Tudo nos mínimos detalhes. Era necessário observar o processo num organismo humano e num organismo Partial, para compreender as diferenças. Ela colocou na tela a imagem do vírus, o glóbulo amarelado que vivia no sangue. *Você parece um balão, pensou, mas matou 99,996% da raça humana.*

Precisava de um foco. Quais informações já estavam naquele arquivo? Tamanho: quatrocentos nanômetros. Era enorme para a escala dos vírus – definitivamente grande o bastante para ser retido por um bom filtro de ar. Seu olhar atravessou a sala até o túnel de plástico à entrada da porta, perguntando-se que tipo de filtro era usado ali. *Um sistema como aquele deveria ser capaz de deter um vírus de quatrocentos nanômetros, pensou. Também não era para um vírus de quatrocentos nanômetros chegar até um feto; nada desse tamanho atravessaria a barreira da placenta. Isso explicaria o porquê de os bebês adoecerem apenas após o nascimento.*

Um pensamento chamou a atenção de Kira. Se o vírus era grande o suficiente para ser contido, por que não realizavam os partos num ambiente controlado? Se eles lavavam o chão, esterilizavam os instrumentos, usavam máscaras – faziam tudo que pudessem imaginar –, por que mesmo assim o vírus encontrava seu caminho até o hospedeiro?

Não sou a primeira pessoa a se perguntar isso, pensou. Marcus e Dr. Skousen disseram que as pesquisas começaram logo após o Break. Isso quer dizer que deve existir, em algum lugar, um registro dos resultados. Kira puxou os arquivos do banco de dados, pesquisando os estudos sobre partos em “salas limpas”. Encontrou vários, mas os estudos não tinham a resposta que ela procurava, obviamente. A taxa de doença e de transmissão do RM era virtualmente igual à dos partos normais, como se a “sala limpa” não tivesse nenhum efeito na retenção do vírus. Anexo aos registros estava outra série de estudos, desta vez voltada à presença de uma variante do RM no ar. Kira abriu a pasta com interesse – ela sabia que o RM era transportado pelo ar, mas a estrutura desse tipo de vírus não era um tópico dos primeiros anos das aulas de medicina e seus professores ainda não haviam falado muito sobre ele. O relatório apresentava outras imagens, similares àquelas da amostra de sangue, mas os vírus eram bem menores: entre trinta e três e trinta e um nanômetros. Kira franziu

o cenho. Era quase impossível deter um vírus daquele tamanho, mesmo numa sala limpa. Ela olhou para o Partial, sentindo a antiga raiva ressurgir.

– Vocês fizeram de tudo para a gente nunca se livrar desse maldito vírus, não é?

Ele olhou para Kira, que parecia poder ver o turbilhão de pensamentos na cabeça dele. Ao falar, seus olhos exprimiam... curiosidade.

– Vocês não podem se reproduzir.

– O quê?

– É por isso que estão tentando encontrar a cura do RM. Nós não tínhamos filhos, por isso não sentimos falta deles após o Break. Mas vocês ficaram sem nenhum, não foi? Estão querendo a cura do RM porque suas crianças não sobreviveram ao vírus.

A vontade de Kira era de gritar, de forçá-lo a reconhecer sua própria participação no extermínio da raça humana; agredi-lo por ousar falar assim tão despretensiosamente de algo tão terrível. Mas ela se conteve, porque o que ele disse chamou sua atenção.

Será que ele não sabia que o vírus continuava matando? Kira não confiava nele, mas ficara com a impressão de que apenas agora ele se dera conta de que o RM continuava fazendo vítimas. Ele não sabia de nada. Caso isso fosse verdade, implicava duas coisas muito importantes: primeiro, os Partial não estavam nos espionando. As teorias que pipocavam de que eles estavam escondidos entre os humanos, infiltrados na ilha como espiões altamente secretos, eram falsas. Do contrário, aquele ali já saberia que as crianças humanas continuavam morrendo. Sua reação de surpresa demonstrava que não estavam vigiando os humanos.

Ou, se estavam vigiando, pensou, não contavam uns aos outros o que viam.

A segunda coisa era que os Partial – ou pelo menos aquele Partial em especial – não sabiam como o RM funcionava. Ele não esperava que o vírus continuasse ativo, e, presumivelmente, todos os outros Partial com quem ele interagira pensavam igualmente. Será que os líderes Partial estavam escondendo a informação dos seus próprios soldados, ou eles também não sabiam? Mas como poderiam desconhecer o funcionamento de um vírus criado por eles mesmos? Existia a possibilidade de o vírus ter sofrido alguma mutação. Kira tremeu só de pensar nisso. Se algo tão letal quanto o vírus RM estava em mutação, agindo além dos seus parâmetros originais, quem poderia prever do que seria capaz?

Para Kira, havia uma maneira de descobrir o quanto ele sabia.

– Você, Partial, o que sabe sobre o RM? – perguntou.

A criatura não respondeu.

– Ah, deixa disso! – disse Kira, jogando a cabeça para trás, frustrada. – Vamos começar tudo de novo? Não dá para pelo menos dizer alguma coisa.

– Bem, humana, você vai me matar daqui a cinco dias. Isso não é um grande incentivo.

Kira voltou-se como um furacão para o medicomp e jogou-se na cadeira, tão irada que mal conseguia pensar. Aquela criatura ia morrer porque havia matado Gabe, Magrelo e outras seis bilhões de pessoas. Depois de tudo que ele tinha feito, de cada atrocidade que participara, como ousava ter a presunção de sugerir que ele era a vítima?

As imagens na tela pareciam rodopiar e enevoar-se. Como poderia trabalhar com aquela criatura deitada a um metro e meio de distância? Nesses momentos é que precisava de Marcus para fazer uma brincadeira, para amenizar a situação e ajudá-la a perceber o que era importante e o que não era. Ela olhou para a porta, mas é claro que ele não estava lá. Ele nem sabia onde ela estava.

O Partial tinha razão numa coisa: só lhe restavam cinco dias. Kira precisava trabalhar. Ela tirou-o do pensamento e concentrou-se no trabalho: uma tela lotada de imagens de vírus e uma série de relatórios sobre sua estrutura. O vírus se apresentava em duas versões, uma para o sangue, outra para o ar. O Glóbulo e o Esporo, o amarelo e o azul. *Concentre-se!* O Esporo era minúsculo, perfeito para viajar pelo ar. Era assim que deveria passar de um hospedeiro a outro. Mas, então, de que servia o Glóbulo?

Nenhum dos estudos trazia a resposta. Embora as pesquisas apontassem para a existência das duas formas, não sabiam como funcionavam juntos. Kira voltou para a análise do sangue de Marcus, procurando entre os resultados qualquer sinal do Esporo. Se ele *pudesse* entrar no corpo, ele *entraria*. Na amostra de sangue de Marcus deveria haver algum sinal dele, porém Kira não o encontrou ali. Isso significava que seja lá o que acontecia com o Esporo ao entrar no corpo, acontecia muito rapidamente e não deixava rastro.

Ou seja, o Glóbulo *era o rastro*. Kira repassou as possibilidades na cabeça: o vírus reagia ao sangue e aos tecidos humanos, era assim que funcionava, usando o próprio material do hospedeiro para se replicar. Então, talvez eles interagissem num outro nível. Dessa forma seria possível um nível extra de interação entre eles. Talvez o Esporo não fosse projetado para se replicar, apenas para se converter em Glóbulo, deixando para este a tarefa de replicar-se. Era estranho, mas possível. *Seja lá o que o vírus fizer*, pensou Kira, *ele o faz rapidamente. No momento que examinamos o sangue, qualquer amostra de Esporos já terá se convertido em Glóbulo*. Kira correu os dedos pelos cabelos, tentando descobrir uma maneira de ver a transformação acontecendo. Se obtivesse uma amostra de sangue não contaminado e o colocasse no medicomp rápido o suficiente, poderia estudar o processo real da contaminação. Mas onde encontrar sangue humano não infectado?

Nos recém-nascidos. Havia quatro mulheres grávidas na cidade. Os bebês estavam para nascer na próxima semana. E, no caso de algum parto prematuro, poderia conseguir as amostras antes disso.

Ela faria uma requisição ao Dr. Skousen, apenas para ver sua reação. Sempre coletavam amostras de sangue nos nascimentos, mas geralmente não faziam os testes antes de lidar com os outros problemas, o que poderia demorar vários minutos. A maioria das amostras não era tão sensível à passagem do tempo. Se a teoria de Kira estivesse correta, teriam de testar o sangue imediatamente, caso quisessem observar esta reação específica.

A próxima pergunta era a mais difícil de todas: se o Glóbulo era o resultado da transformação do Esporo, de onde vinham os Esporos? O Glóbulo criava o Esporo ou ele se transformava de volta num deles? Observar a passagem de um estado a outro seria difícil, pois ela não fazia ideia de como acontecia e, portanto, não poderia recriar o processo. Tudo indicava que a transformação ocorria no sangue, porque o vírus se reverteria instantaneamente. A falta de qualquer Esporo na amostra de Marcus confirmava isso. *Nos pulmões, então? O Glóbulo reage ao oxigênio da mesma forma que o Esporo reage ao tecido?* Era a resposta mais simples, o que a tornava o ponto de partida da investigação. Mas como fazer o teste?

Primeiro preciso isolar o vírus, pensou. Ela olhou ao redor do quarto à procura de algo com que pudesse capturar o pequeníssimo vírus, e seu olhar caiu sobre uma caixa de luvas de látex. Lembrou-se de como ela e Marcus costumavam inflá-las na escola, apertar a abertura até quase fechá-la e estourá-las. Se a transformação do vírus realmente acontecia nos pulmões, seu hálito estaria cheio deles. *Se a luva de borracha segurar o oxigênio, o vírus também será retido, pelo menos o tempo suficiente para que eu o examine no medicomp.* Kira pegou a luva e a encheu como uma bexiga. *E agora?* Ficou parada no meio da sala sem saber o que fazer. O medicomp conseguiria ler através da borracha? Provavelmente. Mesmo que ela se sentisse uma idiota colocando uma luva de borracha inflada no campo do sensor. Mas havia outro problema: seja lá o que fizesse com o seu hálito, teria de fazer o mesmo com o do Partial. Ambos os testes precisavam ser iguais ou os resultados não valeriam. Ela tinha certeza de que o Partial não assopraria numa luva de borracha. Deixou a luva murchar. Teria de pensar em outra coisa.

– Estávamos vencendo a guerra – disse o Partial, baixinho. Kira ficou surpresa ao ouvi-lo.

– O quê? – Kira o encarou, guardando a luva no bolso. – Por que está falando sobre isso?

– Você acha que criamos o vírus. Você está me estudando como parte da sua missão para encontrar a cura. Pensa que o fabricamos. – Ele balançou a cabeça. – Não fomos nós.

– Sabia que mentiria, mas esperava que fosse mais criativo.

– Estou falando a verdade.

– Não é verdade! – gritou Kira. O Partial manteve-se calado, apenas olhava para

ela. Seus olhos estavam sombrios. – Vocês nos atacaram, nos mataram e, para terminar o serviço, lançaram o vírus.

– Estávamos vencendo a guerra – a criatura repetiu. – Éramos o maior destacamento do seu exército, não havia uma forma eficiente de vocês nos enfrentarem. Atacamos rapidamente, tomamos os meios de comunicação, aniquilamos seu contra-ataque. Não podiam nos deter. Em mais algumas semanas, talvez em apenas duas, teríamos assumido o controle total do governo, e teríamos feito isso sem abrir mão da infraestrutura criada pela sua sociedade – eletricidade, gás natural, indústrias e produção de alimentos...

– Era esse o plano? – perguntou Kira, com amargura. – Nos fazer de escravos? De mão de obra para a manutenção da sua infraestrutura?

– Você quer dizer, o mesmo que fizeram conosco?

Kira o encarou. A raiva aumentando a cada segundo, quente como a chama de um maçarico, queimando de dentro para fora. Tirou a luva do bolso, voltou com passos firmes até o medicomp e jogou-a na lixeira destinada ao resíduo hospitalar.

– Não queríamos escravizá-los – disse o Partial. – E mesmo se fosse o caso, não precisávamos matar vocês. Nem era nossa vontade. Não havia nenhuma motivação tácita ou política para lançar um vírus assassino.

– Quer que eu acredite que foi uma coincidência o fato de um supervírus responsável pela destruição da humanidade, e que não deixou um arranhão em vocês, ter sido lançado bem quando vocês nos atacavam? E vocês não tiveram nada a ver com isso?

– Admito que parece improvável.

– Improvável? Está sendo generoso.

– Procuramos uma explicação, mas ainda não sabemos de onde veio – disse a criatura.

– Nem sei por que estou falando com você – disse Kira. Era loucura pensar que estivesse dando qualquer crédito ao que a criatura dizia e mais loucura ainda dar ouvidos a ele. Voltou-se para o medicomp, encarando tenazmente as imagens e as informações, mas não resistia à tentação de olhar furtivamente para ele. Ele escondia algo. Se conseguisse enxergar através de suas mentiras, quem sabe tirasse algum proveito do que ele dizia. Seu jeito de falar era monótono e sem emoção, demonstrando desinteresse ou incapacidade de empatia. Deslizou a cadeira até ele e inclinou-se em sua direção.

– Tudo bem. Já que você está com tanta vontade de conversar, me diga por que estava em Manhattan.

A criatura não respondeu. Ela esperou com os olhos fixos nele. Frustrada, perguntou novamente.

– Qual era a sua missão? Por que estava tão perto da fronteira?

– Não posso contar.

– Por que não?

O Partial olhava fixamente para o teto.

– Por que não quero morrer.

Capítulo Dezenove

Era quase meia-noite quando Kira deixou o hospital. A noite estava fresca, o que lhe causou um leve tremor. Mesmo sendo verão, as noites em Long Island podiam ser um tanto frias. O Partial recusara-se a continuar falando. Por um lado, Kira agradeceu: estava tão desesperada para saber o que ele tinha a dizer quanto assustada. Se apenas falar sobre o que sabia poderia lhe custar a vida... Estremeceu novamente, só de pensar.

Em vez de conversar com ele, passara o resto do dia enfiada nos arquivos do medicomp, estudando o vírus: sua estrutura peculiar, as proteínas que formavam a membrana plasmática, o receptor e a carga genética que trazia no núcleo. O hospital possuía equipamentos superavancados para a pesquisa genética, alguns dos mesmos aparelhos usados originalmente na criação dos Partials. Apesar disso, todos os que sabiam usá-los haviam morrido durante o Break. Era irônico, de certa forma, que houvesse uma tecnologia tão incrível e moderna, mas que nenhum ser vivo soubesse usá-la. Às vezes, Kira pensava nos equipamentos como se fossem mágica, artefatos místicos de alguma civilização esquecida. Dr. Skousen e sua equipe de pesquisadores as estudavam em salas escuras, rodeados dos tomos ancestrais do seu ofício, mas a magia desaparecera. Eles encontraram o código genético do RM, mas não puderam alterá-lo ou mesmo decifrá-lo. Tudo o que podiam fazer era observar e levantar hipóteses – e torcer por uma descoberta.

Kira não descobrira nada. Restavam quatro dias.

Perambulava pela cidade. Sua vontade era de chegar logo em casa e cair na cama. Mas, de certa forma, ainda estava desorientada. Era como se seu cérebro, cansado do esforço de tanta concentração, precisasse vaguear. Deixou-se levar por ele através da cidade escura, passando por casas adormecidas, calçadas esburacadas e ruas de terra amaciadas pelo uso. Durante a noite, East Meadow parecia tão vazia quanto o mundo além dos seus limites – o crescimento desordenado da vegetação era controlado pela presença de pessoas e animais, mas as casas estavam escuras, as ruas, vazias, e o mundo, tão silencioso quanto fora dali. Durante o dia, a população espalhava-se pela cidade, mas à noite East Meadow era apenas outra parte da ruína que cobria a terra.

Kira dobrou a esquina e percebeu onde estava – por onde havia caminhado, inconscientemente, desde o momento que deixara o hospital. A rua de Marcus. Parou na esquina, indecisa, contando as casas *cinco, quatro, três, dois, um* até chegar à dele, à direita. Ele morou muitos anos com um senhor, depois mudou-se com outros pais adotivos, quando o primeiro morreu. Ao completar dezesseis anos, passou a

viver sozinho. Mudar de casa não era problema. Você precisava apenas encontrar uma em bom estado, limpá-la e pronto, era sua. Os donos estavam todos mortos, os bancos não existiam mais. Havia mais que o suficiente para todos terem duas, cinco, mesmo dez casas, se quisessem. Long Island fora o lar de milhões de pessoas. O velho mundo havia se exaurido na busca de Mais Coisas. Agora havia mais coisas do que qualquer um pudesse usar, e pouco ou nada além disso.

Kira viu um lampejo amarelo, tênue e distante. Ela hesitou por alguns instantes, os olhos levemente apertados. Com certeza era na casa de Marcus. Por que estava acordado a esta hora? Ela avançou, pisando cuidadosamente sobre as rachaduras provocadas pelas raízes de uma árvore na calçada, sem tirar os olhos da luz tremulante. Era uma vela, brilhando suave através da janela. Parou no gramado da casa, espiando a sala: uma vela, uma cadeira e Marcus, dormindo sentado. As paredes estavam vazias, havia apenas furos de pregos das fotografias de outras pessoas, agora tiradas dali, guardadas ou jogadas no lixo. Ela observou Marcus por um longo tempo e, de repente, ele a observava, a cabeça levantada, os olhos abertos.

Ele permanecia sentado, olhando-a com os olhos bem abertos, esperando que ela desse o primeiro passo. Ela permaneceu imóvel, olhando para ele.

A luz da vela brilhou.

Marcus levantou-se, desaparecendo atrás do batente da janela. A porta da frente se abriu. Kira subiu correndo os degraus da varanda antes mesmo de ter consciência do que fazia e Marcus surgiu à porta. Ela o abraçou, afundando o rosto em seu peito. Ele a segurava apertado, bem junto de si. Kira fechou os olhos e mergulhou naquele corpo: sua força, seu cheiro, sua presença. Tudo tão familiar quanto ela própria. Marcus era parte da sua vida desde quando sua memória alcançava. Ele era mais real do que qualquer outra coisa do velho mundo. Aquela era a vida em que ela havia nascido, mas isto – East Meadow, Marcus e mesmo o RM – era a vida que ela vivia. Ela o abraçou forte. Levantou o rosto e seus lábios se encontraram num beijo longo, ardente e desesperado.

– Me desculpe por não ter ido com você – sussurrou Marcus. – Me arrependi a cada dia da tua ausência.

– Você poderia ter morrido – disse Kira, balançando a cabeça e beijando-o outra vez.

– Mas eu deveria estar ao seu lado – disse Marcus, a voz decidida. – Deveria estar lá para protegê-la. Eu te amo, Kira.

– Eu também te amo – respondeu mansinho, mas uma voz no seu íntimo disse *Você não precisava de proteção*. Ela ignorou a voz, afastando-a do pensamento. Naquele momento, o que ela mais desejava no mundo inteiro era estar em seus braços.

– Você pegou um, não foi?

Kira ficou em silêncio, sem querer falar ou mesmo pensar no Partial. Então, admitiu.

– É.

– As notícias correm. Todos sabem que a Rede trouxe alguma coisa do extremo oeste da ilha, mas ninguém sabe o quê. Não foi difícil para mim somar dois e dois.

Kira sentiu uma onda de tensão espalhar-se pelo corpo, lembrando-a de o quanto estava pesado o clima na cidade antes de partir. De como as pessoas estavam próximas de embarcar numa guerra civil.

– Você acha que mais alguém descobriu?

– Duvido. Trazer um Partial para dentro de East Meadow não é a primeira coisa que vem à cabeça de alguém.

– Talvez não a primeira, mas a segunda, a quinta ou a vigésima. Alguém pode descobrir.

Sentiu frio, inesperadamente. Afastou-se de Marcus e esfregou os braços. Ele a conduziu gentilmente para dentro da casa.

– Temos tantas outras coisas com que nos preocupar – disse Marcus, estranhamente sombrio. – Tivemos outro ataque da *Voz* enquanto você esteve fora. Um dos grandes. Atacaram os canis, mataram ou levaram quase todos os cães treinados da Rede de Defesa. Agora não dá mais para ...

Kira agarrou o braço de Marcus, o coração disparado.

– Os canis? Não era onde Saladin trabalhava?

– A criança-prodígio. O caçula da humanidade. Levaram Saladin junto com os cães e metade das pessoas que trabalhavam com ele. Fizeram um estrago daqueles, psicologicamente falando. Sem os animais não poderemos rastrear a *Voz* nas florestas, mas sem Saladin... foi como se tivessem chutado um filhote e roubado um bebê. Muitas pessoas estão exigindo o uso de toda nossa força contra eles.

– Por que fariam isso? – perguntou Kira. – Estava na cara que as pessoas ficariam furiosas. Parece até que foi para nos tirar do sério. Claro que não vão conseguir mais adeptos. Será que querem começar uma guerra?

– Podem pedir um resgate em troca de Saladin – sugeriu Marcus. – Ele é uma moeda de troca e tanto. Deixaram um recado.

– Um recado?

– Picharam o canil com letras garrafais. A mensagem foi clara e a mesma de sempre: “Revoguem a Lei da Esperança”.

Kira atravessou o túnel de plástico.

– Bom dia – disse espontaneamente, então parou, perguntando-se por quê. Quando ela havia começado a pensar nele como uma pessoa?

O Partial não respondeu. A criatura não esboçou nenhuma reação ao ouvi-la e

Kira imaginou que estivesse dormindo. Aproximou-se devagar, em silêncio, mas o Partial grunhiu e tossiu, tombando a cabeça para o lado e cuspiando.

– O que você... – Kira ficou paralisada.

Ele cuspiu sangue.

Kira largou as pastas e correu até ele, levantando gentilmente sua cabeça. O rosto estava escurecido por hematomas e sangue seco.

– Minha nossa, o que aconteceu?

Ele grunhiu novamente, abrindo os olhos aos poucos.

– Sangue.

– Eu sei, vejo que está sangrando – disse Kira, correndo até o armário à procura de toalhas. – O que aconteceu?

Ele não respondeu, apenas balançou a cabeça, estralando o pescoço. Em seguida, levantou o braço direito uns sete centímetros, mas, num tranco, foi impedido, pela amarra, de continuar o movimento. O braço estava coberto de pequenos ferimentos.

– Eles me cortaram.

Kira abriu a boca em horror.

– Quem? – O susto transformando-se rapidamente em raiva. – Quem fez isso? Os guardas? Os médicos?

Ele assentiu levemente com a cabeça e examinou o interior da boca com a língua, certificando-se de que todos os dentes ainda estavam no lugar.

– Isso é ridículo – disse Kira, com raiva. Caminhou com passos duros até o microscópio, rosnou, e voltou do mesmo jeito. Tudo que ela havia pensado em fazer, mas descartado porque era desumano, alguém havia entrado na sala e feito. Lançou um olhar frio e prolongado para a câmera no canto da sala, um olho que nunca piscava e a encarava de volta sem emoção. Sua vontade era de esmagar a câmera, mas respirou fundo e tentou acalmar-se. Ficar brava não resolveria nada. *Estou aqui tentando ser do bem, mas... tratar o Partial com tolerância é realmente fazer o “bem”?* *Estaria servindo melhor a humanidade se testasse seus limites?* Caminhou até a mesa e sentou-se, ainda olhando para a frente. *Eu nem sei o que fazer.*

Deixou a cabeça cair e viu a luva de borracha amassada dentro do lixo. O teste da respiração. Ela ainda precisava encontrar uma maneira de isolar a respiração do Partial para procurar amostras do vírus RM transmitido pelo ar. O Esporo. Não havia encontrado um jeito de fazer isso. As luvas funcionariam, tinha certeza, mas apenas se o objeto da pesquisa estivesse disposto a colaborar. Deu uma olhada no Partial, sombrio e silencioso sobre a cama.

Kira levantou-se, pegou outra luva e se aproximou da cama, devagarinho.

– Você tem nome?

O Partial a olhou cuidadosamente, um olhar lento e analítico. Kira sentiu que ele estava calculando tudo sobre ela.

– Por que quer saber?

– Porque estou cansada de chamar você de Partial.

Ele a analisou mais alguns instantes, então deu um sorriso lento e resabiado.

– Samm.

– Samm – repetiu Kira. – Devo admitir que esperava um nome diferente.

– É com dois emes.

– Por que dois emes?

– Estava escrito na minha mochila: Sam M. Não percebi que o M era um sobrenome. Eu tinha apenas dois dias. Nunca havia conhecido ninguém com sobrenome. Eu era apenas... Samm. Foi assim que soletei quando passei por uma inspeção. E assim ficou.

Kira ajoelhou-se ao lado dele e disse:

– Samm, sei que você não tem nenhum motivo para me ajudar, mas gostaria que você entendesse que isto é muito importante. Ontem, você adivinhou que o RM ainda é uma grande preocupação para nós, e tem razão. Tudo que estou fazendo aqui, tudo que todos estão fazendo, é tentar encontrar a cura. Por isso estávamos em Manhattan, porque nada do que sobrou na ilha nos dá alguma resposta. Não sei se isso é importante para você, mas é incrivelmente importante para mim. Daria a minha vida para encontrar a cura. Sei que parece estranho, mas vou lhe pedir um favor. – Ela parou, quase desistindo, então levantou a luva. – Você assopraria aqui dentro?

Ele levantou a sobrancelha.

– Preciso que você a encha de ar – explicou Kira. – Com isso vou obter uma amostra do seu hálito para analisar no medicomp.

Ele hesitou.

– Me diga seu nome.

– Por quê?

– Porque estou cansado de chamar você de humana.

Ela inclinou a cabeça, olhando para ele. Estava de gozação? Sua voz era ainda mais monótona e sem emoção. Estaria tentando uma aproximação? Estaria testando-a? Seus olhos sempre tinham uma expressão fria e analítica, mas havia algo de jocoso por trás. Seja lá o que estivesse fazendo, ela tinha mais de um motivo. Ela contraiu os lábios, pensativa, e decidiu fazer o jogo dele.

– Meu nome é Kira.

– Pois bem, Kira, vou encher a luva para você.

Ela levou a luva até a boca e sentiu o hálito dele na sua mão. Em seguida, ela apertou a entrada da luva, enquanto ele assoprava vigorosamente. Foram necessárias algumas tentativas até conseguir ajustá-la na boca do Partial, mas logo tinha nas mãos uma pequena amostra do seu hálito. Ela afastou a luva e a amarrou bem

apertado na extremidade.

– Obrigada.

Kira colocou a luva na câmara de amostragem do medicomp, sentindo-se um tanto ridícula, então a fechou e começou a tocar na tela, à procura de resultados. A lente do microscópio deu início ao longo processo de digitalização do maior número possível de estruturas moleculares.

Quase instantaneamente surgiu uma pequena mensagem no canto da tela: a lente havia encontrado um “correspondente parcial” em seu banco de dados. *Isso é um trocadilho, microscópio?* Um segundo depois, apareceu outra janela, então mais duas, mais quatro, um correspondente parcial atrás do outro. Kira trouxe a imagem para a tela e encontrou uma estrutura proteica bizarra, completamente nova, apesar de familiar, como apontara o microscópio. Examinou-a atentamente. O aparelho mostrava agora dúzias de combinações, rapidamente atingindo o número de centenas. Algo na respiração de Samm assemelhava-se muito – mas não era exatamente igual – ao Esporo RM. Os dedos de Kira voavam pela tela, aumentando a imagem, girando-a, dividindo-a. Era extraordinariamente parecida com o RM encontrado no sangue – tamanho, formato e receptores na superfície. Não era exatamente o RM, mas era parecido o bastante para Kira sentir um calafrio percorrer seu corpo. Os detalhes diferentes eram a parte mais assustadora, pois significavam que eram novos. Talvez uma nova cepa do vírus.

E Samm o lançava no ar.

Kira olhou para o teto, movendo os olhos de um lado a outro. Pensou em gritar ou simplesmente sair correndo do quarto, mas ficou parada. *Preciso pensar melhor.* Para começar, ela não estava doente. Não apresentava nenhum sintoma, nenhum desconforto, nenhum sinal de um agente patogênico em ação. Aproximou-se da tela do computador, analisando a imagem: parecia o RM, mas não se parecia com um vírus. Um vírus teria o núcleo no centro, uma estrutura com as informações genéticas, que penetraria na célula hospedeira e a corromperia, mas essa coisa na respiração de Samm não possuía núcleo. Ela pesquisou cuidadosamente, usando seus dedos para ampliar a imagem, examinando a estrutura em detalhe. Pelo que podia verificar, essa nova célula não tinha meios de se reproduzir. Era uma versão não viral do vírus.

Kira tinha agora algo em que se concentrar, seja lá o que fosse. Ela cruzou as informações com outras do banco de dados, em busca de algum indício do propósito ou da função daquela nova estrutura. Duas possibilidades eram óbvias. Ela tomou nota em seu caderno: primeira, o corpo de Samm, em algum momento, produziu o Glóbulo, mas de alguma forma a capacidade de produzi-lo foi removida ou ficou reduzida, deixando apenas a estrutura inerte e não viral. Era o vestígio de uma partícula, como o apêndice de um órgão, o indício de uma função anterior. Kira

meditou sobre aquilo, o olhar fixo no caderno. Os Partial's teriam espalhado o RM assim? Mataram todo mundo apenas respirando? Nesse caso, como o vírus perdeu sua capacidade de reprodução? O que virou o botão de vírus mortal para vírus inerte? *Os Partial's foram projetados, pensou. Um botão como esse, e o poder de ligá-lo ou desligá-lo, poderia ter sido embutido dentro deles. Mas quem teria a chave para mudá-lo?*

Kira estremeceu. As ramificações do seu pensamento embrulharam-lhe o estômago. E, no entanto, a segunda suposição sobre a partícula era ainda pior: a estrutura na respiração de Samm era a precursora do vírus ativo, projetada para se metamorfosear ao entrar em contato com o sangue humano, tornando-se um Glóbulo mortal. Seria esse o segredo da imunidade dos Partial's? Um vírus que seria inofensivo até encontrar um alvo humano? Para Kira, a segunda opção era a pior, pois significava que não haveria nada que pudesse ser usado contra ele: nenhum mecanismo de defesa que ela pudesse copiar dos Partial's. Se o alvo do RM eram os humanos, em especial, então a única defesa contra ele seria deixar de ser humano.

Talvez a única forma de sobreviver fosse ser um Partial.

Kira balançou a cabeça e jogou o caderno sobre a mesa, espantando a ideia. Não poderia pensar assim – ela não *pensaria* assim. Algo no código genético do Partial mantinha o vírus inativo. Devia existir alguma forma de copiar essa informação genética no código genético humano. Kira estava decidida a descobrir o que mantinha o vírus inativo. A única coisa que aquilo certamente provava era que Samm dissera a verdade no dia anterior: os Partial's tinham uma conexão com o RM, mas num nível primário. E qual seria ela?

Ela tocou na tela, a fim de criar um perfil para o novo vírus. O vírus que se alojava no sangue era o Glóbulo, porque era redondo. O que era transmitido pelo ar era o Esporo, pois a lembrava dos esporos das plantas, que são transportados pelo vento. Para o novo vírus ela escolheu o nome Espião, porque ele não tinha nenhuma função específica. Simplesmente ficava esperando o momento certo de atacar.

– Você não vai encontrar o que procura.

Kira havia começado a trabalhar. Samm tinha uma noção engraçada do tempo. Mas ela estava curiosa.

– E como sabe o que estou procurando?

– Está procurando a solução.

– Estou procurando a cura.

– A cura é apenas parte da solução – disse Samm. – Está procurando a solução para os seus problemas: rebeldes, epidemias, instabilidade política, guerra civil. Está com medo de tudo, e, para ser justo, tudo na vida de vocês é bastante assustador. Está procurando a cura para dar um passo à frente, para arrumar a vida de vocês. Mas não vai encontrar as respostas apenas curando o RM. E sabe disso.

Ele tem nos escutado, pensou Kira. Muito do que disse pode ter ouvido de nossas conversas, mas não tudo. Não sobre a Voz, certamente. Mas ele tem prestado atenção, e está chegando a conclusões. A primeira coisa que lhe ocorreu foi parar de falar, para que o Partial não conseguisse extrair mais nenhuma informação. No entanto, ele estava amarrado e tinha mais quatro dias de vida. Como pressupor que uma guerra civil inevitável poderia ajudá-lo a escapar?

Kira sentiu-se sufocada no quarto e decidiu abrir a janela para receber um pouco de ar. Ao passar por Samm, ele nem se mexeu. Kira usou toda a sua força tentando abrir janela, praguejando baixo contra o Senado por trancá-la ali dentro. Então lembrou-se que aquele quarto era completamente vedado. Sentiu-se uma tola por tentar abrir a janela, o que a deixou ainda mais irritada.

– Não queremos que vocês morram – disse Samm.

– Então, por que nos matou? – Kira olhou para ele, sentindo o rosto ficar quente e vermelho.

– Já disse que não criamos o RM.

– O que encontrei no seu hálito mostra o contrário.

Se aquilo era novidade para Samm, ele não demonstrou.

– Se quiséssemos vocês mortos, você estaria morta – disse Samm. – Não é uma ameaça, é fato.

– Então, que querem de nós? – perguntou incisiva. – Por que nos mantêm vivos? O que estão planejando? Por isso estavam em Manhattan?

Ele hesitou por alguns instantes.

– Parece que você faria qualquer coisa para garantir a sobrevivência da humanidade. Até onde está disposta a arriscar?

– Do que está falando? – perguntou. – O que está sugerindo?

Ela desviou o olhar para a câmera, sabia que ouviam e assistiam a tudo. Ele calou-se e olhou para o teto.

– Não! Você não pode dizer uma coisa dessas e depois simplesmente se fingir de morto. Por que começou a falar se não vai terminar?

Ele não respondeu. Nem sequer olhou para ela.

– Era sobre isso que falava ontem? Que não pode nos contar porque não quer morrer? Pois vou te contar um segredo, Samm, você vai morrer de um jeito ou de outro. Se tiver alguma coisa para dizer, é melhor dizer logo. Você estava em Manhattan por algum motivo. Está querendo dizer que tem a ver com o RM?

Kira esperou por um minuto completo, mas ele permaneceu em silêncio. Ela voltou furiosa para a janela e a esmurrou. O som da batida ecoou distante. *Que estranho.* Ela franziu o cenho, espiando pela janela e bateu de novo, perguntando-se o que causava o som. Nada aconteceu. Ela se aproximou da janela e, repentinamente, uma sequência rápida de estalos chegou da cidade. Levantou o

olhar, querendo saber o que se passava. Viu uma nuvem de fumaça subir de algum lugar para além das árvores, a alguns quarteirões do hospital. Os estalos continuavam num pipocar rítmico, mas foi apenas quando viu as pessoas correndo que ela se deu conta do que estava acontecendo.

Eram metralhadoras automáticas: a cidade estava sob ataque.

Capítulo Vinte

A sala de reunião do hospital estava cheia. Kira, Mkele e os outros cinco senadores que participaram da sua audiência estavam presentes. O clima era de tensão.

– A *Voz* atacou o prédio do Senado – disse o senador Weist. – Usaram a maior equipe de ataque que já vimos, ao menos quarenta insurgentes. E não capturamos nenhum vivo.

– E se estivéssemos lá? – inquiriu Hobb. Seu cabelo ondulado estava escorrido e empapado de suor, o rosto pálido. Ele caminhava de um lado a outro da sala, preocupado. – Não temos guardas o suficiente...

– O Senado não era o alvo – interrompeu Mkele. – Eles atacaram num momento em que não havia sessão nem senadores no local. Está claro que o objetivo era entrar no prédio com a menor resistência possível.

– Então foi um roubo? – perguntou Delarosa. – Ainda não faz sentido. É muito mais fácil obter o que guardamos no prédio do Senado vasculhando fora de East Meadow.

– Procuravam o Partial – disse Mkele. A sala ficou em silêncio. – Os boatos estão correndo. Essa é a razão pela qual convidei a Srta. Walker para participar desta conversa.

– Um dos soldados deu com a língua nos dentes, ou a própria Kira. Nunca deveríamos ter confiado nela – disse a senadora Kessler.

Kira começou a protestar, preparando seus melhores e mais terríveis insultos contra aquele olhar dissimulado de Kessler, mas Mkele a interrompeu.

– Se Kira tivesse falado, teriam atacado o hospital. Acho mais provável que a *Voz* não saiba o que estamos escondendo. A única coisa que sabem é que estamos escondendo algo. Obviamente, não sabem onde está. Até mesmo a mensagem que picharam no prédio não diz muita coisa: “O Senado está mentindo. O que estão escondendo?”. Vocês não acham que eles contariam se soubessem o que é?

– Apenas se quisessem começar um motim – observou Weist. – Era o mínimo que poderia acontecer se lançassem notícias sobre o Partial.

– Para a *Voz*, um motim pode ser o único objetivo viável neste momento – disse Delarosa. – A única maneira de criar a instabilidade necessária para dar um golpe.

– Considerando o quanto nosso prejuízo foi pequeno, esse ataque mais nos ajudou do que atrapalhou – concluiu Mkele. – A informação que eles aparentemente possuíam, combinada com a informação que obviamente não possuíam, me ofereceu uma estimativa valiosa da Rede de Inteligência do grupo.

– Isso é uma boa notícia agora, mas, e antes do ataque? Como nosso segredo

vazou? Se você é tão brilhante, por que não evitou tudo isso?

– Se você tinha alguma ilusão de que era possível manter total segredo numa comunidade pequena como esta, estava enganando a si mesmo – respondeu Mkele. – Vocês sabiam da minha opinião sobre a presença do Partial desde o começo.

– Nossa decisão foi baseada nas garantias que você nos deu – argumentou Kessler. – Se está vazando informação pela Rede de Defesa, precisa averiguar...

– Sabíamos muito bem no que estávamos nos metendo – disse Delarosa. – Se o plano com a Srta. Walker der certo, cada ataque terá valido a pena. Os benefícios em potencial superam os obstáculos.

– Se funcionar – frisou Kessler, lançando um olhar cortante a Kira. – E se a *Voz* não lançar um ataque fulminante antes de ela terminar. Há muitos senões.

Falam do meu trabalho como se eles o estivessem executando, pensou Kira. Seu primeiro impulso foi o de protestar, mas controlou-se. *Se eles pensam que estamos trabalhando juntos, quer dizer então que estão apostando no resultado. Estão apoiando o projeto. Não importa de quem será o crédito, contanto que alguém encontre a cura.*

– Muitos senões. E é preciso apenas que um dê errado para que sejamos considerados traidores e criminosos de guerra – prosseguiu Hobb. – Weiss está certo sobre o motim: se a notícia de que um Partial está sob nossa custódia vazar, ninguém vai esperar pela explicação. Vão esmagar qualquer coisa que encontrarem pela frente até achá-lo e depois vão destruí-lo.

– Então precisamos tirá-lo do hospital – disse Skousen. – O ataque no Senado foi altamente destrutivo. Se fizerem o mesmo no hospital, teremos muito a perder: os pacientes, as instalações, até mesmo a estrutura do prédio em si.

– Mas não podemos removê-lo – insistiu Kira. – O hospital Nassau é a única instalação na ilha com os recursos que precisamos para a pesquisa. Não há sequer equipamentos em outros locais.

– A melhor opção é não dizer nenhuma palavra sobre o assunto – disse Mkele. – A reação inicial do senador Weist foi correta, de acordo com as minhas simulações. Se a notícia de que estamos escondendo um Partial dentro de East Meadow vazar, a resposta do povo será impulsiva e violenta. As pessoas vão se rebelar ou apoiar a *Voz* em massa. Recomendo que o número de patrulheiros seja dobrado e o de guardas no Senado, triplicado.

– Por que complicar as coisas? – perguntou Kessler. – Vamos executar a criatura e acabar com o problema.

– Ainda temos muito a aprender... – disse Kira, mas calou-se quando Kessler a fuzilou com o olhar. *Qual o problema dessa mulher?*

– Concordo – disse Mkele. – Precisamos apenas decidir se vale a pena sermos surpreendidos por causa daquilo que você quer descobrir. Srta. Walker, poderia nos

relatar os seus avanços?

Kira olhou para ele, em seguida para o grupo de senadores.

– Devemos cumprir o prazo de cinco dias – disse rapidamente.

– Queremos um relatório, não uma opinião – contestou Delarosa.

– Os exames já revelaram dados de valor incalculável – disse Kira. – Mesmo o primeiro exame de sangue nos forneceu mais informações sobre a fisiologia do Partial do que todos os estudos anteriores. Ele tem um sistema avançado de plaquetas...

– A criatura – corrigiu Skousen.

Kira franziu o cenho.

– Como?

– A criatura tem um avançado sistema de plaquetas – disse Skousen. – Está falando de uma máquina, Kira, não de uma pessoa. – Kira viu o olhar desconfiado e irado dos senadores cair sobre ela, afinal, falava em nome do inimigo. Aquele não era o melhor momento para isso, não agora que estavam decidindo com que rapidez matá-lo. Quando havia começado a tratá-lo por *ele*? Ela balançou a cabeça obedientemente e abaixou o olhar, tentando parecer o menos ameaçadora possível.

– Peço desculpas, foi apenas um lapso. A criatura tem um avançado sistema de plaquetas que permite a cicatrização de cortes e outros ferimentos numa velocidade exponencial. Inúmeras vezes superior ao de um humano saudável.

Weist mexeu-se na cadeira.

– E você acredita que... o segredo para a cura do RM esteja na capacidade avançada de regeneração dos Partial?

– Possivelmente – respondeu Kira, embora achasse improvável. Precisava fazer aquela informação parecer a mais positiva possível. – Mais provável ainda é o que descobri esta manhã. – Exagerava aquela parte também, mas precisava ganhar tempo. – Encontrei na sua respiração vestígios de um vírus RM inofensivo.

Os senadores exclamaram em surpresa. Hobb até sorriu. Kira sentia que estavam satisfeitos e seguiu em frente.

– Ao analisar o hálito do Partial à procura de algum sinal do RM transmitido pelo ar, que denominei de Esporo, encontrei uma forma inativa e não viral do RM tipo sanguíneo. Parece que literalmente alguém pegou uma amostra do RM e retirou dele todas as partes viróticas funcionais: ele não se reproduz, não é contagioso, não pode fazer nada. Até o momento esta é a evidência mais contundente de que o organismo de um Partial pode nos ajudar no combate ao RM.

– Estou impressionada – disse Delarosa, assentindo com a cabeça e olhando para Skousen. – Você estava a par disso?

– Ela fez a descoberta hoje cedo – respondeu Skousen. – Ainda não tive tempo de ler os relatórios. – O médico virou-se pesadamente na direção de Kira. – Você tem

certeza de que se trata de um vírus neutralizado e não de um RM esperando para ser ativado?

Tinha certeza de que me questionaria sobre isso.

– Ainda estou pesquisando.

– Parece-me prematuro apresentar a questão de forma tão definitiva quando você ainda nem tem certeza do que se trata.

– Mesmo que sejam pequenas evidências, todas apontam para uma conclusão positiva – disse Kira. – Se houvesse um novo vírus, encontraríamos sinal dele em algum lugar: novos sintomas, novos pacientes, provavelmente uma nova epidemia. Ele, digo, a criatura, está sob a nossa custódia já há alguns dias e ninguém está adoecendo. Nem mesmo eu, que tenho passado a maior parte do tempo com ele.

– E se não for um novo vírus? – perguntou Skousen. – E se for o velho RM a que todos somos imunes e, por isso, está inativo na amostra?

– Isso é totalmente possível, mas o que estou defendendo é que a outra teoria também pode ser possível. Isso é um bom sinal. Qualquer que seja a teoria correta, ela é, até o momento, nosso resultado mais consistente e promissor. Superando até minhas próprias expectativas para um dia e meio de pesquisa.

– Pode existir algo de concreto no que ela está dizendo – observou Weist. O senador inclinou-se para a frente, olhando para os colegas. – E se existir mesmo a cura?

– Manteremos o combinado – disse Delarosa, lançando a Weist um olhar agressivo, para surpresa de Kira. – Srta. Walker, concordo com seus argumentos: sejam positivos ou não os resultados, vale a pena continuar investigado o que você encontrou. Aprenda tudo que puder e não hesite em solicitar qualquer coisa de que precise.

– Preciso do sangue de um recém-nascido – disse Kira, de pronto. O que pedira foi tão bizarro que mesmo ela fez uma careta. Gostaria de ter dito aquilo de maneira menos grotesca. – Da próxima vez que um bebê nascer, no momento em que ele apontar a cabeça, preciso que retirem uma amostra de sangue. Quero estudar o processo de infecção, então, o tempo é fundamental.

Delarosa olhou para Skousen, que suspirou e assentiu com a cabeça. A senadora olhou para Kira.

– Faremos o possível.

– E o que farão em relação à segurança? – perguntou Skousen, exigindo uma resposta. – Um ataque da *Voz* ao hospital seria devastador.

Delarosa manteve o olhar fixo num ponto sobre a mesa, perdida em pensamentos.

– Sr. Mkele, essa é a sua especialidade.

– Precisamos aumentar o número de soldados nas ruas. Mas se a *Voz* perceber que reforçamos a segurança no hospital, fará dele seu próximo alvo. É preciso

cuidado.

– Vamos transferir o Senado para o hospital – disse Hobb. – Pensarão que por isso reforçamos a segurança.

Mkele balançou a cabeça.

– Isso só iria piorar a situação. O Senado continuará a se reunir na sua sede...

– Você está louco? – interrompeu Hobb.

– A *Voz* já procurou no edifício do Senado e não encontrou o que procuravam – respondeu Mkele, contrariando o senador. – Não vão atacar o local novamente. Nosso objetivo agora é confundi-los com vários alvos, e não entregar de bandeja a informação de onde devem atacar. Vamos aumentar o patrulhamento em toda a cidade, usaremos soldados de LaGuardia. Vamos aumentar também a presença de policiais armados em cada prédio da nossa administração em East Meadow. Não podemos dar nenhuma dica sobre o que estamos escondendo nem onde o escondemos. Vamos deixar que usem seu precário sistema de informação para decidir o próximo alvo. Isso nos dará tempo.

– Quanto tempo? – perguntou o senador Weist.

Mkele olhou para Kira.

– Precisamos apenas de mais três dias e meio, certo? Daí destruiremos a criatura e o caso estará encerrado.

Hobb assentiu com a cabeça.

– Apenas destruí-lo já resolve. A notícia vai se espalhar. Não podemos parecer culpados. É a única forma de manter o controle.

– Controle? – perguntou Kira, lembrando-se de como ela também tinha sido áspera com Isolde quando a “irmã” usara a mesma palavra. Era assim que o Senado falava sobre eles?

Delarosa encarou Kira, o olhar frio e penetrante.

– Sim, controle. Ou não sabe do crescente clima de instabilidade que ronda a ilha?

– Claro que sei, mas...

– A *Voz*? – continuou. – Os ataques terroristas contra inocentes? A possibilidade real de uma guerra civil destruir o que sobrou da humanidade? Qual a sua proposta para uma situação como esta, a não ser forçar o controle?

– Não é sobre isso que estou falando – respondeu Kira.

– Mas é o que sugere – rebateu Delarosa. – Está sugerindo que controlar é ruim e que as pessoas devem escolher sozinhas o que fazer, sem a nossa orientação. Não me diga que acredita que, na atual situação, irão se resolver sozinhas?

Kira percebeu o olhar malicioso de Kessler, mas manteve-se firme e prosseguiu.

– Estou dizendo que talvez estejam sendo intransigentes demais. A principal reclamação da *Voz* é a Lei da Esperança. Na opinião deles, vocês estão exercendo controle demais sobre direitos humanos básicos.

– E qual a nossa alternativa? – perguntou Delarosa. – Voltar atrás? Desistir do nosso objetivo de conseguir que um recém-nascido seja imune e sobreviva? O futuro da raça humana, como você frequentemente nos recorda, é o ponto nevrálgico de tudo o que fazemos. Instituímos a Lei da Esperança para maximizar as chances de reprodução. É o melhor método e o mais simples. Sim, muitas pessoas reclamam, mas chega um momento na vida das espécies que reclamações e direitos humanos vão parar no banco de trás, por uma razão: a sobrevivência, pura e simples. – Kira balançou a cabeça. – Eu era zoologista. Trabalhava na preservação das espécies. Em determinado momento, fiquei responsável pela preservação da população mundial dos rinocerontes brancos: todos os dez. Dois machos. Você tem ideia do que aconteceu com eles quando o mundo desabou?

– Não, senhora.

– Abri as jaulas e os deixei livres. Abdiquei do controle. – Delarosa calou-se por alguns instantes. – Um deles foi morto por um leão da montanha na mesma noite. Passei pelo seu cadáver na manhã seguinte, quando me dirigia ao abrigo mais próximo.

– Ah, então é isso – disse Kira, tentando ignorar o arrepio que percorreu seu corpo. – Somos apenas outra espécie em extinção no seu zoológico.

– E você pode negar isso? – perguntou Delarosa.

Kira cerrou as mandíbulas, esforçando-se para encontrar uma resposta que não caísse feito uma luva na mão da senadora.

– Somos muito mais do que dez.

– Graças a Deus.

Kira olhou para a fila de senadores, com Mkele estoicamente em pé atrás deles. Ela não conseguia pensar em nada para dizer.

– O mundo está capengando – disse Hobb. – Sabemos disso. O que você precisa entender é que estamos fazendo o nosso melhor para salvá-lo. Dê uma olhada a sua volta: Skousen é o melhor médico do mundo, Delarosa, a melhor administradora que eu já conheci e Kessler, a razão pela qual nós temos o que comer. Ela literalmente recriou nossa agricultura e o programa de mercado. Os três trabalham dia e noite para resolver os problemas que você está apenas começando a entender. E começaram a fazer isso antes de você saber ler. Existem planos e planos contingenciais que você sequer imagina. Por favor, confie em nós.

Kira assentiu lentamente, pensando no que ele dissera.

– Vocês têm razão. Eu disse a mesma coisa quando estávamos planejando nossa viagem a Manhattan. Nada é mais importante do que garantir nosso futuro. Estava disposta a sacrificar tudo.

– Exatamente – disse Delarosa.

– Nesse caso... – Kira parou por um instante. – Seu plano para garantir o futuro é

a Lei da Esperança, e, para controlar a situação, matar o Partial, como sugeriu o senador Hobb. E de uma forma que não manche a sua imagem.

– De uma forma que mantenha a ordem – disse Hobb.

Kessler ofendeu-se.

– Você não precisa me explicar tudo nos mínimos detalhes – disse Kessler, ríspida.

– E o meu trabalho? Tudo que venho fazendo para encontrar a cura? Como ele se encaixa no plano de vocês? – Kira franziu o cenho. – Tem ao menos prioridade?

– São planos entre outros planos. Se conseguir algum resultado positivo, daremos nosso apoio, caso contrário... precisamos estar preparados.

Preparados de que forma?, perguntou-se Kira.

– Só não se esqueça disso: absolutamente ninguém pode saber o que estamos fazendo – disse Delarosa. – Depositamos nossa confiança em você porque você insistiu nos seus argumentos e se mostrou inteligente e capaz. Mas deveria ter pensando nisso quando colocou os pés de volta na ilha: se alguém descobrir o que estamos fazendo aqui, não teremos um motim, mas uma revolução.

Capítulo Vinte e Um

Kira foi à lanchonete antes de voltar ao laboratório. Precisava de tempo para pensar.

O que o Senado estaria planejando? Em parte, ela sabia que tinham razão, mas dentro dela uma voz dizia para ficar esperta. Eles vislumbravam os mesmos problemas que ela, mas as soluções eram muito diferentes: Kira desejava a cura do RM, porém os senadores pareciam encarar aquilo como um meio de manter o controle. Ela concordava que havia boas razões para isso: a comunidade de East Meadow podia ser tudo, menos coesa, e a população fora dos limites da cidade estava em situação pior. Precisavam de uma liderança forte, um pulso firme indicando a direção.

Porém.

Kira fechou os olhos, respirando profundamente, e mudou de pensamento. *Chega de Senado. Preciso voltar ao trabalho.*

Caminhou rapidamente pelos corredores, ignorando o alvoroço ao redor. Cumprimentou Shaylon, que fazia a segurança, e entrou no laboratório. O jato de ar silvou, os circuitos de descontaminação apitaram, e lá estava ele, amarrado na cama, os braços estendidos, o rosto voltado para cima, o olhar escuro e sombrio. Ele olhou para Kira, mas logo voltou a encarar o teto.

Kira tocou a tela do computador para tirá-lo do modo de descanso e encontrou o arquivo com a análise da respiração ainda aberto; agora o escaneamento estava completo, com milhares de diferentes partículas catalogadas. A maioria delas havia sido reconhecida, tanto as orgânicas como as inorgânicas: gases comumente presentes na expiração, fragmentos de células mortas, microscópicas partículas de poeira, pequenas quantidades de minerais e um punhado de bactérias conhecidas. Nada de especial. Por outro lado, a lista de partículas desconhecidas era dez vezes maior. Ela ampliou o conteúdo na tela, fazendo as informações correrem ao toque do seu dedo. Inúmeras imagens de compostos químicos bizarros, alguns grandes, outros pequenos, todos com formato ímpar e incrivelmente estranho. Nunca tinha visto nada igual. Enquanto passava as imagens na tela, notou que muitos compostos apresentavam semelhanças entre si, resultando numa subdivisão de categorias, que se repetiam inúmeras vezes. Kira começou a marcar as imagens, estudando as moléculas, sinalizando o que parecia ser os aspectos-chave e agrupando-os em subgrupos, programando o medicomp para identificar as diferentes partes dos compostos. Logo o próprio computador percorria as listagens, dividindo os compostos em nove tipos principais, com um décimo grupo que não apresentava

nenhuma conexão com os demais. As informações ainda não esclareciam como as partes funcionavam, e Kira não conseguia distinguir uma parte das outras. Seja lá o que fossem, seu corpo estava cheio deles.

Nenhum dos compostos encontrados se aproximava da complexidade do Espião. Não se assemelhavam a nenhuma substância conhecida – tecido, alimento, mineral ou plástico. Ela olhou para o Partial, depois voltou para a tela do computador. Contraíu os lábios e levantou-se. Esses elementos eram numerosos e constantes no sangue dele, não poderiam ser apenas uma casualidade, deveriam desempenhar uma função, e seu corpo precisava de sintetizadores e receptores para tirar proveito deles. Será que estava relacionado com a resistência dos Partial? Havia apenas uma forma de descobrir. Ela caminhou até a cama de cirurgia, destravou as rodas e começou a empurrá-la pelo quarto. Kira imaginou que Samm fosse perguntar o que ela estava fazendo, mas ele permaneceu calado.

Ela o empurrou até o DORD, uma máquina pesada, quase tão grande quanto alguns dos carros que enferrujavam no estacionamento. Era a maior arma do seu arsenal laboratorial: um tomógrafo que podia gerar imagens do corpo todo, camada a camada, pedaço a pedaço. Ligou o aparelho e voltou para o medicomp enquanto o equipamento carregava. As categorias que ela havia criado para os compostos ainda estavam na tela, junto com várias das melhores imagens deles. Ela salvou as imagens antes de fechá-las e desconectou o computador do medicomp, carregando-o cuidadosamente até o DORD. O computador possuía um impressionante poder de processar informações, mas não se comparava aos sistemas de sensores aos quais podia se conectar. Ela conectou o computador ao DORD, ouvindo o clique de encaixe, e logo após alguns toques a máquina estava pronta para começar a operar. O DORD iria escanear os pulmões de Samm, a garganta e cavidades nasais à procura de qualquer coisa que se assemelhasse ao misterioso Espião, assim Kira teria uma boa ideia da sua origem e do seu destino. As outras informações ela teria que intuir. Kira levantou os sensores, movendo-os para o lado e centrando-os na respiração de Samm. Era uma parte volumosa e pesada do equipamento, dentro de uma concha plástica branca, e apesar de ser o objeto mais pesado da sala, não era difícil de manusear. Ela tocou na tecla “iniciar” e o DORD entrou em ação.

Kira observava atentamente a tela, ansiosa para saber o que as imagens revelariam. Não foi um processo rápido. Ela tamborilou impientemente os dedos na base do DORD, então se virou e foi até a janela. Apesar da recusa de Samm em falar, Kira sentia vontade de perguntar se ele sabia o que eram aquelas partículas, mas o escaneamento havia começado e qualquer movimento alteraria o resultado. Virou-se novamente e olhou para ele, imóvel como uma pedra, parecia até que fazia de propósito.

Kira percebeu um movimento na tela e correu para ver. O DORD já mostrava e

categorizava algumas imagens preliminares. Analisou a lista e abriu um dos compostos, rotulado como M, formado por uma particulazinha esquisita, no formato de ferradura. O DORD havia encontrado diversas estruturas no corpo de Samm que poderiam ter alguma ligação com ela: uma na cavidade nasal e as outras nos pulmões. Kira ampliou as imagens das estruturas, colocando-as lado a lado na tela. Pareciam glândulas, mas nenhuma familiar a Kira. A que estava nos seios da face, as cavidades ósseas ao redor do nariz, maçã do rosto e olhos, era significativamente maior que as outras. O DORD havia cruzado essas informações com as de vários outros arquivos. Kira abriu a lista de resultados e correu os olhos por ela, um pouco surpresa com o que lia. O tomógrafo havia relacionado aquela imagem com todos os compostos que ele havia procurado até aquele momento. No pulmão, cada estrutura apresentava sua própria glândula, mas todas estavam ligadas a estrutura maior na cabeça.

Kira analisou mais atentamente a glândula enquanto o aparelho continuava trabalhando. O que ele tinha feito? Não podia simplesmente esperar que o computador adivinhasse as respostas, mas poderia solicitar uma pesquisa no seu banco de dados que buscasse combinações parciais. Ela deu início à pesquisa e olhou novamente para a imagem, determinada a suportar outra longa espera, mas os resultados foram quase imediatos: sem correspondente. Ela franziu o cenho e recomeçou o teste: sem correspondente.

Vou ter que fazer isso manualmente. Considerando-se que cada estrutura tinha um par de estruturas relacionadas, a primeira dedução óbvia era de que uma estrutura criava a partícula e a outra a prendia: um escritor e um leitor. O que significava que elas carregavam informação. Fez outra pesquisa, desta vez procurando no banco de dados por algo que não fosse humano. O DORD encontrou um arquivo antigo, de antes do Break, em que alguém havia escaneado um cachorro, e ela pediu que o computador procurasse estruturas correspondentes. A resposta foi quase instantânea: uma estrutura notadamente similar à encontrada em Samm, apesar de muito mais simples. Era um órgão vomeronasal[7].

Samm possuía um sistema de feromônios altamente sofisticado.

Kira acessou mais arquivos, lendo tudo que podia sobre os feromônios. Era um sistema simples de comunicação química, como um odor, mas muito, muito mais especializado. Os insetos usavam os feromônios para coisas comuns como marcar caminhos ou avisar outro inseto sobre algum perigo iminente, cachorros os usavam para demarcar território e sinalizar períodos de reprodução.

Qual a utilidade dos feromônios para os Partial?

Não tenho nada a perder perguntando, pensou.

– Me fale um pouco sobre... seus feromônios.

Era previsível que Samm não respondesse.

– Você tem um sistema altamente desenvolvido de sintetizadores e receptores químicos. Pode me falar sobre eles?

Sem resposta.

– Não pode me culpar por tentar.

Pensou por uns instantes, olhando ao redor, então abriu o medicomp e pegou a luva de borracha em que Samm havia assoprado. Ela aproximou a luva do rosto de Samm, furou-a com um alfinete, apertando-a o máximo possível, o ar entrou diretamente nas narinas de Samm. Ele tossiu, lançando perdigotos pelo ar, e levantou a cabeça num movimento brusco para fugir do jato de ar. O que surpreendeu Kira foi notar que seu comportamento ficou mais tranquilo – os batimentos cardíacos aumentaram ao reagir à entrada forçada de ar, mas em seguida caíram novamente enquanto ele reagia... a alguma coisa. Aos feromônios. Os olhos relaxaram, a expressão descontraíu e a respiração tornou-se mais regular.

Kira percebeu que ele apresentava a mesma expressão da manhã em que concordara em assoprar na luva.

– Droga, isso não é justo!

Kira levou as mãos aos lábios.

– O que aconteceu?

– Você está usando meus próprios dados contra mim, e agora eu... maldição! – Ele fechou a boca e olhou para o teto.

– Quais dados? – perguntou Kira. – Os feromônios? Você também os chama assim? – Ela olhou para a luva em sua mão, agora vazia e molenga. – Você acabou de me dizer algo que não queria, certo? Nunca fez isso, é um lapso. O que os feromônios fizeram?

Samm não respondeu, e Kira aproximou a luva do rosto, examinando-a. Caminhou até o centro da sala, lembrando-se da disposição dos móveis e equipamentos pela manhã – o DORD estava aqui, a mesa ali e Samm em cima da cama. Ela pediu para que ele assoprasse dentro da luva e eles haviam compartilhado algo, um minuto de... de algo. De comunicação verdadeira. Ela fez alguma brincadeira com o nome dele, ele brincou de volta e então concordou em deixá-la coletar sua respiração. Ele havia confiado nela.

E bem naquele momento, depois de ela ter lançado o ar no seu rosto e ter feito uma pergunta, novamente ele confiara nela – não por muito tempo, mas por um momento, tempo suficiente para sua couraça agressiva de autocontrole falhar. Ele havia respondido a sua pergunta.

Os feromônios haviam recriado a confiança que ele havia sentido pela manhã, fazendo com que ele a sentisse novamente.

– Funciona como um sistema químico de empatia – disse Kira baixinho, caminhando em direção a Samm. O que você estiver sentindo, você transmite pelos

feromônios e assim os outros Partialts podem sentir também. Ou pelo menos saber o que você está sentindo. Kira sentou-se numa cadeira ao lado dele. – É como bocejar: você pode padronizar o estado emocional de uma pessoa através de um grupo inteiro.

– Você não pode mais usar isso contra mim – disse Samm. – Não vou mais respirar dentro da luva.

– Não estou tentando usar isso contra você, estou tentando entendê-lo. Como você se sente comunicando-se pelo nariz?

Samm virou o rosto para olhá-la.

– Como você se sente comunicando-se pelo ouvido?

– OK, foi uma pergunta idiota, você tem razão. Você não sente nada, é apenas parte de você – disse Kira, balançando a cabeça.

– Eu havia me esquecido de que os humanos não podem se conectar – disse Samm. – Todo esse tempo estive tão confuso, tentando descobrir por que vocês são tão melodramáticos sobre tudo. É porque vocês não podem captar a emoção do outro pelos *links*, então precisam transmiti-la através da inflexão da voz e da linguagem corporal. Ajuda, admito, mas é meio... histriônico.

– Histriônico? – perguntou Kira. Aquela era a primeira fala mais longa dele. Estaria ele falando abertamente ou era outro dos seus planos bem calculados? O que tinha a ganhar com isso? Ela manteve a conversa fluindo para ver até onde ele iria. – Se depende de gatilhos químicos para dizer às pessoas como se sente, isso explica muito sobre você. Para os padrões humanos você não demonstra quase nenhuma emoção: se para você somos melodramáticos, para nós você parece completamente apático.

– Não são apenas emoções – disse.

Kira inclinou-se para a frente, morrendo de medo que ele parasse de falar a qualquer momento, suas palavras estourando no ar como bolhas de sabão.

– Isso nos permite saber se alguém está em perigo, se está machucado ou animado. Ajuda a funcionarmos enquanto unidade, todos trabalhando juntos. Os conectores foram criados para o campo de batalha, obviamente. Se um humano está vigiando e vê alguma coisa, ele tem que gritar um aviso, e então os outros humanos precisam acordar, tentar descobrir o que está se passando e se preparar para o combate. Se um sentinela Partialt vê alguma coisa, os dados são transmitidos pelo *link* e os outros soldados ficam sabendo imediatamente, a adrenalina dispara, os batimentos cardíacos se aceleram, seus reflexos de luta entram em ação e, de repente, o esquadrão inteiro está pronto para a batalha, às vezes sem uma única palavra.

– Os dados – disse Kira. – Dados e *link*, palavras do jargão tecnológico.

– Ontem você me chamou de robô biológico – observou Samm. – Não está

totalmente inexato. – Pela primeira vez ele deu um sorriso sincero e Kira retribuiu com outro sorriso. – Não sei como vocês, humanos, funcionam, mas não me surpreende que tenham perdido a guerra.

As palavras ficaram suspensas no ar como uma nuvem de veneno, matando qualquer esperança de que a conversa continuasse amigável. Kira virou-se para a tela, segurando-se para não gritar com ele. Sua atitude também mudara; de certa forma, estava mais solene. Pensativo.

– Eu trabalhava numa mina – disse, a voz suave. – Vocês nos criaram para vencer a Guerra de Isolamento, e vencemos. Voltamos para casa e o governo americano nos deu empregos, e o meu era de mineiro. Não era um escravo. Tudo funcionava dentro da legalidade, era uma atividade apropriada e “humana”. – As palavras pareciam ter um sabor amargo. – Mas eu não gostava daquilo. Tentei conseguir um emprego diferente, mas ninguém contratava um Partial. Tentei estudar, busquei uma qualificação, mas nenhuma escola me aceitou. Não podíamos mudar do cortiço que o governo nos reservara, o que ganhávamos mal dava para viver, e ninguém queria nos vender um imóvel. Quem gostaria de ter uma pessoal artificial como vizinho?

– Então se rebelaram?

– Odiávamos vocês. Eu odiava vocês. – Ele virou a cabeça para olhá-la nos olhos. – Mas não queria um genocídio. Nenhum de nós queria.

– Alguém queria – disse Kira, a voz embargada pelas lágrimas que ela evitava.

– E você perdeu toda a ligação com o seu passado. Sei exatamente como se sente.

– Não, não sabe – respondeu Kira, ríspidamente. – Você pode falar o que quiser, mas não diga isso. Perdemos nosso mundo, nosso futuro, nossas famílias...

– Seus pais foram roubados de vocês – disse Samm, naturalmente. – Nós matamos os nossos. Seja qual for a dor que sentem, não carregam o sentimento de culpa.

Kira mordeu o lábio, tentando compreender os próprios sentimentos. Samm era o inimigo, e mesmo assim ela sentia pena dele. Suas palavras a tinham deixado furiosa, mas sentia-se quase culpada por pensar assim. Ela engoliu em seco, forçando-se a uma resposta que em parte era acusação, em parte um pedido desesperado de compreensão.

– É por isso que está me dizendo tudo isso? Por que se sente mal de ter matado?

– Estou dizendo isso para você entender que a cura não é o suficiente. A guerra foi devastadora, mas os problemas começaram muito antes.

Kira balançou a cabeça, as palavras saindo muito mais ásperas do que ela mesmo esperava.

– Não venha me dizer o que eu preciso entender. – Ela saiu do lado dele e voltou ao trabalho.

– É um sistema de comunicação – explicou Kira. Acabara de anoitecer, e, como não havia almoçado, Kira decidira encontrar Marcus para jantar um pouco mais cedo. Comprara sushi de um ambulante e o casal comia num quarto vazio do terceiro andar, longe da agitação e das pessoas dos andares inferiores. Kira comia e falava tão animadamente que mal conseguia acompanhar o próprio ritmo. A conversa que tivera com Samm não lhe saía da cabeça, queimando por dentro como carvão em brasa, mas ela obrigava-se a ignorar aqueles sentimentos.

– Um sistema químico de comunicação, como as formigas, mas infinitamente mais sofisticado. Imagine poder conversar com as pessoas apenas pela respiração. Não precisaria dizer uma única palavra, já saberiam tudo...

– Não consigo te imaginar sem fala. Acho que enlouqueceria – brincou Marcus.

– Ha-ha-ha – disse Kira, revirando os olhos.

– E como funciona?

– Não sei o que podem comunicar quimicamente. Cataloguei pelo menos vinte diferentes tipos de feromônios, mas mesmo esse número multiplicado por dez seria um vocabulário incrivelmente pequeno. Mas, se a gente pensar que um soldado dissesse “estou machucado”, assim que estivesse nessa situação, todos os outros ficariam sabendo imediatamente e saberiam muito bem onde procurá-lo. É um sentido social que nós não possuímos e está sempre presente, como uma segunda natureza. Dá para imaginar como seria estar desconectado dos outros? Ele deve se sentir mais sozinho que...

Mais uma vez lhe veio à cabeça o que ele havia dito: que a humanidade eram seus pais. Como seria viver na vastidão do território americano, deserto e silencioso?

– Estão sozinhos, Marcus. Isso é trágico, não acha?

– Então ele tem sorte de ter você cuidando dele. Eu odiaria que o coitadinho do Partial se sentisse sozinho.

– Não foi o que quis dizer. Cuidar dos outros é o que amo fazer, Marcus. Você também é médico. Achei que fosse entender por que é tão fascinante. Não estamos falando de Samm, estamos falando de...

– Ah, vocês já estão até se chamando pelo primeiro nome, uau! – Marcus tentou dizer aquilo como se fosse uma brincadeira, mas Kira sentiu a verdadeira motivação por trás do comentário. Ela o conhecia bem demais. – Brincadeira, Kira. Agora, falando sério, ele é um Partial. O maior inimigo dos seres humanos, esqueceu?

– É o que estou tentando lhe dizer. Talvez já não sejam mais nossos inimigos.

– Aquela coisa está colocando isso na sua cabeça? – O olhar de Marcus era igual ao dos senadores. Tratavam-na como se ela fosse uma idiota. – Ele está preso, sozinho, e a gente acaba sentindo pena. Mas ele tentou te matar, não apenas durante o Break, mas semana passada, em Manhattan, usando uma arma. Ele é um soldado inimigo e um prisioneiro de guerra. Ninguém sabe o que seria capaz de fazer contra

você, ou contra a cidade inteira, se fosse libertado.

– Entendo. Mas você não conversou com ele. Ele não fala como um monstro. Ele não... parece um monstro.

– Dois dias atrás ele era seu objeto de estudo, sua cobaia – disse Marcus. – Antes disso, um inimigo sem identidade que você estava preparada para cortar um pedaço. Daqui a dois dias, vai ser o quê? Um amigo?

– Não é isso que estou dizendo.

– Daqui a três dias ele estará morto. Conheço você desde sempre, Kira, e posso ver exatamente onde isso vai chegar. Primeiro, vai sentir pena dele, depois, vai se apegar a ele. Então, quando ele morrer, vai ficar dilacerada, porque na tua cabeça você tem a obrigação de salvar todo mundo. Acontece a mesma coisa com os recém-nascidos: você se sente responsável por cada um que morre. O Partial é apenas o objeto da sua pesquisa, agravado pelo fato de ele ser esperto o suficiente para falar o que você deseja ouvir. Só não quero que você se apegue muito a ele.

– Não me apegar muito? – perguntou Kira, sentindo a raiva reaparecer. – O quanto você acha que nós estamos apegados?

– Peraí. Não foi nada disso que eu quis dizer.

– Não foi? – perguntou Kira, fervendo de raiva. – Pois pode apostar que parece que você está me acusando de alguma coisa.

– Não estou te acusando de nada. Estou apenas te avisando...

– Me avisando?

– Escolhi mal a palavra.

– Me avisando do quê? – Kira exigia uma resposta. – Me avisando para não fazer nenhuma amizade que você não aprove?

– Alertando sobre você mesma. Você conhece muito bem sua tendência de se prender a sonhos impossíveis e depois ser esmagada por eles quando desabam. Você não estava satisfeita ajudando os bebês, queria curar o RM. Agora você não pode apenas estudar um Partial, você precisa, o que mesmo? Fazer as pazes com eles? É isso que Samm está dizendo?

– É claro que não – respondeu, sem acreditar muito nas próprias palavras. – Estou apenas tentando dizer que, confiando ou não em Samm, há muitas coisas sobre eles que nós ignoramos. Eles se rebelaram porque foram oprimidos pelos humanos. Se os dois lados forem razoáveis, quem sabe... desta vez tudo dê certo. Eu não sei. – Ela tentava ordenar as ideias. – Não estou dizendo para abaixarmos a guarda e esquecermos tudo o que aconteceu, mas, apenas, que talvez eles já não queiram mais nos prejudicar. E se eles têm a chave para a cura do RM, a paz talvez seja nossa única chance. – Ela olhou para Marcus nervosamente, rezando para que a compreendesse.

– Eles se rebelaram e nos mataram – repetiu.

– As colônias americanas se rebelaram contra a Inglaterra há quase trezentos anos – argumentou Kira. – Os ingleses superaram isso e tornaram-se nossos melhores amigos.

– Os americanos não lançaram um vírus que destruiu o mundo.

– Talvez nem os Partial. Talvez tenha muita coisa sobre a guerra que a gente não sabe. Tudo que falamos é sobre o que eles nos fizeram, mas não pode ser assim tão simples. Se Samm estiver falando a verdade...

– Tudo se resume ao Samm, não é? – perguntou Marcus, balançando a cabeça em desaprovação.

– Aonde quer chegar, Marcus? – Ela o encarou. – Está com ciúmes? Eu amo você. – Ela manteve o olhar fixo no dele. – Por favor, tente entender o que estou dizendo.

– Ama de verdade?

– Claro que amo.

– Então, case comigo.

Kira arregalou os olhos. Era a última coisa que esperava ouvir, naquele momento, naquela situação.

– Eu...

– Somos jovens, mas não tão jovens. Você pode morar comigo. Escolhi uma casa espaçosa para você. Para nós. Podemos envelhecer naquela casa, e quando você encontrar a cura para o RM, teremos uma família. Mas não precisamos esperar. Podemos ficar juntos agora.

Kira olhou para ele imaginando seu rosto ao lado dela em todos os momentos: à noite, quando fossem dormir, pela manhã, ao acordar, sempre com ela, enfrentando juntos tudo, e nada. Era o que sempre desejara, desde a infância, quando ficavam olhando as estrelas, em cima do telhado da escola.

Mas já não era tão simples.

Ela balançou a cabeça tão lentamente que mal sentiu o movimento, torcendo para que fosse lento o bastante a ponto de Marcus não perceber que ela dizia não.

– Sinto muito, Marcus. Não posso.

Marcus manteve a cabeça levantada, escondendo as emoções quase perfeitamente, mas nem tanto.

– Não agora ou não nunca?

Ela pensou sobre os recém-nascidos, o RM, a guerra, os Partial, o seu trabalho no laboratório e em tudo que Samm dissera. Curar o RM não era o suficiente. A paz seria o próximo passo? Seria mesmo uma possibilidade? Havia perguntas demais, sombras demais para que pudesse enxergar com clareza. Ela balançou a cabeça.

– Não agora. E não vou saber a resposta até o momento em que decidir.

– Tudo bem. – Ele ficou em silêncio e deu de ombros. – Tudo bem. – Ele aceitou

muito facilmente, como se esperasse aquilo.

Perceber isso foi o mais difícil.

Capítulo Vinte e Dois

Kira havia analisado apenas dois terços das imagens produzidas pelo DORD quando percebeu que o caminho não era aquele. Estava investigando o funcionamento do sistema de feromônios, mas isso não traria nenhum progresso em relação ao RM. Quando mal conseguia manter os olhos abertos, decidiu que era hora de parar por aquela noite. *Não quero andar até minha casa*, pensou. *Preciso de um colchão para dormir aqui mesmo*. Ela precisava de ajuda. Era impossível apenas uma pessoa examinar sozinha todos os dados sobre a fisiologia de Samm e encontrar as respostas que procurava. Samm ainda estava acordado – ela nem tinha certeza se ele dormia –, mas, desde que voltara do jantar, ele estava quieto. Ela gostaria de dizer alguma coisa, mas não sabia o quê.

Os guardas que faziam a segurança noturna pareciam mais durões que os do dia. Shaylon e seu companheiro, àquela hora, já haviam trocado o turno com uma dupla de soldados mais velhos e sombrios. Ela deu uma paradinha quando passou por eles, considerando se iriam “interrogar” Samm também naquela noite, se iriam bater nele, ou torturá-lo de algum outro modo. Gostaria de pedir a eles que não fizessem isso, mas em que ajudaria? Pensar nisso a deixou triste. Ela lançou um último olhar aos soldados, antes de abaixar a cabeça e seguir seu caminho pelo corredor.

Kira parou por alguns instantes ao chegar à rua, respirando o ar noturno. A noite estava quente. Aos primeiros passos, notou um movimento sob o luar. Parou novamente, temendo pelo pior – um ataque da *Voz*, uma invasão no hospital em busca de Samm –, mas então reconheceu a voz de Haru, cortando desesperadamente a escuridão.

– Está tudo bem. Estamos quase chegando.

Kira apertou o passo para ouvir melhor. Era mesmo Haru? A sombra tornou-se maior e a voz, ainda mais clara. Sim, era Haru. Madison estava com ele, respirando com dificuldade, ofegante.

Em questão de segundos o coração de Kira disparou, mas ela logo reagiu.

– Mads!

A dor era tão intensa que Madison cerrou os dentes e apertou com toda força a mão de Haru, quase esmagando-a. Haru a incentivava a andar mais rápido, era gentil, mas firme. Kira os alcançou quando já estavam no estacionamento do hospital.

– Está sangrando e nunca sentiu uma dor tão forte – explicou Haru rapidamente.

Kira olhou para o hospital, amparando a amiga pela outra mão.

– Não deveria ter andado até aqui – disse Kira, sem rodeios. – Ela precisava de uma condução. Deveria ter usado uma cadeira de rodas ou chamado a emergência.

Teríamos ido buscá-la.

– Não podia deixá-la sozinha!

– Ela não deveria ter andado até aqui. Não importa se você mora perto.

– Dá para você... – Haru hesitou. – Dá para você ajudar e pronto?

– Venha comigo. Na maternidade tem sempre uma equipe de plantão – disse Kira.

Ao passar pelas portas do hospital, Kira rezava em silêncio, implorando para quem a estivesse ouvindo, *por favor, por favor, salve o bebê de Madison*. Ainda era muito novo, poderia morrer de má-formação ou falta de oxigênio antes mesmo que o RM o atacasse. Kira auxiliou Madison a dobrar o final do corredor, em direção à maternidade. No caminho, quase deram um encontrão em uma enfermeira que corria desesperada.

– Sandy! – gritou Kira, reconhecendo-a dos tempos em que era estagiária na maternidade. – Ela precisa de cuidados!

– O bebê dos Barne está sem sinal – disse Sandy, gritando por sobre os ombros, enquanto corria. – Diga a ela para aguentar firme!

– Ninguém vai ajudar? – perguntou Haru.

– Estão todos ocupados. Venham comigo. – Ela os conduziu por uma porta e acendeu a luz, acomodando Madison numa cadeira confortável.

– Lá vem mais uma – disse Madison, travando o maxilar e gemendo. – Ai, por favor, não!

Kira apontou o medicomp para Haru no canto da sala.

– Ligue o ultrassom. Os botões vermelhos ligam o aparelho.

Ela ajoelhou-se ao lado de Madison, tirando o cabelo da frente do rosto da amiga.

– Mad, consegue descrever a dor?

– Acho que são contrações.

– Ainda faltam dois meses. Sua gravidez tem sido perfeitamente saudável até agora, não há motivos para sentir contrações – explicou Kira.

– Não pode ser cólica, Kira. – Madison contraiu-se novamente, apertando os olhos e agarrando o braço da amiga com tanta força que ela teve que se segurar para não gritar. A dor diminuiu e Madison desabou na cadeira, arfando.

– A dor é regular? – perguntou Kira. Madison assentiu com a cabeça. – Pode mostrar onde é? – Madison deslizou a mão do centro da barriga até a lateral do corpo. – Não acho que seja no útero. É no estômago, Mads. Vou fazer um ultrassom.

– Ela está sangrando. Você não vai fazer nada? – perguntou Haru.

– Estou fazendo tudo que posso, Haru. Traga o aparelho.

Ele empurrou o ultrassom para perto de Madison. Estava apavorado. Kira colocou um par de luvas esterilizadas e descobriu a barriga da amiga. – Não se mexa – pediu, colocando o sonar do ultrassom contra a pele de Madison. – Ligue o monitor. – A tela mostrou uma imagem em forma de cunha; a imagem digital dos órgãos do

abdome de Madison por meio do som. Nos primeiros contatos com um aparelho de ultrassom, Kira ficara completamente perdida, mas após semanas de prática, a imagem borrada parecia ter adquirido contornos definidos como cristal. – Esta é a bexiga – disse, movendo o sonar com uma mão e tocando a tela com a outra. Ela era ágil na leitura das informações, salvando-as no computador para serem posteriormente atualizadas. – Este é o estômago e aqui o pé do bebê. E veja só aqui, o corpo. – Trabalhava rápido, os dedos correndo na tela, marcando as medidas e consultando os resultados dos exames anteriores de Madison. – Bom desenvolvimento da cabeça, do tórax, todos os órgãos internos estão OK. A coluna vertebral também está boa.

Madison fez outra careta de dor, cerrando os dentes e apertando os braços da cadeira. As enfermeiras Sandy e Hardy entraram apressadas no quarto.

– Chegamos, Walker, obrigada pela assistência. – Hardy colocou as luvas e Kira entregou-lhe o sonar, nervosamente, recuando enquanto as mãos mais experientes da enfermeira-chefe assumiam o controle.

– Descreva a dor – pediu Hardy.

– Forte, mas irregular, na lateral da barriga, próximo ao estômago. Também está com sangramento. Acho que é um descolamento de placenta – disse Kira.

– O que é isso? É grave? Ela vai ficar bem? – perguntou Haru.

– Estamos fazendo o melhor possível. No momento precisamos de espaço para trabalhar.

– E o bebê? Ele está bem?

Madison dobrou o abdome e a imagem na tela piscou.

– Havia uma sombra ali – disse Kira, apontando para a tela.

– Eu vi – respondeu a enfermeira Hardy, movendo o sonar mais para baixo e para o lado. Quando Madison parou de se contorcer, a imagem se estabilizou numa figura oval e escura, o estômago, e atrás dele havia um triângulo preto, de contorno irregular. O computador o identificou quase imediatamente, marcando-o em vermelho. – É um descolamento parcial, como você disse. – Ela olhou a imagem mais de perto, analisando a ruptura. – Bom trabalho, Walker.

Kira sentiu a tensão baixar, deixando-a sem energia.

– O que isso significa? – perguntou Madison.

– Que você vai ficar bem – respondeu Kira. – A placenta está se afastando do útero. Isso não é bom, mas não representa nenhuma ameaça a você ou ao bebê – se ficarmos de olho. Você vai ficar em repouso, não pode fazer esforço. E será melhor permanecer no hospital, onde podemos monitorá-la vinte e quatro horas por dia, sete dias da semana.

– Não posso ficar aqui – protestou Madison.

Kira colocou a mão sobre seu ombro.

– Encare como uma colônia de férias. Café da manhã na cama, empregados prontos a atendê-la. O bebê ficará bem se você estiver aqui, onde podemos ajudá-la.

– Tem certeza de que está tudo bem? – perguntou Madison. – Se terei que ficar em observação...

– Doze anos atrás eu teria mandado você para casa com alguns absorventes e uns comprimidos de Tylenol, mas hoje em dia não podemos brincar – observou Hardy.

– OK. Mas tenho que ficar em repouso o tempo todo? Não posso levantar nem um pouquinho?

– O menos possível – respondeu Hardy. – Descolamento de placenta é raro, mas no seu caso é quase certo que foi causado por esforço excessivo. Precisamos interromper o processo imediatamente.

– Chega de faxina! – brincou Kira. – Xochi e eu vamos dar um jeito nisso.

Madison deu um sorriso culpado, respirando para dentro.

– Não deveria ter caminhado até aqui.

– E vou bater em Haru com uma corrente de bicicleta – disse Kira, fuzilando-o com o olhar. – Mas agora, relaxe.

– Vamos coletar um pouco de sangue e você vai tomar um analgésico. Depois, deve tirar um cochilo – disse a enfermeira Hardy.

Kira apertou a mão de Madison, abrindo espaço para que as outras enfermeiras cuidassem dela. A carga de adrenalina ainda estava se dissipando. Kira saiu para o corredor e despencou numa cadeira. *Foi por pouco.* Ela expirou longa e vagarosamente, pensando em tudo que poderia ter acontecido – como tudo poderia ter sido pior. *Não posso suportar ver Madison como Ariel, batendo desesperadamente contra o vidro apenas para ter a oportunidade de carregar seu bebê morto.*

Mas ainda não sei como salvá-lo.

Ela mantinha o olhar fixo no chão, cansada demais para conseguir pensar.

– Hei.

Kira levantou o olhar e viu Xochi parada do seu lado, o rosto abatido.

– Oi. Ficou sabendo da Madison?

– Fiquei, mas não é por isso que estou aqui.

Kira franziu o cenho. *Por favor, chega de tragédias.* Ela se endireitou na cadeira.

– O que foi? – Sua voz soou mais firme que seu estado de ânimo.

– Isolde acabou de voltar do Senado – disse Xochi. – Vão anunciar amanhã. A Lei da Esperança vai receber uma emenda. A idade agora é dezesseis, Kira.

Capítulo Vinte e Três

— **É** oficial – anunciou Isolde, deitada no sofá com uma garrafa na mão. Estava pela metade. – Foi aprovada esta tarde. Ou ontem à tarde, sei lá. Já passou da meia-noite?

– Não posso acreditar – disse Xochi, encarando o chão. – Não posso acreditar. Isolde deu um trago.

– Não importa se acredita ou não. Você tem agora um prazo de dois meses para engravidar. Ordens do governo – disse Isolde, levantando a garrafa, o rosto vermelho e apático. – Saúde!

– Aproveite para encher a cara agora, logo você vai beber por dois – alfinetou Xochi.

Kira sentou-se no sofá em silêncio, observando as garotas enquanto reclamavam e discutiam as motivações do Senado. Na superfície, parecia que a decisão estava ligada ao ultimato da *Voz*. Qualquer decisão menos dura que essa, seria vista como uma concessão. O Senado precisava mandar um recado que sinalizasse na direção oposta. Mas ela sabia, no fundo, que a decisão tinha a ver com Samm. Era o “plano contingencial” mencionado pelo senador Hobb. Naquela ocasião, Kira pedira para afrouxarem um pouco, mas, em vez disso, eles apertavam ainda mais o controle. Claro que era um sinal de força e solidariedade para as pessoas que acreditavam na Lei da Esperança. E como ficavam todos os outros? Tratava-se, praticamente, de uma declaração de guerra.

A pior parte era manter segredo. Ela sabia que Mkele estava certo – se a verdade sobre Samm fosse descoberta, com as tensões tão acirradas, uma rebelião seria catastrófica, e ela estaria bem no olho do furacão. Kira não ousava dizer mais uma palavra sobre Samm, ou sobre os testes, ou sobre qualquer outra coisa. O melhor a fazer era trabalhar o máximo possível e encontrar a cura para o vírus antes que custasse a vida de mais alguém.

Entretanto, mesmo após dois dias de trabalho intenso, não estava nem perto da cura. Ela conhecia a forma de pensar de Samm, como se comunicava, como respirava, comia e se movia, só faltava descobrir como sua imunidade funcionava. Estava confusa. E como não podia contar a ninguém, estava sozinha na sua confusão.

A sensação era de estar afundando.

Isolde deu outro trago.

– Beber durante a gravidez é crime, com pena de encarceramento e monitoramento em tempo integral. Preciso aproveitar agora.

– Seu bebê é mais importante que seus direitos – disse Xochi. – Para o Senado você é apenas um útero com pernas.

– Vê se cresce! – disse Kira, exasperada. Assim que pronunciou aquelas palavras, sentiu-se culpada. Ela concordava com Xochi, então por que a atacava? A Lei da Esperança não estava funcionando e o Senado a tornava mais cruel, pelos motivos errados. Talvez fosse o jeito que Xochi disse aquilo, a ênfase nos direitos pessoais sobre todo o resto. Kira já chegara a pensar assim, mas agora as coisas eram diferentes. Ela presenciara os debates no Senado, percebera o medo nos olhos deles. Tratava-se de extinção, como salientara Delarosa. As garotas se voltaram para ela, e o olhar de surpresa delas fez só aumentar sua raiva. – Será que já passou pela sua cabeça que talvez existam coisas mais importantes que os *seus* direitos?

Xochi levantou a sobancelha.

– Parece que tem alguém a fim de brigar.

– Não aguento mais ouvir falar em direitos civis, privacidade e em poder inviolável de decisão pessoal. Se não resolvermos nossos problemas seremos extintos. Não existe meio termo. Agora, se nos resta apenas a extinção, que não seja porque Xochi Kessler está preocupada demais com seus direitos para colaborar.

Xochi encrespou.

– Isso não é colaboração, mas um estupro institucionalizado. O problema é o governo ter controle total sobre o nosso corpo. Não vou deixar nenhum velho tarado encostar em mim porque a lei diz que tem que ser assim.

– Então escolha um jovem tarado, ou use a inseminação artificial. Essas são as opções e você sabe disso. Não tem nada a ver com sexo. Tem a ver com sobrevivência.

– Gravidez em massa é a pior solução possível – concluiu Xochi.

– Parou, parou – disse Isolde, a voz pastosa. – Vamos nos acalmar por um instante. Ninguém está feliz com isso...

– Pelo jeito a Kira está – disse Xochi. – Claro, ela tem namorado, faz sentido. Já devem até estar transando.

Kira saltou do outro lado da sala com um grito, cega de raiva, as mãos como garras, querendo apertar o pescoço de Xochi. Isolde colocou-se entre elas, tropeçando nos próprios pés de tão bêbada. Ela perdeu o equilíbrio, agarrando-se a Kira e bloqueando a passagem até Xochi. Kira engalfinhou-se com Isolde, arranhando a testa da amiga. Isolde gritou de dor e a reação violenta de Kira acabou em lágrimas.

– Droga – murmurou Xochi.

– Senta, Kira – disse Isolde, amparando-a até o sofá. Kira soluçava e Isolde a abraçava carinhosamente.

Ela lançou um olhar frio a Xochi.

– Você passou dos limites.

– Desculpe. – Xochi acomodou-se novamente no sofá. – Desculpe, Kira, você sabe que não quis dizer isso. Estou enlouquecendo. Tudo isso é demais para mim.

– O que está feito, está feito. A lei já foi aprovada. Podemos reclamar ou encher a cara e nem ligar – disse Isolde.

– Você já bebeu o bastante por hoje – disse Xochi, arrancando a garrafa da mão de Isolde, que mal conseguia segurá-la. A briga com Kira tinha lhe roubado toda a energia. Xochi abriu a janela e arremessou a garrafa para fora.

– Ei, Xochi! – gritou um dos garotos da vizinhança. Kira não reconheceu quem era. – Que loucura essa coisa da Lei da Esperança, não? Abre a porta para a gente conversar um pouquinho.

– Vão para o inferno! – respondeu Xochi, batendo a janela.

– Aquela garrafa era minha – reclamou Isolde, com a voz pastosa. Ninguém deu atenção.

– Desculpe, Xochi – disse Kira, endireitando-se. Ela limpou os olhos com as costas da mão. – Não estou brava com você. Estou brava... com praticamente quase todo o resto do mundo. Mas o mundo não tem um rosto, então descontei em você.

Xochi deu um sorriso afetado, mas a alegria durou pouco.

– Não estou preparada – disse baixinho. – Nenhuma de nós está preparada.

Isolde desenhava algo no sofá com o dedo.

– Haru tinha razão. O que ele disse na audiência do Senado. Não restou nenhuma criança, apenas adultos que não sabem o que estão fazendo.

As garotas ficaram em silêncio, perdidas em seus pensamentos. Kira pensou em Marcus. Ela havia recusado suas investidas, mas agora o governo alterara as regras do jogo. Teria um prazo de dois meses para ajeitar tudo, depois disso poderia ser presa apenas pelo fato de não querer engravidar. Se fosse obrigada a ter filhos, gostaria que fosse com Marcus, imaginava ela. Jamais cogitara outra pessoa, a não ser de brincadeira. Mas se falasse com ele agora, Marcus saberia que era apenas por causa da lei, não por causa dele. Não podia fazer isso. Por outro lado, escolher outra pessoa o machucaria ainda mais.

Acima de tudo, não queria engravidar. Não por causa da lei. Se fosse preciso começar vida nova, gostaria que fosse uma decisão sua, e não porque era obrigada.

No entanto, acabara de gritar com Xochi por ela pensar da mesma forma. Kira estava totalmente confusa.

Por uma fração de segundo, ela pensou em Samm, perguntando-se se uma criança meio-Partial seria imune.

– Alguém de vocês se lembra da própria mãe? – perguntou Isolde. – Não a nova, Xochi, a antiga. Sua mãe verdadeira, de antes do Break.

– Vagamente. Ela era alta – respondeu Xochi.

– Só isso?

– Quero dizer, bem alta – respondeu Xochi. – Sempre que me lembro dela, vejo-a do meu lado, alta como uma torre, e não é porque eu era uma criança, ela era mais alta que todo mundo. Um metro e noventa, dois metros. – Sua voz amoleceu e Kira podia ver que ela se deixava levar pelas recordações: seus olhos ficaram molhados e perdidos, encarando o vazio. Ela segurou um cacho dos seus cabelos escuros. – O cabelo dela também era preto, como o meu, e ela sempre usava joias. Prata, eu acho. Usava um anel grande, parecia uma flor, eu gostava de brincar com ele. Morávamos na Filadélfia. Eu achava que esse era o nome do estado, mas é da cidade. Filadélfia. Algum dia quero voltar para lá e encontrar o anel. – Revirou os olhos. – Vocês sabem. Algum dia.

– Minha mãe vendia aviões – disse Isolde. – Não sei como, nem para quem, mas foi o que ela me contou. Achei aquilo tão incrível. Agora, olhando para trás, penso: nem temos mais aviões. Não temos gasolina para abastecê-los. Nem sei se sobrou algum avião que poderia voar se tivéssemos combustível. Mas minha mãe costumava vendê-los como se fosse a coisa mais natural do mundo, como se fossem peixes no mercado.

– Acho que não tive mãe – disse Kira. – É claro que em algum momento tive, mas não me lembro dela, só do meu pai. Não me lembro nem de ele falar sobre ela, mas é claro que deve ter falado. Acho que eram divorciados, ou ela tinha morrido. Provavelmente divorciados. Não tínhamos nenhuma foto dela.

– Veja só que incrível – disse Xochi. – Se você não se lembra da sua mãe, ela pode ser quem você quiser que seja, uma atriz, uma modelo, a presidente de uma grande corporação... o que você quiser.

– Se não pode conhecer a verdade, viva a mentira mais incrível que puder imaginar.

– Tudo bem, então. Ela era médica como eu, uma cientista brilhante, reconhecida por seu trabalho com crianças. Ela descobriu... a sequência genética. E a nanocirurgia[8]. – Kira sorriu. – E a cirurgia convencional, a penicilina e a cura do câncer.

– Esse é um sonho realmente incrível – brincou Xochi.

– Pelo jeito, os sonhos incríveis são tudo o que nos resta.

Capítulo Vinte e Quatro

— Fique atenta – disse Shaylon.
— **F** Kira olhou desconfiada para o jovem soldado, os olhos ainda vermelhos por causa do choro e da falta de sono.

— Mais ainda? O que está acontecendo?

— O Sr. Mkele acredita que o hospital será atacado – respondeu, apertando firmemente o fuzil. — A *Voz* está escondida na cidade. Continuam procurando o que não encontraram no Senado. A nova emenda da Lei da Esperança só jogou mais lenha na fogueira. Mkele reforçou a patrulha fora da cidade, mas avisou para termos cuidado, por precaução.

Kira assentiu com a cabeça.

— Vou manter os olhos bem abertos.

Ela entrou no túnel de descontaminação, esfregando a mão no rosto enquanto recebia o jato de ar. *Deveria aproveitar mais de Shaylon. Se encontrar uma maneira de conversar com ele a sós, depois do expediente, talvez descubra as atividades da Rede.*

Kira suspirou. *Como se eu tivesse tempo para me envolver em outro projeto.*

Ela colocou os cadernos sobre a mesa e abaixou-se ao lado de Samm, examinando o rosto e os braços dele – um ritual que havia se tornado rotina.

— Bateram em você de novo.

Samm, claro, não respondeu.

Kira observou-o por um momento. Em seguida, olhou incomodada para os cantos da sala.

— Isso não se faz. Não é humano.

— Acho que humano não se aplica a mim.

— Não importa se você é ou não humano – respondeu Kira, examinando suas canelas. — Eles são humanos e precisam agir como tal. — Ela levantou a perna da calça. — Tem alguns cortes novos aqui, mas não estão sangrando. Você vai ficar bem. — Ela desenrolou a calça. — Nenhuma das feridas infeccionou – observou Kira, considerando se o corpo de Samm produzia algum tipo de antisséptico ou antibiótico natural. Investigaria isso mais tarde, usando um método que não fosse feri-lo com uma faca suja. — Você vai ficar bem – repetiu a caminho do computador.

Assim que começou a trabalhar, Kira percebeu que alguém havia mexido nas suas coisas: nas imagens do DORD, nas anotações preliminares sobre os feromônios e mesmo em seus comentários escritos à mão no caderno. Alguém havia lido o material, percorrido suas páginas, feito uma seleção e mudado os arquivos de lugar.

Será que Skousen está avaliando meu trabalho? Estaria copiando o material? Ela encontrou alguns arquivos novos; ele próprio havia feito algumas pesquisas em sua ausência. Ela não sabia se agradecia por alguém estar acompanhando o seu trabalho ou se ficava indignada por não confiarem nos resultados. O cansaço quase a deixava indiferente.

Tenho apenas mais três dias, disse a si mesma. *Pare de choramingar e trabalhe.* Esforçou-se para manter a atenção focada nas imagens do DORD, procurando alguma discrepância entre a fisiologia de Samm e a dos humanos. No entanto, o que ele dissera, no dia anterior, não lhe saía da cabeça. A sinceridade no tom da sua voz. E se estivesse falando a verdade? Se o vírus não era uma criação dos Partials, então de quem seria? A presença do Espião na respiração de Samm provava que havia uma relação entre ele e o RM, mas não necessariamente que os Partials o haviam inventado. Eles eram soldados, não geneticistas; tinham médicos, mas não eram capacitados nesse nível de engenharia genética. E se a semelhança entre os vírus significasse algo completamente diferente?

E se fosse o indício de um ancestral comum? Ou de que o RM e os Partials haviam sido criados por uma mesma pessoa?

Kira fechou os olhos tentando se lembrar do que aprendera na escola. *Qual era o nome da empresa? “Para-alguma coisa.”* Era tão difícil lembrar os detalhes do velho mundo: nomes, lugares, tecnologias, que simplesmente não faziam nenhum sentido na vida que levavam agora. Por outro lado, o nome de cafés e restaurantes era fácil de lembrar, pois as ruínas do que foram um dia estavam por toda parte: Starbucks, Panda Garcia e uma dúzia mais de similares. Ela até se lembrava quando era criança, antes do Break. No entanto, as companhias de genética jamais fizeram parte da sua vida. Ela aprendera seus nomes nas aulas de história, mas os professores não davam muita ênfase ao assunto. A autorização para criação dos Partials tinha vindo do governo, a empresa “*Para-alguma coisa*” era apenas a contratada.

Para-Genética, lembrou-se. *Era chamada de ParaGen.* Haru mencionou a empresa alguns dias atrás. Mas o que ela tinha a ver com o RM? Com certeza o vírus não era criação deles – eles também eram humanos. Nada se encaixava.

– Você teve mãe? – perguntou Samm. A pergunta quebrou a cadeia de pensamentos de Kira. Ela o olhou intrigada.

– Quê?

– Você teve mãe?

– Eu... claro que tive mãe, todos têm mãe.

– Nós não.

Kira franziu o cenho.

– Sabia que você é a segunda pessoa nas últimas doze horas que pergunta sobre a

minha mãe?

– Curiosidade.

– Tudo bem. Não cheguei a conhecer minha mãe. Acho que isso nos torna mais parecidos do que imaginamos.

– E seu pai? – perguntou Samm.

– Por que quer saber? Eu tinha cinco anos quando ele morreu, tenho poucas lembranças.

– Nunca tive um pai.

Kira deslizou a cadeira, chegando até a ponta da cama onde estava Samm.

– Por que toda essa curiosidade? Nesses dois dias, você mal abriu a boca e agora, do nada, está obcecado com as relações familiares. O que se passa?

– Andei pensando algumas coisas. Muitas coisas. Você sabe que não podemos nos reproduzir?

Kira assentiu, desconfiada.

– Você foi fabricado assim. Vocês eram... bem, a intenção era de que fossem armas, não pessoas. Não queriam armas que se autorrelicassem.

– Sim – respondeu. – A intenção era de que os Partial não existissem fora da sociedade que nos criou, mas existimos, e agora todos esses antigos parâmetros com que fomos projetados são... – Ele parou de falar, inesperadamente, e olhou para as câmeras. – Escuta, você confia em mim?

Ela hesitou, mas não por muito tempo.

– Não.

– Também acho que não. Acha que algum dia vai confiar?

– Algum dia?

– Se trabalharmos juntos. Se algum dia oferecermos uma trégua. Aprenderia a confiar em nós?

Desde o primeiro dia, esse era o rumo da conversa – tudo começou quando ela perguntou o que ele fazia em Manhattan. Finalmente, ele estava disposto a discutir o assunto, mas ela podia confiar nele? O que ele buscava obter dela?

– Posso confiar em vocês desde que provem ser confiáveis – respondeu Kira. – Não sei se desconfiava de você por princípio, se é o que está querendo saber. Mas muitas pessoas desconfiam.

– O que é preciso para ter a confiança deles?

– Não ter destruído nosso mundo, há onze anos. Além disso... não sei. Reconstruir o que destruíram.

Ele ficou em silêncio por alguns momentos e ela o observava atentamente – seus olhos moviam-se rapidamente, como se examinassem dois objetos diferentes a sua frente. De vez em quando, piscavam em direção a uma das câmeras, apenas um golpe de vista. *O que planejava?*

Kira olhou Samm nos olhos. *Na dívida, faça.* – Por que está me dizendo isso?

– Porque a única esperança, para nós dois, é unir forças. Trabalharmos juntos.

– Você já disse isso.

– Você perguntou qual era a minha missão? Era essa, Kira: estávamos a caminho daqui para tentar a paz. Para saber se era possível uma parceria entre nós. Você precisa da nossa ajuda para encontrar a cura do RM, mas nós precisamos da sua tanto quanto.

– Por quê?

Ele olhou para a câmera, de novo.

– Ainda não posso contar.

– Mas você tem que me contar, não é para isso que está aqui? Você veio numa missão de paz e tudo que tem a dizer é “não posso contar”?

– Não sabia que ainda nos odiavam tanto. Nosso plano era persuadi-la a colaborar conosco. Mas quando fui capturado e trazido para cá... quando vi o que acontece aqui... percebi que seria impossível. Mas você é diferente, Kira, você presta atenção em mim. Mais do que isso, você entende o que está em jogo. Entende que nenhum preço é alto demais quando se trata da sobrevivência da sua espécie.

– Preciso saber. Esqueça as câmeras, esqueça quem está do outro lado e me conte o que está acontecendo.

Samm balançou a cabeça.

– A falta de confiança não é o único problema. No momento que descobrirem por que estou aqui serei um homem morto.

Desta vez foi Kira quem olhou para a câmera num golpe de vista, sentindo-se desconfortável, mas Samm balançou a cabeça e olhou para as feridas no corpo.

– Não tem problema, sabem que tenho um segredo.

Kira cruzou os braços e sentou-se. O que era tão perigoso de ser revelado, a ponto de lhe custar a vida? Algo que os humanos não queriam ouvir – ou algo que queriam? Espremia o cérebro em busca de uma explicação que fizesse sentido. Samm seria mesmo uma bomba, como inicialmente haviam temido, e ele acreditava que o Senado iria matá-lo para se livrar dele? Mas o que isso tinha a ver com paz?

Paz. Era isso que tinha em mente quando conversou com Marcus, na noite anterior. Desejava que fosse mais que uma palavra, gostaria de poder tocar nela e sentir seu sabor, de saber como era viver sem estar permanentemente com medo. Não sabiam mais o que era viver em paz desde a instituição da Lei da Esperança. A *Voz* havia se rebelado e a ilha começara sua lenta espiral rumo ao caos. Nos anos anteriores também não houvera paz – o Break e a desesperada reconstrução pós-Break, a revolta Partial, mesmo a Guerra de Isolamento, que originou a criação dos Partials. Kira vivia num mundo de discórdia desde o dia do seu nascimento e antes disso o mundo também não tinha sido melhor. Estavam à beira da destruição e cada

um tinha a sua própria solução. Kira era a única a cogitar a ideia de que talvez precisassem dos Partial. De que talvez fosse preciso trabalharem juntos.

Sim, ela era a única a pensar assim – até aquele momento. Agora, um Partial sugeria o mesmo.

– Não – disse lentamente, a desconfiança subindo pelo seu corpo como uma aranha. – É perfeito demais. É como se estivesse dizendo exatamente o que quero ouvir. – Balançou a cabeça. – Não acredito em você.

– Por que desejaríamos outra coisa? – perguntou Samm. – Estamos falando do instinto primário da vida, o de sobreviver ao tempo. Da construção de uma geração que verá o amanhã.

– Mas você jamais soube o que é ter uma família – disse Kira. – Não tem parentes, não foi criança, nem sabe o que é isso. E se a criação for apenas um instinto fantasma, preservado unicamente por alguma partícula de DNA desgarrada?

Num lampejo, Kira lembrou-se de um cachorro – na sua memória ele era gigante, uma massa de músculos e dentes, rosnando atrás dela. Ele a perseguia através de um parque, ou de um jardim, algum lugar com grama e flores, e ela ficara apavorada. Quando o animal estava quase em cima dela, seu pai apareceu. Não era um homem forte, mas se colocou entre a filha e o cachorro. Seu pai foi mordido e Kira se sentiu muito mal. Ele fez aquilo para salvá-la. Era o que os pais faziam.

– Como você acha que nos sentimos sem pais? – Ela levantou o olhar e encontrou o de Samm. – Não me refiro apenas aos Partial nem às crianças. Refiro-me às duas sociedades inteiras que são órfãs. Quais as consequências disso?

Samm não respondeu, mas sustentou o olhar de Kira. Havia uma lágrima em seu olho – era a primeira vez que ela o via chorando. A cientista que havia dentro dela gostaria de estudá-lo, colher uma amostra, descobrir como, por que e o que ele chorava. A menina dentro dela pensava apenas na Lei da Esperança e imaginava se uma lei como aquela teria passado se recaísse sobre as filhas de quem a aprovara.

Kira olhou para a tela do computador e não viu a imagem que estava ali, mas as lembranças que trouxera de Manhattan: o ataque Partial, o corpo de Gabe inesperadamente caído no corredor, morto pelo inimigo. *Se aquela era uma missão de paz, por que atiraram nele?* Kira franziu o cenho, tentando conciliar os acontecimentos de Manhattan com a reivindicação de inocência de Samm. *Não tentaram sequer conversar conosco. Não faz sentido.*

Kira vasculhou o cérebro por mais lembranças, tentando trazer à tona qualquer coisa que sustentasse a versão que ela desesperadamente desejava que fosse a verdadeira. *O que foi mesmo que o Partial disse um pouco antes de explodirmos o apartamento?* Esforçava-se para lembrar. *Que grupo é esse?* Ouvira claramente – pelo menos, acreditava que sim. *Grupo do quê?* *Estavam esperando outras pessoas, talvez bandidos ou a Voz?* *Encontraram Kira, a única humana disposta a*

ouvi-los, num puro golpe de sorte?

Ou Samm dizia aquilo apenas para agradá-la?

A porta se abriu com o repentino toque de uma campainha. Os descontaminadores entraram em ação num rugido. Shaylon atravessou o túnel, segurando uma seringa cheia de sangue e veio apressado em sua direção.

– A enfermeira pediu para lhe entregar isso. Disse que você sabe o que fazer – falou rapidamente.

– Você não tem permissão para entrar aqui – respondeu Kira.

– Ela disse que era uma emergência – explicou Shaylon, olhando para Samm. – É ele?

Ela pegou a seringa com todo cuidado; o tubo ainda quente com o sangue.

– O que é isto?

– Ela disse que você sabe. Veio da maternidade.

A ficha caiu e Kira arregalou os olhos.

– É de um recém-nascido! Uma das mães deu a luz! – Ela correu até o balcão, abrindo espaço entre lâminas de microscópio, frascos e pipetas. – Você sabe quem é a mãe?

– Ela disse que você saberia o que fazer com isso!

– Eu sei. Acalme-se – respondeu Kira. *Deus, por favor, não deixe ser de Madison.* Ela pingou uma gota na lâmina o mais rápido possível e colocou a amostra no medicomp. – Isto é sangue não contaminado, entende? Os bebês nascem saudáveis e depois são infectados. Temos apenas alguns minutos, talvez menos, antes do vírus se transformar e atacar. – Ela apertou os comandos e correu de volta para o balcão, preparando outra lâmina. – Há dois tipos de vírus. Um no ar e outro no sangue. O que estou tentando fazer é observar o momento em que um se transforma no outro. Ligue o microscópio. – Qual deles é o microscópio?

– Este.

Ela correu pelo laboratório com a lâmina na mão e a colocou no aparelho. Ligou todos os botões, tamborilando impacientemente com os dedos sobre o aparelho enquanto ele emitia um ruído lento, entrando em funcionamento. Assim que a tela acendeu, ela acionou o microscópio, solicitando que pesquisasse os vírus. Um breve apito avisou que o aparelho havia encontrado a forma viral transmitida pelo ar, e ela imediatamente puxou a imagem. O pequeno vírus apareceu na tela, um ponto vermelho num oceano cinza. O vírus já havia começado a mudar, e a imagem o havia capturado entre a forma original e a seguinte. A lente do microscópio era avançada, mas não havia equipamento que filmasse naquele grau de ampliação. O sinal sonoro disparava sempre que o medicomp detectava outro vírus. – Se eu conseguir imagens de qualidade dos vários estágios da transformação, posso recriar todo o processo. – Ela pediu ao medicomp que tirasse outra foto da mesma área, para ver se o vírus

que circulava no ar havia completado sua transformação em Glóbulo.

Uma pequena janela abriu na tela do computador: Correspondente parcial.

Shaylon apontou para o aviso.

– Parcial? Quer dizer que o bebê é um Partial? – perguntou com uma voz assustada.

– Não, significa que o computador encontrou apenas correspondentes parciais no banco de dados. – *Exatamente como aconteceu com o Espião.* – Encontrei algo que se assemelha ao RM, mas não é um vírus. – Ela abriu a imagem e espantou-se: era totalmente desconhecido. – Más notícias.

– O que é isso? – perguntou Shaylon.

– Uma nova forma de vírus – respondeu Kira, movendo a tela para obter uma imagem melhor. – O Esporo, o vírus que viaja pelo ar, deveria se transformar num Glóbulo, o tipo viral sanguíneo. Eles são as duas únicas variedades de RM que temos registrado em nosso banco de dados. – Kira procurava, aflita, algo de conhecido naquela estrutura. – Este vírus é novo.

Ela batia rapidamente o dedo sobre a tela, refinando a imagem o melhor que podia, separando-a em partes para analisá-la. O computador tinha razão – era um correspondente parcial do Glóbulo, apresentando muitas das mesmas estruturas proteicas, numa mesma disposição básica, mas o resto era completamente novo. E, diferentemente do Espião, tratava-se, sem dúvida, de um vírus. *Teria a ver com Samm? Seria resultado do Espião?* Kira nomeou a imagem e solicitou ao computador que procurasse novamente no banco de dados, em busca de algum correspondente mais próximo. Foram encontrados cinco resultados, todos retirados dos arquivos de exames de sangue de recém-nascidos: a maioria de bebês prematuros, mais um natimorto, todos os casos acontecidos há mais de oito anos. *Não foi um número significativo de respostas, mas encontrou alguns casos, muitos anos antes de Samm estar aqui. Isso quer dizer que o vírus não tem a ver com Samm. Mas então de onde ele veio?*

Kira voltou a tocar na tela principal do medicomp. *Se não é um vírus comum, pensou, então talvez seja uma mutação. Talvez seja o único exemplar na amostra e o computador começou a análise pelo ponto errado.* Ela programou o equipamento para procurar mais daquelas estruturas nas amostras de sangue. Os resultados surgiram quase de imediato. O sinal sonoro disparou várias vezes, apontando mais ocorrências do que quando pesquisara o Esporo. *Este novo vírus está em todos os lugares.* Kira abriu imagem por imagem, e lá estava ele, multiplicando-se rapidamente. Aqueles resultados deixaram-na agitada e ela solicitou outra pesquisa para o Esporo, mas nenhum foi encontrado. O computador salvara as imagens originais, mas a estrutura em si havia desaparecido do sangue. Cada exemplar de Esporo havia se metamorfoseado no novo vírus – neste Predador –, que continuava a

se replicar.

Shaylon falou baixinho, a voz fraca e nervosa, olhando para Samm.

– O que é isso?

– Não faço ideia.

Kira cerrou os dentes e mergulhou na pilha cada vez maior de relatórios e imagens, determinada a encontrar o que estava buscando: o processo de evolução de Esporo para Glóbulo, os detalhes que revelariam como o vírus funcionava, as etapas químicas por trás de cada processo. Era como tentar beber da água de uma cachoeira.

Shaylon permaneceu imóvel, os dedos apertando os fones de ouvido do intercomunicador. Então, agachou-se.

– Abaixo.

– Por quê? O que está acontecendo...

– Abaixo! – disse Shaylon energicamente, puxando-a para baixo, atrás do enorme corpo metálico do microscópio.

– Alguém invadiu o hospital. Acham que é um fugitivo.

Kira espiou pela lateral do computador. Samm os observava com interesse. *Será que estão mesmo vindo atrás de você?* A arma de Kira estava sobre o balcão, fora do seu alcance. Se alguém entrasse naquele momento, ela não seria capaz de pegá-la a tempo. Kira olhou para trás e viu Shaylon ouvindo atentamente as informações que chegavam pelo fone de ouvido.

– Acham que ele está do lado de fora – disse baixinho. – Você fica aqui, vou espiar pela janela. – Levantou um pouco o corpo e atravessou a sala, correndo rente ao chão, o fuzil na altura dos olhos. Kira olhou para Samm, em seguida, para a porta, e correu até o balcão, onde pegou a pistola. Estava protegida contra algum ataque pela janela, mas não pela porta. Será que o outro soldado ainda estava lá fora? Ela retirou a arma, arremessando o coldre de couro para o canto; verificou o pente e a câmara, certificando-se de que estava pronta para o uso.

– Não consigo ver nada – disse Shaylon, levantando-se com cautela para olhar através da janela; o corpo espremido contra a parede. Mantinha uma das mãos apertando o fone de ouvido. A conversa com Mkele era tensa. – Não consigo ver... espere, nos carros. Eles ainda estão assim tão longe?

Não faz sentido atacar o hospital durante o dia, pensou Kira. Os carros dão uma boa cobertura e há árvores no entorno do prédio, mas está longe de ser o ideal. Se vão explodir a parede, por que não fazem isso à noite? Por que não esperar, quando podem chegar despercebidos até o prédio?

Peraí, pensou, de súbito, *se vão explodir...*

Colocou-se em pé num salto e correu até Shaylon.

– Saia daí! Está muito perto da...

Nesse momento a parede explodiu: tijolo, metal e reboco invadiram o quarto numa bolha gigante, o impacto da explosão lançando Kira para trás, como uma mão invisível. Shaylon voou para a lateral, batendo contra a parede e caindo no chão como uma boneca de pano. Mesmo Samm foi empurrado para longe, a cama balançando como uma folha. Ela bateu contra a mesa de Kira e tombou.

Kira chocou-se contra a parede do fundo com tamanha violência que o impacto arrancou o ar dos seus pulmões e a arma da sua mão. Ela caiu atrás do DORD e o enorme equipamento tombou sobre ela. Kira gritou, certa de que havia quebrado a perna, mas tentou manter a calma.

Respire fundo, Kira, respire fundo. Acalme-se.

Aos poucos o tremor parou e Kira viu tudo entrar em foco novamente. Com o auxílio da respiração, acalmou-se, percebendo melhor a dor na perna. *Não está quebrada, apenas presa.* Ela ouviu movimentos na sala, destroços caindo e se estilhaçando. Procurou identificar de onde vinham os ruídos, mas o DORD bloqueava toda a visão, menos a da porta. O teto do túnel de plástico estava destruído. Os destroços vindos da parede o haviam reduzido a farrapos e se alojado na entrada da porta, bloqueando-a. Kira sentiu um choque na perna presa embaixo do equipamento e viu que o isolante elétrico do DORD havia se rompido. *A máquina está dando choque. Tenho que me afastar dela.* Ela ouviu mais ruídos e agora tinha certeza que alguém andava por ali. *Será Shaylon ou Samm?* Ela forçou o braço contra a parede, apoiou a perna contra a máquina e empurrou com toda a força.

Kira movia a perna centímetro a centímetro, cada movimento era lento e dolorido, quando ouviu um estalo no interior da máquina e uma onda de eletricidade percorreu seu corpo.

A dor foi lancinante. Cada músculo do seu corpo travou, contraindo-se de forma inimaginável. Mas, inesperadamente, a dor cede, deixando Kira em busca de ar. Seus pensamentos eram imprecisos e sentia como se tivesse apanhado com um bastão de metal, porém não sabia em qual parte do corpo.

– Socorro – balbuciou.

Sentiu outra descarga, um turbilhão violento de corrente elétrica percorrendo seu corpo. Seus olhos voltaram-se para cima, a vista escureceu. Sentia-se uma massa disforme, sem saber distinguir onde doía. De repente, o choque parou. Seu coração batia descontrolado. Sentia a cabeça cada vez mais leve, lutando para manter-se acordada.

– Socorro – murmurou, a voz fraca e rouca. – O DORD está me... eletrocutando.

Kira recebeu outra descarga elétrica, a dor era terrível. Quando passou, os pulmões levaram exatamente cinco segundos para voltar a funcionar. O coração batia disparado e o corpo não sabia como reagir. Quando voltou a respirar, sugando desesperadamente o ar, sentiu o mau cheiro da própria pele chamuscada. Aos

poucos foi recuperando a visão e notou que agora a porta estava levemente aberta. Um olho espiava através da fresta – dois olhos, um branco e outro preto.

Não é um olho, pensou, as ideias desconectadas, é o cano de uma arma.

Os soldados do outro lado da porta tentavam, em vão, forçá-la contra a pilha de entulho.

– É a garota. Tem mais alguém vivo aí dentro?

– Você tem que me ajudar – sussurrou Kira. – Meu coração está parando.

– Pode ver o prisioneiro? Ele escapou?

– O batimento está... irregular – disse, sentindo o corpo começar a falhar: os músculos, o coração, os pulmões lentamente enfraquecendo. – Precisa me ajudar. Mais um choque... e eu vou...

Ela ouviu vozes – gritos que pareciam vir de centenas de quilômetros de distância. Uma brisa quente soprou sobre seu rosto e ela abriu os olhos. O mundo era um borrão, mas ela percebia que algo estava perto dela, movendo-se e, subitamente, a pressão sobre sua perna desapareceu. A enorme máquina DORD atravessou voando a sala, zunindo em seu ouvido. Kira foi retirada dos escombros por dois braços fortes. Ela tentou ver quem era. Alguém a segurava, a carregava, procurando feridas em seu corpo.

– Obrigada – disse, tossindo. Sua voz era tão baixa que ela mesma mal ouvia suas próprias palavras. Agarrou-se ao seu salvador. – Acho... que ele fugiu.

– Estou bem aqui, Kira.

Conheço essa voz.

Comprimiu os olhos e esforçou-se para pensar. Aos poucos voltou a enxergar com nitidez. Ela estava nos braços de Samm. Sua roupa estava queimada e as faixas que o mantinham preso eram agora farrapos pendurados em seus braços. O quarto estava destruído: o chão coberto de entulho e a parede era um buraco. As árvores balançavam ao vento. O emaranhado de metal em que havia se transformado a máquina DORD estava jogado no canto da sala. Shaylon, do outro lado, estava imóvel e coberto de sangue.

Ela olhou para Samm.

– Você me salvou.

Por fim os soldados conseguiram forçar a porta aberta. Era uma multidão.

– Coloque-a no chão!

– Ele me salvou.

– Coloque-a no chão!

Samm ajoelhou-se e a colocou no chão cuidadosamente. Assim que ela saiu da frente, eles avançaram e o encheram de coronhadas. Samm tombou. Kira tentou protestar, mas estava fraca demais. Tudo que conseguiu fazer foi assistir.

Capítulo Vinte e Cinco

O quarto estava escuro. Os equipamentos hospitalares emitiam fracos ruídos, luzinhas acendiam e apagavam no escuro. Kira não conseguia manter os olhos abertos, sentia dificuldade para respirar e a cabeça estava dolorida e vazia, como se ainda estivesse no meio da explosão.

Samm me salvou.

Os soldados bateram em Samm por quase um minuto antes de o acorrentarem, chutando-o no estômago e golpeando-o com os fuzis. Ele não reagiu. Mesmo tendo a oportunidade de fugir, ele ficou e não reagiu. Apanhou repetidas vezes e tudo que se ouviu foi uma agonizante sucessão de ruídos surdos, estalos e gemidos de dor.

Ele é um Partial, Kira pensava. Nos últimos três dias, havia repetido aquilo centenas de vezes. Nem é humano. Não sabemos o que estava fazendo em Manhattan, o que pensa e o que está planejando.

No entanto, ela não se convencia dos próprios pensamentos. Tanto ela quanto Samm queriam a mesma coisa: resolver os problemas, indo direto ao ponto, sem ficar mordendo pelas beiradas. Em toda a ilha ele era o único que pensava como ela.

O problema era ele ser um Partial.

Kira tentou sentar-se, mas a dor na perna foi de tirar o fôlego. A mesma perna queimada pelo DORD. Ela levantou o lençol para examiná-la, mas estava com uma atadura. Reconheceu a coceira causada pela regeneração das fibras musculares e logo se deu conta de que havia sido tratada com Regenera. Levaria algum tempo até conseguir sentar-se, quem dirá levantar-se ou andar.

Kira ouviu um suspiro fraco e olhou para a cama do outro lado do quarto. No hospital, havia mais quartos que o suficiente, mas energia apenas para alguns andares, por isso a maioria deles alojava dois pacientes. Kira olhou atentamente para a silhueta na cama, sob a luz fraca, e se deu conta de que era Shaylon. Pelo jeito, o soldado havia sido retalhado na explosão – pela maneira como estava enfaixado, deve ter sofrido dezenas de fraturas e inúmeros cortes e escoriações causados pelos estilhaços da granada.

Sua respiração era curta e fraca, mas sem o auxílio de aparelhos, e seu estado parecia estável. A impressão era de que ele ficaria bem.

Shaylon tinha visto o Predador no sangue e acompanhara sua especulação sobre o novo vírus. Ela havia falado demais? Havia exposto segredos em demasia? A menor faísca poderia incendiar a ilha; Kira esperava que ele fosse discreto quando acordasse.

Kira ouviu passos no corredor e olhou para a porta.

– Está acordada – disse a enfermeira-chefe Hardy.

– O que aconteceu? Quanto tempo fiquei inconsciente? – perguntou ansiosamente. Calou-se ao ver a enfermeira entrar empurrando uma maca. Era Madison. Kira sentou-se rapidamente, sentindo uma agulhada na perna, que a deixou sem ar.

– Está tudo bem com você, Madison?

– Ela entrou em trabalho de parto prematuro – respondeu Hardy. – Conseguimos conter, mas não sabemos por quanto tempo.

– Ficarei bem – disse Madison, olhando para Kira. – Não me deixam sentar, muito menos andar. Nem para ir ao banheiro.

– Fique tranquila e descanse – recomendou Hardy. – Vamos mantê-la aqui por algumas horas enquanto você se recupera. Depois decidiremos se pode voltar para o seu quarto. Agora, tente descansar.

– Eu vou descansar – respondeu Madison, resignada. – Vou ficar olhando para o teto e não vou mexer nem um fio de cabelo.

– Deveria dormir – disse Hardy. A enfermeira olhou para Kira. – E você também. Você dormiu apenas algumas horas e seu corpo precisa descansar. Vamos dar uma olhada na sua perna. – Ela levantou o lençol e a ponta do curativo. Kira prendeu a respiração, tentando ignorar a dor. Ao examinar a pele enegrecida, a expressão da enfermeira Hardy foi desaprovadora. A queimadura era do tamanho da palma de uma mão, lambuzada com creme para queimadura e antisséptico. – Está cicatrizando, mas é uma queimadura feia. Usamos o Regenera não faz muito tempo, então temos que esperar um pouco antes da próxima aplicação.

– Obrigada – disse Kira, gemendo de leve enquanto a enfermeira colocava o curativo de volta.

– Volte a dormir – disse Hardy. – As duas. – Ela saiu do quarto, fechando a porta sem fazer barulho. Kira olhou para a silhueta de Madison no escuro.

– Mads, o que aconteceu? Foi a *Voz*?

– Acho que sim, mas sei tanto quanto você. Houve uma explosão. Alguém conseguiu furar a segurança.

Kira hesitou.

– E Samm?

– Samm?

– O Partial?

Madison olhou de um jeito estranho para Kira.

– Sinto muito, mas não sei. Tive problemas com o descolamento e fazia exames quando houve a explosão. Não posso andar e menos ainda conversar com alguém que saiba me dizer o que está acontecendo.

Kira caiu sobre o travesseiro, grunhindo ao liberar a tensão na perna queimada.

– Não posso ficar aqui parada. Preciso saber o que está acontecendo.

– Não só você!

Kira riu secamente.

– Parece que estamos em maus lençóis.

– Melhor pensar em outra coisa. – Madison se ajeitou na cama, tentando encontrar uma posição confortável. – Tenho dez semanas pela frente e terei muita sorte se conseguir completar quatro. – Sua voz era suave e triste. – Vou perder minha filha, Kira.

– Não vai perdê-la.

– Mesmo que nasça no tempo certo, ou que atrase, com tempo suficiente para se desenvolver, vou perdê-la para o RM.

– Não vou deixar isso acontecer.

– Não pode impedir. Sei que está tentando, sei que fez todo o possível para ajudar, mas não é o suficiente. Quem sabe algum dia, mas a cura não é para mim. – Sua voz fraquejou. – Não para Arwen.

Kira virou a cabeça.

– Quem é Arwen? – Kira conhecia todas as grávidas de East Meadow. *Será que Arwen era nova? Passei apenas três dias com Samm, mas é o suficiente para a lista de grávidas ter aumentado.*

Madison hesitou em falar, então sussurrou.

– Arwen é o meu bebê. Escolhi o nome.

Kira sentiu um soco na boca do estômago.

– Mads...

– Sei que não deveria... Mas eu amo este bebê, Kira. Amo tanto que não sou capaz de descrever. É como se já nos conhecêssemos: ela é tão independente, forte e... engraçada. Sei que isso parece ridículo, mas todos os dias ela me faz rir. Como se soubéssemos de uma piada que mais ninguém pode ouvir. Como *não* dar um nome para ela, Kira? É uma pessoa de verdade.

– Sinto muito, Mads – Kira enxugou as lágrimas. – Não posso imaginar como você se sente estando no mesmo hospital que Samm...

– Haru ainda não sabe do nome – disse Madison. – Eu não odeio o Partial. – Kira pensou ter visto a amiga erguendo os ombros num gesto de indiferença. – Seja lá o que os Partial fizeram, isso foi há onze anos. Se eu alimentasse rancor por tanto tempo, estaria tão morta quanto todos que deixamos para trás. Não quero viver num mundo de mortos. – Calou-se, respirando profundamente. – De qualquer forma, mesmo que ela morra, terei ao menos conhecido minha filha. Ao menos ri de suas brincadeiras.

A porta se abriu novamente e a enfermeira Hardy entrou com uma seringa. Kira enxugou as lágrimas.

– Uma ajudazinha para você dormir.

– Não preciso – disse Madison.

– Você não quer – corrigiu a enfermeira, preparando a agulha. – Sou eu quem decide o que você precisa. Um pouco de sono vai te fazer bem. – Ela injetou o líquido no cateter. – Pronto. Deve levar apenas alguns minutos para fazer efeito e finalmente vai descansar. Vejo você pela manhã.

Madison suspirou.

– Tudo bem.

– Quero ver Mkele – disse Kira. – Agora.

– O que espera que eu faça sobre isso? – perguntou Hardy. – O hospital foi atacado, Mkele está ocupado.

– Sabe onde ele está?

Hardy gesticulou na direção de Madison e deu de ombros, impotente. – Ela é uma das sete mães que estão no hospital. Eu também estou muito ocupada. – Suspirou. – Se encontrar com ele, avisarei que o está procurando.

– Obrigada.

A enfermeira saiu e o quarto voltou a ficar escuro.

Kira secou as lágrimas, de novo.

– Arwen Sato. É um nome lindo.

– É o nome da minha avó – disse Madison. – Sei que Haru prefere um nome japonês, mas acho que ele vai gostar.

– Acho que vai gostar muito.

– Então, vejo você... de manhã. – Madison bocejou. Kira observou a amiga relaxar aos poucos, ficar quieta e pegar no sono. A respiração profunda e ritmada.

Não vou deixar seu bebê morrer, pensou Kira. Não importa o que for preciso fazer. Esse bebê vai viver. Mas como? Ela balançou a cabeça, sentindo-se totalmente sobrecarregada. A guerra civil talvez já tenha começado e eu mal consigo andar. E aquela última amostra de sangue apresentou um resultado totalmente inesperado. Uma nova cepa do vírus que ninguém conhecia? Não faz sentido. Pensei que soubesse como o vírus RM agia, mas agora... tudo que sei está errado. E meu tempo para encontrar as respostas está no fim.

Kira tamborilava nervosamente os dedos na lateral da cama. *Preciso juntar todas as informações.* Pensou em tudo que havia descoberto, tentando analisar sob uma nova perspectiva. O vírus RM apresentava quatro formas, pelo menos até o momento: o Esporo, transmitido pelo ar, o Glóbulo, transmitido pelo sangue, o Espião, encontrado na respiração de Samm e o Predador, do sangue do recém-nascido. Pensei que o Esporo se transformasse no Glóbulo, mas ele se transformou no Predador. De acordo com os registros antigos, isso já tinha acontecido no passado, então não se trata de uma anomalia. Essa transformação acontece sempre? E se o Predador for um estágio intermediário entre o Esporo e o Glóbulo?

Mentalmente, ela reordenou as versões do vírus, nomeando o Esporo de Estágio 1, o Predador de Estágio 2 e o Glóbulo de Estágio 3. Ninguém nunca havia provado que Glóbulo era responsável pelas mortes: ele estava no sangue de todos, então deram como certa a sua culpa. No entanto, esse tipo do vírus também está no sangue dos *sobreviventes*. E se ele não fosse mortal? *E se o assassino fosse o Predador, mas no momento em que fazemos os exames ele já se transformou em Glóbulo?*

Kira balançou a cabeça, amaldiçoando a explosão. Se eu tivesse examinado outra amostra, sem que a explosão me atrapalhasse, saberia realmente o que acontece. Talvez. Não tenho mais tempo para isso. Nem tenho mais um laboratório. O que eu posso fazer se não consigo nem me mover?

A porta se abriu novamente e Kira viu o Dr. Skousen, atrás dele o Sr. Mkele. Skousen foi até o corpo inconsciente de Shaylon.

Mkele trancou a porta.

– Está acordada – disse Mkele, olhando para Kira com interesse. Ela alisou o lençol que cobria suas pernas e o encarou desafiadoramente. – Fico feliz. O que vou dizer é do seu interesse.

– O que aconteceu? Onde está Samm? – perguntou Kira.

Skousen foi até a cama de Madison, examinando sua cabeça e seu rosto com os dedos. – Está dormindo.

– Ótimo – disse Mkele. – Vamos começar.

– Que diabos está acontecendo? – repetiu Kira, tentando soar o mais firme e decidida possível. Em vez disso, sentia-se fraca e vulnerável – ferida e cansada, com metade do corpo nu numa cama de hospital. Ela puxou o lençol bem apertado ao redor das coxas e costas. – Aquilo foi um ataque da *Voz*, certo? Eles atacaram outros locais? A guerra civil já começou? E alguém pode me dizer o que aconteceu com Samm?

Dr. Skousen retirou um pequeno frasco do bolso do seu avental, seguida de uma pequena seringa e uma agulha fininha. A agulha parecia encher os olhos de Kira, brilhando suavemente sob a luz fraca.

Samm está sob controle – respondeu Mkele. Seus olhos pareciam cansados e seu rosto, inexpressivo. – Estamos aqui para controlar o detalhe que faltava.

Kira ficou tensa, os olhos procurando pelo quarto uma rota de fuga – a porta e a janela estavam trancadas, e Kira gemia de dor só de pensar em correr. Ela olhou para Skousen enchendo lentamente a seringa, em seguida para Mkele.

– Vocês vão me matar?

– Não – respondeu Mkele, caminhando em direção a ela. – Mas gostaríamos que você não gritasse.

Dr. Skousen levantou a seringa e deu-lhe um leve toque com o dedo. Kira arregalou os olhos e abriu a boca para gritar. Mkele colocou a mão sobre seu rosto,

segurando-a pelo ombro e a imobilizando. Dr. Skousen deu um passo, não em direção a ela, mas para trás, na direção de Shaylon. Ele espetou a agulha no cateter do soldado e injetou a dose completa.

– Não queríamos fazer isso – disse Mkele, sussurrando no ouvido de Kira. Sua voz era grossa e pesada. – Quando pensar no que fizemos, lembre-se: nossas mãos cumpriam ordens.

Kira assistia horrorizada enquanto a substância química circulava pelo tubo intravenoso e penetrava no corpo do soldado. *Não, pensou, não, não, não.*

– Agora vou soltá-la – disse Mkele, ainda apertando o rosto de Kira. – Vou descobrir sua boca e você não vai gritar. – Ele esperou Kira assentir com a cabeça, os olhos arregalados de horror. Ele levantou as mãos e se afastou. – Acabou.

– O que fizeram?

– Demos um remedinho para ele. Mas temo que mesmo assim não irá se recuperar – disse Mkele.

– Você o matou! – disse Kira, olhando para Skousen. – Você o matou!

– Não, ele morreu tragicamente de complicações da explosão – disse Skousen, num suspiro.

– Mas, por quê? – ela insistiu.

– Ele viu demais – respondeu Mkele. – Muito mais do que deveria ter visto. E não podemos correr o risco de que abra a boca.

– Poderíamos detê-lo antes que falasse. Poderíamos tê-lo isolado, explicado o que estávamos fazendo...

– Você conhecia o garoto – disse Mkele. – Ele sabia receber ordens para atirar onde e quando fosse preciso, mas não conseguiria ficar de boca fechada. Não depois do que aconteceu.

– E eu? Está claro que também não consigo manter a boca fechada, então por que não me mata?

– Shaylon era um risco, você é uma garantia.

Kira sentiu um arrepio gelado percorrer sua espinha.

– Não vai demorar muito – disse Skousen, guardando os instrumentos de volta no bolso e lançando um último olhar a Shaylon. Em seguida, olhou para Kira e virou-se para sair.

– Quanto ao Partial, o Senado vai se reunir o quanto antes para decidir como se livrar dele.

O coração de Kira gelou.

– Eu ainda tenho mais dois dias.

– Você não tem laboratório nem pernas, no momento. East Meadow se transformou num campo de batalha e não temos tempo para mais nada que coloque em risco nossa capacidade de ganhar esta guerra. Dar refúgio a um Partial vivo é

arriscado demais no momento, mas a um Partial morto... – Mkele suspirou e coçou os olhos. Quando voltou a falar, sua voz era macia, quase melancólica. – Tinha esperanças de que conseguiria, Kira, de verdade. Talvez algum dia a gente tente de novo.

– Não precisamos desistir.

– Você está tão longe de encontrar a cura tanto quanto no início de tudo, há três dias. Agora, ainda mais longe. Suas anotações foram destruídas na explosão, junto com todo o equipamento, a maioria insubstituível. Se não fosse por causa da *Voz*, talvez tivéssemos conseguido salvar alguma coisa, mas agora é tarde demais. Tivemos que entrar em ação. – Mkele endireitou-se, e o velho e frio comportamento estampou-se novamente em seu rosto. – Chegou a hora de intervirmos para restabelecer a união da nossa sociedade e faremos isso de um jeito ou de outro. Boa noite, Kira.

Abriram a porta e saíram.

Kira olhou para Shaylon, o coração batendo forte no peito. Ele permanecia imóvel, as luzes piscando na parede atrás da cama. *Preciso fazer algo*. Tirou o lençol e tentou mover a perna, a pele ferida esticou-se e Kira segurou o grito. Se a droga que injetaram nele era veneno, deveria haver um antídoto; alguma coisa poderia ser feita para salvá-lo, ela pensava. Respirou fundo, reuniu toda a sua força e jogou as pernas para o lado, agarrando na guarda da cama e grunhindo alto ao sentir outra onda de dor cortá-la ao meio. As luzes atrás de Shaylon começaram a piscar mais rápido, os sinais sonoros tornaram-se mais estridentes. Ela colocou as pernas no chão frio. Colocou-se de pé, mancando, e tomou todo o cuidado para não colocar nenhum peso sobre a perna machucada. Mesmo assim, a mudança de posição foi mais dolorida do que imaginara, as pernas não suportaram e ela caiu. Kira gritou de dor, as mãos fechadas como garras e as pernas agitadas no ar. Naquele momento, os alarmes na cama de Shaylon dispararam. O soldado entrou em convulsão. Pés bateram contra o chão do corredor e as enfermeiras entraram acendendo a luz. Kira contorcia-se de dor, lutando para sentar-se.

– É um ataque do coração – disse uma das enfermeiras.

– Pegue o carro de emergência – ordenou um médico. Ignoraram Kira no chão, enquanto tentavam salvar a vida de Shaylon. Injetaram medicamentos, usaram o desfibrilador, aplicaram a massagem cardiovascular. Fizeram todo o possível. Kira assistia a tudo do chão, sangrando e chorando descontroladamente.

Capítulo Vinte e Seis

— **V**ocê não deveria estar fora da cama.
Kira tremeu, apoiando-se com força no suporte do soro.
— Estou bem.

Era mentira, mas não tinha tempo a perder deitada numa cama de hospital. Seu prazo tinha acabado: Samm seria morto, a cura estaria perdida, Arwen morreria e toda a ilha parecia desmoronar numa montanha de entulho. Kira tinha um plano e não permitiria que uma perna chamuscada a impedisse de levá-lo adiante.

A enfermeira balançou a cabeça em desaprovação.

— Está com uma queimadura de terceiro grau do tamanho de uma bola de tênis. Vou ajudar você a se deitar.

Kira segurou na mão da enfermeira, evitando forçar a perna queimada.

— Estou bem, é verdade. O Regenera fez uma ótima cicatrização e quase não há lesão muscular. Só preciso andar.

— Tem certeza? — indagou a enfermeira. — Sua cara é de quem está sentindo muita dor.

— Certeza absoluta. — Kira mexeu a perna queimada com todo cuidado, apoiando-se no suporte do soro. A enfermeira a observava, por isso Kira sorria e tentava parecer normal. Na verdade, sentia-se péssima — por conta própria, havia feito um segundo tratamento com o Regenera, mesmo sabendo do risco de uma dose excessiva. A regeneração das células queimadas ainda estava no início, mas ela precisava ficar em pé. Precisava falar com os senadores.

Kira sabia que não podiam estar longe. As sessões regulares do Senado continuavam na sede do órgão, como havia sugerido Mkele, mas Kira tinha certeza de que usariam o hospital para uma reunião secreta do pequeno comitê maquiavélico, onde ficariam escondidos do mundo e bem protegidos.

Ela precisava apenas descobrir *em que esconderijo* do hospital.

As rodinhas do suporte rangiam baixinho enquanto ela mancava pelo corredor branco e comprido. Cada passo era uma agonia. Ela parou na área das enfermeiras, arfando de cansaço.

— Você está bem, Kira? — Era Sandy, a enfermeira da maternidade.

— Estou. Você sabe do Dr. Skousen?

Sandy olhou para ela.

— Ele pediu para não ser incomodado.

— Sandy, sei que ele está reunido com os outros senadores — sussurrou Kira. Ela observava o rosto da enfermeira esperando por qualquer indicação de que iria

colaborar e, ao reconhecer a deixa da colega, sorriu por dentro. – É sobre o projeto secreto que estou envolvida. Preciso participar da reunião.

Sandy inclinou-se em sua direção.

– Olhe, não me envolva nisso. Eles estão na sala de reunião, no quarto andar. Vá em frente.

– Obrigada, Sandy.

Kira caminhou o mais rápido que pode em direção à escada. *Quarto andar; subir dez degraus, virar, subir mais dez. Repetir mais duas vezes.* Ela balançou a cabeça, lembrando-se do corpo agonizante de Shaylon, lembrando-se de Samm. Agarrou-se firmemente ao corrimão, apoiou o suporte no primeiro degrau e lentamente levantou a perna. O suporte quase tombou, mas ela conseguiu mantê-lo em pé. A perna se ressentia a cada passo e logo seus braços estavam exaustos de sustentar todo aquele peso. Quando alcançou o primeiro andar, ela desabou contra a parede, a cabeça recostada enquanto puxava grandes golfadas de ar. A dor era quase insuportável, mas ela não podia desistir. *Eles vão matar Samm.* Ela cerrou o maxilar e seguiu em frente, forçando-se a subir o próximo degrau, e outro, e mais outro. Pé ante pé. Degrau a degrau. Quando chegou ao quarto andar, desabou sobre o piso, rastejando até ser socorrida pelo guarda que fazia a segurança dos senadores. Era o mesmo da última vez, e ela estava certa de que ele a reconheceria. Kira rezou em silêncio, agradecendo pela ajuda e pedindo para que os senadores não tivessem proibido o guarda de deixá-la entrar. E por que teriam feito isso? Para eles, Kira ainda estava de cama.

– Você está bem? – perguntou o soldado, ajudando-a a se levantar. – Não avisaram que você viria.

Obrigada. Kira mal conseguia ficar de pé, apoiando-se no soldado com uma mão e no suporte com a outra.

– Não posso perder a reunião. Me ajude a entrar. – Ela se inclinou sobre o braço do soldado e mancou até a porta, escancarando-a com a força que lhe sobrara.

Mkele e os senadores estavam reunidos ao redor da mesa. Samm, estava acorrentado no canto da sala. Todos olharam-na chocados, e Kira pode sentir a raiva nos olhos de Kessler, como um raio laser. Delarosa dignou-se apenas a levantar a sobrancelha.

Hobb voltou-se para Skousen.

– Você disse que ela estava de cama.

– Ele se revelou não ser um médico tão bom assim – disse Kira, entrando na sala. O soldado segurou no seu ombro, impedindo-a que continuasse.

– Sinto muito, senadores. Eu não sabia. Vou levá-la para fora.

– Não. Se ela chegou até aqui, o mínimo que podemos fazer é ouvir o que tem a dizer – disse Delarosa.

– Sabemos exatamente o que vai dizer – disse Kessler.

Delarosa lançou um olhar severo para o soldado.

– Obrigada. Pode esperar lá fora. E se aparecer mais alguém, avise-nos antes de deixar entrar.

– Sim, senhora.

Com o rosto ruborizado, o soldado fechou a porta, e Kira olhou para Samm. Ele ainda estava sujo da explosão, as roupas amarrotadas. Ela viu que sua pele tinha arranhões e feridas, algumas já cicatrizadas, mas pareciam doloridas. Samm não disse nada, apenas balançou rapidamente a cabeça em reconhecimento a sua presença.

Ela se virou para os senadores, ainda arfando do esforço excessivo, e despencou na cadeira.

– Desculpe, estou atrasada.

– Esta reunião não lhe diz respeito – disse Weist. – Seu projeto está encerrado. Vamos nos livrar desta... coisa e se tivermos sorte, conseguiremos limpar a sujeira.

– Mas o projeto está dando certo – disse Kira. – Estou quase terminando de mapear o desenvolvimento do vírus, e se vocês me derem mais um pouquinho de tempo...

– Você não realizou nada – disse Skousen. – Colocamos em risco a segurança da nossa cidade e a integridade deste conselho para que você pudesse estudar um Partial. E quando precisamos dos resultados, tudo que você faz é pedir mais tempo?

– Mas agora compreendemos... – disse Kira, porém Skousen estava furioso demais para ser detido.

– Você não compreende nada! Você diz que o vírus tem múltiplas formas. O que causa a mudança de uma para outra? É possível interromper o processo? Podemos desviá-lo? Podemos atacar ou invalidar alguma das formas? A ciência é o estudo das especificidades, Srta. Walker, não de gestos grandiosos e impotentes de desafio. Se puder nos dar um mecanismo que interrompa o contágio ou uma forma específica de defesa, então faça isso, do contrário...

– Por favor, preciso apenas de um pouco mais de tempo.

– Não temos mais tempo algum! – gritou Delarosa. Aquela era a primeira vez que a senadora erguia a voz, e Kira intimidou-se com a energia de sua fala. – A cidade está se desintegrando, a ilha toda está se desintegrando. Ataques da *Voz* nas ruas, bombas explodindo nos hospitais, rebeldes fugindo da cidade e se infiltrando em nossas defesas, matando nossos cidadãos. Precisamos salvar algum aspecto desta civilização.

– Não estão me ouvindo! – disse Kira, assustando-se com o som das próprias palavras. – Se Samm morrer, todos nós morreremos, não hoje, mas inevitavelmente. E não haverá nada que possamos fazer.

– Isso é uma obsessão – disse Delarosa. – É uma obsessão nobre, mas continua sendo uma obsessão, e perigosa. Não vamos permitir que isso destrua a raça humana.

– São vocês quem irão destruí-la – disse Kira, os olhos começando a lacrimejar.

– Eu não falei? Eles repetem sempre a mesma coisa – observou a senadora Kessler, olhando para Kira. – Você fala exatamente como Xochi, como a *Voz*, espalhando esse lixo de discurso leviano e incendiário.

As palavras que Kira gostaria de dizer estavam entaladas.

– Seu trabalho é o futuro – disse Mkele, suavemente. – O nosso é o presente. Avisei que se algum dia nossos objetivos entrassem em choque, o meu teria prioridade. East Meadow está na iminência de um ataque da *Voz* e não podemos enfrentar todas as batalhas. Antes de qualquer coisa, precisamos destruir o Partial.

Kira olhou para Samm. Como sempre, estava inexpressivo, porém percebeu que o prisioneiro tinha consciência de que seu fim estava próximo. Ela se voltou para os senadores.

– Assim, do nada? Sem ao menos um julgamento ou uma audiência...

– A audiência aconteceu há quatro dias – disse Weist. – Você estava presente e ouviu a decisão.

– Vocês me deram cinco dias de pesquisa. Só se passaram três.

– O laboratório foi destruído, assim como muito do seu trabalho – disse Skousen. – Você não está em condições de continuar e não há dados suficientes para que outra pessoa termine o que você começou. Não em tempo.

– Então nos transfira para outro laboratório – disse Kira. – Com certeza, temos mais equipamentos em algum outro lugar. Tudo que preciso é de tempo. Para começar, os cinco dias que me deram foi um prazo arbitrário.

– E arriscar futuros ataques? – perguntou Delarosa. – Nem pensar.

Hobb inclinou-se à frente.

– O plano que estamos considerando continuará permitindo que...

– Então, deixem que ele vá embora – disse Kira, de chofre. Ela engoliu em seco, nervosa, observando enquanto os olhares tornavam-se sombrios. Kira prosseguiu antes que pudessem protestar. – Ele não fez nada para nos machucar e até colaborou com a pesquisa. Não há motivo para não deixá-lo viver.

– Isso é algum tipo de brincadeira? – perguntou Kessler, desaprovadora.

– Deixá-lo partir servirá ao propósito de vocês – respondeu Kira. – Vocês o querem longe, ele irá para longe. No mínimo, vai aplacar a retaliação Partial.

Skousen e Kessler fecharam a cara. Weist balançou a cabeça.

– Seja honesta. Acredita mesmo que isso trará algum benefício?

– É claro que ela acredita. É uma idealista – disse Mkele.

– É da *geração babylândia* – complementou Kessler. – Ela se afeiçoou à criatura.

Não tem ideia de quem eles realmente são.

– E você tem? – perguntou Kira. Ela tentou se levantar, mal conseguindo respirar por causa da dor, então voltou a reclinar-se na cadeira. – Vocês o enfrentaram há onze anos. Onze anos. Não podem pelo menos considerar a possibilidade de que alguma coisa mudou?

– Não deve acreditar em nada do que ele diz – alertou Mkele.

– Ele é um soldado, não um espião – argumentou Kira. Ela se virou para Samm, num último embate interior: *podia, de verdade, confiar nele? Ele tinha sido honesto naqueles últimos dias ou era o monstro que os senadores pintavam?*

Samm a observava, tentando aparentar tranquilidade, mas sem conseguir esconder totalmente seu nervosismo. Sua firmeza e esperança. Ela olhou direto em seus olhos e foi enfática.

– Samm enfrentou o cativo e foi torturado por aqueles que desejam o extermínio da sua raça. Suportou tudo sem derrubar uma lágrima, reclamar, nem implorar; mantendo-se determinado. Se os outros Partials possuírem a metade da tolerância dele, talvez tenhamos a chance de...

– Estou aqui numa missão de paz – disse Samm, decidido e confiante. Kira viu que seus olhos se enchiam outra vez de lágrimas. Ele avançou até onde suas amarras permitiam. Os senadores estavam em silêncio. – Meu pelotão estava em Manhattan a caminho daqui. Vínhamos oferecer uma trégua.

– Mentira – rosnou Kessler.

– É a verdade. Precisamos da sua ajuda – disse Samm.

Mas para quê? pensou Kira. *Não podemos confiar em você, se não nos contar a verdade.*

Samm encarou Kira e virou-se para os senadores, assumindo uma postura de dignidade.

– Estamos morrendo.

Kira arregalou os olhos e todos os outros silenciaram, estupefatos.

– Nós também não podemos nos reproduzir. No nosso caso, a esterilidade é uma manipulação genética no DNA, um dispositivo de segurança para nos manter sob controle. Isso jamais nos incomodou porque, da mesma forma, não envelhecemos. Logo, pensávamos que não havia o perigo de desaparecemos. Mas descobrimos que para isso também há um dispositivo de segurança.

Dr. Skoussen foi o primeiro a recuperar a voz.

– Você está morrendo? Todos vocês?

– A ParaGen nos programou com um prazo de validade. O mecanismo que impede o envelhecimento é revertido quando completamos vinte anos. Vamos definhar e morrer num prazo de semanas, talvez dias. Não é um processo de aceleração da idade. Vamos desintegrar em vida.

A mente de Kira entrou num turbilhão. Era esse o segredo que ele nunca teve coragem de contar – de que os Partials tinham um relógio biológico, como os humanos? Por isso querem o armistício. Estava estarrecida demais para fazer qualquer coisa, mas olhou para os senadores. Naquele momento daria tudo para saber o que se passava na cabeça deles. Kessler sorria, mas Hobb e Weist olhavam para Samm de queixo caído. Delarosa parecia segurar o choro, embora Kira não soubesse distinguir se era de alegria ou de tristeza. Weist murmurava como se falasse sozinho, movendo a boca com tanta naturalidade que parecia até não notar os movimentos. Mkele estava impassível e calado.

– Estão morrendo – disse Kessler, a voz carregada de uma satisfação tão perversa que Kira quase se encolheu, para não ser atingida pelo veneno que sua voz destilava. – Você tem alguma noção do que isto significa? Os primeiros Partials foram fabricados no terceiro ano da Guerra de Isolamento, que aconteceu... dez anos antes da Guerra Partial. Há vinte e um anos. A primeira leva de vocês deve ter começado a morrer no último inverno e o mais novo tem agora apenas mais dois anos de vida. No máximo três. Depois disso desaparecerão para sempre.

– Todos nós vamos desaparecer. – Kira sentia agora mais emoção e sinceridade na voz de Samm. – Nossas espécies serão extintas, ambas. Toda a forma inteligente do planeta morrerá.

– Nossa expectativa de vida é mais longa – disse Delarosa. – Dispensamos a sua ajuda.

– É o que venho tentando dizer. Sem eles não há cura. – Kira tinha finalmente encontrado sua voz. Ela olhou para Samm e percebeu que agora compreendia suas súplicas. – Precisamos trabalhar juntos.

Samm assentiu com a cabeça.

– Vocês podem ter filhos, mas eles morrem devido ao RM. Nós somos imunes, mas não podemos ter filhos. Não percebem? Precisamos um do outro. Nenhuma espécie será vitoriosa sem a ajuda da outra.

– Pense no que isso vai fazer com o nosso moral. No dia em que as pessoas ficarem sabendo, elas... – balbuciou Hobb. – Elas vão criar outro feriado. Um novo Dia da Reconstrução!

– O que há de errado com vocês? – Kira foi tão enérgica que não resistiu ao peso do próprio corpo, desabando sobre a cadeira. – Ele pensava que vocês o matariam quando soubessem do segredo, mas é pior.

– Nunca tivemos outra coisa em mente a não ser matá-lo. Isso nunca foi questionado.

– A diferença é que agora vamos fazer isso em público, onde a notícia possa se espalhar e cumprir sua função: unificar a raça humana – disse Delarosa.

– Veja por uma perspectiva maior, Kira. – disse Hobb. – Você está tentando

salvar um grupo de pessoas que vem se matando nas ruas por livre e espontânea vontade. Acredita que um acordo com o inimigo vai mudar isso? Eles sequer nos ouvem, o que faz você pensar que participarão de qualquer coisa com um Partial? – O senador inclinou-se para a frente, decidido e entusiasmado.

– A *Voz* queria a nossa cabeça muito antes de o Partial aparecer. Se a notícia vazar, as coisas só vão piorar. As pessoas exigirão respostas, elas *precisarão* de respostas. E precisam de *nós* para oferecer as respostas. Quando dermos as respostas, vamos ganhar a confiança delas de volta. Teremos o controle da ilha novamente, teremos paz. Nós sabemos que você quer paz.

– É claro, mas... – disse Kira.

– Cuidado – murmurou Delarosa, não para Kira, mas com os olhos em Hobb. – O que está dizendo a ela?

– Ela pode ajudar. – O senador encarou Kira com tanta intensidade que a jovem sentiu-se enredada em seu olhar azul, como se estivesse perdida num labirinto. – Você é idealista. Quer salvar as pessoas e nós queremos dar a você esta oportunidade. Já que você é tão inteligente, me diga: o que as pessoas desejam?

– Elas querem paz – respondeu Kira.

– Ninguém explode um prédio porque quer paz. Tente de novo.

– Elas querem... – Kira se perguntava, observando a expressão do senador, onde ele queria chegar com aquilo. *O que as pessoas desejam?* – Elas desejam a cura.

– Específico demais.

– Querem um futuro.

– Querem um propósito. – Hobb abriu as mãos, exagerando nos gestos enquanto falava. – Querem acordar sabendo o que se espera que façam e como devem fazer. Um futuro dará a elas um propósito e a cura dará a elas um futuro, mas, no fundo, um propósito na vida é tudo que realmente desejam. Eles querem um destino, querem poder alcançar algum objetivo. Quando estabelecemos East Meadow, pensamos que o objetivo de curar o RM seria o suficiente. Mas não conseguimos atingi-lo, e depois de onze anos de resultados infrutíferos, nossa sociedade está entrando em colapso. Seus propósitos se deterioraram e morreram. Precisamos dar a eles algo que possam alcançar. Entende aonde quero chegar? Precisamos entregar Samm.

– Não! – gritou Kira.

– Ninguém sabe quem causou a explosão – disse a senadora Delarosa. – Provavelmente a *Voz*, mas e se for um Partial?

Kira sentiu o clima ficar tenso.

– Não foi.

– Mas o que significaria para a humanidade se tivesse sido? – Hobb passou a língua pelos lábios, gesticulando com as mãos à medida que falava. – A humanidade

precisa de um propósito e agora este Partial explodiu nosso hospital num lance desesperado para destruir o que recuperamos. – Ele estalou os dedos. – Aí está o propósito: um inimigo! O povo irá se revoltar não contra nós, mas junto conosco. A ilha unida em torno de um inimigo comum. Quem sabe até a *Voz* muda de lado. Já imaginaram que golpe de mestre isso seria? Todos os rebeldes de volta em nossas fileiras, toda a raiva e violência que jogam sobre nós sendo usadas para atacar o inimigo externo? A raça humana está dividida, Kira, mas isso nos salvará. Com certeza você entende.

– Mas é uma mentira – argumentou Kira.

– Porque apenas uma mentira irá nos salvar a tempo – disse Delarosa. – Eu, mais do que ninguém, almejo a cura, e acredito que talvez ela possa nos unir, porém o tempo acabou. A *Voz* lançou um ultimato, a guerra civil irá começar, os demônios estão no portão. Se não agirmos agora, perderemos a oportunidade de tentar qualquer solução.

Havia alguma coisa de errado na história deles. Além de ser uma mentira deslavada, algo mais profundo e sombrio espreitava dentro daquilo tudo. Kira sentiu-se nauseada.

– Por que estão me dizendo isso?

– Nosso plano não precisa de você, mas considere as vantagens de tê-la conosco. Você é jovem e bonita, tem talento e é idealista. Sabe de tudo que fizemos. Esteve em Manhattan e trouxe um segredo consigo, pesquisou a cura e foi ferida no cumprimento do dever durante o primeiro ataque Partial em onze anos. – Ele apontou para a perna de Kira. – Se *nós* contarmos essa história, as pessoas acreditarão. Se *você* contar, elas darão a vida por ela. Você pode transformá-la em algo pessoal e significativo. Pode ser a heroína que unirá o mundo novamente. Você será a face da paz.

– Isso é diabólico. Você está pedindo para que eu minta a todos que conheço. – Kira apontou para Samm. – Você está pedindo para que eu faça parte do assassinato dele.

– Os lobos estão famintos – disse Delarosa. – Podemos morrer lutando contra eles ou jogar um corpo para saciá-los. Nunca imaginamos pagar tão pouco pela paz. A morte de um Partial é uma barganha.

Naquele momento a verdade atingiu Kira como um raio e ela percebeu o que estava por trás do segredo mais profundo. Os senadores queriam usar a explosão no hospital para obter o apoio da *Voz*, mas isso nunca funcionaria se a responsabilidade pelo atentado fosse deles. Saberiam que o Senado estava mentindo. A única forma de culpar Samm era usar um acontecimento sobre o qual ninguém conhecia a verdade. Isso significava que a *Voz* não havia detonado a bomba.

Para o plano funcionar, a bomba tinha que ter sido colocada ali pelo... Senado.

Ela quase anunciou a descoberta aos gritos, acusando-os de imediato, mas pela primeira vez na vida segurou a língua, engolindo a verdade que a faria morrer ali mesmo onde estava. O Senado havia colocado a bomba – desde o início tudo havia sido uma armação. Queriam resolver o problema com a *Voz*, criando um inimigo comum e ela tinha feito o serviço, entregara Samm de bandeja quando o capturou em sua irresponsável viagem a Manhattan. Por isso tinham trazido o Partial para East Meadow e deixado Kira responsável pelo projeto – poderiam explodir tudo sem o risco de matar alguém importante. Os senadores posariam entre os escombros e uniriam a população contra o grande inimigo que eles nunca libertariam. Era o mesmo plano geral que haviam acabado de apresentar a ela, embora mais elaborado, antigo e, de longe, mais perverso. Não desistiriam, por mais que ela falasse.

Kira olhou para Samm – não um olhar qualquer. Pensava nele, *disposta* a fazer Samm compreendê-la, desejando muito poder conectar-se a ele, expirando seus pensamentos dentro da cabeça dele. *Desculpe. Não posso detê-los. Por favor... me desculpe.*

– Chegou a hora de você escolher – disse Delarosa. – Junte-se a nós, traga paz à ilha, coloque um fim na ameaça da *Voz*... ou continue uma rebelde e leve a sua vida no exílio. Você poderia viver confortavelmente numa das fazendas. – A senadora inclinou-se para a frente. – Você é uma agitadora, senhorita Walker. As pessoas seguiriam os seus passos, e se estiver do nosso lado, serão guiadas ao futuro mais promissor das últimas décadas. A nova aurora da humanidade. Você decide.

Desculpe, pensou novamente, afastando sua mão da de Samm. Ela agarrou o suporte do soro, travou os dentes e deu um passo com a perna queimada, em direção aos senadores. – Nada que eu faça irá deter vocês.

Kira pode sentir a perturbação de Samm atingi-la como uma onda, acertando-a por trás e a encobrindo. *Confie em mim*, pensou. *Vou salvá-lo.*

Hobb apertou os olhos.

– Vai ficar conosco?

– Não, não vou. – Tinha dado as costas a Samm, sem coragem de encará-lo. – Desisto de lutar contra vocês. Olhem para mim, mal posso ficar em pé. Mas não pensem que vou entregá-lo a vocês ou mentir aos meus amigos. – Uma lágrima correu pelo seu rosto, mas ela manteve o olhar firme, na ânsia de tentar convencê-los. – Façam o que tiver que fazer e terminem logo com isso. – Virou-se para porta, deu um passo dolorido e respirou fundo. – E peça para um dos seus capangas me carregar até lá embaixo. Estou quase sem forças.

– Claro. Leve o tempo que precisar. Recupere-se. De qualquer forma, os preparativos vão levar mais algumas horas.

Kira concordou com a cabeça. *Conto com isso.*

Capítulo Vinte e Sete

O soldado a colocou na cama com cuidado, curvando-se ao ouvir seus gemidos de dor. Ela não estava fingindo, as pernas doíam mais agora do que ao subir a escada. Tentou arrumar a manta sobre as pernas, mas a dor fez seus olhos lacrimejarem. O soldado ajudou-a a ajeitar as pernas, apagou a luz e saiu. Kira fez força para se sentar, contraindo todo o rosto.

Nunca me subestime.

Ela fez outra aplicação de Regenera – a terceira em menos de oito horas, acelerando a regeneração celular além do nível considerado seguro. Mais tarde sentiria os danos, mas, por enquanto, isso a deixaria em condições de andar. Espiou o lado de fora do quarto e sorriu. A queimadura era tão grave e ela estava tão debilitada que o guarda nem ficou para vigiá-la.

Marcus estava na lanchonete, o olhar parado num prato de arroz que ainda não havia sido tocado. *Será que ele me ajudaria? Precisa fazer isso.* Aproximou-se dele mancando.

– Oi.

Marcus levou um susto e se levantou.

– Onde você estava? Vim para cá assim que reabriram o hospital. Você não estava no quarto. Virei o prédio de cabeça para baixo. Então me fizeram vir sentar aqui e esperar. – Olhou para ela da cabeça aos pés e contraiu a testa em sinal de preocupação. – Caramba, como é que conseguiu chegar aqui? Mal pode andar.

– Mágica – disse, distante. – Pode me fazer um favor?

– Claro.

– Preciso de uma ressonância magnética.

Ele franziu o cenho.

– Eles não deixam você fazer?

– Quero que você faça.

– Por quê?

– Quero que segure minha mão durante o exame.

– Ah... tudo bem. – Marcus sorriu, obviamente confuso. – Você não prefere usar o DORD, são tão melhores...

– Preciso de uma RM.

– Vou procurar alguém para operar a máquina enquanto eu...

– É só você, Marcus – disse, firme. – Você e eu.

Ele concordou com a cabeça. Marcus parecia cansado e preocupado, mas havia um brilho em seu olhar – começava a entender aonde ela queria chegar. – Claro,

vamos lá. – Ele ofereceu o braço a ela, que o aceitou agradecida, mancando ao seu lado pelo corredor principal.

– O que está acontecendo? – ele sussurrou.

– Pode chamar de premonição médica. Quero ver uma coisa. – Kira hesitou por um instante, em dúvida de até onde contar a ele. Não haviam mais conversado desde que a pedira em casamento.

Caminhavam em silêncio. *Depois de tudo que fiz para ele, será que ainda confia em mim?*

Encontraram um quarto isolado no corredor de radiologia. Marcus a acomodou na mesa de exames. Kira sentiu a perna machucada e gemeu. Era como se tivesse corrido uma maratona sobre um mar de cacos de vidro. A máquina de ressonância magnética era menor que o DORD do seu laboratório – apenas um *doughnut*, não uma enorme caixa, e menos potente –, mas seu campo magnético era exatamente do que Kira precisava.

– Vou ligá-la – disse Marcus. Foi para a estação de trabalho e mexeu nos botões. Kira respirou fundo. *Chegou a hora. É tudo ou nada.* A máquina entrou em funcionamento, o poderoso campo magnético percorrendo seu corpo. Quando Marcus voltou, segurou na sua mão.

– Não temos muito tempo. Agora, preste atenção. – Kira voltou a deitar-se enquanto o aparelho executava seu movimento. – Estou sob forte vigilância por ordem de Mkele. E tenho quase certeza de que estou usando algum aparelho de escuta. O campo magnético da RM vai interrompê-lo, mas não sei quanto tempo temos até seus capangas suspeitarem. – Ela olhou para Marcus, depois endireitou a cabeça. – Você confia em mim?

– O quê?

– Você confia em mim? – Sentia que Marcus a encarava, mas manteve-se olhando adiante.

– Sim. É claro que confio em você. Fala.

– O Senado explodiu meu laboratório. Mataram Shaylon e me ameaçaram. Samm, as pesquisas, a bomba, tudo isso, foi uma armação para deixar a população com medo. O objetivo é um só: consolidar o poder do Senado na ilha. Agora estão usando esse cenário para... – Kira desviou o olhar, mas recobrou a coragem e o encarou. – Marcus, eles vão matar Samm.

Kira percebeu algo passar pela expressão do rosto de Marcus. Não sabia dizer se era horror, espanto ou ciúme. Ele olhou para o teto, então abaixou lentamente o olhar até Kira.

– Kira, a criatura sempre esteve condenada. Samm sempre esteve condenado. Você sabe. – A voz monótona e controlada de Marcus dizia a Kira que ele estava reprimindo algum sentimento muito intenso. – Além disso, por que haveriam de

explodir o seu próprio povo? Seu próprio hospital?

– Porque faz parte do plano deles – disse Kira. – Nunca consegui entender por que recebi a missão de estudar Samm, agora entendo. Sou apenas mais uma garota da *geração babylândia*, a médica mais inexperiente e a mais dispensável. Se eu tivesse morrido na explosão, teriam feito de mim uma mártir, mas como sobrevivi me ofereceram o papel principal: a jovem e corajosa cientista que sobreviveu ao ataque Partial.

– Os Partial explodiram o hospital?

– Foi o Senado, já falei. Mas vão jogar a culpa em Samm e depois matá-lo para ganhar o apoio da população. – Seus olhos eram de súplica, tentando convencê-lo. – Pediram para Shaylon olhar pela janela. Marcus, pediram para o soldado ficar bem próximo à parede antes de explodirem essa mesma parede.

– Não – disse Marcus, balançando a cabeça. – Foi a *Voz*. Eles estão atacando a cidade há semanas. Deve haver pelo menos uma célula do grupo entre nós. – Apesar do que acabara de dizer, Kira pode perceber a dúvida despontar na sua voz.

– Alguém chegou a ver o grupo? O hospital foi mesmo atacado ou foi o que o exército falou, para apagar as próprias pegadas?

Marcus a encarava em silêncio.

– Eu sei que parece loucura – recomeçou Kira, mas Marcus a interrompeu.

– Não, não é loucura. Vindo de Xochi soaria loucura, mas de você... – Ele segurou sua mão. – Confio em você, Kira. Se você disse que estão tentando te matar, então é porque estão tentando te matar.

Kira fechou os olhos e agradeceu a quem estivesse lhe ouvindo. *Obrigada, obrigada, obrigada*. Olhou para Marcus e falou rapidamente.

– Não sei quanto tempo temos até que notem o problema na escuta. – Kira respirou fundo. – Precisamos salvá-lo. Depois explico melhor, mas nosso objetivo é esse: vamos soltá-lo e levá-lo para o norte, depois o seguimos até onde eles moram. Eles estão morrendo, assim como nós. Vieram oferecer uma trégua. Vamos aceitar o pedido deles.

Marcus gaguejou, procurando as palavras certas.

– Você está louca?

– Ele salvou minha vida, Marcus. Samm teve a chance de fugir depois da explosão. Ele estava solto, não tinha guardas e a parede era um enorme buraco. Poderia ter fugido, mas ele levantou o DORD que estava me eletrocutando e salvou a minha vida.

Marcus não se movia, olhando direto em seus olhos – melhor, atravessando seus olhos, olhando dentro dela, para algo que ela podia apenas imaginar. O sofrimento estampado em seu rosto quase partiu o coração de Kira.

– Eu deveria ter... – balbuciou, o olhar ainda perdido. – Eu tentei...

– Você tentou me salvar, mas não dei ouvidos – disse Kira, engolindo o choro. – Eu sei que tenho sido tola e irresponsável, mas agora não tem volta. Sei que você quer me tirar daqui e me proteger, mas não podemos fazer isso, não agora. Sei que é perigoso e que você não quer fazer isso, mas preciso de você, Marcus. Preciso que acredite em mim. Preciso que confie em mim. Preciso ouvir que você virá comigo.

Marcus continuava calado. Ele esfregou os olhos, contraiu a expressão e cerrou os dentes. Kira cobriu a boca com as mãos, respirando longamente, mas sem tirar os olhos dele. *Por favor, Marcus. Por favor, diga sim.*

Marcus levantou-se e virou de lado. Kira fechou os olhos, chorando em silêncio.

– Vou com você.

Kira abriu mais os olhos.

– Vai?

Ele se afastou da mesa.

– Vou ajudar a libertá-lo, vou ajudá-la a levá-lo para casa. Farei qualquer coisa por você. Por você.

– Ah, Marcus...

– Da última vez que você partiu, quase morri. Não vou deixar que faça isso sozinha. – Seu olhar era amoroso e cheio de desejo. Lançou as mãos no ar, impotente. – E como vamos fazer isso?

Kira abriu e fechou a boca, sem saber o que dizer.

– Não sei. Mas seja o que for, deve ser hoje à noite.

– Vamos precisar da ajuda de Xochi – disse Marcus. – De Xochi e Isolde, pelo menos. E de Jayden e Haru, se conseguirmos convencê-los.

Kira balançou a cabeça.

– Nunca confiarão num Partial. Faremos sem os dois.

Marcus assobiou baixinho.

– Isso é loucura – disse Marcus, dando de ombros. – Reúna Xochi e Isolde. Preciso de tempo para conseguir algumas coisas. Nos encontramos na tua casa, em duas horas.

– Perfeito. Agora invente uma análise das imagens que esta coisa acabou de fazer de mim, precisa parecer um exame de verdade.

Marcus foi até o computador e digitou algo. Menos de um minuto depois um soldado enfiou a cabeça na sala: Kira estava deitada na mesa e Marcus na estação de trabalho, olhando para a tela. O soldado olhou ao redor e saiu. Marcus esperou a porta se fechar. Os dois trocaram olhares. Eles tinham duas horas.

Kira dobrou a perna. A sua vontade era de usar o Regenera outra vez, mas a cicatrização estava indo bem, o problema era a dor. Para equilibrar a situação, tomou uma dose generosa de analgésicos. Deu uma olhada na atadura, certificando-se de que estava bem presa, e vestiu a calça. Além de mancar, Kira estava um tanto

grogue, mas pelo menos podia caminhar.

Espiou o corredor e não viu nenhum guarda. Ou os senadores haviam acreditado na sua vontade de colaborar com o plano deles ou pensavam que a vigilância de Mkele era suficiente para mantê-la sob controle. Mas seria demais afirmar que o corredor estava desprotegido. Havia pelo menos dez guardas, talvez mais, armados até os dentes, e reunidos ao redor da porta, no final do corredor. *Pelo menos dá para saber onde estão mantendo Samm*, pensou Kira. Ela saiu sorrateiramente do quarto e tomou a outra direção. Sandy não estava à sua mesa, no posto de enfermagem. A sorte estava do seu lado.

Era quase noite. Kira sabia disso pela meia-luz que lhe era familiar das longas horas de trabalho no hospital. Mas naquela noite, perceber isso fez seu coração vir parar na boca. Não havia como não se perguntar se aquela seria sua última noite em East Meadow – a última vez que passaria pelo pedágio desativado, pela mansão azul da esquina; a última vez que veria o vendedor de sushi vagando pelas calçadas. Ela dobrou a rua onde morava, entrou em casa e arrumou a mochila em silêncio, pegando tudo que conseguisse carregar: lanternas e baterias extras, vários pares de meias, uma faca e um jogo de ferramentas. Desmontou o fuzil e o colocou na mochila, escondendo-o o melhor que pode – desta vez não seria uma missão de resgate, por isso não teriam à disposição as armas da Rede. Ela ainda estava com a arma de Isolde presa à cintura – um acessório comum naqueles dias –, e pegou toda a munição possível para ambas as armas. Por último, pegou o kit médico, fechou as bolsas bem apertadas e as colocou na porta da frente, esperando a chegada dos outros. Kira lembrou-se de que Nandita ainda não havia regressado da viagem.

Ela nunca havia ficado tanto tempo fora. Tomada de certa ansiedade, Kira perambulou pela cozinha. Tudo parecia normal. Caminhou até os fundos da casa e, como não encontrou ninguém, voltou apressada, olhando em todos os cômodos. Nem sinal de Nandita.

Teria sido presa? Teria sido atacada enquanto coletava as ervas? Era possível que tivesse simplesmente partido, como Kira estava prestes a fazer; poderia ter embalado o essencial e partido para uma fazenda ou outra comunidade fora de East Meadow. Mas ela nunca teria feito isso sem se despedir. *Tem alguma coisa errada.*

Marcus foi o primeiro a chegar, cumprimentando-a em silêncio com movimento de cabeça e mostrando-lhe um estetoscópio digital. Kira olhou surpresa, mas ele fez sinal para ter paciência. Xochi e Isolde chegaram alguns minutos depois, e Kira as manteve em silêncio enquanto Marcus revistava o resto da sala. O estetoscópio apitou baixinho quando ele passou na frente do equipamento de som. – Hei, Xochi, posso ouvir um pouco de música? – perguntou Marcus, em alto e bom som.

– Claro – respondeu ela, da mesma forma. Kira percebeu no olhar de Xochi que ela havia entendido o que Marcus fazia. As duas o observavam atentamente.

Marcus foi até o aparelho, desplugou um dispositivo de música com a inscrição KAYLEIGH, 2052 e passou o estetoscópio por ele, não encontrou nada. Em seguida, desconectou o próprio aparelho e o tirou da prateleira, examinando-o de vários ângulos. Ele fez sinal para as garotas se aproximarem. Marcus apontou para um objeto escondido atrás da placa de metal preta. Elas entenderam o recado e se afastaram.

– Cuidado com a bebida, da última vez você quase estragou meu aparelho de som – disse Xochi.

Kira trouxe da cozinha um balde com água e o colocou na frente de Marcus.

– Obrigado. Ah, que droga! – Ele afundou o aparelho na água por alguns segundos. Desta vez, o estetoscópio não apitou, e ele sorriu. Ele passou o estetoscópio rapidamente em Xochi e Isolde, nada. Kira conectou o KAYLEIGH, 2050 num aparelho menor e aumentou o som o mais alto possível, colocando-o no centro da sala.

Marcus levantou o auscultador digital.

– Eu estava de plantão esta manhã quando a bomba explodiu e acabei me aproximando com o estetoscópio de um dos aparelhos de escuta de Mkele, no laboratório. Parece que o estetoscópio é um excelente detector. – Ele jogou o aparelho no sofá. – A sala está limpa e vai ser muito difícil alguém lá fora conseguir ouvir alguma coisa com a música alta.

Kira olhou para cada amiga em separado.

– Estamos prestes a cometer um ato de traição. Se alguém quiser pular fora, agora é o melhor momento.

– É o que estou pensando? – perguntou Xochi.

Kira deu de ombros.

– Um plano para atacar o hospital, libertar o Partial, levá-lo para casa e conspirar com seu povo para salvar o mundo?

Xochi arregalou os olhos.

– Bem, na verdade, não. Nem de longe – respondeu, fazendo um movimento rápido com a cabeça como se algo a incomodasse. – Resgatar o Partial? Está falando sério?

– Os Partials ofereceram uma trégua, mas o Senado a rejeitou. – Kira respirou fundo. – Se eu puder trabalhar com eles, posso encontrar a cura do RM. Tenho certeza disso. Mas vocês terão de confiar em mim.

Xochi não sabia o que dizer. Por fim, balançou a cabeça.

– Confio em você, Kira. Vamos cometer um ato de traição.

– Maravilha – disse Marcus. Isolde também concordou num sinal com a cabeça, mas estava pálida e nervosa.

Mesmo com a música alta, Kira sentou-se e falou baixinho, por precaução.

– O Senado está perdido. Explodiram o hospital para colocar a culpa em Samm e agora vão matá-lo numa jogada política para manter o poder. O bebê de Madison está para nascer e ainda não temos a cura, e a *Voz* está pronta para dar um golpe.

Xochi abriu um sorriso.

– Qual é o plano?

– Temos que tirar Samm do hospital e da ilha – disse Kira. – Comecem pegando suas roupas, material de acampamento e armas. Depois, me encontrem na esquina da via expressa com a Rua Prospect, em uma hora. Isolde, ainda estou com a sua arma.

– Kira tirou a arma do coldre.

– Não posso ir com você.

– Você disse que iria – contestou Xochi.

– Farei tudo que puder daqui, mas não posso partir.

– Vamos precisar de todo mundo, caso alguma coisa dê errado – argumentou Kira.

– Eu não posso – insistiu Isolde. – Se fosse só eu, iria com vocês, mas... – Isolde calou-se. – Estou grávida.

Kira ficou de queixo caído.

– Você o quê?

– Estou grávida. Descobri hoje cedo. Você sabe que vou ajudá-la, mas... não posso arriscar tanto. – Isolde olhou Kira nos olhos. – Desculpe.

Kira tentava processar a informação. Olhou para o ventre de Isolde, ainda torneado como o de uma modelo.

– Foi... inseminação?

Isolde meneou a cabeça.

– Senador Hobb.

Kira engasgou.

– Foi consensual? – perguntou Xochi, revoltada. – Porque se não foi, vou passar no Senado e meter um tiro nele.

– Não – respondeu Isolde, de chofre –, não foi nada impróprio. Bem, ele é meu chefe, o que é errado, mas ele não me forçou. Eu queria. Ficamos trabalhando até tarde e...

– Você estava bêbada? – perguntou Marcus.

– Isso é problema dela – disse Kira. – Ela disse que a decisão foi dela. – Kira olhou para Xochi. – Podemos matá-lo na volta. Isolde pode ficar para encobrir nossa fuga. Foi perfeita da última vez.

– E o que vamos fazer? – perguntou Marcus. – Mesmo que a gente consiga sair com Samm do hospital, e depois? Vamos para o Brooklyn, como fizeram da última vez?

– Vigiarão aquela rota assim que descobrirem o que estamos fazendo. Precisamos ir para o norte e cruzar o mar.

A sala ficou silenciosa; só de pensar era assustador. Nenhum deles sabia como pilotar um barco, e Xochi era a única que nadava bem. Além disso, o território entre East Meadow e o norte da ilha estava tomado pela *Voz*.

– Ela tem razão – disse Xochi, devagar. – Há muitos soldados da Rede de Defesa daqui até Manhattan. O melhor caminho é pelo norte. – Tamborilou os dedos na mesa. – Esse Partial vai ser de alguma ajuda? Ele sabe onde conseguir um barco?

– Há barcos ao longo de toda a costa norte – disse Kira. – Vimos muitos deles nas missões de resgate. Precisamos apenas encontrar um com o tanque cheio de combustível. A gasolina estará vencida, mas dá tempo de atravessar antes que ela arruine o motor.

– Isso se conseguirmos alcançar o litoral – observou Marcus. – Do jeito que as coisas estão, a *Voz* deve estar atacando qualquer um que seja de East Meadow.

– Não perseguirão um grupo de garotos desarmados – disse Xochi.

Kira meneou a cabeça.

– Bem, estaremos armados.

– São revolucionários, não assassinos – argumentou Xochi.

– Vocês estão colocando a carroça antes dos bois – disse Isolde. – Nada disso terá importância se não conseguirem tirar Samm do hospital. Talvez nem consigam entrar no hospital.

– Essa é a parte mais difícil – admitiu Kira. – Ele está num quarto com segurança reforçada, no primeiro andar. Vi quando fugi do hospital. Estava fervendo de guardas. Se encontrarmos uma forma de pegá-los desprevenidos...

– Na verdade ele não está lá – disse Marcus. Kira levantou a sobrancelha e Marcus inclinou-se para cochichar. – Mkele está usando o primeiro andar como disfarce. Samm está na sala de reunião, com apenas dois guardas vigiando.

– Como sabe disso? – perguntou Xochi.

Marcus sorriu e olhou para Kira.

– Sabe aquele cara que vende peixe no estacionamento do hospital? Um dos guardas ficou vidrado nas ostras que comprei dele e pediu que eu levasse mais hoje à noite. São apenas dois guardas lá em cima. Vale a pena ser um cara bacana – disse, sorrindo.

– Isso vai ajudar a gente a entrar, mas assim que chegarmos ao quarto, pedirão reforço. Jamais conseguiremos sair – disse Xochi.

– E se os distrairmos? – perguntou Isolde. – Posso fazer alguma coisa para chamar a atenção dos soldados.

– Pode funcionar, mas precisa ser alguma coisa muito envolvente – disse Marcus. – Não podemos apenas distrair os guardas, temos que chamar a atenção deles e torcer para que se envolvam na situação. Precisa ser algo épico.

Kira assentiu, o olhar perdido no chão. Se estava na chuva, era para se molhar.

Disse baixinho:

– Que tal uma enorme onda de protestos?

Capítulo Vinte e Oito

Kira encontrava-se na esquina da via expressa com a Rua Prospect, a uma quadra do hospital, escondida nas ruínas de um antigo restaurante, *Aladin's*. Havia sido um ótimo lugar para saborear um bom churrasco grego, mas agora estava coberto de mato. O manto de kudzu era perfeito para Kira espiar o hospital sem ser notada. A aglomeração já estava na frente do edifício. O boato corria.

– Isolde fez um bom trabalho – murmurou Kira. – Quando alguém ligado ao Senado começa a espalhar rumores, as pessoas acreditam.

– O Senado vai saber que foi ela – disse Xochi. – Vão matá-la.

– Mesmo que os senadores descubram, ela não corre perigo. Está grávida. Nem mesmo Mkele ousaria machucá-la.

– Para preservar sua imagem? – perguntou Xochi. – Depois do que está para acontecer, Mkele não terá mais nada a perder. Matar um bebê será a melhor coisa que ele terá feito na semana.

– Isolde vai ficar bem – insistiu Kira. Deu alguns passos para sentir a perna, a dor ainda era horrível e ela contraiu a expressão ao pensar no esforço exaustivo que tinha pela frente. Raciocinou por alguns instantes, então abriu o kit médico.

Xochi a observava com ar de reprovação, ao vê-la alcançar um vidro de Nalox e uma seringa.

– Drogas?

– Mal consigo andar – respondeu, preparando a agulha. – Se vou passar a noite correndo dos soldados da Rede, preciso de mais analgésico.

Xochi deu um risinho amarelo.

– Tem para todo mundo?

– Vira essa boca para lá. – Kira aplicou a injeção na perna e cobriu a pequena gota de sangue que brotava do ferimento com um Band-Aid. A reação foi sentida quase de imediato, mais na cabeça do que na perna. Um entorpecimento dos sentidos e um leve vagar nos movimentos. A morfina era forte. *Será que exagerei na dose?*

– Melhor? – perguntou Xochi. Kira assentiu. – Fique na minha frente se começarmos a atirar. Não quero levar um tiro por causa dos seus reflexos retardados.

– Lá vem Marcus – disse Kira, apontando para um grande grupo de pessoas que descia a rua. Marcus estava no centro, sua figura alta em destaque. As pessoas gritavam, gesticulavam e discutiam em voz alta. Kira pôde ouvir trechos da conversa “... um Partial... por que não contaram... novo tipo de vírus RM... o Senado sabia...”.

– Se antes ninguém sabia de nada, agora definitivamente não existe mais segredos – comentou Kira. – Vai arruinar com os planos do Senado, de um jeito ou de outro.

A multidão passou por elas, clamando para que Kira e Xochi se juntassem ao grupo. Kira pegou suas coisas e entrou no meio dos manifestantes, seguida de Xochi. Marcus esperava por elas.

– Noite agradável para se fazer justiça com as próprias mãos.

A multidão na frente do hospital gritava e entoava palavras de ordem. A entrada estava bloqueada por uma parede de soldados armados; na frente deles, as pessoas se agitavam, de um lado a outro, como as águas incertas da maré. Kira foi tomada por uma dúvida: e se as manifestações causassem mais mortes? Pelo menos Madison e as outras mães estariam seguras – a maternidade era o local mais bem guardado da cidade. Agora era tarde demais para recuar. Ela rezou em silêncio e seguiu em frente.

– Vamos ter que tomar muito cuidado para tirá-lo de lá – disse Marcus. – Se a multidão o encontrar, vai deixá-lo em pedacinhos.

– Eles não sabem como é a sua aparência. Podemos sair com ele como se fosse um de nós – Xochi.

– Assim como podem confundir um Partial com um humano, podem fazer o contrário – disse Kira, analisando a multidão, nervosamente. – Acho que exageramos um pouco.

– Ainda nem fizeram nada – disse Xochi, apertando o passo. – Só vão nos ajudar quando a quebradeira dentro do hospital começar. – Ela empurrava as pessoas para abrir caminho e gritava para incentivá-las. – O Senado estava de conluio com os Partials esse tempo todo! É assim que agem: novas doenças, mais mortes, mais opressão. Esta não é a primeira vez!

Kira e Marcus avançavam como podiam, jogados de um lado para o outro no centro do turbilhão. Sob o efeito da droga, Kira sentia aquela agitação toda como algo irreal e assustador; superava a própria vida em som e fúria.

Balançou a cabeça, tentando manter-se atenta.

Xochi alcançou a frente da manifestação e subiu no capô de um carro abandonado.

– Vocês sabem por que eles estão fazendo isso? Porque querem nos controlar! Porque, se tivermos medo, faremos qualquer coisa que mandarem. – Os manifestantes gritaram em concordância e Xochi prosseguiu. – Entregue seus amigos! Não saia da cidade! Engravidar antes que o vírus RM te mate! – A multidão estava ainda mais barulhenta, agitando-se ao redor de Kira num movimento browniano[9] acelerado.

Uma pedra lançada por algum manifestante passou de raspão por um dos soldados, espatifando-se num grande estalo contra a porta de vidro atrás do pelotão.

Mais pedras foram arremessadas, numa saraivada violenta, enquanto Xochi continuava gritando.

– Estamos fartos de tantos segredos! Se o Senado está escondendo um Partial lá dentro, que tragam ele para fora. Queremos ver a criatura!

A multidão avançou, um mar de punhos cerrados em revolta. Os soldados atiraram para cima e os manifestantes recuaram, mas não para onde estavam de início; a distância entre eles era agora muito pequena.

– Não atiraram contra ninguém – disse Kira. – Devem estar cumprindo ordens. Precisamos entrar agora, antes que mudem de ideia.

– Estão atirando contra seu próprio povo! – gritou Xochi, levando a mão à arma. Kira e Marcus avançaram alarmados, esforçando-se para alcançá-la antes que ela começasse um tiroteio.

– Os soldados estão com fuzis automáticos! – gritou Kira, sua voz sendo engolida pela multidão. – Xochi, não!

Xochi se virou, com a arma em punho, e Marcus agarrou sua perna, puxando-a para baixo. A queda de Xochi produziu um som abafado no capô. A arma escapou de sua mão e Kira a pegou no ar, apontada para o céu. Xochi perdeu o fôlego, tossindo e grunhindo até se recuperar.

– Uau!

– Não pode atirar – ralhou Kira. – Os soldados vão fazer um massacre.

– Então, não podemos esperar mais – disse Marcus, pulando para cima do capô, ao lado de Xochi, com pedras nas mãos. – Derrubem as portas! – gritou, atirando a primeira pedra. Acertou no braço de um soldado, que apontou o fuzil para a multidão. O oficial ao seu lado o deteve, gritando algo que Kira não conseguiu entender. Marcus atirou a segunda pedra, que acertou bem no meio da porta, estilhaçando o vidro. Foi como um sinal para a multidão, que avançou novamente. Xochi guardou a arma no coldre e o trio avançou, mas houve uma parada brusca quando a primeira fileira de manifestantes se chocou contra os soldados. Kira foi prensada dos dois lados, teve os pés pisados e sentiu um chute dolorido na queimadura, que quase a colocou de joelhos. *Se eu cair, serei pisoteada até morrer.* Ela tentava respirar, empurrando com toda a força.

– Dentro do hospital, a multidão irá para a direita. Vá para a esquerda, na direção da escada – orientou Marcus, ofegante.

As pessoas atrás deles empurravam com violência, mas não havia como sair dali. A pressão era tanta que o pulmão de Kira foi espremido, o ar saindo lentamente. Ela viu pontinhos coloridos e sua cabeça ficou leve; de súbito, a barreira humana cedeu. Os manifestantes invadiram o hospital, empurrando os soldados para trás ou apenas passando por eles como um enxame. Kira tentava se manter em pé ao ser arrastada pela multidão. Ela atravessou as portas e o saguão, conseguindo andar um pouco

mais rápido depois que a aglomeração começou a se espalhar pelo local. Balançou a cabeça, tentando ordenar as ideias, e se lembrou da orientação de Marcus, saindo pela esquerda. Ela costurava entre os manifestantes enfurecidos, procurando a porta não sinalizada que dava acesso à escada. Marcus e ela chegaram quase ao mesmo tempo, e Xochi logo em seguida. Abriram a porta e mergulharam num oásis de silêncio.

Kira arfava, recuperando aos poucos a respiração.

– Alguém nos seguiu?

– Parece que não – respondeu Xochi. – Vamos rápido. Temos que ir agora, antes que os soldados retomem o controle da situação.

– Supondo que consigam – disse Marcus, saltando os degraus de dois em dois. Ele dobrou um lance de escada, sua voz ecoando para baixo. – Teremos sorte se ainda existir alguma ilha para ser salva depois desta confusão toda.

Kira empunhou a pistola e subiu atrás dele, Xochi veio por último. *Quarto andar*, pensou Kira, contando cada lance de escada. *A Rede vai enviar os soldados que faziam a segurança de Samm para ajudar lá embaixo ou, ao ver o que está acontecendo, vai reforçar a segurança dele?*

Chegaram ao quarto andar, e Kira se abaixou perto da porta.

– Esperem um minuto para eu pegar o fuzil – disse, abrindo a mochila. – Não quero estar no meio de um tiroteio com este revólver de brinquedo...

Suas palavras foram interrompidas por um forte disparo do outro lado da porta. Ela levantou o olhar, alarmada.

– Já estão atirando?

– Não foi em nossa direção – disse Xochi. – Alguém chegou antes de nós no quarto do Partial.

– A outra escada! – disse Kira, escancarando a porta. No meio do corredor, os soldados estavam agachados rente ao chão, as armas apontadas para o lado oposto de onde estava Kira. Ela engasgou. Haru estava lá, com Jayden, e outros três manifestantes armados, embora Kira não conseguisse distinguir quem era quem. Ela se jogou no chão e trouxe o fuzil consigo, embora daquela distância não fosse ajudar muito.

– Atrás de nós! – gritou um soldado, virando-se para Kira. Naquele momento, um dos manifestantes deu um tiro certo no ombro do homem. Ele gritou e caiu de bruços. Haru girou a arma e atirou no manifestante. O único soldado que sobrou rastejou até a entrada de uma porta.

– Estamos cercados! – gritou, apertando o botão do rádio. – Precisamos de reforço no quarto andar, agora!

– Vão matar Samm – resmungou Kira, avançando pelo corredor. – Haru! Jayden!

O segundo soldado estava caído e pelo menos um dos manifestantes estava

estatelado no chão, alguns metros atrás dos outros. O grupo apontou as armas, mas Haru e Jayden reconheceram Kira.

– Não posso dizer que estou surpreso de encontrar você aqui – disse Jayden. Ele engatilhou a pistola, apontando para a direção de onde tinham vindo. – Façam uma barricada naquela porta. As pessoas ainda não sabem que ele está aqui, mas cedo ou tarde vão descobrir.

– Não estamos aqui para protegê-lo, mas para libertá-lo – explicou Kira.

Haru a encarou, soltando uma gargalhada.

– Está falando sério? Está maluca? Trouxemos essa coisa para ser interrogada e dissecada e agora você quer fazer um pacto com ele? Estava do seu lado, Kira, mas agora você foi longe demais. – Ele apontou o fuzil para o peito de Kira. Xochi e Marcus apontaram suas armas para ele, e Jayden e os outros três apontaram para a dupla. Kira estava no meio, respirando lentamente, tentando não perder a cabeça. Sua mente divagava sob o efeito da morfina.

– Samm é inocente. O grupo que encontramos em Manhattan vinha oferecer uma trégua. Paz, Haru – explicou Kira.

– E como você sabe disso?

– Ele nos contou.

Haru olhou ao redor, como se todos estivessem loucos.

– É verdade – disse Marcus.

– Ele tentou nos matar – lembrou Haru, apontando a arma para ele. – Capturaram nosso recruta, atiraram no rosto de Gabe e nos perseguiram para fora da ilha com um esquadrão armado. Desde quando isso significa paz? Não é essa paz que desejo.

– Ele é um aliado. Pode nos ajudar a reconstruir nosso mundo – disse Kira.

Haru balançou a cabeça como se o mundo tivesse enlouquecido.

– Maldita *geração babylândia*! Será que fazem alguma ideia do que perdemos da última vez em que confiamos nos Partials? – Ele gesticulou raivosamente em direção à cidade. – Todas as casas lá fora costumavam ser habitadas. Cada prédio ainda estava em pé, todas as escolas estavam cheias de crianças. 99,9% da população morreu. Kira, se isso acontecer outra vez, sobrarão apenas duas pessoas. Duas, em toda a ilha. Jamais vamos reconstruir coisa alguma.

– Eles estão morrendo, assim como nós – insistiu Kira. – Se trabalharmos juntos, poderemos salvar ambos...

– Não quero salvar ambos! – gritou Haru. – Quero salvar meu filho e matar cada Partial sobre a Terra!

– Salvar seu filho é o motivo pelo qual estamos aqui! – disse Kira, levantando a voz. – Você pode vigiá-lo a noite inteira se quiser, mas o Senado irá matá-lo pela manhã, e ainda não encontramos a cura. Se eu for com ele, poderemos encontrá-la.

Haru a encarava, a raiva e a dúvida turvando sua vista.

– Não vou deixar que tire ele daqui.

– Ela já deu um nome para a sua filha, Haru. – Kira sentiu a voz fraquejar, mas esforçou-se para manter a firmeza. – Sua filha tem um nome: Arwen Sato. Sua filha é Arwen Sato. – Ela olhou para Jayden. – Sua sobrinha é Arwen Sato. – Em seguida, encarou Haru. – Podemos salvá-la.

– Não a tempo – ele falou, os olhos úmidos, o rosto vermelho, os dentes à mostra.

– Não! – disse Jayden. Ele moveu a arma na direção de Haru. – Kira tem razão. Abaixar a arma.

– Você está louco?

– Odeio os Partials tanto quanto você, mas Madison está contando com a cura. Não vou deixar escapar a única chance de salvarmos minha sobrinha.

– Em vez disso, vai matar o marido dela?

– Não se ele abaixar a arma. – O olhar de Jayden era frio. – Vocês dois também, coloquem as armas no chão.

Devagar Haru obedeceu e os outros fizeram o mesmo. Xochi recolheu as armas enquanto Jayden os mantinha sob a mira do fuzil. Kira tentou abrir a porta, mas estava trancada. Vasculhou nos bolsos do soldado morto e encontrou o molho de chaves.

– Este aqui continua vivo – disse Marcus, examinando o outro soldado no chão

– Estável? – perguntou Kira.

– Se estancarmos o sangramento.

– Faça uma atadura – disse Kira, levantando-se. – Vamos trancá-lo junto com os outros e ele receberá cuidados quando a situação acalmar.

– Por falar nisso, precisamos sair daqui – observou Xochi. – Solicitaram reforço e assim que a manifestação estiver levemente sob controle enviarão cada soldado que tiverem para cá.

Kira assentiu com a cabeça.

– Veja se consegue descobrir como está a situação lá em baixo.

Xochi correu até a escada. Kira tentou várias chaves até encontrar a certa. O quarto estava escuro e Samm acorrentado a uma cadeira no centro, todo marcado com cortes, feridas e arranhões.

– Você está horrível – disse Kira.

– Tudo bem – respondeu Samm, gemendo, embora Kira pudesse jurar ter visto um sorriso despontar em seus lábios. – Possuo um sistema muito avançado de plaquetas.

Kira correu até ele sentindo dores nas pernas e apressou-se em descobrir qual das chaves abria o cadeado das correntes. Havia dois pares de algemas e três diferentes cadeados. Ela abriu todos com um estalo.

– Você não precisava me salvar – disse Samm.

– Você não precisava me salvar – repetiu Kira, abrindo o último cadeado e retirando as correntes. Ela permaneceu alguns instantes agachada ao seu lado. Samm olhou para ela por uma fração de segundo, seus olhos separados dos dela apenas por alguns centímetros, sua respiração tocando o rosto de Kira. Quando ela falou novamente, foi um sussurro. – Obrigada.

Samm levantou-se e a seguiu até o corredor. Comprimiu os olhos por causa da claridade e fez movimentos com a cabeça para soltar os nós do pescoço.

Jayden levou Haru e os outros para o mesmo quarto. Haru cuspiu em Samm ao passar por ele, mas o Partial não reagiu. Marcus terminou de fazer o curativo no soldado e o levou para o quarto escuro com os outros. Kira trancou bem a porta.

Jayden e Kira ouviram barulhos no final do corredor e viraram-se com as armas em posição de tiro, mas era apenas Xochi, abrindo a porta de acesso à escada. Ela correu até eles em grande agitação.

– Temos que sair daqui *agora*. Os soldados não conseguiram conter a multidão e voltaram a vigiar a maternidade. Os manifestantes estão procurando pela criatura por todo o prédio. – Ela apontou para Samm com o queixo. – É só uma questão de tempo até chegarem aqui.

– Me passe uma das armas – disse Samm.

– Confiamos nele com uma arma na mão? – perguntou Jayden.

– Já confiamos mais do que isso – respondeu Xochi, entregando o fuzil de Haru. Quando Samm pegou a arma, Kira estremeceu por dentro, mas se ele chegou a notar a sua reação, não demonstrou. Ele analisou a arma com destreza, então se abaixou e rapidamente recolheu a munição dos cartuchos que estavam jogados no chão. Levantou-se com tranquilidade.

– Como saímos daqui?

– Tem uma escada de serviço na ala norte – respondeu Marcus. – Ela fica trancada, ninguém tem acesso, mas podemos estourar a fechadura.

– Eles também podem – disseram Samm e Jayden, quase ao mesmo tempo. Entreolharam-se e Jayden levantou uma sobrancelha.

– O poço do elevador – disse Kira. – Tem uma escada lá dentro que desce até o térreo. Marcus e eu costumávamos brincar ali quando ajudávamos na limpeza. Podemos descer até o subsolo e procurar a porta de serviço, nos fundos.

Marcus assobiou.

– Agora eu mal posso esperar para conhecer *Partialville*. Vocês têm eletricidade para os elevadores, certo?

– OK, vamos pelo poço do elevador desativado – respondeu Samm, com um aceno de cabeça.

Correram pelo corredor à procura dos elevadores e encontraram o de serviço numa parede lateral. O poço do elevador era comprido. O grupo estava no quarto

andar e o hospital tinha ainda dois subsolos e mais um subnível para alojar o maquinário do elevador. Kira se inclinou na beirada, espiando o poço profundo. Alguns andares para abaixo e o buraco afundava na escuridão. Ela se encheu de coragem e começou a descida. Marcus foi o próximo e em seguida todos os outros, um de cada vez. Jayden ficou por último, fechando a porta atrás de si. A mochila de Kira parecia agora mais pesada, suspensa no buraco de sete andares, o kit médico balançando a cada novo degrau. Ela ouviu vozes através da parede do terceiro andar e alguém batia com força na porta dos elevadores, no primeiro andar. O poço inteiro ecoava o retinir das pancadas.

– Onde vamos sair? – perguntou Xochi.

– No fim do poço – respondeu Kira, tentando falar macio. – No subsolo tem um depósito cujo acesso é pelos corredores laterais e as saídas são pelo fundo. Não devemos encontrar ninguém por lá.

– E se encontrarmos? – perguntou Samm.

Kira não tinha resposta para isso.

Naquela altura, as paredes eram mais escuras, não havia eletricidade naquele andar nem janelas que permitissem a entrada do luar. O som de gritos e pancadas avisavam que a multidão já tinha chegado ali embaixo. Kira tirou a lanterna da mochila e a acendeu, lançando um pequeno feixe de luz branca contra a parede. Marcus e os outros se aproximaram dela, procurando pela saída.

– Você se lembra onde fica o depósito?

– Mais ou menos.

– Que ótimo.

Kira encontrou a porta de saída do poço e apagou a lanterna antes de abri-la, temendo atrair alguma atenção indesejada. O corredor estava vazio e escuro. Ela acendeu novamente a lanterna, cobrindo-a com a mão, a luz era suave e vermelha, oferecendo luminosidade o bastante apenas para ver as paredes.

– Por aqui.

Avançaram sorrateiramente pelo corredor. Ouviram uma sequência de passos ecoar atrás deles, mas logo o rangido das solas de borracha contra o linóleo desapareceu. Kira prendeu a respiração e continuou andando. Chegaram a outro corredor e ela descobriu a lanterna, arriscando expor toda a luz. Não viu nada à esquerda, mas, inesperadamente, ao virar-se para a direita, viu rostos e olhos brilhando na escuridão.

Kira recuou e Samm tomou a dianteira. Antes que ela pudesse entender o que se passava, um dos intrusos perdeu o equilíbrio e caiu. O clarão do feixe de luz balançava descontroladamente à medida que Kira cambaleava em fuga. O corredor tornou-se um *staccato* de imagens escuras e assustadoras: o pé de Samm sobre o joelho de um homem aos gritos, a coroa da arma de Samm enterrada no rosto de

outro homem. Os flashes da lanterna causavam o efeito de um estroboscópio sobre a insígnia da Rede num braço levantado, as gotas de sangue suspensas no ar, o corpo meio caído de um homem em fuga. Jayden chegou com o fuzil no mesmo momento em que Kira havia recuperado o controle sobre a lanterna, mas o embate tinha acabado: Samm estava parado numa posição de contra-ataque e a sua volta o chão era uma desordem de soldados caídos. Kira contou seis deles, todos inconscientes.

– Senhor... – balbuciou Jayden, olhando a cena. Ele apontou a arma para Samm.

– O que é esta criatura que libertamos?

– Estão todos vivos – disse Samm. – O sangue é do nariz do terceiro.

Kira tentou concatenar as ideias.

– O que acabou de acontecer?

Samm ajoelhou-se para recolher as armas, desmontando-as com eficiência.

– Não estou acostumado com os humanos. Esqueci que vocês não têm os *links*, por isso eles chegaram tão perto. Mas deu tudo certo, nem precisamos atirar em ninguém.

– Bem, obrigado por não atirar em ninguém – disse Marcus. – A minha contribuição foi não ter mijado nas calças. Podem me agradecer mais tarde.

– Precisamos sair daqui – disse Samm, levantando-se. Ele guardou no bolso os projéteis que havia recolhido do chão. – Há pelo menos mais duas equipes aqui embaixo, talvez mais.

– Tudo bem, apenas não faça isso com os civis – pediu Kira.

– Sim, senhora.

Kira guiou o grupo pelo corredor da esquerda, depois à direita, parando aqui e ali para ler as indicações nas paredes e ouvir mais passos. Havia pelo menos mais duas equipes de soldados no subsolo, vasculhando no escuro. Ela ouviu o estalo de um vidro se quebrando. E apertou o passo.

Alcançaram um túnel largo, fechado por uma porta alta de metal na outra ponta, e o atravessaram correndo.

– Chegamos. Do outro lado desta porta tem uma rampa que dá no estacionamento dos fundos. Vamos sentido norte e ficamos de olho nos soldados. A Rede de Defesa estará em todos os lugares, mas estarão ocupados com os manifestantes. Contanto que a gente não chame a atenção, vamos conseguir passar pelos pontos não vigiados. – Ela se voltou para Jayden. – Obrigada pela ajuda. Se não fosse por você, jamais teríamos conseguido.

– Como assim, obrigado? Eu vou junto.

Kira o observou atentamente. Sob a luz da lanterna, o rosto de Jayden parecia o de um fantasma.

– Tem certeza?

– Vai precisar de toda ajuda que conseguir – ele disse. – Além do mais, soltei um

Partial e prendi no lugar dele cinco patriotas, que certamente querem meu escalpo. Terei sorte se não levar um tiro antes de ser preso.

Todos concordaram, balançando a cabeça. Ela colocou a mão na maçaneta e abriu a porta aos poucos. A noite estava escura, mas não se comparava ao breu dos túneis do subsolo. Kira subiu a rampa devagar, ouvindo a algaravia de uma cidade mergulhada no caos: gritos, sons pesados e abafados de pés correndo, o intermitente pipocar dos disparos. Ao chegar no topo, viu um brilho alaranjado atrás das árvores, na zona leste da cidade. Fogo. Um grupo de três ou quatro manifestantes passou correndo por ela no escuro. Xochi cochichou para Kira.

– Acha que Isolde conseguiu chegar no Senado?

– Espero que sim. Será o único lugar seguro pelas próximas horas.

– Acha que fizemos a coisa certa? – A voz de Xochi era hesitante, insegura. – Acha que teremos um lar para voltar?

– Acho que subestimamos Mkele – respondeu Kira. – Pode ser que a cidade esteja diferente quando voltarmos, mas vai continuar aqui. – Ela olhou para trás, viu o grupo que se mantinha unido, e olhou para a frente, para dentro do caos e da escuridão. – Vamos.

PARTE III

QUATRO HORAS DEPOIS

Capítulo Vinte e Nove

Era quase meia-noite quando alcançaram uma distância segura de East Meadow e sentiram-se confortáveis para conversar livremente. Encontravam-se numa floresta, fora da estrada e longe das casas ao redor.

– Ao norte tem um aglomerado de fazendas – disse Jayden, caminhando com atenção entre os arbustos –, próximo aos antigos clubes de campo. Um deles possui ancoradouro e com certeza encontraremos um barco.

– Na costa norte? Não há muitas comunidades por lá – observou Kira.

– Estão escondidos numa baía, relativamente perto da Rede, no Queens – explicou Jayden. – Não que eles nos causariam algum problema, mas quanto mais nos aproximarmos do Queens, menor será a travessia até o continente.

– Você sabe o nome da baía? – perguntou Samm.

Jayden balançou a cabeça.

– Faz alguma diferença?

– Quero ter uma noção de onde vamos aportar.

Jayden olhou para ele intrigado.

– O quanto conhecem da ilha?

– Enviamos olheiros, claro – respondeu Samm. – Mas nunca tão para o interior. E os nossos mapas estão desatualizados.

– Nunca tão para o interior. Falei que não estavam infiltrados na ilha – disse Xochi.

– Eu disse que *nós* não fizemos isso – acrescentou Samm, rapidamente. – Não significa que outros não o fizeram.

– Como assim? – perguntou Kira. – Só existimos nós e vocês, não é? Todo o resto está morto, você mesmo disse. A menos que... há outros humanos vivos no continente? – Kira sentiu um sobressalto no coração. Pensar aquilo era uma estupidez, mas, por um segundo, antes que recobrasse a lucidez, desejou que fosse verdade.

Samm balançou a cabeça negativamente.

– Não existem outros humanos.

– Então, quem?

Samm olhou para o lado.

– Depois falamos sobre isso. Agora temos que continuar andando.

– Não! – protestou Jayden, entrando na frente de Samm e detendo o grupo. – Acabamos de trair nossa própria espécie para tirar você da prisão. Por isso, pode ir parando com essa bobagem de ficar de segredinho e contar o que sabe, *agora*. –

Jayden o encarava com determinação e Kira ficou atenta às armas quecada jovem carregava na lateral do corpo. Samm não desviou o olhar, os olhos negros estudando Jayden, como se ele fosse um inseto espetado na parede. Samm suspirou e disse:

- Não existem outros humanos, mas há outros grupos de Partial.
- O quê? – gritou Marcus. – Pensei que não existissem novos Partial.
- Não são novos – disse Samm. – É que... não somos mais um grupo unido.

Kira não pôde ler sua expressão no escuro, mas percebeu que admitir aquilo o deixava profundamente desconfortável.

– Seria bom ter ficado sabendo disso antes de termos dividido a nossa ilha ao meio – disse Marcus.

– Mas e o *link*? Vocês têm um sistema químico de comunicação que padroniza a emoção e o comportamento, como podem fugir desse controle? – perguntou Kira.

- Vocês possuem inteligência de enxame[\[10\]](#)? – perguntou Jayden.
- Não. Nós não temos os mesmos pensamentos, apenas os compartilhamos.
- Vamos andar enquanto conversamos – sugeriu Marcus. – Ainda estão atrás de nós.

Samm concordou e todos seguiram adiante.

– Não sei como descrever o *link*. É um sentido. É como descrever a visão a um cego.

– É um dispositivo de rede? – perguntou Jayden. – Um implante? Pensei que tivéssemos retirado tudo de você quando o capturamos em Manhattan.

– Não é um dispositivo – disse Samm, levantando as mãos. – É apenas uma... ligação. Estamos todos conectados. – Ele balançou levemente a cabeça em direção às casas ao redor. – Se fôssemos uma equipe Partial, caminhando por estas ruínas à noite, todos nós saberíamos, intuitivamente, como os outros estariam se sentindo. Se Kira visse algo que a deixasse apreensiva, isso ficaria registrado quimicamente, todos nós sentiríamos e em alguns instantes todos estariam apreensivos: nossa adrenalina aumentaria, nossos reflexos para lutar ou fugir seriam ativados e o grupo todo estaria pronto para algo que apenas um de nós viu. Se alguém do grupo se machucasse, todos poderiam sentir o que havia de errado e seguir aquela sensação até encontrar o soldado.

– Vocês não se perdem com frequência – disse Marcus. – Se eu pudesse adivinhar onde vocês estariam, jamais sairia procurando.

– Não, não sairia – concordou Samm.

– O *link* também separa amigo de inimigo? – perguntou Jayden. – Isso viria em boa hora.

– Sim, mas não funciona com os humanos, porque vocês não carregam os dados. Mas, sim, ajuda a identificar os Partial que não estão na nossa unidade. Isso facilita separar a minha facção da outra. Por outro lado, os ajuda a nos encontrar, o que

pode ser um problema.

– É isso que não entendo – disse Kira. – O *link* diz quem é amigo e quem é inimigo, qual facção é a sua e qual não é. É evidente que ele também transmite autoridade, certo? Vocês foram criados como um exército, com generais, tenentes e soldados. O *link* se encaixa nessa estrutura de comando?

A resposta de Samm foi curta e grossa.

– Sim.

– Como podem se dividir em facções? Não faz sentido.

Samm não respondeu, pisando duro entre os arbustos. Após um longo silêncio, disse:

– Depois da...

Calou-se novamente, parando no meio da estrada.

– Não é fácil falar sobre isso.

– Há desavenças entre vocês – resumiu Kira. – Acontece com todo mundo, o tempo todo...

– Não é isso – respondeu Samm. Sua voz era monótona, mas Kira percebia que por trás da aparente indiferença havia uma onda de... frustração? – A desobediência é assim tão comum entre os humanos que vocês não conseguem entender por que gostaríamos de obedecer? Somos um exército, obedecemos nossos líderes. Seguimos ordens. – Ele voltou a caminhar. – Qualquer um que não faz isso é um traidor.

– Estamos nos aproximando de uma ponte – disse Xochi.

O grupo parou para analisar o terreno, sob o luar.

– Um rio? – perguntou Samm.

– Só depois de uma tempestade torrencial – respondeu Kira. – Aquela ponte passa por cima da rodovia. A maioria das estradas passa sobre ela.

– Temos que seguir a oeste, mas não podemos fazer isso numa linha reta. Seria fácil demais para nos seguirem – advertiu Jayden.

Kira perguntou-se quanto tempo Mkele levaria para descobrir o plano do grupo. Assim que o fizesse, viria direto no encalço deles. A princípio, não suspeitaria de que o objetivo era escapar da ilha, o que daria mais tempo aos fugitivos. Ela colocou as bolsas no chão e esticou a coluna, torcendo o dorso de um lado a outro para liberar a tensão.

– Vamos virar à esquerda agora ou depois da ponte?

– Com certeza depois – respondeu Jayden. – A travessia da ponte será o trecho mais desprotegido antes de chegarmos ao mar, então vamos tirar isso logo do caminho.

Kira pegou a mochila e ajeitou o fuzil no ombro.

– Não vamos perder tempo.

Caminharam sorrateiramente entre as árvores, observando a ponte adiante, os

ouvidos atentos a qualquer ruído que fugisse aos sons naturais do local. Estavam numa região muito distante das áreas urbanas, de densas florestas e árvores antigas. À direita, uma folhagem baixa provavelmente indicava a presença de alguma antiga mansão, o solo agora coberto de kudzu e de centenas de brotos. A ponte se abria à frente, atingindo facilmente o dobro da largura da estrada que tinham seguido. Cruzaram outra estrada estreita e correram pelas árvores até chegar ao muro grosso de cimento à entrada da ponte.

– Não temos escolha – disse Marcus.

Seguraram firmemente as mochilas e as armas, tomaram fôlego e correram.

A ponte era menor do que as que cruzaram na expedição a Manhattan, mas o medo e a tensão causaram em Kira a mesma sensação de exposição ao perigo. A rodovia estendia-se por quilômetros em ambas as direções – qualquer um que estivesse olhando para a ponte os veria. *Espero que tenhamos sido os primeiros a chegar.* Enfiaram-se entre as árvores do outro lado da ponte, ofegantes, analisando o local.

– Tudo limpo – disse Samm, abaixando a arma.

– Não vi ninguém lá de cima – comentou Xochi.

– Isso não quer dizer que ninguém nos viu – retrucou Jayden. – Não podemos parar até atravessar o mar.

A estrada continuou por mais alguns metros, até chegar a uma intersecção, onde viraram à esquerda, seguindo a curva da rodovia.

Marcus correu à frente para alcançar Kira.

– Como está a sua perna?

– Levando tudo em conta, nem vale a pena falar sobre isso. – Na verdade, o efeito do Regenera causava uma coceira de enlouquecer e calar-se era tudo que podia fazer para não levantar a calça e cavar o ferimento com um graveto. A preocupação com o uso excessivo do remédio não lhe saía da cabeça, se teria arruinado a pele. Mas forçava-se a não pensar sobre isso, afinal, naquele momento, não havia nada que pudesse fazer. – Você está bem?

– Passeando ao luar na companhia da garota dos meus sonhos – respondeu, logo acrescentando – e de Xochi, de Jayden e de um Partial carregando um fuzil. É a realização da minha fantasia mais secreta.

– Fale um pouco mais sobre... – Xochi havia começado a falar quando o relinchar de um cavalo a interrompeu e o grupo todo parou abruptamente.

– Acho que deixei o cavalo enciumado – brincou Marcus, mas Jayden fez sinal para ele ficar quieto.

– Veio dali – sussurrou, apontando adiante. – De uma das fazendas de que falei.

– Estamos perto, então? – perguntou Kira.

– Nem um pouco, mas estamos no caminho certo. Vamos seguir por esta estrada

até... até sentirmos o cheiro do mar. Se eusoubesse que viria para cá, teria trazido um mapa.

– À esquerda, e em silêncio – ordenou Kira.

Seguiram pelo caminho sinuoso até ele desembocar numa nova faixa de casas, apesar de a estrada continuar sob mata cerrada e as construções estarem afastadas da via pública. Elas se erguiam vazias e assustadoras acima das árvores, longe demais de qualquer terra arável para parecerem fazendas, ainda que perto o bastante da Costa Norte para terem qualquer outra utilidade. Até os bandidos se mantinham afastados daquele local.

Caminhavam em silêncio. Cerca de meio quilômetro adiante a estrada cruzava com uma rua principal, e o velho mundo tinha celebrado a ocasião com um pequeno *shopping*, que agora apresentava a parede rachada e se desfazendo. Discutiram qual rumo tomar, se começariam a subir na direção norte ou acatariam a insistência de Jayden em manter o grupo caminhando em direção ao mar por pelo menos mais meio quilômetro.

– Se formos para o norte muito rápido, corremos o risco de nos perdermos entre as fazendas, longe do mar – explicou Jayden. – Qual era o seu plano, subir até o final da ilha?

– Mais ou menos. Há barcos por toda a costa – respondeu Kira.

Ouviram o ruído baixo de um motor.

– Estão mais próximos do que eu imaginava e o barulho do motor significa que estão usando jipes. Não estão de brincadeira. – Jayden ficou em silêncio e respirou fundo. – Estão em melhor situação porque possuem mapas. Mas garanto a vocês que se subirmos para o norte neste momento ficaremos encurralados entre os soldados e as fazendas. Alguém irá nos encontrar.

– Parece que atrás do *shopping* é um condomínio. Podemos atravessar por dentro e evitar grande parte da patrulha – sugeriu Marcus.

– Tem certeza de que não estão nos seguindo? – perguntou Samm. – Avançariam mais devagar se estivessem fazendo buscas.

– Não precisam nos procurar, sabem para aonde estamos indo – disse Xochi, repetindo o que Kira dissera. – Estão tentando chegar até o mar antes de nós.

– Então vamos para o norte. Temos que ficar à frente deles – disse Samm.

– Você é quem manda – concordou Jayden, mas Kira percebeu seu desagrado. Corriam pela rua principal para manter o ritmo. Era uma via larga e estava relativamente desobstruída, permitindo que se deslocassem com rapidez mesmo com a escassez de luz. Xochi e Marcus respiravam pesadamente, com dificuldade para acompanhar os outros. Kira contraía o rosto a cada passo, sentindo agulhadas de dor atravessar a perna machucada cada vez que ela tocava o chão. Não demorou muito até ouvirem o barulho de mais motores, cada vez mais perto e mais frequentes. Kira

olhou mais uma vez para trás e viu os faróis dos jipes, como olhos brilhantes.

– Saíam da estrada – mandou, e o grupo pulou para dentro da vegetação, escondendo-se atrás das árvores e do kudzu. Três jipes pequenos passaram fazendo barulho, os motores rugindo como animais selvagens. Kira contou de quatro a cinco soldados em cada um.

– Não estão nos procurando – disse Kira.

Marcus colocou a cabeça para fora para espiar.

– Não tem ninguém atrás deles. Acha que é coincidência?

– Estão tentando nos interceptar – respondeu Samm. – A única boa notícia é que a presença deles aqui indica que estamos no caminho certo.

– Não ajuda em nada. Precisamos ir para o litoral – disse Jayden.

– Não sabemos o que vamos encontrar indo agora para o mar – argumentou Kira. – Tudo o que sabemos é que se formos direto para lá passaremos por uma base da Rede. Esses soldados podem ser de lá.

– É mais inteligente continuarmos subindo – concordou Samm. – Pelo menos não teremos nenhuma surpresa.

– Tudo bem, mas vamos pela floresta – disse Marcus. – Os soldados que passaram aqui podem estar nos esperando em algum lugar e vigiando a estrada.

As árvores os obrigaram a caminhar mais devagar e faziam isso quase intuitivamente entre a densa floresta. Cruzaram várias ruas secundárias e em todas elas Kira prendia a respiração, certa de que ouviriam um grito de alerta ou, ainda pior, um tiro. Não aconteceu nada. Quando alcançaram um grande aglomerado de ruínas – antigas lojas e escritórios –, cruzaram a rua central até o outro lado e voltaram a se embrenhar na floresta.

Por fim, a mata fechada tornou-se menos densa e Kira olhou através da vasta extensão de ruas, cruzamentos e estacionamentos planos e vazios. Prédios semidemolidos permaneciam em pé como cogumelos grossos e vergados. O asfalto estava rachado e furado pelas ervas daninhas e árvores, mesmo assim era assustadoramente descampado.

– Outro shopping, mas não podemos atravessá-lo – disse Kira.

– Prefere dar a volta? – perguntou Marcus, abaixando-se ao lado dela para tomar fôlego. – Não está na hora de irmos em direção ao mar? Já subimos vários quilômetros, com certeza estamos perto da baía.

– Acho até que já ficou para trás – disse Jayden. – Estamos quase chegando nas fazendas.

– Não sei quanto tempo mais eu aguento – avisou Xochi. Kira mal podia ver o rosto da amiga no escuro, mas a voz começava a tornar-se indistinta por causa da exaustão.

– Não podemos parar – insistiu Samm.

– Não temos sua resistência – disse Jayden. – Sou treinado, mas eles podem entrar em colapso a qualquer momento. Já corremos uns quinze quilômetros, não foi?

– Treze quilômetros e quinhentos e vinte metros – respondeu Samm, que não dava mostras de cansaço.

– Estou bem – disse Marcus, mas Kira achou que ele estava prestes a desmoronar. Xochi sequer conseguia falar direito.

– Vamos para o oeste – decidiu Kira. – Quanto antes estivermos num barco, mais rápido poderemos descansar.

Xochi concordou e deu uma arrancada, ofegante, mas determinada. Samm tomou a dianteira e os outros seguiram atrás dele, formando uma fileira de andar lento e descompassado.

A rua lateral contornava o shopping pela esquerda e depois fazia outra longa curva à direita. Samm fez um sinal e todos se jogaram no meio dos arbustos, aguardando em tensão, o silêncio abafado da respiração suspensa, enquanto uma dupla de cavalos passava por eles trotando. Continuaram escondidos até os animais se afastarem. Então levantaram-se e recomeçaram a andar, arrastando-se sobre pernas doloridas e cansadas demais para correr. A queimadura de Kira era agora uma agonia, um calor que não cedia, vindo de dentro da perna. Ela cerrou os punhos, respirando em intervalos curtos, e tentou esquecer-se dela. *Eu só tenho que chegar àquela árvore. Só até aquela árvore, e eu vou ficar bem. Apenas mais alguns passos. Agora aquela outra árvore, adiante. É isso que tenho que fazer. Uma árvore de cada vez.*

– Sinto o cheiro do mar – disse Samm e logo Kira também podia senti-lo: salgado e forte, fresco e revigorante no ar noturno. Eles redobram os esforços, a respiração alta e ofegante, já não se importando mais em manterem-se escondidos, apenas tentando não parar. As árvores deram lugar a outro centro comercial e a outro mais adiante. Embora Marcus também estivesse enfraquecido, ele caminhava ao lado de Kira, fazendo o melhor para ampará-la. Ela se apoiou em seu braço e seguiu mancando.

– Por aqui – disse Samm, virando em sentido norte na rua seguinte. O luar brilhava numa extensão prateada de água, lisa como um vidro preto. Kira procurou ansiosa por um barco. Não havia nenhum.

– É muito raso – disse Kira, arfando. – Temos que continuar andando.

– Há barcos em toda Costa Norte – resmungou Jayden. Kira não teve fôlego para responder.

Samm os guiou através de um pátio amplo, caminhando com dificuldade entre o mato alto. O local era rodeado de edifícios. Ouviram mais ruídos de cascos na rua de trás e se abaixaram entre a vegetação, na mais completa exaustão. Desta vez os

cavaleiros pararam e os animais viraram lentamente para trás, examinando a área.

– Acha que eram eles? – perguntou um dos soldados.

– Eles ou um gato – respondeu o outro. Eles soltaram um pouco mais as rédeas, ainda olhando ao redor. O luar era um reflexo opaco no cano dos fuzis.

– Barulho demais para um gato. Dê aqui a lanterna – disse o primeiro.

Kira não ousava se mexer nem respirar. O segundo homem retirou a lanterna do alforje e entregou-a ao primeiro, que a acendeu e iluminou o prédio à esquerda deles – um tipo de igreja, arruinada e coberta de vegetação. Samm apontou o fuzil, mirando o primeiro cavaleiro, mas Kira balançou a cabeça. *Não podemos fazer barulho. Não podemos matar nosso próprio povo.*

Ouviu-se um estalo numa parede distante e os dois cavaleiros olharam ao mesmo tempo. Eles iluminaram o prédio, mas Kira não enxergou nada. Guiaram os cavalos até lá e Xochi sussurrou de mansinho.

– Atirei uma pedra. Vamos dar o fora daqui antes que eles voltem.

Voltaram furtivamente de costas pelo matagal, centímetro a centímetro, sem tirar os olhos dos cavaleiros. Marcus levantou o corpo e arremessou outra pedra, que desta vez caiu mais longe. Os homens ficaram imóveis, ouvidos atentos, e por fim seguiram o barulho. Kira apoiou-se em Samm para ficar em pé e o grupo passou pela lateral da igreja abandonada.

– Há mais deles ali – sussurrou Samm, apontando em direção à baía. Ele olhou para Kira, a escuridão encobrindo seus olhos. – Cedo ou tarde teremos que atirar em alguém.

Kira fechou os olhos, tentando colocar as ideias no lugar.

– Eu sei que a situação é perigosa e que talvez tenhamos que atirar, por isso trouxemos as armas. Mas só vou atirar se for necessário.

– Talvez não tenhamos escolha – acrescentou Samm.

Os arbustos farfalharam atrás deles. Kira pode ouvir o bater dos cascos e o resfolegar dos cavalos. Samm levantou o fuzil, mas ela o deteve novamente.

O grupo continuou esperando, a respiração suspensa, rezando para que os soldados fossem embora. Um século depois, eles se foram.

– Estão indo para o sul – murmurou Samm. – Não temos tempo a perder, vamos!

O grupo corria sem enxergar nada além de onde pisavam. A rua foi engolida por uma floresta e logo a sombra de uma casa gigantesca ergueu-se sobre as árvores ao lado deles.

– Ali – disse Kira. – Muitas dessas mansões têm ancoradouros.

Deram uma guinada à esquerda, atravessaram o terreno e contornaram a casa até os fundos. A área era um labirinto de plantas e flores exóticas, que algum dia deve ter sido um gigantesco jardim. Seguiram por uma trilha sinuosa e coberta de vegetação até a beira do mar. A água escura marulhava suave junto à costa, mas não

havia cais, nem barco. O solo era mole e alagadiço, o que dificultou a caminhada até a próxima mansão, mais ao norte. Seus sapatos tornavam-se ainda mais pesados com a lama. Na casa vizinha encontraram um estreito caminho de madeira que desembocava num ancoradouro, por onde correram ruidosamente até uma lancha branca.

– Aleluia! – sussurrou Kira, mas Samm balançou a cabeça.

– O nível da água abaixou, a baía está cheia de sedimentos. A lancha está encalhada.

Kira olhou para a lancha e notou que ela adernava. Ela se inclinou em direção a uma das bordas.

– O que vamos fazer?

– O atoleiro se estende por um bom pedaço – respondeu Samm, olhando para o norte. – É isso ou nada.

– Então, vamos empurrá-la – disse Jayden. Ele ajeitou o fuzil no ombro e pulou na água, espirrando-a para todos os lados. Metade do seu corpo ficou submersa. Empurrou a embarcação com uma mão e ela pouco se moveu. – Pode vir todo mundo para cá.

Kira estava apreensiva e olhou para trás antes de pular. A água fria a fez perder o fôlego. Os outros a seguiram, apoiando os ombros contra o casco, e juntos empurraram a lancha para cima. Ela balançou, mas não saiu do lugar. Kira escorregou na lama e por pouco não caiu de cara na água gelada.

– De novo – disse Samm, pressionando o corpo contra a lateral do barco. Todos se posicionaram. – Um, dois e três, empurrem! – Fizeram força contra o casco escorregadio, empurrando tenazmente. A lancha se moveu alguns centímetros. – De novo – disse Samm. – Um, dois e três, empurrem! – Empurraram com toda a energia que ainda lhes restava, movendo a embarcação mais alguns centímetros, desta vez mais adiante. No entanto, ainda não o suficiente. – De novo, um, dois e...

Uma luz se acendeu e os cegou – um foco de luz branca vindo de uma lanterna no ancoradouro, luzindo contra o branco da lancha e iluminando todo o grupo. Eles ficaram paralisados; apenas piscavam, assustados demais para fazer qualquer coisa. Quem segurava a lanterna não disse nada, apenas os encarava, a cerca de vinte metros de distância.

Estou armada, pensou Kira, sentindo o peso do fuzil nas costas. Posso sacá-lo em segundos. Mas vai adiantar? Não vamos conseguir soltar o barco antes de chegar reforço. Não vamos conseguir escapar nem se os enfrentarmos.

Ninguém se moveu.

A luz se apagou.

– Tudo limpo! – gritou a silhueta. Era uma voz de mulher. *Yoon*. – Não tem ninguém ali. Apenas um barco velho balançando. – A silhueta parou alguns

segundos, olhando para eles, e depois se afastou. Kira soltou lentamente o ar dos pulmões que ela nem havia percebido estar prendendo.

– Era a garota que foi com você para Manhattan? – perguntou Marcus. – Acho que estamos devendo um biscoito para ela.

– Estamos devendo é uma maldita de uma padaria inteira! – disse Xochi. – Se eu não estivesse com metade do corpo enterrado na lama, eu daria um beijo na boca daquela garota.

– Fique quieta ou vão ouvir a gente de novo – ralhou Jayden. – Ele se apoiou contra o barco e balbuciou “Um, dois, três”. Desta vez o barco se moveu quase cinquenta centímetros. Eles empurraram diversas vezes, arrastando-o pelo lodo cerca de seis metros. Doze metros. Treze metros. Podiam ver mais luzes na costa, mais soldados. Deram outro empurrão na lancha, arrastando-a pela lama, rezando para que não fossem ouvidos.

As águas tornaram-se mais profundas ao se afastarem da costa, a baía ganhando amplitude, e logo a lancha flutuava livremente. Empurraram-na um pouco mais adiante, até estar fundo o bastante para a embarcação receber o peso do grupo. Samm os ajudou a embarcar, subindo em seguida. Marcus e Jayden encontraram os remos e os fugitivos partiram rumo ao mar.

– Estamos seguros – disse Kira, suspirando. Xochi já dormia.

– Seguros contra o seu povo – observou Samm, olhando para o continente, ao norte. – Agora temos que enfrentar o meu.

Capítulo Trinta

— Vamos aportar próximo a Mamaroneck – disse Samm, olhando para o céu e novamente para a costa distante. – Acho.

A baía de onde partiram era uma faixa estreita e comprida. Não ousaram ligar o motor da lancha até os dois lados da costa ficarem cada vez menores e o azul profundo do oceano se abrir em volta deles. O motor funcionava mal, mas funcionava. Seguiram rumo ao norte, procurando manter-se numa linha reta, até o céu começar a se iluminar e o monótono horizonte tingir-se com o verde e marrom do continente. Embicaram à esquerda, em direção à terra firme. Kira estava cansada demais para remar, por isso torcia para que o motor aguentasse até o fim.

– Mamaroneck? – perguntou Jayden. – Esse nome é mais estranho que Asharoken.

– Mamaroneck é bem localizado – respondeu Samm. – Está mais ao sul do que eu gostaria, mas não é vigiado. Podemos desembarcar despercebidos.

– É tão importante assim não sermos vistos? – perguntou Marcus. – O que você quer dizer com diferentes facções? Estamos falando de divergências sobre como agir ou de opiniões radicais como numa guerra santa?

– Seremos atacados se formos vistos – disse Samm. – Serei preso e usado como moeda de troca em alguma disputa pelo poder. Não sei o que fariam com vocês.

Kira admirou as estrelas e disse:

– Entendo que nem todas as facções são amistosas como a sua.

– A minha não é tão amistosa assim. Embora tenham enviado uma proposta de paz, não receberão qualquer humano de braços abertos. As divergências com outros grupos estão... acirradas. Estamos apreensivos e desconfiados. É melhor sermos cautelosos.

– Como vamos reconhecer as facções? – perguntou Xochi. – Vocês usam uniformes ou... quepes de cores diferentes?

– Não sei se é possível sem o *link* – respondeu Samm. – A minha facção é a Companhia D e a maioria de nós continua usando a insígnia. Mas, sinceramente, quando estiver próxima o bastante para identificá-la, será tarde demais. Estamos falando de uma zona de guerra.

O motor falhou e parou por completo, pipocando. Jayden se levantou, puxando algumas vezes a corda do motor de popa sem sucesso. Bateu no motor com uma chave inglesa e puxou a corda novamente. O motor voltou a funcionar, emitindo um ruído ainda mais fraco.

– Gasolina velha – disse Jayden, jogando a ferramenta no chão. – Ou está acabando, ou está arruinando o motor. De qualquer jeito, vamos ter que remar os

últimos dois quilômetros.

– O que nos espera no continente? – indagou Kira, olhando para Samm. – O que quer dizer com zona de guerra?

– O principal grupo de rebeldes está ao norte, num lugar chamado White Plains, e mais adiante em Indian Point. São eles quem administram o reator.

– Opa, um reator atômico? – perguntou Xochi.

– Claro. De onde iríamos tirar nossa energia?

– De painéis solares – respondeu Xochi, com naturalidade. – É o que usamos.

– Provavelmente é suficiente para as suas necessidades – observou Samm. – O reator nuclear de Indian Point costumava fornecer energia a centenas de milhares de casas antes da guerra. Agora que não passamos de um milhão, produz mais energia que o necessário. Os rebeldes mantêm o controle da usina. Mas há alguns anos, a Companhia D se infiltrou na usina. Eles ainda não perceberam.

– Energia nuclear é perigosa – disse Xochi. – E se acontecer algum acidente? Um vazamento ou derretimento nuclear?

– Já aconteceram acidentes em várias usinas. Quando vocês começaram a morrer por causa do RM, e não havia nada que pudéssemos fazer para salvá-los, fomos no maior número possível de usinas e encerramos as atividades com segurança. Existe uma em Connecticut, a apenas cem quilômetros de onde vocês moram, do outro lado do mar. – Ele apontou sentido nordeste. – Se tivesse ocorrido um derretimento nuclear ali, provavelmente vocês estariam mortos.

– Certo – disse Jayden, com escárnio. – Os nobres Partials tentando salvar a humanidade.

Samm balançou a cabeça.

– Alguma vez se perguntou por que o mundo não está ainda pior? Por que as cidades não estão em chamas, por que o ar não está negro de chuva ácida? Vocês morreram rápido demais. Alguns de vocês tiveram tempo de desligar as usinas elétricas e as fábricas antes de morrer, mas não todas. Só é preciso um reator sem manutenção para causar um derretimento atômico. Mesmo quando nos demos conta do que se passava, não pudemos desativá-los. Perdemos uma usina em New Jersey, outra na Filadélfia, e muitas outras construídas por vocês ao povoarem o oeste, ao longo do continente. Por isso ficamos do outro lado do rio Hudson. Outras partes do mundo tinham ainda mais reatores que nós, mas sem a presença de um exército Partial para intervir e desativá-los, muitos entraram em colapso. Talvez a metade deles.

Ninguém dizia nada. O ronco do motor preenchia a lancha. *Sempre nos perguntamos se havia mais sobreviventes*, pensou Kira. *A imunidade ao RM deveria ter deixado a mesma porcentagem de vivos em outros países.*

Seria mesmo possível que todas as outras pessoas estivessem mortas?

– A questão do que fazer com vocês foi o que por fim acabou nos dividindo – continuou Samm, a voz suave. – Para alguns, a melhor solução era exterminá-los de vez, mas a maioria de nós gostaria de salvá-los. Mas não conseguimos entrar num acordo de como fazer isso. As discussões foram aumentando... as posições foram se acirrando. Para dizer o mínimo. Então, a primeira leva de líderes começou a morrer, e tudo desmoronou. A Companhia D é praticamente o que restou dos Partials verdadeiramente obedientes, os únicos com uma ligação direta com a Verdade.

– O que é a Verdade? – perguntou Kira.

– O comando superior, os generais do exército Partial. Acho que possuem um padrão genético avançado, porque nenhum deles ainda morreu. Pelo menos não por causa da data de validade. O comando é formado por oito generais, entre homens e mulheres, mas acreditamos que os rebeldes tenham matado dois deles, pelo menos foram capturados. – Sua voz mudou ao pronunciar aquelas últimas palavras e sua expressão ficou sombria. – Foi a Verdade que orientou a Companhia D sobre o local para instalarmos nossa base em Manhattan e quando nos aproximarmos dos humanos.

– Começo a desconfiar que a Companhia D é um tanto pequena – disse Marcus. – Que maravilha. Nós finalmente faremos uma aliança, e é com um grupo dissidente, que está sendo perseguido e tem tantos problemas quanto nós. Isso vai deixar o resto dos Partials com mais vontade de nos matar.

O motor parou de novo, mas desta vez não houve puxão, batida ou praga que o fizesse voltar a roncar. Samm e Marcus foram os primeiros a remar, puxando com esforço em direção à costa. Logo a faixa verde tornou-se pontilhada de luzes brancas: um porto extenso lotado de barcos. Atingiram a primeira fileira de embarcações em apenas meia hora. Iates luxuosos ancorados longe da praia, cobertos da proa à popa com cocô de gaivota. Kira torceu o nariz de nojo.

– Minha esperança era de que trocássemos de barco, mas estes aqui estão imprestáveis.

– São muito grandes – disse Samm, manobrando o remo enquanto a lancha batia de leve contra o casco manchado de outra embarcação. – Não podemos usar os remos em barcos como estes. Acredito que aqui ninguém saiba velejar. – Todos concordaram com a cabeça. – O que podemos fazer é procurar provisões.

– OK, mas não neste aqui – reclamou Kira. – Não quero ninguém com gripe de pássaro, ou diarreia de pássaro, ou seja lá o que essa coisa nojenta possa transmitir.

Samm concordou. Remaram até o próximo barco e outro depois deste, adentrando cada vez mais no porto, até encontrarem um iate que parecia limpo o suficiente para ser ocupado – estava imundo, mas não tanto quanto os outros. Na verdade, estavam ficando sem escolha. Manobraram por trás da embarcação, onde o nome *Mostre seu Dinheiro III* estava inscrito em letras desbotadas. Marcus agarrou-se à popa para

Samm subir a bordo.

– Esperem aqui – disse Samm. Ele desceu às profundezas do iate e Marcus inclinou-se perto de Kira.

– O que você acha? Ainda confia nele? – sussurrou Marcus.

– Ele não disse nada que me fizesse mudar de ideia.

– Não, diretamente. Mas aquela história... sei não. É muita coisa para acreditar.

– Ao menos é plausível – disse Jayden. – Sempre nos perguntamos por que os Partials foram embora. E por que nesses onze anos nunca nos atacaram. Faz mais sentido pensar que estão ocupados demais brigando entre eles.

– Continuo desconfiado – disse Marcus. – Tem alguma coisa errada nessa história.

Samm voltou à tona com os braços cheios de objetos.

– Más notícias. De acordo com os documentos do porto, estamos na Baía Eco, não em Mamaroneck. Isso quer dizer que fomos muito mais a oeste do que eu pensava. Mas achei um mapa que vai nos ajudar a voltar ao caminho certo. – Ele entregou os itens a Kira, que os levou com todo o cuidado para dentro do barco: um mapa, um par de binóculos, um baralho e uma pilha de roupas e cobertas. – Não tive a oportunidade de trocar de roupa desde que vocês me capturaram – disse Samm, tirando o uniforme amarrotado. – Além disso, este iate está imundo. – Kira não pôde fazer outra coisa senão olhar para o tórax e os braços dele, mais torneados do que ela poderia imaginar, após ter passado duas semanas amarrado. Ela desviou o olhar após alguns segundos, sentindo-se tola, enquanto Samm ficava apenas de cueca e mergulhava no mar. Marcus lançou a Kira o seu olhar “você está brincando”, porém Xochi observava o atlético Partial sem esconder a admiração. Ele subiu de volta ao barco, enxugando-se o melhor que pôde com uma coberta, e vestiu suas novas roupas.

Kira procurou no mapa a Baía Eco.

– Você tem razão. Aqui é muito mais a oeste do que pensei. Onde fica a Companhia D?

Samm apontou no mapa para um ponto ao longo da costa.

– Em Greenwich. Também construímos nossa cidade em volta do hospital.

– Nada mal – disse Jayden.

– Não mesmo – concordou Samm. – Esta rota vai nos levar até o território rebelde – prosseguiu, indicando no mapa uma posição na metade do caminho. – Podemos procurar outro barco e margear a costa, mas acho arriscado. O motor deste barco mal aguentou até aqui e acho que vem tempestade por aí.

– Não quero atravessar o território rebelde – disse Kira. – Vão saber da nossa presença, graças ao seu *link*. Assim que nos aproximarmos, saberão exatamente onde estamos.

– Verdade – concordou Samm.

– Temos combustível – disse Jayden, verificando o motor. – O problema está no motor.

– Vamos procurar outro barco. É melhor do que andar. A corrida de quinze quilômetros de ontem quase nos matou – disse Kira.

Procuraram pelo porto até encontrar um bote salva-vidas preso à lateral de um iate muito maior. Talvez fosse um bote reserva de emergência. Samm subiu num salto, retirou a lona protetora e deu a partida. O motor funcionou após a quarta tentativa, roncando mais regularmente que o outro. Os três rapazes desamarraram o bote, soltando-o na água. Todos ajudaram a transferir a bagagem de um barco para outro. O bote era menor: um bote sem motor, bem diferente da lancha sofisticada que viajaram até então. Mas acomodou o grupo todo e o motor funcionava. Marcus voltou de ré e saíram do porto rumo à Companhia D, mais ao norte.

– Se afaste da costa – disse Samm. Marcus navegou em direção ao mar aberto, e Samm observava o litoral nervosamente. – Mais.

– Mais longe e não conseguiremos enxergar nem a costa – protestou Marcus. – Vamos nos perder outra vez.

– Posso ver o continente absolutamente bem – disse Samm. – Isso quer dizer que de lá também podem nos ver. Mais longe.

Marcus franziu o cenho e olhou para Kira, mas obedeceu ao pedido, adentrando ainda mais no mar. Agora o continente era uma distante linha no horizonte, quase imperceptível. Samm olhava atentamente naquela direção, passando a Marcus pequenas instruções, quando necessário. Kira, Xochi e Jayden deitaram-se desconfortavelmente sobre os bancos de fibra de vidro para cochilar.

Marcus foi quem primeiro viu a tempestade.

– Há quanto tempo estamos aqui? – perguntou, ainda no comando do leme. – O céu não está escuro demais para esta hora da manhã?

– O vento também está aumentando – alertou Samm. – Agora está mais fresco que há alguns minutos atrás.

– Já presenciei tempestades marítimas de terra firme – disse Jayden, sentando-se. Parecia preocupado. – Elas caem pesadas por aqui, pelo menos é a impressão que dá.

– Vou me aproximar da costa – disse Marcus, mas Samm o deteve.

– Estamos passando pelo território inimigo – disse ele, consultando o mapa. – Não é seguro.

– Já deu uma olhada no céu? – perguntou Marcus, apontando para as nuvens carregadas. – Isto aqui também não é seguro.

– Mal cabemos no barco – disse Kira. A água estava agitada, balançando o bote enquanto cortava as ondas. – Vamos virar se o mar ficar muito bravo.

– Não podemos voltar. É muito perigoso – insistiu Samm.

– Então, segurem-se. A diversão está só começando – disse Marcus.

A tempestade vinha em direção a eles; e eles, em direção a ela. Kira sentiu os pingos grossos caindo sobre seu rosto, misturando-se com o salgado do mar. Esconderam-se embaixo dos cobertores, mas o vento era tão forte que dava a impressão de que a chuva caía na horizontal. O céu escureceu numa meia-luz lúgubre e o bote balançava ao sabor das ondas.

– Vou me aproximar da costa – avisou Marcus, virando o leme antes que Samm protestasse. – É impossível enxergar qualquer coisa nessa tempestade. Ninguém vai nos descobrir.

O temporal piorou, os pingos caíam como pequenas facas afiadas. Kira agarrou-se à lateral do bote, segurando em Xochi com a outra mão, certa de que seriam derrubados pela próxima onda. Estava molhada até os ossos. O negrume do céu assemelhava-se ao da noite anterior.

– Nos leve para perto da costa – ela gritou a Marcus, apertando ainda mais o braço de Xochi à medida que o bote se elevava e se inclinava com a passagem de outra onda.

– Estou indo direto para lá! – gritou Marcus. – Ou pelo menos era o que eu fazia da última vez que consegui enxergar alguma coisa. O mar está tentando virar nosso bote.

– O bote está muito pesado. Precisamos tirar um pouco de peso – disse Jayden. Kira retirou as armas de dentro da mochila e amarrou o kit médico bem apertado ao redor dos ombros. Xochi revirou sua bolsa e a de Marcus, salvando o que foi possível de munição, depois jogou-as ao mar, como fizera Kira com a dela.

O bote balançava tão violentamente que Kira tinha a impressão de que estavam sendo arremessados de um lado a outro ao acaso. Não sabia qual direção seguiam. Inesperadamente, uma pedra apareceu na frente deles. Marcus soltou um palavrão e manobrou para o lado, evitando a colisão. Outra pancada de chuva açoitou o mar, encobrindo o bote novamente, lançando-os no mesmo caos cinzento. Ela pensou ter visto uma árvore ao seu lado – uma árvore, no meio do oceano – mas a visão desapareceu tão rapidamente que ela ficou em dúvida. *Devemos estar próximos à costa*, pensou Kira, *é a única explicação...* Nesse momento, algo branco e gigantesco surgiu, chocando-se contra o bote e quase o virando com o impacto. Era outro iate, que lutava contra a amarra da âncora, antes de ser engolido pelas ondas. Um vagalhão levantou o bote, quase os arremessando pelos ares. Kira soltou um grito, engasgando com a água da chuva e do mar que espirrava das laterais. A água se agitava violentamente no fundo do bote, mas eles continuavam em pé.

– Se segurem! – gritou Kira, impotente, sem nada melhor para dizer. O vento uivava em seus ouvidos e esculpia formas estranhas na chuva.

Outro iate passou a poucos centímetros e voltaram a se perder no limbo revolto do mar aberto.

As palavras que Marcus gritava eram inaudíveis. Kira tentou enxergar para onde ele apontava, porém a chuva era tão violenta que ela mal conseguia abrir os olhos, evitando os pingos que a acertavam como pedradas. Quando finalmente viu o que ele tentava mostrar era tarde demais, mas não havia nada que pudesse ter feito para evitar o que se seguiu, uma onda escura e imponente, tão alta quanto um edifício, vindo na direção deles. Ao menos Kira teve a presença de espírito de respirar fundo e segurar o ar antes de o vagalhão acertar em cheio o bote e fazer o mundo desaparecer.

Ela perdeu a noção de espaço. Não havia acima ou abaixo, direita ou esquerda, apenas força, pressão e aceleração arrastando-a por um turbilhão gelado dentro do nada. Após ter largado do braço de Xochi, encontrou-o novamente, agarrando-se desesperadamente à única coisa sólida em todo o universo. A onda a levou para longe, tragando-a para dentro do vazio disforme. Voltou a respirar apenas quando achou que seus pulmões fossem explodir, chegando inesperadamente à superfície. Teve tempo apenas para respirar fundo antes de bater contra outra muralha de água e ser derrubada por ela. Continuava presa ao braço, não o soltando jamais, com a certeza irracional de que apenas aquilo a mantinha viva. A segunda onda passou e Kira emergiu subitamente, respirando em desespero. Engasgou ao engolir água e respirou de novo. Outra onda veio e Kira afundou.

Pedras. Calor. Kira acordou num sobressalto, tentando recobrar os sentidos, desorientada pela mudança brusca de ambiente, do mar revolto para a terra firme. Ela tossiu e cuspiu água salgada e gosmenta.

– Você está viva – disse uma voz. Samm. Ela olhou ao redor e viu que estava em algum tipo de pântano, próximo a um muro baixo de pedra. Samm ajoelhou-se contra as pedras e olhou pelo binóculo. À frente, o mar se estendia imóvel e tranquilo.

– Estamos em terra firme – disse Kira, ainda meio confusa. – O que aconteceu? – De súbito, Kira entrou em pânico, olhando para os lados. – Cadê todo mundo?

– Estão ali – disse Samm, apontando para o outro lado da baía. – As pernas de Kira estavam fracas demais e ela se arrastou até a mureta. – O prédio grande, à direita – disse Samm, passando o binóculo. – A princípio fiquei em dúvida se eram eles.

Kira procurou o prédio grande e continuou um pouco à direita, examinando a paisagem lentamente. Notou algum movimento e olhou com atenção: três pessoas. A imagem não era nítida, mas, pelas roupas, tinha quase certeza de que eram eles.

– Então, estamos todos vivos – disse Kira, olhando fixamente para a figura que ela pensava ser a de Marcus. – Me agarrei a alguém embaixo da água. Acho que era Xochi.

– Era eu – respondeu Samm, simplesmente, sem tirar os olhos do horizonte.

Kira agachou-se ao seu lado.

– O que é aquilo? Uma ilha?

– O outro lado da baía – explicou Samm. – Pelo jeito a tempestade nos jogou bem onde queríamos. Se bem que, obviamente, em dois grupos separados. Mesmo assim, não há muito do que reclamar.

– Aqui é Greenwich?

– Perto o bastante. Se estou certo quanto à nossa localização, seus amigos estão mais próximos de Greenwich do que nós.

– Vamos fazer um sinal para eles – disse Kira. – Estão olhando para o mar. Não sabem que estamos aqui.

– É muito perigoso. Mesmo que a consigam ouvir, qualquer Partial chegaria aqui primeiro que eles.

– Não podemos deixar que fiquem perdidos.

– Se forem espertos, irão para o interior da ilha, à procura de alguma indicação de onde estão. Podemos contornar a baía e encontrá-los do outro lado.

– Vamos de barco.

– Não podemos – respondeu Samm, com firmeza. – Estamos em território inimigo, ao sul de Greenwich. Eles patrulham as águas, procurando por Partials da Companhia D. Não descobriram a gente por causa da tempestade. Mas se cruzarmos a baía de barco, com toda a certeza seremos vistos.

– E os outros?

– Se forem inteligentes ficarão escondidos. Na verdade, estão mais seguros do que nós. Eu automaticamente vou me conectar a qualquer outro Partial por perto, mas vocês são imperceptíveis. Ninguém espera encontrar humanos no continente, por isso não nos preocupamos em procurá-los. Confiamos plenamente no *link*. Se aqueles três forem espertos, podem andar pela região sem serem capturados.

– Que bom – disse Kira, ainda observando os amigos pelo binóculo. – Como vamos passar pelos rebeldes?

Samm pegou um dos cobertores encharcados que havia encontrado no iate e começou a rasgá-lo em tiras.

– Os dados são transmitidos pela respiração. Se cobrir minha boca e nariz bem apertados, consigo mascarar minha presença. Um pouco – disse Samm, franzindo o cenho.

– Vai conseguir respirar?

– Vou, mas não é a solução ideal. A máscara de gás seria melhor, mesmo não sendo perfeita. Não sei o quanto os rebeldes sabem sobre a nossa missão em Manhattan. É possível que a situação por aqui tenha se agravado. Nesse caso, os vigias estarão usando faixas como estas. Precisamos ter cuidado com eles. Só vou

notar a presença deles quando for tarde demais. – Ele passou o tecido preto e molhado ao redor do rosto, cobrindo o nariz e a boca, amarrando-o firmemente atrás da cabeça. Repetiu a operação com outra tira, para prender melhor.

– Isto vai resolver o problema por algum tempo. – Suas palavras eram abafadas, difíceis de entender. Kira o seguiu pelos fundos de um antigo casarão, lamentando-se de ter perdido suas armas no naufrágio. Não lhe agradava nem um pouco a ideia de enfrentar um Partial desarmada.

O casarão ficava num promontório, pequeno e circular, que se religava à terra por uma série de ruelas asfaltadas. Correram agachados para atravessar cada uma delas, escondendo-se atrás das folhagens, procurando algum sinal de que estavam sendo observados. Se havia algum Partial de olho neles, não ficaram sabendo. Kira olhava para trás sempre que podia, na esperança de ver os amigos, mas eles também estavam escondidos. Ela apertou o passo, ansiosa para contornar o porto e encontrá-los antes que se afastassem.

Samm entrou num pequeno estaleiro, lotado de barcos rachados, com a pintura descascando, e trilhos enferrujados que davam no mar. Atrás do estaleiro havia um parque, coberto de mato e kudzu, embora fosse grande o bastante para acomodar perfeitamente várias plantações de milho de bom tamanho. Surpreendeu-a o fato de os Partials não terem feito isso, apesar de uma zona de guerra não ser o melhor lugar para a agricultura. Além disso, pelo que havia entendido, estava nas imediações da civilização Partial. Será que suas fazendas ficavam mais ao norte? Ou produziam alimentos de alguma outra forma que ela não conseguia imaginar? Admirou-se ao perceber como sabia tão pouco sobre eles. Ali estava ela, num território desconhecido, confiando no inimigo que tinha sido criada para odiar. A razão pela qual era órfã. A razão pela qual aprendera a empunhar uma arma, aos oito anos de idade.

Eu realmente sei o que estou fazendo?

Decidiram afastar-se do litoral, entrando num bosque, onde a cobertura era melhor. Samm era ágil, mas mantinha-se atento, examinando não apenas as laterais, mas também onde pisavam, e as árvores acima deles. Kira o acompanhava no mesmo ritmo, alerta contra eventuais emboscadas e desviando dos galhos caídos. Passaram por uma funerária e Kira a observou solenemente. A morte parecia pairar no ar.

Encontraram uma rodovia margeada, na outra extremidade, por uma fileira de árvores frondosas. A rodovia atravessava a floresta como um corredor. Samm espiou para ambos os lados: plana à esquerda e uma pequena subida à direita.

– É mais rápido pela estrada, não passa por dentro da cidade. Ninguém estará vigiando – explicou Samm.

– Vamos encontrar Marcus e os outros?

– Também terão que atravessá-la – respondeu Samm, balançando a cabeça. Ele apontou para uma curva à direita, no fim da rodovia. – A península termina naquele ponto, se bem me lembro. Se eles ainda não passaram por aqui, podemos esperá-los ali.

Para compensar o tempo perdido, saíram em disparada. O asfalto estava elevado, com várias outras camadas de pavimento entre aquela e o chão, mas a vegetação não havia crescido nas fendas. Ninguém cruzou o caminho deles, nem por trás nem pela frente. Logo a estrada começou a se elevar. Kira ficou chocada ao perceber que o terreno em volta não se elevava com a rodovia – não era uma montanha, mas uma estrada suspensa. Estradas menores passavam por baixo dela.

– Pare! Talvez já tenham passado por aqui – disse Kira.

– Estava pensando a mesma coisa.

– Precisamos encontrá-los.

– Estamos quase na base – disse Samm, balançando a cabeça. – Vamos direto para lá e enviaremos uma equipe de resgate. Eles encontrarão seus amigos. Farão isso melhor que nós.

– A menos que alguém os encontre antes – retrucou Kira. Ela olhou para fora da estrada, tentando enxergar através das árvores no chão. – Não podemos deixar que sejam capturados pelos rebeldes.

– Acho que isso não vai acontecer – disse Samm, apertando a máscara no rosto. O *link*.

– Então, vá você. Eu vou atrás do Marcus. Se for assim tão fácil para a sua equipe de resgate encontrar meus amigos, também poderão me encontrar.

– Não podemos nos separar de novo – insistiu Samm. Sua voz era baixa, quase inaudível através da máscara improvisada.

Era a primeira vez que Samm se mostrava apreensivo e isso deixou Kira ainda mais nervosa.

– O que há de errado?

Ela ouviu o ruído de um motor, um eco distante entre árvores, e empalideceu.

– Vocês também usam carros?

– A maioria é elétrica, mas temos uma refinaria de petróleo mais ao norte.

Kira olhou para os lados, tentando localizar de onde vinha o barulho.

– Estão vindo de trás?

– Acho que sim. – Samm começou a correr. – Vamos!

– Não temos tempo – disse Kira, espiando por cima da mureta. A altura era de pelo menos seis metros, mas as copas das árvores não estavam muito longe – Vamos descer pelas árvores.

– Não podemos descer – disse Samm, impositivo, correndo para segurá-la. – Temos que seguir em frente.

- Estão se aproximando, não temos tempo...
- Tem rebeldes lá embaixo – ele sussurrou, apressadamente.

Kira ajoelhou-se atrás da mureta.

- Está se conectando a eles?
- Não posso evitar.

Isso significa que sabem onde estamos. Kira o encarou, analisando seus olhos. *Não temos armas. Não podemos lutar. O inimigo já conhece nossa localização.*

Será que também sabem onde estão meus amigos?

- Estão próximos? – sussurrou Kira.

Samm fez uma careta.

– Difícil saber com a respiração abafada. Mas acho que entre sessenta e cinco e setenta metros.

- É uma estimativa bastante precisa. Você acha que podem nos ouvir?

Samm balançou a cabeça.

– Estão em alerta, mas pode não ser com a gente. Vamos descobrir quando se aproximarem. No entanto, pode ser tarde demais.

Kira esmurrou a mureta de concreto com a lateral da mão, praguejando. *Não vou deixar meus amigos serem capturados.* Respirou fundo, balançando a cabeça em reprovação a sua própria estupidez e levantou-se.

- Vamos descer.

- Não podemos.

Kira correu até a árvore mais próxima, olhou para os arbustos dois níveis abaixo e subiu na mureta. Samm a puxou para trás, e ela se livrou dele com um empurrão.

– Não vou abandonar meus amigos – disse, determinada. – Pode vir comigo ou ir buscar ajuda. – Ela subiu novamente na mureta e tentou estimar a altura. – *Dois metros. Talvez três. É bastante para pular em pé, mas vou ter um espaço ao redor para cair.*

O que não é muito animador.

- Não faça isso, Kira.

Ela pulou.

Kira agarrou-se ao maior dos galhos que encontrou, as mãos espalmadas, balançando violentamente embaixo dele. Os galhos furaram sua roupa e a espetaram. A árvore balançou com um segundo tremor e ela viu que Samm a seguia. Ela sorriu.

- Obrigada.
- Você é louca – murmurou.
- É o que todos dizem.

Desceram pela árvore rapidamente, ouvindo o ronco do motor cada vez mais alto. À medida que os carros se aproximavam, puderam perceber que era mais de um – dois, três, quatro. Os pés de Kira tocaram o chão e ela correu para a passagem

inferior da rodovia, escondendo-se atrás de uma pilastra de concreto. Samm jogou-se ao lado dela. Ouviram os carros roncando no asfalto acima deles, passando como um raio rumo ao leste e desaparecendo na distância.

Kira assobiou.

– Foi por pouco.

– Não tanto quanto ainda está por vir – disse Samm. Sua voz era dura e tensa.

– Você está machucado?

– Não, mas... qual o seu plano? – resmungou Samm.

– Os Partial não percebem a minha presença, certo? Então, vou atacar um deles pelas costas e roubar-lhe a arma.

– Não percebem você pelo *link*, Kira, mas ainda podem te ver.

– O quanto eles sentem de você? – indagou. – Pensamentos? Intenções?

– Não exatamente – respondeu. – Mais coisas do tipo saúde, distância, estado emocional. Não poderei recolher nenhuma informação.

– Não quero que leia o pensamento deles – disse Kira, olhando para a relva emaranhada. – Quero que seja a isca.

– Uau! Fala sério? – Ele levantou as mãos.

– Não se preocupe. Vou dominá-lo antes que machuque você. – Ela sorriu. – Você disse que eles confiam demais no *link*, certo? Quer dizer que se o *link* avisar que um Partial está escondido numa esquina, eles nem se darão ao trabalho de procurar em outra?

Ele assentiu com a cabeça. Kira notou que a respiração de Samm estava acelerada; o rosto, carrancudo.

– Assim que você atacar, os outros ficarão sabendo pelo *link* – explicou Samm.

– Vamos agir com rapidez e fugir antes que cheguem. – Ela o puxou mais para trás da pilastra. – Sei que é perigoso, mas os meus amigos correm ainda mais perigo, porque estão sozinhos. – Sua voz amaciou. – A gente consegue.

– Tudo bem. Se você pensa que vai encontrar um soldado que foi treinado para não ser visto, esqueça.

– Fale baixo. Já o encontramos – ela sussurrou, apontando para fora da pilastra. Samm espiou com cautela e cochichou:

– Trinta e seis metros de distância.

– Deve ter ouvido a gente cair da árvore – sussurrou Kira. – Mas não nos viu. Está procurando alguma coisa. – Ela apontou para o outro lado da passagem. – Se você rastejar até lá, ele terá que passar por aqui. – Samm estava tenso, como se contraísse cada músculo do corpo, há algum tempo estava assim. *O Partial está muito perto*, ela pensou. *Não há tempo para examinar Samm agora*. – Tem certeza de que você está bem?

– Tenho – grunhiu. Virou-se e rastejou pela vegetação baixa, abrindo caminho até

a próxima pilastra, depois, atravessou a pista. Kira ficou impressionada com a sua agilidade. *O Partial não vai me ver aqui atrás.* Samm movia-se com o corpo todo endurecido, como se sentisse dor. Kira novamente se perguntou se ele havia se machucado na queda da árvore. *Na realidade, já estava agindo estranho desde a rodovia, lá em cima. O que está acontecendo?*

– Pare! – disse uma voz feminina, para surpresa de Kira. Ela ficou imóvel, esperando não ser descoberta. Samm nada disse, parado sobre mãos e joelhos no tapete de ervas daninhas embaixo do viaduto. Kira ouviu os passos vindos de trás e prendeu a respiração. A Partial passou pela pilastra, seguindo numa linha reta até Samm. Tratava-se mesmo de uma mulher: a cintura fina, os quadris e os seios redondos, um coque de cabelos vermelhos, preso atrás da tira da máscara de gás. Ameaçava Samm com um fuzil apontado para suas costas, na ponta o cilindro preto e robusto de um silenciador. Kira reconheceu o fuzil de precisão.

A garota parou a apenas alguns metros de Kira. Talvez a alcançasse com dois passos largos. Não haveria tempo de ela reagir. Kira posicionou-se. Aprendera um pouco sobre luta corporal na escola. A Rede de Defesa dizia que mesmo conseguindo se aproximar de um Partial a pessoa estaria derrotada, pois eram muito mais fortes que os humanos. A esperança de Kira era de que estivessem errados. Ficou na ponta dos pés.

– Fique quieta – disse Samm. Sua voz era tensa, como se falasse através de dentes cerrados. – Não fale. – Ele cobriu o nariz e a boca com a mão. Kira ficou em pé, posicionando-se para atacar.

Na região lombar, disse a si mesma. Bata embaixo e forte. Prenda os braços. Acerte na nuca para...

– Samm! – disse a garota, e Kira imobilizou-se.

Ela sabe o nome dele? Será por causa do link?

– Não diga nada – grunhiu Samm.

O pensamento de Kira voou, conectando os fatos num estalar de dedos. Se a garota sabia seu nome era porque pertenciam à mesma facção, o que significa que os soldados da região eram seus companheiros. Eram os superiores de Samm. Ele havia dito que o *link* também funcionava para reforçar a hierarquia. Estavam sentindo a presença de Samm e ordenavam que ele respondesse. Por isso o corpo de Samm estava tão travado; ele usava cada centímetro da sua força para resistir às ordens.

Mas por que ele está se escondendo?

– Responda, Samm. – A mulher deu um passo à frente, mantendo o fuzil apontado para suas costas. – Pensamos que tivesse sido capturado.

Samm abaixou a cabeça, quase tocando o chão. *Ele não vai resistir muito tempo,* pensou Kira. *Agora!* Avançou com os braços abertos e o corpo inclinado para acertar a base da coluna da Partial.

Subitamente, a Partial se virou.

Kira estava perto demais para que ela disparasse o fuzil. Em vez disso, a Partial fez da arma um porrete, acertando o pesado objeto na lateral do rosto de Kira, bem quando ela a derrubava pela cintura. As duas garotas gritaram com o impacto da queda e a cabeça de Kira zunia com a coronhada. A Partial levantou-se primeiro, soltando a arma e imobilizando Kira com uma eficiência incrível. Torceu-lhe o braço para trás e acertou uma joelhada no seu estômago. Kira esperneou, unhando o rosto e o pescoço da oponente, por pouco não escapou. Em seguida, torceu o corpo até estar livre de levar um verdadeiro golpe de submissão. De repente, sentiu o toque frio de uma lâmina na garganta. A garota sussurrou em seu ouvido:

– Quietinha.

Kira parou, sem alternativa. Se tivesse mais dois segundos de luta, quem sabe virasse o jogo. Mas desde o início a Partial soubera da sua presença.

– Solte-a, Heron, ela está comigo.

– Ela não tem *link*?

– É humana.

Embora sua voz expressasse surpresa, Heron não a soltava.

– Você capturou uma humana? A missão foi um sucesso! Onde está o resto da equipe?

Você capturou uma humana? pensou Kira.

Soltou-se um pouco da mão de Heron, que lhe apertava a garganta, e gritou:

– Que diabos está acontecendo aqui?

– Estão mortos – respondeu Samm, aproximando-se de Heron. – Mas não é o que você está pensando. Pode soltá-la. Ela não é uma ameaça. Está do nosso lado.

Kira não acreditava no que ouvia.

– Você planejou tudo isso? – perguntou Kira. – Toda essa encenação foi um truque para me trazer até aqui?

– É mais complicado do que está pensando – respondeu Samm, de chofre, parado a sua frente, sem a máscara. – Que droga, Heron! Solte-a. Ela está aqui por vontade própria!

– Quer dizer que não há pedido de paz? – Kira sentia raiva e vergonha por ter confiado nele; o sangue subindo à cabeça, as lágrimas aos olhos – Sem trégua?

Heron sorriu.

– Trégua? Estou impressionada, Samm. O seu futuro está na espionagem!

Kira viu um brilho fugaz com o canto dos olhos, o cintilar de uma agulha. Ela gritou e sentiu a picada no pescoço. O efeito foi instantâneo: os olhos ficaram pesados, sua mente parecia pender de um lado a outro. O mundo escureceu e Kira teve tempo apenas para um último pensamento antes de desmaiar.

Vou morrer.

Capítulo Trinta e Um

B*ip. Pssssh.*
Bip. Pssssh.

Kira estava pesada – antes que percebesse qualquer outra coisa, sentia o próprio peso, o corpo fraco demais para mover os músculos. Estava deitada.

Bip. Pssssh.

Um som rítmico e suave ecoava em algum lugar sobre sua cabeça. Próximo? Sim, tinha certeza. Onde quer que estivesse, o som estava por perto. Tentou virar a cabeça, mas seu pescoço não a obedeceu; tentou abrir os olhos, mas as pálpebras estavam pesadas demais.

Bip. Pssssh.

Ouviu outro ruído, um ruído branco, ao fundo. Concentrou-se nele, tentando analisá-lo, entendê-lo. Vozes. Um murmúrio.

“... o objeto...”

“... marca de queimadura...”

“... o teste deu positivo...”

Falavam sobre ela. Onde estava?

Bip. Pssssh.

Estava num hospital. Lembrava-se de estar embaixo da ponte, a traição de Samm, a garota, Heron, injetando algo nela. Estava sendo medicada? Ou estudada?

“... normal, com exceção...”

“... pronto para o procedimento...”

“... preparar primeira incisão...”

Kira moveu a mão num esforço hercúleo, arrastando dez toneladas de carne e ossos por alguns centímetros sobre a mesa. As vozes cessaram. Sua mão esbarrou numa barreira, uma amarra de couro. Ela pôde sentir a outra mão também atada. Estava imobilizada.

– Ela se mexeu. Você não a sedou?

Kira abriu um olho e o fechou rapidamente sob o impacto da luz forte. Ouviu um sussurro e um tinir agudo.

– Tirem aquilo do rosto dela. Ela está acordando. – Era a voz de Samm. Ela abriu a boca, tomando consciência de um tubo plástico que passava pela língua e entrava pela garganta. Engasgou e tossiu, tentando não vomitar. O tubo deslizou para fora como uma serpente comprida e viscosa. Tossiu outra vez e abriu minimamente um olho.

Samm estava parado ao lado dela.

- Seu desgraçado – disse, tossindo.
- Vamos começar – disse uma voz.
- Parem! – disse Samm. – Ela está acordada.
- Então vamos sedá-la de novo. Com uma dose ainda maior.
- Seu desgraçado – Kira tossiu outra vez.

Enxergava melhor agora que sua visão tinha se acostumado à luz. Estava rodeada de mulheres em avental e máscaras cirúrgicas, em algum tipo de sala de operação, embora não se assemelhasse a nenhuma em que já estivera. Estruturas de metal pendiam do teto como pernas de um inseto gigante, com bisturis, seringas e uma dezena de outros instrumentos nas extremidades, posicionados a apenas alguns centímetros do rosto de Kira. As paredes brilhavam com uma luz multicolor suave – as paredes eram telas de computadores, pulsando com tabelas, gráficos e números em movimento. Ela viu seu batimento cardíaco, uma linha estreita subindo e descendo em perfeita harmonia com o pulsar dentro do seu peito. Viu a temperatura, o nível de oxigênio no sangue, sua altura e seu peso em medidas centesimais exatas. Virou a cabeça de novo e viu seu próprio rosto, lavado e com uma toca branca de plástico na cabeça, seu corpo desnudo, amarrado a uma mesa plana de metal. Seus olhos arregalados expressavam pavor. Ela arfou e a imagem arfou com ela, o rosto do tamanho da parede se contorcendo numa careta de medo; uma transmissão ao vivo de seus momentos de agonia, preenchendo a sala como um show de horrores. Entrou em pânico: o coração disparou, as imagens dos gráficos se alteraram rapidamente, com as linhas atingindo picos de um metro de altura pelas paredes.

– Desculpe – disse Samm. – Tentei explicar que você veio por vontade própria.

– Não pedimos uma voluntária – observou uma voz severa. Uma mulher aproximou-se. A máscara azul escondia sua face, mas seus olhos eram da cor de metal polido, frios e insensíveis. – Você foi o único bem-sucedido do seu esquadrão. Não arrisque a sua recomendação ao interferir.

Samm virou-se de volta para Kira.

– Pediram que eu ficasse aqui para conversar com você, assim teria alguém em quem confiasse...

– Não confio em você! – ela gritou. Sua voz ecoou por toda a sala de operação, seca e áspera. – Eu te ajudei! Eu te resgatei! Acreditei em tudo que disse! Cada palavra de como a sobrevivência só seria possível se somássemos esforços. Era tudo mentira?

– Falava a verdade – disse Samm. – Quando chegamos aqui, tentei mantê-la afastada, até poder explicar a eles que você veio para nos ajudar.

– Se é assim, então me solte! – Kira estava aos prantos. A face na parede soluçava com ela, um simulacro do seu desespero. Moveu as pernas, debatendo-se contra as amarras; puxou os braços, tentando em vão cobrir os seios e o púbis.

Sentia-se exposta, vulnerável e impotente. – Me tire daqui.

– Eu... – O rosto de Samm enrijeceu, contraindo-se da mesma maneira que ele havia feito antes – ela quase pôde ver seu corpo parar ao ser tomado pelo funcionamento do *link*, forçando-o a obedecer às ordens de seus superiores. – Não posso. – Ele soltou a respiração, liberando a tensão, os músculos relaxando. – Não posso – repetiu. – Obedeço ordens. – Sua expressão tornou-se pesada.

– Muito bem – elogiou a mulher. Ela deu um passo em direção à cama e um dos braços de metal moveu-se com ela, iluminando o rosto de Kira, cegando-a novamente. – É verdade que veio por livre e espontânea vontade?

– É. Vim para ajudá-los.

– Acredita que a sua tecnologia da idade das trevas é de algum valor para nós? Você mal compreende o funcionamento genético da sua própria espécie, quem dirá o nosso.

– Não tem mais importância, era tudo mentira.

– Algumas coisas sim, outras não – concordou a mulher. Estou surpresa de que Samm tenha lhe contado sobre nossa situação difícil, a nossa “data de validade”. Esse tanto, pelo menos, é verdade. Por isso você está aqui.

– Sou médica. Direcionei meus estudos para as áreas de patologia e reprodução, tentando encontrar a cura para o RM. Posso usar esse conhecimento para ajudá-los.

– Os estudos dos humanos não servem para nada – disse a mulher. – Posso lhe garantir que nossas necessidades se apresentam numa área completamente diferente.

– Também estudei Samm – explicou Kira –, mas não nesta situação... – Calou-se, repentinamente, pensando o quanto a experiência pela qual ele passara *tinha* sido igual àquela. O quanto havia sido pior. – O meu povo não o tratou bem – recomeçou, aos poucos –, e sinto muito por isso, mas eu o ajudei. O estudei de forma não invasiva. Fui humana.

A mulher sorriu com sarcasmo.

– Humano? Mesmo a palavra é um insulto.

– Vocês são portadores de uma deficiência genética que nós não temos – disse Kira. – Vocês são imunes ao RM e os nossos bebês não o são. – Kira implorava. – Precisamos um do outro.

– Da última vez em que os Partials e os humanos tentaram trabalhar juntos, não deu certo – disse a mulher. – Vamos assumir nossos riscos sozinhos.

Outra perna de metal entrou em posição, uma agulha hipodérmica brilhava na ponta. Kira começou a protestar, mas a agulha a atingiu como a cauda de um escorpião.

Capítulo Trinta e Dois

Aagulha penetrou no tórax de Kira com uma picada ardida, logo amortecida pelo analgésico que se espalhava aos poucos.

– Não pode me sedar outra vez – insistiu Kira, tentando soar mais forte do que se sentia. A médica de olhos cor de chumbo balançou a cabeça.

– Não é sedativo, garota, estamos preparando você para isto. – Ela levantou a mão vestida numa luva branca e mostrou uma seringa bem maior que a outra, com uma agulha grossa, de quase dez centímetros de comprimento. Kira estremeceu, recuando na cama o máximo que as amarras permitiram. – Não se preocupe – disse a médica, embora em sua voz não houvesse compaixão. – O anestésico é excelente, você não vai sentir nada. É importante que esteja acordada durante este teste para observarmos as suas reações. Se ainda estivesse dormindo, faríamos outro teste, mas já que você acordou mais cedo, é melhor começarmos. – A médica se afastou e outra perna do robô médico parecido com uma aranha moveu-se e picou a coxa de Kira, em seguida transferiu o conteúdo de um frasco de sangue para uma seringa de vidro transparente.

O coração de Kira estava disparado.

– O que fizeram?

A médica falou negligentemente por cima dos ombros à medida que estudava os dados numa das paredes.

– Uma vez que você se mostrou resistente, de alguma forma, aos nossos sedativos, vamos analisar seu sangue e misturá-lo com uma amostra de outra substância. Precisamos de você acordada por enquanto. Entretanto, não seria bom para ninguém se você despertasse durante o próximo teste.

Kira lutava contra as lágrimas, com uma irracional determinação de não os deixar vê-la chorando. *Sou mais forte que minhas provas.* Ela viu um movimento com o canto dos olhos e se encolheu ao perceber uma forma sinuosa encobrir a luz. Ela segurou o grito, mas a sombra passou por seu rosto e assentou-se sobre seu corpo. Era Samm, cobrindo-a com uma manta.

– Precisamos do tórax exposto para a injeção – falou asperamente a médica.

– Então você pode tirar a manta quando for preciso – rebateu Samm. – Se ela vai ficar acordada, pelo menos deixe que faça isso com um pouco de dignidade.

A médica parou, analisando a feição de Samm com os olhos semicerrados, então assentiu.

– Tudo bem.

Samm se inclinou próximo ao rosto de Kira.

– Tentei falar com o capitão pelo rádio, mas a Dra. Morgan está fora da sua alçada. Está numa missão especial da Verdade. Será difícil detê-la.

– Vá pro inferno – retrucou Kira.

Samm abaixou o olhar e se afastou em silêncio.

Kira podia ouvir as outras médicas discutindo em voz baixa, manipulando um dos painéis nas paredes com a ponta dos dedos.

“... outras cobaias... feromônios... RM...”

Os ouvidos de Kira estavam atentos, toda sua energia voltada para ouvir exatamente o que as médicas conversavam. Ela não conseguia enxergar a imagem para qual olhavam, mas, ao concentrar-se, as palavras tornaram-se claras.

“... vamos injetá-la e observar a reação. Queremos descobrir o tempo que a partícula leva para ser absorvida, a abrangência e a cobertura que ela atinge, e qualquer traço de necrose...”

Estão fazendo os últimos preparativos, pensou Kira.

Mas o que irão injetar em mim?

A doutora Morgan avaliou o peso da seringa e virou-se de frente para Kira. As outras médicas viraram-se com ela, espalhando-se ao redor da mesa. A aranha médica posicionou-se com um movimento giratório: garras, pinças, luzes e bisturis pairando sobre Kira como um pesadelo metálico cheio de pontas. Quando as médicas saíram da frente da tela, Kira pode ver as imagens que o grupo analisava. Reconheceu-as de imediato, do próprio estudo que fizera com Samm: uma imagem ampliada do Predador, o estágio do RM encontrado no sangue dos recém-nascidos, e ao lado dele o Espião, a partícula que havia encontrado em Samm e que compartilhava muitas das estruturas do Predador.

A doutora puxou o lençol, expondo a parte superior do tórax de Kira.

– Temos razões para acreditar que isto a deixará muito doente, e muito rápido. – Ela segurou a seringa sobre o coração de Kira. – Vamos monitorar seus sinais vitais, mas precisamos que você nos conte qualquer coisa a mais que sentir: dor nas juntas, respiração acelerada, perda de visão ou audição. Os nossos instrumentos não conseguem detectar nem interpretar os detalhes sensoriais.

– Você vai injetar o Espião em mim – disse Kira, já entrando em pânico e lutando para manter a respiração calma e regular. – Vai injetar a partícula que você produz, a versão inativa do RM. O que espera que ela faça?

– Uma versão do RM? Não disse que o seu conhecimento nos era inútil? – Ela enterrou a agulha no peito de Kira, que pode senti-la deslizando para dentro, numa sensação de dor, pressão e um horrível senso de invasão. *O anestésico não está funcionando!* A Dra. Morgan apertou o êmbolo e Kira perdeu o fôlego com a súbita descarga de algo que parecia fogo queimando no seu peito, indo direto para o coração e de lá para o resto do corpo, preenchendo-a em segundos. A respiração

travou, suas mãos movimentavam-se involuntariamente na beirada da cama, contorcendo-se em busca de algo sólido em que se agarrar. Parecia que a aplicação estava levando uma eternidade e quando, por fim, a Dra. Morgan retirou a agulha, Kira chorou baixinho, ainda sentindo o fluído percorrer seu corpo.

– Ainda sem reação – disse uma médica de máscara, os olhos fixos na parede. Outra médica iluminou as pupilas de Kira, conferindo a dilatação com uma mão enquanto a outra tomava seu pulso.

– Tudo normal.

– Não temos certeza da velocidade do efeito – disse a Dra. Morgan, observando Kira atentamente. – Não experimentamos mais em humanos desde logo após a Guerra Partial.

Kira respirou profundamente, recobrando o controle após a violência da injeção. As partículas continuavam girando lentamente em uma das telas. *Vou morrer? Ela disse que o Espião não é uma nova versão do RM – então, o que é? O que esperam observar aqui?*

Lembrou-se dos murmúrios que conseguira ouvir e olhou de volta para as imagens na parede: o vírus e o Espião, tão semelhante e ainda assim tão diferente de um vírus. Trabalhar apenas com as informações incompletas que possuía sempre a deixara confusa, mas, ali, com os Partials, ela poderia aprender mais. Havia escutado o que falaram sobre ele.

– Você o chama de feromônio?

Dra. Morgan parou, repentinamente, olhando intrigada para Kira. Ela seguiu o olhar da garota até as imagens na parede, depois olhou-a de volta.

– Você conhece esta partícula?

– A tomamos como um novo estágio do RM, pois se assemelha muito ao vírus, mas você a chamou de feromônio. É por isso que Samm a estava produzindo. Faz parte dos dados do *link*.

A Dra. Morgan olhou rapidamente para a lateral da sala, além do campo de visão de Kira, mas ela pode ver que a médica franzia o cenho. Ela olhou novamente para Kira.

– Você sabe mais do que eu imaginava. Confesso que não a levei a sério quando me disse que era médica. É ainda mais surpreendente por ser humana.

Kira combateu uma onda de enjoo, ainda atordoada pela dor da injeção. Refez-se novamente e olhou para a Dra. Morgan.

– O que ele faz?

– É o que estamos tentando descobrir.

– Faz parte do *link*? – indagou Kira. – O vírus RM é apenas um efeito colateral das suas habilidades?

– Pelos últimos dozes anos venho catalogando cada feromônio produzido por um

Partial. Isolei cada partícula e refiz sua trajetória até o órgão que o produziu, bem como o estímulo que gerou sua produção. Desta maneira consegui determinar seu objetivo e função. De cada um deles. – Ela balançou a cabeça em direção à parede. – Menos daquele.

Kira também ficou intrigada.

– Por que você teria um feromônio sem um objetivo? Tudo em vocês foi construído com um objetivo.

– Ah, existe um objetivo – disse a médica. – Tudo na ParaGen tinha um objetivo, como você mesma disse. Um desses objetivos era fixar um tempo de vida, e suspeitamos que esse feromônio possa ter alguma relação com isso. Se pudermos estudar certas reações, talvez possamos combatê-lo – explicou, gesticulando sobre as imagens atrás dela. – Como você pode ver no painel, o feromônio não reage com outros Partials nem com os humanos. Reage apenas com o RM.

De súbito, Kira viu as duas imagens sob uma nova luz: não como versões um do outro, mas como uma combinação. O Predador não apenas se assemelhava ao feromônio Partial, era o feromônio Partial com o RM em sua versão Esporo envolto nele. Era assim que o Esporo se tornava o Predador – não ao entrar em contato com o sangue, mas com um feromônio. *Ao contato com o sangue, o Esporo se transforma num Glóbulo.* A mente de Kira se encheu de imagens do sangue do recém-nascido, o bizarro Predador multiplicando-se feito louco e mesmo assim sem causar danos às células. *Samm tinha razão naquele ponto: ele havia lançando ao ar, pela respiração, o Espião, durante dias. O Espião havia entrado na amostra do sangue, se anexado ao Esporo e neutralizado o vírus.*

Esse era o segredo do RM. Aquela era a cura. Uma minúscula partícula dentro de seus maiores inimigos.

– Quando os humanos tombaram, começamos a pesquisar a razão da infertilidade Partial, numa tentativa de revertê-la. – A Dra. Morgan parecia desatenta à consternação de Kira, ou interpretava sua reação como uma rude perplexidade. Inesperadamente, Kira aterrorizou-se com o fato de uma mulher tão fria e calculista estar em posse de um segredo tão poderoso e tentou esconder sua emoção. A médica não demonstrava nenhuma preocupação com a reação de Kira. Ela caminhou até a parede, tocou na tela, e solicitou uma série de outros arquivos – outras faces, garotas humanas, tão pálidas e com o olhar tão arregalado quanto o de Kira, amarradas à mesma mesa e submetidas às mesmas experiências.

– Precisávamos fazer experimentos comparativos com seres que não fossem estéreis, o que naturalmente nos levou ao estudo dos humanos. Foi apenas após a morte da última garota que notamos a ligação entre nosso feromônio e o RM. De alguma forma o vírus absorve para si o feromônio, apesar de não sabermos como ou por quê. Por fim, acabamos nos envolvendo com... outras preocupações. Mas

quando a crise da data de validade começou a vir à tona, percebemos que era hora de voltar às pesquisas. – Virou-se para Kira, brincando distraidamente com a seringa vazia em suas mãos. – E aqui está você.

Kira balançou a cabeça, quase explodindo com seu segredo, tentando não entregá-lo. *Preciso dar o fora daqui. Preciso voltar para casa.*

Posso salvar o bebê da Madison. Posso salvar todos os bebês.

– Ainda sem alteração – disse outra médica, monitorando os sinais vitais de Kira.
– Se a reação estiver ocorrendo, não está apresentando nenhum efeito mensurável.

– A reação não está acontecendo – garantiu outra médica em um tom de voz completamente diferente. – E não vai acontecer. – Todos na sala olharam em direção à voz, até mesmo Kira. A médica tocou no painel, e a imagem se expandiu até cobrir toda a parede, mostrando listas de acrônimos e abreviações que Kira imediatamente reconheceu como um exame de sangue. – Ela não apresenta nenhum vírus no sangue.

– Impossível! Mesmo os humanos imunes aos sintomas carregam o vírus.

– Tem razão. – A médica calou-se. – Ela possui o código.

Todos na sala ficaram em silêncio. Kira olhou para o rosto surpreso das médicas. Ela ouviu, atrás de si, a voz de Samm expressando perplexidade.

– O quê?

– Deixe-me ver – disse a Dra. Morgan, andando rapidamente até a tela na parede. Ela bateu furiosamente os dedos, arrastando gráficos pela parede e ampliando e reduzindo rápidos borrões de imagens. Ela parou numa cadeia de DNA, não uma imagem real, mas uma recriação gráfica, encarando-a com intensidade suficiente para abrir um buraco através da placa de metal. – Quem a escaneou?

– O computador fez sozinho – respondeu a outra médica. – Solicitamos uma análise completa e isso faz parte do pacote.

– Ela não participa do *link* – disse Samm. O coração de Kira saltou dentro do peito ao começar a entender as consequências do que diziam.

– Do que estão falando? – perguntou. Ela tentou parecer corajosa, mas sua voz fraquejou.

A Dra. Morgan virou-se para ela, arrancando a máscara, erguendo-se ao lado da cama como uma torre de pedra em ebulição.

– Quem enviou você?

– O quê?

Morgan repetiu aos gritos:

– Quem enviou você? – Kira não respondeu e a Dra. Morgan jogou a seringa vazia na parede, estilhaçando-a contra a imagem do DNA. – Quem agora está tentando se infiltrar nos meus planos, Cronos, Prometeu? O que estão planejando? Ou talvez não estejam atrás de mim – disse virando-se, os olhos selvagens. – Talvez estejam planejando algo novo, mas agora que descobri posso usá-la contra eles.

– Não sei do que está falando – protestou Kira.

– Você esteve com humanos até Samm trazê-la para cá – disse a médica, dobrando-se sobre Kira com os olhos abertos e os dentes à mostra. – Conte-me o que fazia aqui. Qual era sua missão?

– Não sei do que está falando!

– Você é uma Partial! – gritou a doutora Morgan. – Está tudo ali na tela! Você tem o vírus RM na corrente sanguínea, você tem bionanites[\[11\]](#) limpando seu sangue dos sedativos, você tem a maldita etiqueta dos produtos ParaGen codificado no seu DNA. Você é uma Partial. – A médica parou de falar inesperadamente, olhando para Kira. Na tela atrás dela, Kira viu seu próprio rosto contorcido numa expressão de choque e confusão. A expressão da médica alterou-se lentamente, passando da raiva à fascinação, e sua voz ficou reduzida a um sussurro. – Você não sabia, sabia?

Kira abriu a boca, mas não conseguia falar. Um caos de protestos, percepções e dúvidas passavam descontroladamente pela sua cabeça. Os pensamentos chegavam, partiam e se perdiam entre um e outro inutilmente até a sua mente se tornar um ruído branco de abjeto terror. Ela ouviu um estrondo e viu a Dra. Morgan gritar entre uma névoa de confusão, ouviu outro estrondo e então a voz de Samm cortando o caos.

– Explosões. Estamos sendo atacados.

Capítulo Trinta e Três

A doutora Morgan tinha o olhar selvagem. Gritos e disparos ecoavam do outro lado da porta. As médicas andavam de um lado a outro da sala. O inseto médico se retraiu, garras e outros anexos letais tinindo, girando e sendo travados em seus lugares. Samm correu até a porta, fechando-a bem, então recuou.

– Estão atrás de Kira – disse.

– É claro que estão atrás dela – devolveu de supetão a Dra. Morgan. – Mas quem são eles? Qual facção?

– Precisamos sair daqui – disse outra médica.

– Não temos armas – reclamou Samm, balançando a cabeça. – Não estamos preparados para um ataque. Nossa melhor estratégia é permanecer aqui dentro e torcer para que os outros soldados os rechacem.

– Esta sala não tem vedação – observou uma das médicas, apontando para a porta pesada. – Qualquer um que passar irá se conectar a nós.

– Saberão que estamos aqui – disse a Dra. Morgan –, mas não ela. Isso poderá nos render um tempo precioso.

– É isso que não faz sentido. Como ela pode ser uma Partial se não possui o *link*? – perguntou Samm.

– Apenas os modelos militares se conectam – explicou a Dra. Morgan. – Pelo menos, da forma como estamos acostumados. O *link* fez parte de um pacote de sofisticação dos soldados. Mas a ParaGen construiu outros Partials para finalidades diferentes.

Kira balançava a cabeça sem muita noção do que falavam. Não sou uma Partial. Outra vez, ao encarar um problema, sua mente se dividia em duas: de um lado a cientista, contabilizando todas as razões pelas quais ela jamais poderia ser uma Partial. *Envelheço, eles não. Não me conecto, eles sim. Não sou forte ou ágil como eles e definitivamente não tenho o mesmo poder de cicatrização.* Apesar dos argumentos, uma ponta de dúvida a deixou hesitante. *A recuperação da minha perna foi absurdamente rápida, sem os efeitos colaterais do Regenera.*

Mostrou-se confusa novamente. *E mais do que tudo, não me lembro de ser uma Partial – cresci numa casa de humanos, meu pai é humano. Fui à escola em East Meadow durante anos. Nenhum Partial jamais me procurou ou se aproximou de mim. Nada disso faz sentido.*

E mesmo ao analisar sua vida, lá no fundo, havia o seu outro lado: o emocional, o da criança perdida chorando num quarto escuro. *Devo supor que eu nunca tive uma mãe?*

O alarido tornava-se mais próximo.

– É ridículo – disse uma das médicas. Por que esconder um agente Partial entre a população humana? Alguém que nem sabe quem é? Que razão pode haver nisso?

– Quem sabe tenha sido um acidente – sugeriu outra médica. – Pode ter se perdido durante a confusão, ficado entre os refugiados e ter ido parar na ilha sem saber por que estava lá.

– Em tudo havia um propósito na ParaGen – disse Morgan. – Em tudo. Ela não é um acidente. – Levantou o olhar. – Se descobirmos sua tarefa, podemos usá-la contra eles.

A sala tremeu com o estampido de um tiro contra a porta. As médicas gritaram e saltaram para trás. Samm e a Dra. Morgan permaneceram inabaláveis como aço.

– Estão aqui! O que vamos fazer? – exaltou-se uma das médicas.

– Eu quero descer daqui – disse Kira, ainda amarrada na mesa, embora o cenário estivesse para se transformar num campo de batalha. – Me soltem!

– Esconda-se atrás da aranha – sibilou uma das médicas, movendo-se para o fundo da sala. As outras a seguiram, olhando para as patas da aranha com desconfiança e escapulindo pelos fundos do cômodo.

– Não há ninguém no corredor – disse Samm, confuso.

– Sim, há – corrigiu-o a Dra. Morgan. – Humanos.

Outro tiro estourou a porta, arrancando-a das dobradiças. Marcus apareceu armado e Kira gritou “Abaixe-se!” no momento em que a aranha mecânica lançava um ataque selvagem contra o pescoço de Marcus com um bisturi. Marcus caiu e rolou para debaixo da mesa de onde disparou na aranha. Kira soltou um grito ao sentir o calor da pólvora e a chuva de estilhaços caindo do robô arreventado. O barulho da explosão quase a ensurdeceu.

– Ela está aqui! – gritou Marcus, virando-se para ela com um aceno.

– Oi, Kira.

Xochi veio logo atrás e já entrou na sala abaixada, apontado um par de semiautomáticas para as médicas no canto da sala. – Acabei de recarregá-las, por isso sintam-se a vontade para tentar algum movimento brusco.

– Aguarre-os! – grunhiu a Dra. Morgan, mas Samm parecia colado ao chão com cimento.

Jayden foi o último a chegar, andando agachado para desviar de outro bisturi da aranha, desativando-o. Então correu até Kira e começou a desamarrá-la.

– Você é uma garota difícil de encontrar – disse Marcus, com um sorriso forçado.

– Estão logo atrás de nós. Não demore mais que o necessário – alertou Jayden.

– Posso atirar nas médicas? – perguntou Xochi, correndo as pistolas de um lado a outro na fileira de mulheres.

Jayden atirou para dentro do corredor.

– Chegaram. Falei para ir rápido. Estamos encurralados.

– Detenha-os, Samm! – ordenou a Dra. Morgan, mas Samm resistiu, o corpo tenso, o rosto paralisado por algum esforço intenso e invisível.

– Como chegou aqui? – perguntou Kira. Marcus terminou de soltar um braço e ela logo o usou para desamarrar o outro, enquanto Marcus passava para as pernas.

– Vimos você ser capturada – disse, lançando um olhar rancoroso a Samm. – Seguimos vocês, mas sem saber o que fazer. Foi quando outro grupo de Partial decidu atacar o hospital. Quando o grupo que fazia a segurança externa foi rendido, nós... aproveitamos e entramos pelos fundos.

– Ouvimos a conversa deles – disse Xochi. – Samm mentiu o tempo todo. A única coisa que a Companhia D faz são pesquisas malucas como esta, em humanos e Partial. O outro grupo segue algo que chamam de A Verdade.

– Nós seguimos A Verdade – disse uma das médicas. Kira fuzilou a Dra. Morgan com o olhar, mas a mulher continuava impassível e calada, a expressão fria.

Com a ajuda de Marcus, Kira estava livre e antes de sentar-se cobriu-se com o lençol. Jayden atirou de novo no corredor.

– Tem algum plano para sair daqui? – perguntou Kira.

– Para ser honesto, ainda nem acredito que chegamos tão longe – disse Marcus. – Você está bem? – Ele notou os ombros desnudos de Kira e contraiu a expressão. – Você está...

– Estou – respondeu Kira, procurando a roupa ao redor. Na sala havia apenas uma bandeja com seringas e alguns pedaços da aranha quebrada. Ela apontou para uma das médicas. – Você, me dê seu avental.

– Estão se aproximando! – gritou Jayden.

A médica não se alterou, mas um movimento intimidador da pistola de Xochi incentivou-a a tirar a roupa cirúrgica. A Dra. Morgan gritou de raiva.

– Maldição, Samm! Faça alguma coisa!

Samm alcançou a arma que Marcus deixara sobre a mesa enquanto soltava Kira. Ela praguejou contra o Partial e se afastou para o outro lado da mesa, mas o soldado simplesmente ficou parado, encarando o vazio.

– Samm – começou a Dra. Morgan, e sem que ninguém esperasse, ele levantou a arma e disparou, não contra Kira ou seus amigos, mas em Morgan. Ela desviou com uma agilidade impressionante e a tela da parede explodiu em fagulhas e estilhaços de vidro. Xochi também começou a atirar, mas a médica era veloz, várias rajadas destruíram as telas na parede e a cada uma delas, as outras mulheres gritavam e se jogavam ao chão. A Dra. Morgan dançava à frente das balas, avançando em direção à porta numa velocidade incrível. Samm saltou no meio da sala, disparou e não acertou, e da terceira vez ouviu o tradicional *click* de uma arma descarregada. Ele girou o fuzil, agarrando-o pelo cano e deu uma coronhada na parte

posterior do crânio de Morgan, quando ela dava um último mergulho em direção à porta. A médica tombou bruscamente e Xochi a alvejou na coxa.

– E não se levante!

– Ela é muito forte – disse Samm, agarrando um pente de munição do ombro de Marcus. – Me desculpe por demorar tanto para me rebelar. Há quantos lá fora? Ele encaixou um pente na arma, outro e mais outro, rápido e metodicamente.

Kira agachou-se, observando-o com espanto. *Está mesmo do nosso lado?* Jayden virou-se apreensivo, olhando-o de cima a baixo, mas em seguida voltou a atenção à porta aberta.

– Apenas quatro, no final do corredor – disse Jayden. – O destacamento principal do exército deles está ocupado com os Partial inimigos.

Samm verificou se a arma estava destravada.

– Dê cobertura.

Jayden disparou no corredor e Samm mergulhou no chão, passando por ele como um raio, rolando até a parede do outro lado, e em seguida correndo em disparada na direção da posição inimiga. Jayden parou de atirar e os Partial apontaram a cabeça no final do corredor, bem a tempo de Samm chegar atirando.

Kira vestiu o avental médico, trespassando-o pelas costas e amarrando-o bem apertado na cintura com um par de gravatas. Por precaução, pegou a máscara e a touca, e por último os sapatos.

Samm retornou com o rosto e os ombros sangrando.

– O corredor está limpo. Acho que conseguiremos chegar até os jipes, mas tem que ser agora.

– Estou ficando cansada de confiar nesse cara – disse Xochi.

– Ele vem com a gente – falou Kira. *Preciso falar sobre algo que eu não posso falar com mais ninguém.* Ela o olhou com vagar, perguntando-se qual o sentido de tudo aquilo: se era uma Partial, se era uma agente, se era tudo que eles pensavam dela.

– Temos que ir – gritou Marcus.

– Só um segundo – disse Kira. Antes de partir, ela pegou a última seringa da bandeja: uma amostra do feromônio Partial.

A cura do RM.

Capítulo Trinta e Quatro

O único que sabia dirigir era Samm. Marcus examinava as feridas de Kira no banco traseiro. Parecia que os Partialts haviam feito muito mais do que lhe dado algumas picadas, tirado sangue e a preparado para uma cirurgia que não aconteceu. A queimadura na perna estava quase totalmente cicatrizada, mas a visão da sua própria canela, quase sem cicatrizes, lhe pareceu inesperadamente estranha e de outro mundo; um sinal não de que o Regenera havia trabalhado melhor que o normal, mas que seu corpo cicatrizava muito mais eficientemente do que o padrão humano. Igual a Samm.

Kira notou que Samm a olhava pelo retrovisor. Seus olhares se encontraram por um momento, em silêncio. Eles não haviam comentado nada com os outros.

Sou mesmo uma Partial? Como eu poderia não saber? Os Partialts recuperam a saúde rapidamente, mas este é o meu primeiro ferimento grave, por isso nunca tive a chance de observar as minhas próprias habilidades de recuperação. Também nunca estive doente. Será que isso quer dizer algo? Vasculhou a mente por mais informações sobre eles. São estéreis, e isso nunca foi questionado. Partialts são rápidos, fortes e ágeis, mas serão apenas os soldados? Lembrou-se da Dra. Morgan gritando freneticamente sobre projetos secretos e algum tipo de guerra entre facções. Se não sou um soldado, o que sou? Por que existem tantos grupos e o que querem? E por que algum deles plantaria uma agente Partial entre um grupo humano de refugiados?

– Está calada – disse Marcus.

– Desculpe. Tenho muito em que pensar.

Desta vez foi Marcus quem olhou para Samm, analisando-o em silêncio, ponderando. Voltou o olhar para Kira e sua perna.

– Sua recuperação foi excelente. Tem certeza de que eles não... fizeram mais nada?

Kira sentiu-se encurralada. Embora as janelas estivessem abaixadas e o vento viesse em rajadas, sentiu-se claustrofóbica no fundo do carro.

– O que quer dizer?

Xochi levantou a sobancelha.

– Encontramos você nua, amarrada a uma mesa. O que acha que ele quis dizer?

– Claro que não – disse Kira rapidamente.

– Você disse que eles te sedaram. Como pode saber que não fizeram alguma coisa enquanto estava...

– Não aconteceu nada – disse Samm. Seu maxilar estava contraído, os olhos,

frios. – Não saí de perto dela nem por um segundo. Não fizeram nada para machucá-la.

– Mas estavam se preparando para isso – retrucou Marcus. – E você não fez muita coisa para evitar, até a gente aparecer.

– Fiz tudo que pude!

– Parem de brigar – disse Kira. – A culpa é do *link*. Samm não conseguia desobedecer.

– A presença dele aqui não me agrada nem um pouco – comentou Jayden, sentado ao seu lado, na frente do jipe, observando a paisagem em ruínas, com a arma preparada para entrar em ação.

– Eu os ajudei desta vez. Ajudei-os a fugir. O que mais esperam de mim? – perguntou Samm.

– Vamos manter a calma, pessoal – disse Kira. – Tenho certeza de que há coisas mais importantes com que nos preocuparmos no momento.

– Mais importante do que decidir se confiamos num soldado inimigo nos guiando sabe-se lá para aonde? – perguntou Xochi.

– Estou indo para o leste. Para fora das zonas controladas.

– E para dentro das zonas incontroláveis. Me parece seguro – ironizou Marcus.

– Nosso povo não é igual ao de vocês. Não temos a *Voz*, nem bandidos, ou outro tipo de inconformados. Aqui só há a separação entre facções do exército. Se não encontrarmos a facção rival, não corremos perigo. Toda a região à oeste está cheia de pessoas no nosso encalço. Por isso vamos na direção contrária até termos certeza de que eles ficaram para trás. Depois nós... Eu não sei o que faremos depois. Nos esconderemos.

– Encontraremos um barco e voltaremos para East Meadow – disse Kira, para a surpresa de Marcus.

– Fala sério? Depois de tudo o que fizemos antes de partir? – Ele balançou a cabeça. – Seremos mortos.

– Não quando descobrirem o que estou levando comigo. Kira espiou a seringa em seu colo e Marcus seguiu seu olhar. Ele franziu o cenho, então olhou surpreso para ela.

– Não está querendo dizer que...

Kira assentiu com a cabeça.

– Tenho noventa e nove por cento de certeza.

– Do quê?

– De que encontrei a cura para o RM – respondeu Kira. Jayden virou-se para trás e mesmo Samm perdeu o controle do carro por alguns segundos, mas logo o recuperou, esterçando e voltando para o caminho. Kira levantou a seringa. – Quando estudei Samm no laboratório, encontrei uma partícula na sua respiração semelhante

ao vírus RM, embora não seja um vírus. Agora descobri de que se trata de um feromônio que os Partial não usam para nada. Tudo o que ele faz, a sua única função, é unir-se com o RM e neutralizá-lo. As partículas de RM que eu vi no sangue do recém-nascido, e que chamei de Predador, são mesmo uma forma inativa do RM, criadas por meio da interação com o feromônio. Marcus franziu a testa.

– Quer dizer que os bebês morrem porque não temos nenhum Partial por perto?

– Exatamente. Mas se conseguirmos lançar isto no sistema deles, assim que nascerem, ou até antes do nascimento, por meio de uma injeção intrauterina, resistirão ao vírus e estarão salvos. – Ela apertou a seringa. – Madison estava para dar à luz quando partimos e Arwen talvez já esteja morrendo. Mas podemos salvá-la.

Marcus balançou a cabeça e Kira podia ver as engrenagens funcionando lá dentro, analisando todas as informações, como tão bem ele sabia fazer. Após um momento, levantou o olhar.

– O que disse pode ser verdade. Baseado no que acompanhei do seu trabalho, que não foi muita coisa, me parece... possível. Está mesmo disposta a arriscar a sua vida nisso?

– Está disposto a arriscar nossa espécie contra isso?

Marcus ficou cabisbaixo. Xochi trocou olhares com Kira, em silêncio.

As árvores ficaram para trás, a estrada elevou-se numa ponte que cortava uma enseada.

– Encontraremos barcos lá embaixo – disse Jayden, para a reprovação de Samm.

– Precisamos seguir adiante. Despacharão alguém atrás de nós assim que terminarem com o grupo rival. Se bem os conheço, os dois grupos Partial virão em nossa captura. É preciso abrir distância antes que se organizem para nos perseguir.

– Precisamos é descer deste carro – disse Jayden. – Abra alguma distância, sim, mas depois vamos esconder esta coisa e não olhar para trás. É barulhento demais. Serão capazes de nos ouvir do outro lado do continente.

– Ela ainda pode nos encontrar – disse Samm.

– Quem? – perguntou Marcus, levantando o olhar.

– Heron. Operação Especial. Mesmo que tenhamos cuidado, ela nos encontrará.

O carro apresentou um bom desempenho – não tão veloz, porque as estradas eram esburacadas e traiçoeiras, no entanto mais rápido do que se tivessem seguido a pé. Do outro lado da ponte, caíram numa rodovia principal, e, pelo que tinham observado, não estavam sendo seguidos. Vários quilômetros adiante, a estrada fazia uma curva acentuada para o norte. Decidiram sair dela e dirigir para o sul, cortando por um subúrbio arborizado. As ruas eram estreitas e sinuosas, num ziguezague de contorno imprevisível. Logo desistiram do carro, abandonando-o numa rua lateral, quase totalmente tomada pelo mato. Kira parou numa casa para procurar roupa, mas

o lugar era úmido demais e tudo lá dentro estava podre e imprestável.

Samm podia sentir o cheiro do mar, mas nenhum dos humanos podia. Kira jurava que ela também sentia uma pitada de sal no ar. Ela não contou a ninguém. Cortaram por um caminho ao sul e a oeste, serpenteando com cuidado entre bairros cada vez mais espalhados, onde a natureza havia reclamado o que era seu.

O mato crescia não apenas em volta das casas, mas dentro delas. Era tanto kudzu, mofo e umidade que elas estavam partidas ao meio; os telhados vergados para dentro e as paredes abauladas, sem arrimo. As flores germinavam das varandas, ervas daninhas brotavam de móveis na penumbra de uma ou outra janela estilhaçada. Quando chegaram ao porto, Kira respirou aliviada, como se tivesse saído de uma caverna abafada.

– Estamos do lado errado – apontou Marcus. – Casas deste lado, ancoradouro do outro.

– Ao sul as casas parecem maiores – disse Jayden. – Uma delas pode ter um ancoradouro. – Margearam à beira-mar, metade do grupo procurando um barco e a outra metade dando cobertura. Kira conhecia as habilidades de Heron, perderia para ela em poucos segundos. Não gostaria de enfrentá-la novamente.

– Ali! – gritou Xochi e todos correram. Um deque branco e comprido se estendia para dentro da água, açoitado pelas intempéries, um pedaço de madeira boiando à deriva. Na ponta, uma lancha grande e aprumada, com o toldo em frangalhos. Jayden pulou para dentro, procurando a chave nos compartimentos do painel, enquanto Samm procurava mais combustível nas embarcações ao redor. Nenhum dos dois encontrou o que procurava e o grupo teve que correr até a próxima casa à beira-mar. Nela havia um pequeno veleiro. Embora nenhum deles soubesse velejar, a embarcação era motorizada e as chaves estavam na ignição. O motor funcionou na sétima tentativa. Samm encontrou latas de gasolina, mas estavam vazias.

– Vocês vão precisar de mais combustível. Estamos muito mais ao leste do que quando viemos. O mar aqui é duas ou três vezes maior.

Ele levou as latas na direção da casa, pronto para retirar o combustível dos carros, mas Kira o deteve no caminho.

– Como assim, *vocês*? Não vem conosco? – perguntou Kira.

Samm meneou a cabeça e olhou ao redor, evitando o olhar de Kira.

– Seu povo vai me matar.

– Os Partials também vão te matar. Você é um traidor agora. Pelo menos, com a gente você terá... alguma coisa... amigos, sei lá! Podemos nos ajudar.

– Você é uma terrorista procurada. Eu iria te ajudar muito – disse, irônico.

Samm voltou a andar em direção à casa. Kira olhou para os outros.

– Vou ajudá-lo com a gasolina.

Marcus fechou a cara e desviou o olhar para o mar.

Samm e Kira subiram com dificuldade um pequeno morro até a casa, que na verdade era um tipo de *resort*. O estacionamento estava lotado de carros, num deles havia até um esqueleto. Samm se enfiou embaixo dos carros, furando os tanques com uma faca, deixando o combustível pastoso e estragado pingar dentro da lata. Kira queria conservar, queria perguntar-lhe quem ela era – precisava dizer em voz alta “*Sou uma Partial*”, mas não tinha coragem. Andava inutilmente de um lado a outro, dizendo palavras desconexas, com tanto medo de falar que mal conseguia pensar. Por fim, desistiu, e o velho hábito tomou conta dela. Começou a vasculhar nos carros à procura de qualquer coisa que pudesse resgatar. A maioria dos carros estava abarrotada de bagagem – será que fugiam do vírus? Do país? As malas fechadas com zelo apresentavam roupas em condições muito melhores do que os trapos que encontrara antes. Havia roupas íntimas limpas, jeans rasgados e um monte de blusas e meias que ela carregou consigo por precaução.

– E aí? – disse Samm, sentado no chão em meio às latas com gasolina.

Kira parou, segurando as roupas.

– E aí?

Kira olhou para ele, seu rosto, seus olhos. Sentia-se tão próxima. Seria o *link*? Talvez a intensidade da sua conexão fosse menor, mas era isso que vinha sentindo desde o início. Balançou a cabeça, perdida entre emoções conflitantes. Será que a conexão entre eles era real ou não passava de algum tipo de subterfúgio biológico Partial?

Se fosse apenas resultado do *link*, tornaria menos real o que sentia? E se podia conectar-se tão profundamente com alguém, fazia alguma diferença como isso acontecia?

– Você não sabia mesmo? – Samm semicerrou os olhos ao encará-la na luz pálida do fim de tarde. – Realmente pensava ser... – Ele ficou sem palavras e Kira agradeceu por ter sido assim.

– Eu não sabia. E ainda não estou convencida.

– Definitivamente você não é como eu, mas também não é como eles – disse Samm, apontando para seus amigos com a cabeça. – Mesmo você não podendo se conectar, sinto como se fosse possível. Parece que existe alguma coisa entre nós... não sei o quê. Não sei o que você é.

Kira abriu a boca para responder, mas ela também não possuía a resposta.

– Sou Kira Walker – disse, por fim. – O que mais precisa saber?

Samm não respondeu, apenas recolheu as latas.

– Você poder vir com a gente. Podemos escondê-lo em algum lugar, nas fazendas ou em alguma pequena comunidade. Estará seguro.

Samm olhou dentro de seus olhos escuros e profundos.

– É isso mesmo o que você quer? Um esconderijo e segurança?

Kira suspirou.

– Neste momento sei menos o que quero do que quem sou. Quero estar em segurança. Quero saber o que está acontecendo. – Sentiu-se mais resoluta. – Quero descobrir quem fez isso, e por quê?

– ParaGen – disse Samm. – Eles fabricaram os Partial e fabricaram você. E se a sua teoria sobre os feromônios estiver correta, o vírus RM também é obra deles.

Kira deu um sorriso maroto.

– Você sempre disse que os Partial não criaram o vírus.

Samm esboçou um sorriso com o canto dos lábios.

– Desde quando você passou a acreditar em mim?

Kira abaixou o olhar, chutando uma pedra com a ponta do sapato.

– Disse o que quero. – Ela olhou para ele. – Agora é a sua vez.

– O que eu quero? – perguntou Samm, refletindo sobre a pergunta com sua solenidade habitual. – O mesmo que você, acho. Quero saber o que está acontecendo e por quê. E quero mudar as coisas. Depois de tudo que aconteceu, estou mais convencido do que nunca que a paz...

– É impossível?

– Ia dizer que é a nossa única chance.

Kira deu um sorriso breve.

– Você tem mesmo talento para dizer exatamente o que eu quero ouvir.

– Aprenda o que puder – disse Samm. – E eu farei o mesmo. Se nos encontrarmos novamente, vamos compartilhar.

– Compartilhar o que aprendemos?

– Isso.

Permaneceram ali mais alguns instantes, entreolhando-se, guardando o outro na memória. Naquele momento, Kira pensou até que sentia o *link* unindo-os como um fio invisível. Desceram carregando as roupas e as latas. Samm ajeitou-as pesadamente no veleiro.

– Com essa gasolina devem conseguir atravessar – disse –, supondo que o motor aguento.

Jayden deu a partida e o veleiro entrou em funcionamento com um ronco. Ele apertou a mão de Samm.

– Obrigado pela ajuda. E me desculpe pelo jeito que tratei você.

– Não há do que se desculpar, mas obrigado.

Xochi e Marcus também apertaram a mão dele, embora este não o tenha olhado nos olhos. Kira embarcou e ofereceu aos amigos as blusas e as meias. Marcus foi o último a entrar, desamarrando a embarcação.

– Para onde você vai? – perguntou.

– Pensei em me esconder, mas agora é tarde demais – respondeu Samm. Ele olhou

de relance para as árvores atrás deles. – Heron está bem ali. – Kira e seus amigos se agitaram, procurando as armas, mas Samm mostrou-se indiferente. – Ela não atacou, então não sei qual o seu jogo.

– Tem certeza de que vai ficar bem? – perguntou Kira.

– Se ela quisesse me matar, já teria feito isso.

Jayden acelerou e o veleiro se afastou do porto.

Kira ficou olhando para Samm enquanto ele se afastava e desaparecia da visão.

Capítulo Trinta e Cinco

O motor pifou muito antes do que na vinda e apesar da gasolina extra, remaram a maior parte da travessia. A corrente os arrastou para o leste e eles avistaram a ilha bem antes de conseguirem levar o veleiro para a costa e ancorar. Como a noite já havia caído, eles se abrigaram numa antiga casa de veraneio e dormiram algumas horas antes de seguir viagem. À primeira luz da manhã, Kira vasculhou a casa por comida, mas só encontrou latas intumescidas e comida rançosa na despensa. Deixaram-nas de lado e foram atrás de um mapa. Por fim, encontraram um atlas próximo a uma estante em pedaços. Não havia uma seção detalhada sobre Long Island, apenas um mapa grande e geral de Nova York, mesmo assim era melhor do que nada – Kira reconheceu alguns nomes, o suficiente para saber aonde estavam indo, e torceu para que as placas os ajudassem na localização.

Distribuíram entre si as armas que restaram – um fuzil, uma espingarda e duas pistolas – e viajaram em silêncio, atentos a qualquer sinal da *Voz* ou das patrulhas da Rede da Defesa. Kira embalou a seringa cuidadosamente, enrolando-a em algumas blusas e prendendo-a ao redor da cintura. Ela rezou em silêncio para que chegasse a tempo de salvar Arwen, espreitando as sombras para evitar o perigo.

Após cerca de uma hora de caminhada, Kira começou a reconhecer o terreno – em grande parte da ilha o cenário era parecido, casas em ruínas cobertas por kudzu e rodeadas de árvores, mas algo naquela rua lhe era familiar. Talvez a maneira como fazia a curva, ou se elevava ou descia; ela não sabia ao certo o quê. Após alguns instantes, Kira parou de esquadrinhar a estrada e franziu o cenho.

– Já passamos por aqui.

– Ainda nem mudamos de estrada, como poderíamos já ter passado por aqui? – perguntou Jayden.

– Não esta manhã – respondeu Kira. – Eu só... ali! – Ela apontou para uma casa fora da estrada. – Reconhece aquela casa?

Os outros olharam para o local e Marcus arregalou os olhos, surpreso.

– Não é o esconderijo daquele errante? O Tovar?

– Estou quase certa de que é – respondeu Kira. – Talvez tenha comida armazenada.

Ao se aproximarem, reconheceram o local – naquela noite chuvosa, haviam visto apenas a frente da casa, mas na manhã seguinte, ao saírem pelos fundos, puderam observá-la com mais detalhes e agora se lembraram do quintal. Kira mexeu nas portas, tentando recordar-se qual o velho errante havia deixado aberta, mas o estalo de um gatilho a fez parar.

– Não se mexa – disse a voz. Sem dúvida era ele. Kira tirou a mão da maçaneta e as levantou para mostrar que estavam vazias.

– Owen Tovar – disse Kira. Os outros aguardavam em silêncio, as armas levantadas, procurando de onde saía a voz. O andarilho era bom em se manter escondido. – Sou eu, Kira Walker. Lembra-se de nós?

– Os quatro criminosos mais procurados de Long Island? – perguntou. – Claro. Com certeza nos lembramos de vocês.

Nós, pensou Kira. Quem mais está lá dentro?

– Os mais procurados, hum? – perguntou Marcus. – Minha mãe sempre disse que um dia eu seria famoso. Pelo menos, era o que eu entendia.

– Vou pedir para que larguem as armas agora. Bem devagar, ao lado dos pés.

– Pensei que fôssemos amigos – disse Kira. – Precisamos de comida. Não estamos aqui para roubá-lo.

A voz de Tovar era seca e fria.

– É por isso que chegaram armados e tentaram abrir a porta antes de bater?

– Não queríamos acordar Dolly – disse Marcus. Houve um silêncio e então Tovar riu. Kira pensou que o som viesse de uma passagem de ar no topo da parede, mas não tinha certeza.

– Havia me esquecido do quanto gosto de vocês – ele disse. – Parece que não estão sendo seguidos, então abaixem as armas que deixo vocês entrarem para uma conversa.

Kira olhou para Jayden, que deu de ombros, abaixando a arma ao chão. Marcus e Xochi fizeram o mesmo, depois Kira. *Se estamos prestes a ser roubados...* pensou, balançando a cabeça. *Mas não temos nada, com certeza ele pode ver isso. A única coisa de valor é a seringa com a cura do RM, mas ele não pode vê-la.*

– Muito bem – disse Tovar. – Agora cumprimentem meus amigos. – Um arbusto farfalhou do lado esquerdo de Kira e ela se encolheu de susto, em seguida outro arbusto tremeu e mais outro. Uma janela que estava fechada com tapume foi aberta e para surpresa do grupo o quintal foi tomado por homens e mulheres em vários modelos de camuflagem e armaduras caseiras, todos armados.

– Calma – disse a mulher próxima à Kira, com uma voz que soou familiar. – Mantenham as mãos levantadas e se afastem das armas.

– Gianna – disse Kira, dando-se conta de quem se tratava. – Estava conosco da última vez que viemos aqui. Estava na missão de resgate que encontrou a bomba.

– Kira Walker – disse Gianna, sorrindo. Ao ver Jayden, ela azedou. – E o fascista da *geração babilândia*. Mantenha as mãos onde eu possa vê-las.

– Quem são vocês? – indagou Kira. – São... da *Voz*?

– Em carne e osso – confirmou Tovar, surgindo pela porta dos fundos com sua robusta espingarda na cintura. – O novo regime está nas ruas, capturando os

refugiados e os fugitivos. Não sei se foi sorte ou azar termos encontrado vocês primeiro.

– A *Voz* – repetiu Marcus, confuso. Ele riu. – Acho que é a coisa mais maluca que já ouvi na vida. E você, Gianna, já era da *Voz*?

– Antes não. Me engajei depois de ter sido presa ilegalmente.

– Mas na época já era simpatizante. Eu tinha razão de não confiar em você.

– Estão perseguindo até relógio de parede – ironizou Tovar. Fez um gesto indicando a porta. – Entrem, temos que ficar de tocaia. Se a Rede aparecer, não quero estar do lado de fora, acenando com as armas.

Eles entraram e os membros da *Voz* voltaram a se esconder. Gianna trancou a porta e recolheu as armas. O grupo seguiu Tovar pelo corredor. A casa permanecia do mesmo jeito, incluindo o lacônico camelo na sala de estar.

– Olá, Dolly. Há quanto tempo! – cumprimento-a Marcus.

Xochi ofereceu a mão a Tovar.

– Sou a única que você não conhece. Sou a Xochi.

– Xochi Kessler! – disse Tovar, ignorando a mão estendida e procurando comida na carroça. – Ou deveria dizer “a infame Xochi Kessler”. A coitadinha da tua mãe está morrendo de preocupação.

– Por mim ela pode ser enforcada.

– Ela iria preferir muito mais enforcar você – disse Tovar, oferecendo-lhe uma lata de ravióli. – Onde se meteu o maldito abridor de latas? – Voltou-se para a carroça. – Já mencionei que são criminosos procurados, não é? A cabeça de vocês está a prêmio, com cartaz na praça central e tudo. Achei! – Virou-se de costas e apontou para Kira com um abridor de latas com cabo de borracha. – Ela é a grande traidora. A amante do Partial. A líder. Estes dois são os otários que a seguiram. – Ele apontou para Xochi. – A filha ingrata: o símbolo de como qualquer um pode acreditar que a *Voz* mente e tornar-se um traidor. – Entregou o abridor a ela. – Vou procurar colheres.

– Quem está no comando? E o que aconteceu depois que partimos? – perguntou Kira.

– Depois de terem lançado a ilha no caos, você quer dizer? – rebateu Tovar, entregando-lhe um conjunto de talheres desemparelhados.

– O que tanto falaram de nós? – Kira quis saber.

– Que são aliados da *Voz*, que por sua vez é aliada dos Partials. Que você explodiu o hospital e libertou um agente Partial, e que agora está escondida longe de East Meadow ou fugiu para o continente, onde vai colaborar com a invasão Partial. Até onde devo acreditar?

Kira mediu bem as palavras antes de falar.

– Depende de como se sente em relação aos Partials.

Tovar sentou-se no sofá, de frente para Kira, analisando-a.

– Tirando o fato de terem matado todos que eu conhecia, nunca fizeram parte da minha vida. Mas considere que minha opinião “em geral é tacanha”. Isto posto, imagino que se quisessem nos ver mortos, já estaríamos mortos. Caso tenha outra visão, sou todo ouvidos.

– Você se considera um homem de mente aberta, Sr. Tovar?

– Gosto de pensar que sim.

– Pois terá que abri-la muito mais para engolir o que vou contar – disse Marcus. – Primeiro: os Partial não criaram o vírus RM.

– E o objetivo deles não é nos destruir. Pelo menos nem todos pensam assim – emendou Kira. – De qualquer forma, não agora. O que nos leva para o segundo ponto: sim, nos aliamos com um Partial. O libertamos e o tiramos da ilha, depois ele nos ajudou a voltar para cá.

– Mãe misericordiosa – murmurou Tovar. – E isso causou o motim?

– Não, o contrário – disse Kira, constrangida. – Começamos o levante para conseguir tirá-lo do hospital.

Tovar assobiou.

– Vocês não brincam em serviço.

– Não.

– Isso é tudo? – ele perguntou.

– Por enquanto – respondeu Jayden. – Agora é a sua vez.

– Por onde começo? – refletiu Tovar. – Duas noites atrás vocês espalharam os boatos, deram início às manifestações e fugiram quando a situação estava começando a ficar interessante. O coliseu foi queimado, embora não totalmente, a sede do Senado também foi incendiada, com mais de um punhado de senadores dentro.

Kira empalideceu, pensando em Isolde. *Pensamos que lá seria um local seguro. Ela morreu lá dentro?*

– E o hospital?

– O hospital não foi incendiado, mas as casas ao seu redor não tiveram a mesma sorte. Por outro lado, foi lá que aconteceram os maiores distúrbios daquela noite, e o número de vítimas foi alto.

– As mães estão bem? Quantas pessoas morreram?

– Ninguém atacou a maternidade – disse Tovar. – E temo não saber exatamente o número de mortes, provavelmente menos do que o Senado está anunciando, mas maior do que você está imaginando.

– Em quantos o Senado fala? – perguntou Kira.

– Duzentas pessoas – disse Tovar, a voz inflexível. – Um preço alto para a vida de um Partial.

Valeu a pena, jurou Kira, embora partisse-lhe o coração pensar naquilo. *Duzentas pessoas*. Kira ainda não estava convencida de que podia confiar em Tovar a ponto de lhe contar por que chegaram àquele extremo. Afinal, ainda eram seus prisioneiros. Ele não havia oferecido nada além de algumas informações nem feito nenhuma promessa.

– Quais senadores sobreviveram? – perguntou Xochi. – Aparentemente minha mãe, e quem mais?

– Seria mais apropriado perguntar o que restou do *Senado* – corrigiu-a Tovar. – Os poucos senadores que sobreviveram declararam estado de emergência, baixaram a lei marcial e enviaram tropas da Rede para a zona rural. As eleições para substituir os que morreram foram adiadas até “ser alcançado um estado de paz e equilíbrio”, o que significa dizer “nunca”. Trata-se de totalitarismo em todos os aspectos, menos no nome.

– Sim – concordou Kira. – Mas de quais senadores estamos falando?

– Ah, você sabe quem – respondeu Tovar, encolhendo os ombros. – Os verdadeiros senadores da linha-dura, como Kessler e Delarosa. Hobb é uma raposa, então continua lá, e o outro senador que integra a Rede, Weist. Foi assim que conseguiram que o exército agisse tão rapidamente.

– Os mesmos que estão envolvidos desde o início – disse Kira. Sua pele esfriou, e ela amparou-se em Xochi. – Eles planejaram tudo: Samm, a explosão e mesmo o motim. Esse não é um governo provisório, para contornar um suposto desastre nacional. Isso era um golpe calculado.

– Não poderiam ter planejado sobre Samm – disse Marcus. – Eles não faziam ideia de que vocês iriam capturá-lo.

– Quem é Samm? – perguntou Tovar.

– O Partial. Eles não precisaram planejar sua captura, apenas o que fazer com ele depois – disse Kira. – É provável que estivessem planejando alguma manobra para agarrar o poder, e quando chegamos com Samm, isso deu a eles a oportunidade que esperavam.

– Ficarão no comando apenas até a cidade se restabelecer – disse Jayden. – E isso graças à revolta que *nós* causamos. O que mais eles poderiam fazer?

– Acredita mesmo no que está dizendo? – perguntou Xochi.

– A resposta deles veio rápida demais – protestou Kira, sentindo a revolta crescer dentro dela. Esse era agora um sentimento tão familiar, que facilmente vinha à tona. – Teriam que ter um plano já pronto para lidar exatamente com o tipo de situação que os obrigamos a enfrentar: começamos o motim, e eles pularam para o plano F, cercando a ilha toda. Mesmo quando pensamos que conseguiríamos detê-los, já estavam prontos para nós.

– Estão tentando salvar a nossa espécie – disse Jayden. – Sim, estão sendo

radicais quanto a isso, mas talvez seja a única forma de conseguir: um pulso firme sobre a ilha, com uma única forma de pensar, e o exército para colocá-la em prática.

– Não se esqueça de onde você está – disse Tovar.

– Não gosto do cheiro disso tanto quanto você – defendeu-se Jayden. – Mas eles não sabem a... – Ele parou, olhando para Kira. Então recomeçou. – Essa é a única maneira que conhecem para nos salvar do RM: levar a Lei da Esperança ao extremo e nos reunir feito gado até que alguém nasça imune.

– Delarosa era uma zoóloga – disse Kira suavemente, pensando em todos os seus amigos ainda presos dentro dos limites da cidade.

Tovar bufou.

– Jura?

Kira assentiu com a cabeça.

– Salvava espécies ameaçadas de extinção. Para ela somos outra manada de raros rinocerontes brancos. – Kira engoliu a raiva e respirou fundo. – Sr. Tovar, precisamos voltar para East Meadow – disse, olhando-o nos olhos.

– Isso é loucura.

– Loucura ou não, é o que precisamos fazer. E você vai nos levar até lá.

– Agora é loucura e estupidez – disse Tovar. – Em três dias, quando reunirmos todos os nossos homens, vamos lançar a maior ofensiva de todos os tempos. É como disse o seu amigo, quando a espécie inteira está em perigo, as pessoas estão dispostas a chegar aos extremos. Vamos derrubar o governo e você não vai querer estar por perto quando isso acontecer.

– Três dias? – A cabeça de Kira estava a mil. – Pode ser o que nós precisamos. Se conseguir nos colocar dentro da cidade, talvez a guerra não seja necessária.

Tovar franziu o cenho.

– Não sou um assassino, Kira, se é o que está pensando.

– Claro que não é.

– E também não sou um mártir. Levar você ou qualquer outra pessoa para East Meadow seria extremamente arriscado. Se eu tiver que morrer, vai ser por um motivo muito bom.

– Se o problema é ter um bom motivo – disse Kira, mostrando a seringa. – Que tal a cura do RM?

Tovar ficou olhando para a seringa, depois riu alto.

– E espera que eu acredite nisso?

– Você acreditou em todas as maluquices negativas que falaram de nós, por que não acreditar numa maluquice positiva? – perguntou Xochi.

– Por que coisas ruins e loucas fazem parte da minha realidade – respondeu Tovar. – A cura para o RM está na esfera dos duendes mágicos e cachorros falantes que mijam *whisky*. Impossível.

– É verdade – disse Marcus, olhando para Kira. – Estamos dispostos a dar nossa vida por isso.

– Vejo que sim. E o que podemos fazer? Entramos na cidade, com a seringa levantada no ar e esperamos os duendes mágicos colocarem tudo nos eixos de novo?

– Se aprendi alguma coisa com os senadores – disse Kira –, foi que o poder vem do povo. A única razão pela qual eles estão no comando é porque as pessoas deram a eles esse direito.

– E também porque eles têm armas – completou Marcus.

– Eles não têm armas, tem a submissão daqueles que as têm – disse Xochi.

– Exatamente – disse Kira. – Se acabarmos com isso, poderemos libertar todos na cidade e na ilha inteira. Se mostrarmos a eles um bebê humano sobrevivente, a prova mais pura e simples de que a nossa descoberta funciona, e não a Lei da Esperança, o povo irá se rebelar tão rapidamente que você ficará com vertigem. Podemos restaurar a liberdade e unir a ilha, sem disparar um único tiro.

– Digamos que a cura funcione e que a gente possa mostrar isso a eles, mostrar um bebê humano sobrevivente, como você disse. – A voz de Tovar fraquejou e Kira pode perceber a sua emoção ao dizer aquelas palavras. – Vocês já fizeram uma aliança com os Partials, cruzaram o mar e os encontraram pessoalmente. Será que as pessoas não vão pensar que isso é algum tipo de truque Partial? Um bebê Partial ou algum tipo de fantasma de laboratório, ou sei lá o quê?!

– A mãe deve ser alguém de East Meadow – disse Marcus. – Alguém que as pessoas reconheçam como sua semelhante. – Ele olhou para Jayden. – A irmã dele está perto de dar à luz, ou talvez já tenha dado.

– Não basta apenas aparecer com um bebê. Temos que tirar Madison do hospital. Embaixo das barbas dos soldados da Rede – explicou Kira.

Tovar olhou para ela.

– Tenho a clara impressão de que nada é simples quando você está envolvida.

– Bem vindo à minha vida. Quantos soldados você têm?

– Dez.

Kira levantou a sobrancelha.

– Vi muito mais que dez apenas no quintal.

Tovar endureceu a voz.

– Você está me perguntando sobre soldados ou civis armados, com mais raça do que treinamento?

– Ponto para você – respondeu Kira.

Tovar analisava cada um do grupo à medida que pensava.

– Talvez, talvez... – balbuciou. – Talvez a gente tenha um jeito de conseguir colocar você lá dentro. Tem certeza do que está falando?

Kira riu.

– Você não ouviu? Sou a criminosa mais procurada em toda a ilha. Acho que está na hora de fazer jus a minha fama.

– Com os diabos, *yes!* – comemorou Xochi.

Tovar ainda não estava convencido e sua expressão era tensa. Por fim, abriu um sorriso.

– Quando você fala assim, posso até jurar que vi um cachorro falando na semana passada. Mas não bebi da sua urina, claro. – Tovar levantou-se. – Ainda estamos na metade da manhã e o tempo está a nosso favor. Se começarmos agora, podemos ver você derrotada e sob a custódia da polícia antes do jantar. Mas tenho alguns truques escondidos na manga. Vou reunir as tropas.

Capítulo Trinta e Seis

Um dos truques de Tovar eram os uniformes: dezenas deles, todos da Rede de Defesa, roubados quando a *Voz* saqueou o depósito da antiga escola de East Meadow.

– Roubamos uma montanha de munição e ração – disse Tovar, matreiro. – Fizemos isso para pensarem que estávamos atrás de suprimentos, mas este foi o verdadeiro prêmio. Cada um deles vale mais que mil balas, se você souber usá-los.

Kira colocou um dos uniformes por cima da roupa.

Um grupo variado de líderes da *Voz* se espremia na pequena sala abarrotada. Kira observava os rebeldes discutirem debruçados sobre mapas improvisados da ilha. Eram eficientes e determinados o bastante, mas ela pôde perceber que ali as coisas não transcorriam tão facilmente quanto na Rede. Mesmo para algo simples como uma missão de resgate, a Rede era mais organizada – uma pessoa expunha o plano, enquanto as outras ouviam com atenção. A *Voz* era muito diferente.

– Este é Farad – disse Tovar, apontando para um homem sério, de cabelos vermelhos como fogo. – Os uniformes vão ajudar, mas ele é o nosso trunfo: um soldado da Rede que acabou de abraçar a causa, e que, esperamos, ninguém por lá ainda notou a falta.

Farad percorreu a sala com os olhos, visivelmente desconfortável por estar cercado de pessoas que até pouco tempo eram seus inimigos.

– Eu quis continuar na Rede depois do motim e das novas leis... Mas eles passaram dos limites – explicou com uma voz branda.

– Farad era motorista – prosseguiu Tovar. – E, para nossa sorte, roubamos um jipe de uma das patrulhas. – Ele se voltou para Kira. – Provavelmente um dos que perseguiam vocês depois do motim. Está em bom estado e tem uma cobertura traseira com o logotipo oficial da Rede. Farad sabe as senhas para passar pela fronteira.

– Ele sabia as senhas – corrigiu um homem grande, próximo à parede. Ele era velho, de cabelo grisalho e barba, mas os braços eram uma massa de músculos. – Se forem espertos, já trocaram as senhas.

– Não sabem que sou um desertor – disse Farad. Sua voz era fraca. – Quero dizer, acho que ainda não sabem. Não tão rápido.

– Para eles você está numa patrulha – disse Gianna. – Mas se ao passar pela fronteira algum soldado descobrir que você não deveria estar ali, nem todas as senhas do mundo irão te ajudar.

– Mesmo uniformizados, serão reconhecidos – disse Jayden. – Todos no hospital

conhecem Marcus e Kira.

– E são eles quem conhecem o hospital – observou Tovar. – Nenhum de nós sabe do local tanto quanto eles. Vamos ao plano: Farad atravessa vocês de carro pela fronteira; os membros mais notórios do bando ficam no banco de trás, com o olhar abaixado. É perigoso, mas se tomarem cuidado, vamos conseguir. Dirijam até o hospital, para a entrada de serviço, nos fundos, a que comentaram comigo.

– A mesma que usamos para escapar na noite do motim – disse Kira. – Tem uma rampa grande que desce até a porta e dificulta a visão. Os soldados em volta do prédio saberão que estamos ali, mas não vão conseguir ver quem entra ou sai do jipe.

Tovar balançou a cabeça.

– Avancem pelo subsolo até a maternidade e peguem a sua amiga. Essa vai ser a parte mais complicada.

– É para isso que vou – disse Gianna. – Depois que nos guiarem pelos corredores do fundo, posso entrar e sair da maternidade sem levantar suspeita. Ninguém me conhece e com este uniforme vou parecer uma autoridade.

– Comece a torcer – disse o homem barbado.

– Fala sério, Rowan. Acha mesmo que é hora para isso? Temos que discutir cada detalhe do plano? – perguntou Tovar.

– O que você chama de plano não passa de “boa sorte e tente não parecer suspeito” – retrucou o barbado. – Está mandando o grupo para o coração do território inimigo. Pensei que fosse apresentar algo mais viável.

– Eu nem quero que façam isso! – disse Tovar, lançando as mãos ao ar. – Estou tentando planejar um ataque de grandes proporções à cidade, e o que acabei de planejar foi o melhor que consegui pensar com o pouco de tempo e de recursos que temos no momento.

Rowan voltou-se para Gianna.

– Está disposta a arriscar a sua vida pelo “melhor que consegui pensar”?

– Estamos dispostos a arriscar nossas vidas por isto – disse Kira, mostrando a seringa. – Isto não é um conceito abstrato, é a verdadeira cura, uma injeção de verdade que irá salvar a vida de uma criança. Dá para imaginar? Uma criança que irá respirar e viver uma semana, um mês, um ano depois do outro. Uma criança que irá aprender a sorrir, gatinhar e falar. – Sua voz falhou. – Não pensaria duas vezes para morrer por isto.

A sala foi tomada pelo silêncio.

Rowan voltou à carga.

– Um bom motivo não justifica um plano arriscado.

– Meu plano vai funcionar – disse Tovar, com fervor. – Farad possui as senhas. E os nossos informantes na cidade nos passaram um relatório completo sobre a

segurança do hospital. Podemos colocá-los lá dentro e tirar Madison Sato de lá. A levaremos para uma fazenda ao leste, ela dará à luz e a criança vai sobreviver.

– Vou dividir a cura em três doses – explicou Kira. – Uma fica com Tovar, fora da cidade, para ser usada com Madison. A segunda vai com a gente, para o caso de Arwen já ter nascido. Dependendo do estágio da doença, aplicaremos a injeção lá mesmo.

Tovar apontou para Rowan.

– A terceira vai com você para o oeste, pode ser Flanders ou Riverhead, ou qualquer outro lugar onde a presença da Rede é menor – disse Tovar. – Vacine cada recém-nascido que encontrar. – Ele olhou para a seringa nas mãos de Kira. – A cura é importante demais para depender de uma única missão.

Kira assentiu, mas dentro dela, uma vozinha insistente não lhe dava sossego: *Eu possuo o feromônio? Se realmente sou uma Partial, posso curar o RM?* Ela quase não ousava levar as perguntas em consideração – não ousava ter tal esperança –, seria fácil demais, e nada até o momento tinha sido fácil. *Assim que tiver a oportunidade, assim que tiver os instrumentos certos, vou fazer um teste em mim mesma.*

Gianna sussurrou com reverência.

– Estamos depositando muita esperança nisso.

– Eu sei – disse Kira.

– Muito bem, a equipe será formada por Gianna, Farad, Kira e Marcus – resumiu Rowan.

– E nós. Madison é minha irmã – disse Jayden.

Xochi balançou a cabeça.

– E eu sou irmã de Kira.

Kira sentiu um peso na consciência, como se ela os estivesse traindo por livre e espontânea vontade. *O que fariam se descobrissem o que realmente sou?*

O carro morreu três quilômetros a noroeste de East Meadow. Gianna e Farad passaram quase uma hora embaixo do capô, praguejando, dando pancadas e tentando fazer com que ele voltasse a funcionar. Kira e Marcus sentaram-se no meio-fio e planejaram a rota dentro do hospital: por onde ir, como chegar lá, e quais frases do jargão médico ensinar a Gianna para ajudá-la a tirar Madison da vista das enfermeiras. Kira mantinha a seringa consigo, cuidadosamente embrulhada e presa à cintura. Sem perceber, sempre a tocava, certificando-se de que estava em segurança. Farad se aproximou desanimado e jogou um pedaço de metal lambuzado de óleo escuro no chão.

Marcus olhou para aquilo.

– Gasolina velha?

– Essa é a melhor gasolina que vi nos últimos tempos – respondeu Farad. – É o motor de arranque. Não está rachado, torto ou colado, está apenas... velho. Deixou-se cair ao lado dos outros na sarjeta. – Entre tudo que poderia ter dado errado, nunca imaginei que seria isso.

– Mas ainda pode nos levar, não pode? – perguntou Kira.

– Consigo passar, mas vocês dois são famosos. Sem o jipe para se esconderem, não vejo como poderia dar certo. E mesmo que eu conseguisse entrar na cidade, um cara voltando sozinho vai levantar muito mais suspeitas do que um esquadrão inteiro dentro de um veículo. Com quase toda certeza eu seria interrogado, e provavelmente detido, e, nos dois casos, jamais chegaria até a sua amiga a tempo. Não existiria a menor possibilidade de tirá-la de lá.

– Vamos pensar nas outras opções – sugeriu Jayden. – Não podemos simplesmente desistir, nem temos tempo de voltar.

– Podemos roubar outro jipe da Rede – disse Xochi.

– Eu quis dizer opções realistas – ralhou Jayden.

– Talvez usar um dos carros abandonados – disse Gianna, mas Farad meneou a cabeça em desaprovação.

– Reconhecerão a diferença entre um carro da frota e um resgatado – disse. – Se tivéssemos tempo e as ferramentas certas, talvez, mas temos que agir agora se quisermos evitar que Tovar lance um ataque frontal. Tovar não nos deu muito espaço de manobra.

– Vamos a pé – disse Kira. – Já fizemos isso tantas vezes. A fronteira é muito grande para patrulharem toda a sua extensão.

– East Meadow nunca esteve sob uma lei marcial – lembrou Gianna. – A *Voz* tem informantes na cidade e olheiros no perímetro da fronteira. A marcação está cerrada.

Kira olhou para o céu para estimar as horas – fim de tarde.

– Vamos tentar atravessar à noite. O seu rádio sintoniza as estações da Rede?

– Claro, assim como o deles pega a nossa – respondeu Gianna. – Qualquer informação importante estará codificada.

– Não conheço todos os códigos – disse Farad.

– Então, vamos fazer acontecer – disse Kira, levantando-se. – Vamos encontrar um ponto da fronteira que tenha menos guardas.

Partiram rumo ao sul por um caminho que uma placa danificada acabou identificando como Rua Walt Whitman. Passaram na frente de um shopping comprido de um lado da rua, e algumas horas depois por um parque, do outro lado. Viram um grupo de soldados da Rede investigando um prédio de escritórios alto e com os vidros quebrados, atrás de um amplo estacionamento. Os soldados os cumprimentaram com gritos e acenos, o barulho ecoando pelo terreno, e Farad acenou e gritou de volta. Os rapazes voltaram ao trabalho. Kira continuou andando

na mesma velocidade, até os soldados ficarem para trás, depois apressou os outros para que se distanciassem o máximo possível dos sentinelas da Rede. Encontraram mais patrulhas ao se aproximarem da borda leste da cidade, a segurança aumentando mais e mais, até finalmente se depararem com uma rua completamente bloqueada por carros – era mais do que o detrito de um tráfego de onze anos, aqueles carros haviam sido arrastados até ali e cercados com placas de madeira e metal.

Kira murmurou baixinho:

– A cidade está sitiada.

Capítulo Trinta e Sete

— **A**quela é a Avenida Gardiners – disse Jayden. – Estamos próximos. – Então fez uma pausa. – Qual será o tamanho dessa barreira?

– Construir um treco desses não faz o menor sentido, nem aqui nem na China – disse Gianna. – Talvez fosse mais fácil erguer um forte e vigiar a interseção.

– Tanto faz. Vamos conseguir atravessar em algum ponto. Não podem ter guardas em todos os lugares.

Os outros concordaram e seguiram pelos jardins descuidados de um bairro residencial, parando a meio quarteirão de um cruzamento. Kira espiou por um portão coberto de kudzu e viu que naquele ponto a barricada era menor – apenas fileiras de carros, sem o reforço de tapumes ou caixas. *Faltou tempo para terminar esta parte.* Porém, para contrabalançar, a rua não terminava numa fileira de casas, mas num conjunto de lojas com um espaçoso estacionamento – qualquer um que estivesse olhando de algum posto, a partir de uma das esquinas, teria mais tempo para vê-los correndo por aquele descampado.

– Amaldiçoo está ilha em ruínas e suas lojas – disse Kira. – Tudo está coberto pela vegetação, menos aquele estacionamento!

– A vegetação rasteira não é suficiente para nos esconder.

– Olhem ali para baixo – disse Gianna, apontando para o sul. – O próximo grupo de soldados está a pelo menos dois quarteirões e meio daqui. O espaço entre um posto e outro é grande. Teremos uma boa oportunidade quando anoitecer.

Kira olhou para os lados, medindo a distância.

– Mude a sintonia do rádio e veja se descobre qual frequência aquele posto ali está usando.

Gianna apertou o botão: *tic*, pausa, *tic*, pausa, *tic*, pausa. Buscava uma frequência que estivesse sendo usada. Sempre que ouvia vozes não apertava o botão, prestando atenção nos nomes das ruas. Quando ouviram um homem mencionar a Avenida Gardiners, Kira sentiu-se aliviada.

– É onde estamos – disse Kira, batendo os dedos numa parede. – Continue monitorando todos os três canais. Vamos ajustar um relógio, ficar na moita e aguardar o anoitecer. – Olhou novamente pela cerca, medindo a distância até cada posto. *À noite, se ficarmos abaixados, não terão como nos ver.*

A cada hora que passava, Kira sentia seu estômago mais embrulhado. *O que eu sou? Por que estou aqui, e quem me colocou nesse enrosco? Eu tenho o feromônio? Tenho algo pior?* Mil perguntas se embaralhavam na sua cabeça e ela

estava desesperada por respostas. Gostaria de esquecer, de pensar na tarefa que tinha à frente, mas isso era ainda pior. Em vez de sair correndo para o hospital, a única coisa que podia fazer era pensar em Madison e Arwen. Ela tocou na seringa presa à cintura e se convenceu a ter paciência.

Quando a noite caiu, Farad arrancou mais tábuas do portão e abriu um pequeno buraco através do kudzu. Colocaram os equipamentos nos ombros, amarrando-os bem e se posicionaram, determinados, numa pequena fileira: Farad, Xochi, Jayden, Gianna, Kira e Marcus. Kira respirou fundo agarrada ao fuzil.

– Não desligue o rádio – disse Kira. – Deixe-o mais baixo possível. Se a Rede nos vir atravessando, quero ficar sabendo.

Gianna deu um sorrisinho.

– Feito.

– Então, vamos – disse Kira. – Todos abaixados e em silêncio. Se formos descobertos, continuem correndo.

Farad balançou o corpo na ponta dos pés.

– Um, dois, três e...

Ele avançou rastejando, empurrando silenciosamente a cobertura de ervas rasteiras em direção à barreira de carros. Os outros vieram atrás, tentando não fazer barulho ao roçar contra o mato. Transcorreram alguns segundos de angustiante silêncio até que o rádio explodiu em gritos e chiados.

– Ali! Ali! Ao sul da Vinte e Três!

Uma bala passou de raspão pela mão de Kira, acertando o asfalto.

– Não precisamos mais nos esconder. Agora é correr! – disse Kira. Colocaram-se de pé e atravessaram a rua em disparada, saltando pelo cerco de carros. Kira apoiou a mão direita espalmada numa capota de metal, para pegar impulso, e teve os dedos queimados pelo calor de um dia inteiro de exposição ao sol. Mas ela logo saltou, passando por cima dos carros, tinindo os pés na lataria, antes de pular de volta ao chão. Pelo rádio vinham os gritos de alerta, e ela ouviu o ecoar distorcido de disparos – primeiro pelo rádio, depois bem ao seu lado. Farad já corria pelo estacionamento em direção ao beco entre as lojas quando Gianna tombou como uma pedra, sobre ela uma névoa espessa.

– Não! – gritou Kira, logo atrás. Ela tropeçou sobre o corpo de Gianna e caiu no asfalto esburacado. Tentou ajudá-la, mas Marcus levantou-a pelo braço, empurrando-a adiante.

– Não pare!

– Temos que ajudar.

– Ela está morta, não pare!

Kira se desvencilhou de Marcus e voltou, ouvindo o ricochetear das balas no asfalto, a uma distância não muito segura. Gianna estava de bruços, numa poça de

sangue.

– Me perdoe – sussurrou Kira, pegando o rádio. *Isto é importante demais para ser deixado para trás.*

Kira sentiu o corpo se contorcer num impacto, mas se manteve em pé e correu novamente em direção a Marcus e ao resto do grupo. *Levei um tiro?* Passava mentalmente em revista cada membro do corpo enquanto corria, tentando identificar onde estava o ferimento, mas não sentia nada. *Adrenalina demais*, respondeu a cientista dentro dela, estranhamente calma e racional. *Você irá sangrar até morrer sem ao menos sentir a bala.* Ela entrou no beco e continuou correndo. Marcus vinha atrás, praguejando feito louco.

– Está tentando se matar?

– Cale a boca e corra – disse Xochi, empurrando-os através de um portão quebrado, que pendia de uma dobradiça enferrujada. O terreno à frente era um quintal e o mato alto dificultava a travessia. Caminharam até a porta dos fundos, arrebitada. A casa estava detonada, a pintura descascando em lascas compridas de tinta – desabitada como quase todas as casas próximas aos limites da cidade. O grupo desabou no chão de uma sala de estar vazia. Jayden virou-se com o rifle para manter a porta sob sua mira.

– Levei um tiro – disse Kira, derrubando o rádio. Ela procurou sangue pelo corpo. Farad pegou rapidamente o rádio do chão, apertou o botão e gritou:

– Posto Vinte e Três, aqui é a patrulha Quarenta. Estamos no local, mas a *Voz* não passou pelas casas. Repito: eles não fugiram pelas casas. Estão vendo alguma coisa? Câmbio.

– Negativo, Quarenta – chiou o rádio. – Ainda procurando, câmbio.

– Entendido. Também vamos prosseguir com as buscas. Desligando, câmbio. – Desligou o rádio e jogou-o de volta a Kira. – Já que arriscou sua vida idiota por isto, é melhor usarmos.

– O que é Patrulha Quarenta? – perguntou Xochi.

– Estão posicionados no lado norte – respondeu Farad. – Usam um canal diferente de rádio. Isso talvez nos dê uns dez minutos até descobrirem. Agora temos que sair desta casa antes que uma patrulha de verdade nos fareje aqui.

Antes mesmo que ele terminasse de falar, ouviram vozes e passos no quintal. Jayden agarrou a arma e correu para a porta dos fundos, agachando-se atrás da parede inclinada.

– Somos da Rede de Defesa de Long Island – gritou Jayden, lançando um olhar aos outros e gesticulando para que pegassem as armas. – Abaixem as armas e se entreguem imediatamente.

Houve um momento de silêncio, que Jayden acompanhou com a cabeça levantada. Uma voz gritou de volta:

– São vocês, Patrulha Quarenta?

Jayden deu um sorriso maroto.

– Sim. Vocês são o Posto Vinte e Três?

Kira ouviu o homem praguejar do lado de fora da casa.

– Não vai me dizer que os perdemos!

Farad tirou o quepe e saiu cautelosamente pela porta dos fundos. Kira assistia à cena por uma fresta na parede caindo aos pedaços.

– Vistoriamos toda a área. Eles não passaram por aqui – disse.

– Como assim, não passaram por aqui? – perguntou o soldado. – Nós os seguimos até o beco.

– Meus homens estão espalhados por metade destas casas – disse Farad, indicando com um gesto a área ao redor. – E não encontraram ninguém.

– Como deixou que escapassem?

– Escuta aqui, soldado – retrucou Farad –, vocês deixaram o grupo cruzar a fronteira, não nós. Estamos aqui tentando limpar a sujeira que vocês fizeram. Vamos nos dividir. Nós revistamos as casas deste lado e vocês revistam as do lado de lá. E não se esqueçam de deixar alguém vigiando o beco. A última coisa que precisamos é de mais invasores atravessando pelo seu posto de fronteira.

Os soldados resmungaram baixinho e Kira pôde ouvir quando marcharam para a casa vizinha. Ela soltou o ar e continuou procurando em qual parte do corpo tinha sido alvejada. Por fim encontrou – na mochila. Ela não estava machucada, mas seu equipamento estava destruído.

Farad entrou, assobiando aliviado.

– Vamos dar o fora daqui.

– Não acredito que funcionou – disse Xochi.

– Mas não por muito tempo – disse Jayden. – Vão acabar revistando Gianna e descobrir que ela está num uniforme da Rede. Temos cerca de sessenta segundos para desaparecer.

Saíram pela frente da casa e foram sorrateiramente até o jardim vizinho. Seguiram de jardim em jardim, cada vez mais para dentro de East Meadow e longe do local por onde haviam se infiltrado. Conforme avançavam, a cidade ficava mais populosa, as casas mais bem cuidadas, e finalmente Kira viu o brilho de uma janela de vidro. *Estou em casa.* No entanto, mesmo parecendo-lhe familiar, havia algo de errado na cidade. As casas estavam habitadas, mas as portas estavam todas fechadas e as janelas de vidro estavam com as cortinas cerradas, ou com tapumes. Numa noite tão agradável de verão como aquela, mesmo depois do anoitecer, as ruas deveriam estar lotadas de pessoas conversando, se divertindo. Mas o que ela via eram pessoas apressadas, querendo apenas chegar logo em casa, evitando olhar para os lados.

Grupos de soldados da Rede e da polícia especial de Mkele faziam rondas em

intervalos regulares, e Kira testemunhou mais de um dos transeuntes esquivos e amedrontados serem parados e interrogados. *Estão atrás de nós, pensou, no entanto castigam as pessoas erradas.*

Chegaram à via expressa e se abrigaram numa loja, do outro lado do hospital, que àquela altura havia praticamente se tornado um forte. Além dos guardas nas entradas, havia um perímetro cercado de policiais em volta do terreno. A porta dos fundos, a que planejavam usar, provavelmente estaria disponível, mas sem o jipe da Rede não conseguiriam chegar até ela em segurança, muito menos sair de lá carregando Madison.

– Isso vai ser interessante – disse Xochi.

– Você está brincando – disse Jayden. Farad mal balançou a cabeça.

– Más notícias – anunciou Marcus, apontando para o rádio. Fizeram um círculo em volta dele e Kira ouviu o chiado de uma voz gritando um alerta urgente:

– ... repito, a *Voz* está usando o uniforme da Rede de Defesa. Estão na cidade e mais deles podem estar chegando. A partir de agora todos devem se identificar, código de protocolo Sigma...

Repetiram a mensagem e Marcus balançou a cabeça.

– Isto está ficando cada vez melhor – brincou.

– Não conheço o código Sigma – disse Farad, andando nervosamente pelo prédio arruinado. – Sei alguma coisa, mas não o suficiente. Não vamos conseguir passar pelos soldados.

Kira olhou fixamente para o hospital, ávida por qualquer ideia que a colocasse lá dentro. *Sou uma criminosa procurada, conhecida por todas as pessoas que estão naquele prédio. Se eu entrar, será porque estarei acorrentada.* Chacoalhou a cabeça, tentando pensar com clareza. *Sou mais forte que minhas provações. Posso usar as provações a meu favor; posso fazê-las servir aos meus propósitos. Não diga “Nunca farei isso”, diga “Como posso virar o jogo a meu favor?”.* Estudou o prédio mais atentamente, contando o número de guardas e estimando os outros que ela não conseguia enxergar, fazendo um desenho mental dos corredores internos para situar onde eles estariam posicionados. Contou as janelas, determinando o local exato que poderiam usar de entrada, e descobriu, para sua tristeza, que todas elas estavam obstruídas por carros ou tampadas com placas de metal ou tapumes. *O prédio está muito bem guardado. Pensaram em tudo – anteciparam cada plano que pudéssemos usar.*

Olhou para os atiradores no telhado, eles possuíam uma visão ímpar dos acessos ao hospital. *Sendo uma Partial ou não, ainda podem atirar em mim, não importa a que velocidade eu tente correr...*

Uma janela acesa chamou a atenção de Kira. *É no quarto andar – os únicos que usam aquela sala são os senadores. Será que estão reunidos? Em que isso poderia*

me ajudar?

– Mesmo que a gente entre – disse Jayden –, não sei como conseguiríamos sair, não com a Madison. Ela mal tem permissão para levantar da cama. Jamais deixariam que saísse do hospital. Além disso, estamos sem o jipe para escondê-la.

– Você é tão otimista, Jayden – disse Marcus. – Fantástico! Não podemos entrar no hospital, não podemos sair do hospital, e provavelmente não podemos nem sair de East Meadow. Os uniformes já não ajudam mais – nada, literalmente, ajuda.

– Não é verdade – disse Kira, olhando de volta para o hospital. Sem dúvida o quarto andar estava iluminado. – Vocês têm a mim.

– Desculpe se não estou dando pulos de alegria – disse Farad.

– Estão vendo aquela luz? – ela perguntou, apontando para as janelas do último andar. – É onde os senadores estão reunidos e vocês vão levar até lá a coisa que eles mais desejam nesta vida: eu.

– Ah, não vamos, não! – disse Marcus resolutivo, seguido da negativa de todos os outros três.

– Vão, sim. Nosso plano fracassou, não podemos tirar Madison de lá, mas se conseguirmos entrar, ainda podemos dar a injeção. Não precisam de mim para aplicá-la e eu não brincava quando disse que estava disposta a dar a minha vida por esta causa. Se Arwen viver, não ligo para o que o Senado vai fazer comigo.

– Não vamos abrir mão de você – disse Xochi.

– Vão, sim. Irão abaixar o quepe, caminhar até a porta do hospital e dizer que me pegaram cruzando a fronteira. É a história mais plausível que podemos inventar no momento. Qualquer soldado inteligente o bastante, que esteja acompanhando as notícias pelo rádio, vai saber que as pessoas estão passando pela fronteira o dia inteiro. Não vão nem perguntar por identificação, afinal, por que os espiões da *Voz* iriam entregar um dos seus comparsas?

– É uma boa pergunta – disse Xochi. – O que nós vamos ganhar com isso?

– Entrar no hospital – disse Kira. – Me entreguem aos guardas. Enquanto eles me levam até os senadores, vocês seguem para a maternidade.

– Não precisamos entregar você – disse Marcus. – Depois que a gente estiver lá dentro é só... sair correndo para a maternidade.

– E disparar todos os alarmes do prédio – disse Kira. – Se vocês me entregarem, poderão trabalhar em paz. – Ela segurou na mão de Marcus. – Se a cura funcionar, a humanidade terá um futuro. Essa é a única coisa que sempre desejamos.

A voz de Marcus expressou toda a sua emoção.

– Mas desejei isso com você.

– Pode ser que não me matem de imediato – disse Kira, sorrindo sem alegria. – Talvez a gente dê sorte.

Marcus riu, os olhos úmidos.

– Até agora nossa sorte tem sido fantástica...

– Precisamos avisar pelo rádio – disse Farad, pegando o aparelho. – Como fizemos com o posto da fronteira. Falar com eles antes que nos vejam. Teremos mais chances de o plano funcionar.

– Não podemos arriscar o mesmo truque duas vezes – disse Jayden. – Todos que conhecem o número de patrulhas e onde estão posicionadas estarão ouvindo. Não vão demorar para descobrir que é mentira.

– Não dá para aparecer sem avisar. Seria muito suspeito – alertou Farad.

Xochi pegou a pistola, rosqueou o silenciador e atirou bem no meio do rádio. Kira e os outros deram um pulo para trás, gritando juntos de susto.

– Problema resolvido – disse Xochi, guardando a arma novamente. – A terrível terrorista Kira Walker atirou no nosso rádio durante a luta. Agora: Kira é minha melhor amiga, mas tem toda a razão. O seu plano é o melhor, é o jeito mais rápido de entrarmos no hospital. Então, peguem as armas dela e vamos em frente.

Kira tirou as armas e outros apetrechos, retirando quase todos os equipamentos que trazia consigo. Os homens acabaram por ajudá-la, resignados com o fato de que a decisão havia sido tomada. Marcus não estava contente, mas também não fazia nada para detê-la. Só faltava tirar o cinto onde a seringa, envolta em blusas velhas, estava firmemente amarrada. Estava preso ao seu corpo, embaixo da última camada de roupa. Ela o segurou por um momento e o entregou a Marcus.

– Cuide disto – sussurrou.

– Não quero que faça isso.

– Eu também não. Mas precisa ser feito.

Marcus a olhou nos olhos, sem dizer nada. Em seguida, prendeu o cinto cuidadosamente no seu corpo, embaixo da camisa. Certificou-se de que a roupa o encobria, então passou terra no rosto, disfarçando sua feição para que talvez não fosse reconhecido pelas enfermeiras. *Talvez*. Jayden e Xochi fizeram o mesmo. Kira torcia para que os disfarces funcionassem. *Preciso garantir que todos os olhares estejam voltados para mim.*

Capítulo Trinta e Oito

Kira foi empurrada aos gritos até a primeira fileira de soldados.

– Me soltem! Estou tentando ajudar, seus idiotas! Não veem isso! – Esbravejava e se debatia. Os dias de clandestinidade haviam acabado. Seu trabalho agora era ser o mais notada possível, assim ninguém olharia com muita atenção para seus amigos. Ela se desvencilhou de Farad e atacou Jayden, tentando ser convincente, Jayden devolveu-lhe na mesma moeda, dando-lhe um tapa na cabeça e dobrando seu braço atrás das costas, numa inesperada chave de braço que a imobilizou por completo. – Ai! – ela gemeu. – Doe.

– Cale a boca, escória da *Voz* – ele a arrastou mais um pouco e ralhou com Farad. – É assim que se trata um prisioneiro, seu burro. Não deixe que ela escape de novo.

– Você está quebrando o meu braço – disse Kira.

– Ótimo! – respondeu Xochi, alto o bastante para que o grupo de soldados mais próximo pudesse ouvir. Os soldados gritaram algo, mas Xochi tomou a dianteira antes que dissessem mais alguma coisa. – Nós a pegamos! – Acenando com o rádio quebrado como se fosse um troféu. – Vamos rápido! Abram caminho para levamos a prisioneira até os senadores. Não quero que nenhum civil se aproxime dela e faça alguma coisa.

O sargento do outro grupo hesitou.

– Quem é essa aí?

– Kira Walker – disse Xochi. – Em carne e osso. Fazia parte daquele grupo que tentou cruzar a fronteira. Veja com seus próprios olhos. – Ela gesticulou para Kira, que devolveu um olhar orgulhoso.

– Minha nossa – disse o sargento, aproximando-se e olhando melhor. Não era ninguém que Kira conhecesse, mas ele a reconheceu. – Sem dúvida é ela. – Ele parou por uns instantes e depois cuspiu em sua cara. – Meu melhor amigo foi morto pela *Voz*, sua vadia.

Marcus intrometeu-se para deter o oficial.

– Calma aí, soldado. Ela é uma prisioneira, não um animal.

– Ela atacou o hospital. Por que a defende? – perguntou o soldado.

– Vamos levá-la para os senadores – disse Marcus. – Eles decidirão como puni-la. Agora, saiam da frente!

O outro pelotão olhou feio para Marcus. Kira estava tão apreensiva que respirava com dificuldade enquanto rezava para que não pedissem a identificação dos falsos soldados. Ela chutou Jayden na canela, fingindo ser bastante perigosa. Ele a xingou e torceu seu braço novamente – desta vez doeu de verdade e Kira nem precisou fingir.

Aparentemente, o show estava funcionando.

– Vamos levá-la até lá então – disse o sargento, guiando-os em direção ao hospital e abrindo caminho entre uma multidão de soldados.

– Agora sim estamos entrando numa zona perigosa – murmurou Jayden. – Já trabalhei com alguns desses rapazes.

– Eu também – disse Marcus, apontando o fuzil em todas as direções. Ele acenou de leve para a esquerda. – Com aquele, por exemplo.

– Vamos para a direita – disse Jayden, girando o corpo para o outro lado.

Preciso que olhem para mim, não para os meus acompanhantes, pensou Kira, dando início a outro discurso.

– O Senado está mentido! Foram eles quem trouxeram o Partial para a cidade! Depois me colocaram para estudá-lo! Queriam que eu encontrasse a cura do RM! Eu encontrei! Mas o Senado tentou destruí-la! Seus filhos não precisam morrer!

Sua estratégia estava funcionando, mais e mais soldados olhavam para ela, todos os olhares fixos em seu rosto. Estavam quase chegando à entrada. *Só mais alguns passos*, pensou, *só mais alguns*.

O soldado que os conduzia parou, encarando a porta, em seguida voltou-se para Kira. Seu olhar era de incerteza.

– Você encontrou mesmo a cura?

Kira ficou surpresa, sem saber o que pensar. Estaria curioso? Ou sua preocupação era genuína? Sua pergunta parecia carregada de outros significados, pequenas sugestões, mensagens e sinais que ela não tinha a pretensão de interpretar, pois não sabia nada sobre aquele homem. Estava do lado de Kira? Apoiava o Senado? Ela olhou para o saguão, as portas abertas. Seus amigos precisavam apenas entrar, virar à direita e seguir o corredor. Podiam salvar Arwen. Podiam fazer isso.

Mas são as pessoas quem detêm o verdadeiro poder, pensou Kira, *lembrando-se da conversa com Tovar. Essas são as pessoas que estamos tentando influenciar, que ficarão do nosso lado ou do Senado. Quantos deles são como Jayden ou Farad, aguardando apenas um último empurrãozinho?*

Posso dar esse último empurrão?

Ela se voltou para o soldado e o encarou direto nos olhos.

– Sim, descobri. Eu tenho a cura para o RM, mas o Senado prefere que eu morra a deixar que vocês tenham a cura.

– Entregue-a para mim – sussurrou o soldado, aproximando-se de Kira. – Posso usá-la. Não posso te salvar, mas posso salvar as crianças.

Dizia a verdade? Ou blefava? Tentava enganá-la? Ela não poderia entregar a injeção sem revelar a verdadeira identidade de Marcus e do resto do grupo. Mas, e se pudesse – o que aconteceria? Quem naquela multidão iria atacá-la e quem pularia em sua defesa? Quem confiaria nela? A confiança seria suficiente para deixá-la

entrar na ala da maternidade? Ela não se contentava com a promessa de ajuda, precisava ver algo concreto, ali mesmo, ou não iria correr aquele risco.

Ela sussurrou de volta, procurando em seus olhos algum sinal de que falavam a mesma língua.

– Não dá para ser um herói pela metade.

– Identifique-se – disse outro soldado ao seu lado. Ele deu um passo à frente e o coração de Kira disparou. – Recebemos ordens para exigir que todos se identifiquem, mesmo os soldados. Você não vai entrar no hospital a menos que eu saiba exatamente quem você é.

Os soldados em volta se calaram, assistindo à cena. Kira pode ouvir, ao fundo, o som das armas sendo posicionadas para uma eventualidade. *Não sei em quem confiar, pensou, confusa. Se começarem a atirar, não sei de quem devo me esconder, quem atacar, não sei de nada. Não sei sequer qual a opinião deste soldado.* Jayden escorregou a mão que estava livre e abriu o coldre, deixando a arma pronta para ser sacada facilmente. O soldado na frente dela fez o mesmo...

... e virou-se para o lado, colocando a arma a apenas alguns centímetros dos dedos de Kira.

– Ei, Woolf – ele chamou o soldado que havia exigido a identificação. – Você tem algemas? Há muitos simpatizantes por aqui, quero ter certeza de que ela está bem presa antes de a levarmos para cima.

Muitos simpatizantes, pensou Kira, olhando para o revólver na sua frente. Pode ser uma mensagem: ele está ignorando a ordem de identificação e me oferecendo uma arma. Tem que estar do nosso lado. Mas o que está fazendo? Se vai lutar do nosso lado, então por que já não está lutando? O que espera que eu faça? Todos os soldados prestavam atenção no que se passava, na expectativa de qual seria a decisão de Kira. *Quem está do nosso lado? O que devo fazer?* Ela olhou para o soldado sem encontrar uma boa razão para se manter em cima do muro. *Ele está me dando a oportunidade, ela compreendeu. Ele ainda não está lutando porque quer ter certeza de que estou falando sério – se estou realmente preparada para morrer por esta causa, ou se é fogo de palha. Qualquer coisa que a gente comece aqui será sangrento. Muitos de nós vão morrer.*

Ele espera que eu dê o primeiro passo.

– Eu disse “identifiquem-se” – repetiu o outro soldado, dando um passo à frente. Ele já segurava o fuzil. Se a desconfiança aumentasse, poderia matá-los em segundos. A decisão de Kira estava tomada. Ela olhou diretamente para a multidão, passando o olhar por Farad, e o soldado que aguardava a identificação seguiu seu olhar. Ela aproveitou a oportunidade e sacou da pistola, atirando na cabeça do desconfiado soldado. O rapaz veio ao chão como um saco cheio de batatas. Kira gritou a plenos pulmões:

– Lutem pelo futuro!

A multidão explodiu em gritos. Kira se virou, mas Marcus a puxou para baixo com violência.

– Se ficar aí parada vai levar um tiro!

– Vou levar um tiro de qualquer jeito! – ela gritou, virando-se para a entrada do hospital. O soldado que lhe estendera o revólver tombou morto e Kira rastreou o homem que o matara, alvejando-o com dois tiros. A entrada do prédio estava desimpedida. Kira disparou em direção à porta, arrastando Marcus consigo. Jayden e Xochi seguiam de perto. Logo que entraram ouviram um estrondo ecoando no final do corredor, e mergulharam atrás do alto balcão de informações.

– Isto aqui é compensado, não vai segurar as balas – disse Jayden.

– Nem todos lá fora estão do nosso lado – observou Xochi. – Não quero estar deitada em berço esplêndido quando a revolução estourar. Precisamos de uma estratégia.

Jayden deu um sorriso amarelo.

– Parta para o ataque e torça pelo melhor.

– Torcer não é estratégia – disse Kira.

– Não é o plano A – disse Jayden. – Nem deveria ser o plano B, mas pode ser um plano C.

Kira meneou a cabeça e pegou sua arma de volta com Farad.

– Então, dou cobertura. Quem estiver num bom ângulo, elimina os atiradores no final do corredor.

Kira se levantou e começou a atirar antes que pudesse pensar num plano melhor. Ela mirava o final do corredor, os tiros explodindo um após o outro. Usava um rifle de cano longo, ineficaz a curta distância, mas a uma distância média como aquela disparava uma saraivada de balas suficiente para mandar os soldados de volta a seus esconderijos. Jayden surgiu ao seu lado, disparando tiros rápidos e precisos a cada vez que o inimigo apontava a cabeça ou a arma. Marcus e os outros aproveitaram para avançar, passando longe da linha de tiro de Kira. Ao perceber que estava sem munição, chamou Xochi, que assumiu sua posição na frente de uma porta, e de lá continuou a dar cobertura. Kira e Jayden correram para alcançar os outros. Kira se jogou para dentro do quarto, ao lado de Marcus.

– Você está bem? – ela perguntou.

– O de sempre, o de sempre – ele respondeu, cerrando os dentes a cada estrondo, que abalava as paredes e o teto.

– E você?

Kira assentiu com a cabeça.

– A seringa está segura? – perguntou, passando a mão na cintura de Marcus e tocando-a de leve. A seringa estava intacta e o pano que a envolvia, seco: nada

havia sido quebrado. Kira deixou a mão sobre ela por um momento a mais, olhando nos olhos de Marcus.

– Desculpe – disse, de mansinho.

Xochi soltou um grito desafiador atrás deles, escondendo-se para recarregar a arma, enquanto Farad assumia a posição.

– Por quê? Por isto? – perguntou Marcus, gesticulando ao redor. – Não se preocupe. Coisas assim acontecem o tempo todo.

– Você queria viver em paz – disse Kira, colocando um cartucho novo no fuzil. – Foi o que você sempre desejou, apenas nós dois. Era o que eu também queria, mas eu...

– Eu sei – disse Marcus, sem nenhum tom de brincadeira na voz. – Eu queria que tudo ficasse na mesma, mas você queria um mundo melhor. E você tinha razão. As coisas vão melhorar. Mas... por algum tempo, tudo vai ser ainda pior. Era isso que eu temia.

Farad grunhiu atrás deles, não um grito, mas um gemido baixo e gutural, seu corpo despencando no chão. Xochi gritou e Kira empalideceu. Assim mesmo, arrastou o corpo de Farad para dentro do quarto. Marcus tocou seu pescoço e inclinou-se para ouvir a respiração. O soldado sangrava demais, não havia como estar vivo. Marcus confirmou o que temia.

– Está morto.

– E agora? – perguntou Jayden. Os tiros haviam cessado e os corredores estavam assustadoramente silenciosos, embora ruídos abafados chegassem de longe. Gritos indistintos e o pipocar das armas no lado de fora do hospital, o lamento dos doentes abandonados à própria sorte, o choramingar de bebês consumidos pela febre alta. Os quatro amigos encolhiam-se no quarto, tremendo de medo. Kira olhou pela porta, mas tudo que pôde ver foram alguns poucos centímetros de parede. A sensação de não saber o que havia do outro lado era com se estivesse cega e surda. Embora Jayden fosse rápido e eficiente em recarregar a arma, Kira percebeu seus dedos tremerem, certamente por conta da fadiga e da adrenalina.

– Mais um plano fracassado na nossa lista – ele disse. – Não conseguimos entrar despercebidos e com certeza não vamos conseguir sair despercebidos. Agora não faz mais sentido levar Kira até o Senado. Direto para a maternidade?

– Direto para a maternidade – confirmou Marcus. Sua expressão era tensa. – Kira estava pronta para morrer pela vida de Arwen. Nós devemos estar prontos também. A maternidade fica a apenas duas portas adiante. Se conseguirmos imunizar Arwen, será uma vitória, mesmo que a gente não saia de lá vivos. O bebê sobreviverá e todos saberão quem fez isso.

Xochi respirou fundo.

– Acha que vamos conseguir?

– Só é preciso que um de nós consiga.

Marcus levantou-se, desabotoou a camisa e tirou o cinto, com a cura. Olhou para Kira e pegou o fuzil.

– Se apenas um de nós sobreviver, prefiro que seja você. Todos preparados?

– Não – disse Xochi –, mas isso nunca nos deteve. – Ela pegou uma corrente de Farad e ficou espreitando atrás da porta. Kira e os outros conferiram as armas e acenaram. Xochi empurrou a corrente para o corredor.

Uma rajada de tiros ecoou pelo corredor e os quatro amigos saíram do quarto num salto, abrindo fogo contra os surpresos atiradores, que miravam para o objeto errado. Xochi corria na frente, aos tropeços, tentando se esquivar de outra rajada. Ao chegar à maternidade, deu de cara com a porta fechada. Recuou um passo e disparou rapidamente contra a fechadura. A porta escancarou-se e ela saltou para dentro. Marcus vinha mais devagar, mirando muito mal ou errando o alvo de propósito. Seu objetivo não era ferir o inimigo, mas fazê-lo voltar ao esconderijo. Estava funcionando. Kira e Jayden bloqueavam a passagem da melhor maneira possível à medida que corriam por último. De repente, Xochi gritou e Kira ouviu um tiro. Marcus correu para dentro da maternidade e Kira ouviu mais tiros. Então ela caiu, uma dor aguda na perna, diferente de tudo que já havia sentido.

– Levante! – rosnou Jayden, em meio ao tiroteio. – Estou quase sem munição. Não posso mantê-los a distância para sempre.

Kira esforçava-se para levantar, mas a perna estava amortecida e sem reflexo; a calça, empapada de sangue, o chão era uma poça ao seu redor.

– Levei um tiro.

– Eu sei. Precisa sair do corredor!

Kira puxou o corpo, arrastando as pernas. A dor era mais intensa agora. Ela sentia sua consciência se apagando enquanto o sangue corria pelo chão. Jayden soltou alguns palavrões e passou a atirar com mais parcimônia, economizando as balas, tentando manter os soldados a distância. Kira pegou a seringa com a cura do RM e a levantou.

– Pegue isto e corra. Me deixe aqui e salve Arwen.

– Sabe de uma coisa, Kira – disse Jayden, disparando a última bala e jogando o fuzil no chão –, você não me conhece mesmo. – Ele se inclinou, agarrou-a pela cintura, passou seu braço em volta do pescoço e tentou seguir em direção à maternidade, colocando-se entre ela e o inimigo. Os soldados atiraram e Kira percebeu o corpo de Jayden tremer com o impacto, depois outro. Sua respiração foi se tornando irregular e seus passos mais lentos – mas ele não parou. Kira o apertava com força, gritando desesperadamente seu nome. Jayden gemia, xingava e ofegava. Por fim, tombou contra a porta da maternidade e os dois desmoronaram no chão.

– Jayden! – alguém gritou. Era Madison, curvada sobre uma incubadora,

protegendo-a. O coração de Kira disparou. *Ela já nasceu? Chegamos tarde demais?*

Haru estava ao lado de Madison, o cabelo todo desarrumado, os olhos arregalados, uma arma nas mãos, apontada para Kira.

– Solte as armas.

– Jayden! – Madison gritou de novo, tentando se aproximar do corpo do irmão, mas Haru a prendeu pelo braço com brutalidade.

– Fique aqui.

– Está machucado!

– Eu disse para ficar aqui! – A voz de Haru soava como um trovão e Madison recuou, temerosa. – Ninguém vai chegar perto do bebê.

– Jayden, preste atenção em mim – murmurou Kira, olhando ao redor, em busca de ajuda. Ela viu Xochi e Marcus parados contra a parede, as armas no chão e as mãos levantadas. Marcus quis ajudá-la, mas Haru o deteve com um berro.

– Não se mexa!

– Meu irmão está morrendo! – gritou Madison. – Deixe ele ajudar!

Kira sentou-se com dificuldade, sem importar-se com o próprio ferimento, e examinou as costas de Jayden – ele havia sido alvejado por vários tiros. Pouco depois Marcus estava ao seu lado, ajudando-a a tirar a mochila do amigo para examinar a gravidade dos ferimentos. Kira não viu se Haru havia mudado de ideia ou se Marcus havia simplesmente o ignorado.

Os soldados estavam agora à porta, com as armas apontadas para eles.

– Ela... tem a cura – balbuciou Jayden, a voz quase inaudível.

– O que ele disse? – perguntou Madison.

– Ele disse “A Voz idiota mente” – disse Haru. – Nem preste atenção no que ele está dizendo.

– Ele disse que eu tenho a cura – corrigiu Kira, sentindo a perna doer. Era sua imaginação ou sua perna já começara a cicatrizar? Ela apertou a seringa na mão e a levantou. – Está bem aqui.

– Você não vai se aproximar da minha filha – disse Haru.

– Eu vou salvá-la – ela repetiu, apoiando-se na parede para ficar em pé. Cada centímetro era uma agonia. Ela descansou o peso do corpo sobre a outra perna, tentando ignorar a que doía. Se fosse preciso, ficaria em pé puramente pela força do pensamento. – Sacrifiquei tudo que eu tinha e tudo que sou para salvar sua filha. Será que você é quem irá me deter?

– Você é uma agente Partial – respondeu Haru. – Está do lado deles. Só Deus sabe o que vai fazer com a minha filha. Vai ter que passar por cima de mim antes.

– Adorei a ideia – disse Xochi.

– Ele está morto – anunciou Marcus, afastando-se do corpo de Jayden. Levantou o olhar para Haru, ofegante e atordoado pela exaustão. – Ele morreu pela cura, Haru.

Não faça isso.

Madison chorava em desespero, e o bebê, na incubadora, chorava com ela, um choro incoerente contra um mundo que não oferecia nada a não ser dor. Kira encarava Haru nos olhos.

– Precisa me deixar tentar.

– Tentar? – perguntou Haru. – Quer dizer que nem tem certeza?

Kira empalideceu, considerando a hipótese de que ela poderia estar errada, que a injeção poderia não funcionar. *E se fiz tudo isso por nada? E se matei meus amigos e destruí meu mundo por uma experiência irresponsável, algumas falsas suposições e meu próprio orgulho teimoso? O Senado me alertara. Disseram que eu estava colocando em risco milhares de vidas e o futuro da humanidade por uma obsessão descontrolada. Será que é porque sou uma Partial, levada a destruir tudo apenas porque isso é da minha natureza? Graças a mim, a nação inteira está no caos, milhares estão mortos e sem a cura, talvez jamais iremos nos reerguer. Sem a cura, nada mais terá importância.*

Mas com a cura...

– Não tenho dados para mostrar, Haru – ela disse. – Não tenho fatos, meus estudos foram destruídos quando o laboratório explodiu, e a cura em si nunca foi testada. Não tenho nada para provar que estou certa. Mas, Madison – ela disse, olhando nos olhos de sua irmã adotiva –, se existe uma coisa que você sabe sobre mim, uma única coisa, é que eu sempre tentei fazer a coisa certa. E não importa o quanto tudo isto tem sido doloroso, não importa a quantos infernos tivemos que descer, e quantos de nós morreram. Esta é a coisa certa a se fazer.

– Cale a boca! – gritou Haru, levando a arma à frente. Kira o ignorou, mantendo o olhar preso no de Madison.

– Você confia em mim, Madison?

Lentamente, Madison assentiu. Kira tocou a seringa, ainda presa ao cinto, e Madison se aproximou.

– Madison, volte! – rosnou Haru. – Não vou deixar você entregar nossa filha a esta traidora.

– Então me mate – reagiu Madison, determinada, plantando-se firmemente entre Haru e a incubadora. A mão do marido tremeu, vacilou e caiu ao lado do corpo.

Kira fraquejou, caindo no chão, e Marcus correu até os armários à procura de agulha e seringa. Os soldados parados à porta não se mexiam, assistindo a tudo com as armas apontadas para o chão. Xochi ajudou Kira a se levantar e a amparou até a incubadora. Kira podia sentir o calor emanando do pequeno corpo como uma brasa de carvão se apagando. Marcus entregou-lhe a agulha e esterilizou o bracinho do bebê.

Kira hesitou ao preparar a injeção sobre o corpo ruborizado do bebê aos prantos.

Naquele momento o Glóbulo urrava dentro de Arwen como uma matilha de cães selvagens, devorando-a por dentro. Aquela seringa, aquele feromônio, iria salvá-la.

Kira inclinou-se sobre a criança.

– Não deixe ela se mexer.

Madison segurou bem a filha, Marcus e Xochi pararam, e mesmo Haru ficou em silêncio, no fundo da sala. O mundo inteiro parecia estar voltado para aquele único momento. O choro fraco e rouco de Arwen preencheu o quarto como fumaça, a última faísca de uma máquina prestes a falhar. Kira concentrou-se e aplicou a injeção.

Capítulo Trinta e Nove

— **D**escobrimos a cura para o RM!
O entusiasmo tomou conta do coliseu: gritos, aplausos e lágrimas de alegria.

O anúncio não era nenhuma novidade. Uma descoberta tão importante dificilmente ficaria em segredo e as boas-novas da recuperação de Arwen haviam se alastrado como fogo – mas era impossível se cansar de comemorá-las. O senador Hobb sorria e sua gigante cabeça holográfica o imitava, flutuando acima dele. Kira estava logo atrás, sentada com altivez. Chorava de novo e se perguntava, como fizera mil vezes na última semana, se aquilo tudo era verdade, se estava mesmo acontecendo. Ela encontrou o sorriso de Marcus na plateia e sorriu de volta. Era real.

Hobb ergueu a mão, pedindo ordem, sorrindo com indulgência para a multidão que não conseguia conter a emoção. As pessoas queriam celebrar e Hobb parecia satisfeito de oferecer a elas essa oportunidade. Kira estava maravilhada com a capacidade de mudança daquele homem – há menos de duas semanas ele colaborava para transformar a ilha num estado totalitário, e vira seu plano entrar em colapso; mesmo assim, ali estava ele, sorrindo e aplaudindo. Kessler também tinha conseguido manter sua cadeira no Senado, e Kira olhou-a de soslaio na outra ponta do palco. Os outros membros do subcomitê não tiveram a mesma sorte.

Hobb acalmou a multidão novamente e desta vez o silêncio foi se estabelecendo à medida que ele se preparava para falar.

– Encontramos a cura para o RM. Encontramos a cura, dentre todos os lugares, com os Partials. Num composto químico que eles exalam pela respiração, interagindo com o vírus, deixando-o totalmente inofensivo. Descobrimos isso graças às várias experiências realizadas pela nossa heroína, Srta. Kira Walker, sob a supervisão do Senado. – Alguns aplausos pipocaram pelo local e Hobb aguardou pacientemente. – Esses testes foram realizados, como os boatos já contaram, em um Partial vivo, capturado como parte de uma missão especial de membros da Rede de Defesa. Admitimos, envergonhados, mas com toda a honestidade, que faltou transparência de nossa parte em relação às experiências. Temíamos uma revolta incontrolável, mas, no fim, foi o que acabou acontecendo. Asseguro, no entanto, que no futuro vocês ficarão sabendo dos nossos objetivos, dos nossos planos e métodos para atingi-los. O Senado será transparente!

Kira soltou o ar dos pulmões, longamente, nervosa, na expectativa de alguma reação indesejada do público. Tudo que Hobb dizia, tecnicamente, era verdade, mas a forma como ele a colocava era tão... escorregadia. Havia admitido ter errado

apenas o necessário para parecer arrependido. Por outro lado, deu ao Senado muito mais créditos do que realmente merecia. Hobb não estava recebendo aplausos, mas, igualmente, não era vaiado.

– Arwen Sato está bem – continuou. – Mais adaptada e saudável do que ousaríamos esperar. Preferimos não correr o risco de tirá-la do hospital, onde está sob intensos cuidados médicos e da mãe, mas gravamos estas imagens para vocês.

Hobb tomou seu assento e a imagem, no centro do coliseu, saltou de um *close-up* da cabeça do senador para a sala da maternidade. Kira conhecia cada detalhe do que seria exibido, mesmo assim não conteve as lágrimas. Saladin, o ser humano mais novo, estava ao lado do bebê rosado, a quem ele agora conferia a honra de ser a caçula da humanidade. A imagem do bebê deixou a plateia admirada. A emoção de Kira não era diferente: em onze anos aquele era o primeiro bebê humano que não estava doente, que não estava gritando, nem morrendo, ou morto.

A projeção acabou e Hobb se levantou, os olhos cheios de lágrimas.

– Arwen Sato é o futuro! – exclamou, ecoando os pensamentos de Kira. – Aquela criança, aquela menina preciosa, é a primeira de uma nova geração. Ela vai herdar um mundo, que, espero, será melhor do que este que há onze anos vivemos. Nossos cientistas estão trabalhando dia e noite na reprodução do composto que salvou a vida de Arwen com o objetivo de salvarmos outras crianças. Mas isso não é o suficiente. Se quisermos um futuro mais radiante, precisamos enterrar o passado. Por isso, tenho o prazer de anunciar que a Lei da Esperança está oficialmente, e para sempre, banida!

A comemoração na audiência não foi unânime. Muitos em East Meadow continuavam favoráveis à gravidez compulsória, alegando que a existência de uma cura só tornava ainda mais urgente a necessidade de gerar o maior número possível de crianças. Mas o Senado, com a intenção de se aproximar da *Voz*, havia optado por derrubar a lei. A renúncia de Alma Delarosa e Oliver Weist também fazia parte do pedido de paz que o Senado enviava à *Voz*. Os dois senadores ficaram com a maior parcela de culpa pela aplicação tão rápida da lei marcial. Skousen também tinha partido, não para o anonimato, mas para concentrar-se em reproduzir a cura. Em seu lugar, o povo elegera Owen Tovar, recentemente inocentado de suas ações à frente da *Voz*. O novo Senado era uma combinação de East Meadow e a *Voz*, refletindo os ideais de ambos, e a ilha, finalmente, estava outra vez em paz. Pelo menos, na teoria. Kira correu os olhos pela fileira de senadores e pôde ver o espaço que havia entre eles, ao escolherem sentar próximo ou distante do seu vizinho. Um senador evitando o olhar do outro, enquanto este conspirava ao pé do ouvido do próximo. A multidão no coliseu era um espelho daquele comportamento, mas numa escala maior: estavam unidos, embora houvesse fendas profundas correndo bem próximas à superfície.

– Ainda não decidimos uma linha de ação – disse Hobb, a voz carregada de sinceridade. – Nossos cientistas não se cansam de trabalhar para desvendar os segredos da cura, e assim que o fizerem, começarão a sintetizá-la. Até o momento, este é o nosso plano, mas se as coisas mudarem, eu garanto que os próximos passos serão decididos por vocês, nas urnas. Nossa sociedade trabalhará unida, ou ficará de braços cruzados.

– Mas ainda não acabou – Hobb fez uma pausa, um momento puramente teatral, que Kira tinha visto funcionar tão bem. A multidão silenciou e se inclinou para a frente. Hobb levantou o dedo, espetando o ar, e finalmente encerrou seu discurso. – Descobrimos mais uma coisa nas nossas experiências com o Partial. Algo que irá alterar não apenas o curso de nossas vidas, mas o da História. – Respirou fundo. – Os Partials estão morrendo rapidamente e não há nada que eles ou qualquer outra pessoa possa fazer para evitar isso. Em um ano, nosso maior inimigo desaparecerá para sempre.

O entusiasmo que tomou conta da multidão balançou a estrutura do coliseu.

– Não podemos sintetizar a cura – disse Kira. Marcus a levara para casa após a assembleia e estavam conversando na sala. Ela sabia de toda a verdade e aquilo a queimava por dentro como carvão em brasa. A cura, o Espião, não podia ser produzida artificialmente, e os testes que realizara nela mesma mostraram que ela não produzia o feromônio. Se realmente fosse uma Partial, como a Dra. Morgan e os outros haviam alegado, seu propósito e sua origem se mantinham um mistério cujas respostas só podia tentar adivinhar.

Ela rezava para que não fosse nada sinistro.

– Não conseguimos produzi-lo nem simulá-lo. Não temos os instrumentos necessários – prosseguiu. – Nem estou certa de que eles existam. Talvez a ParaGen, ou quem criou o vírus, tivesse os meios para isso, mas agora estão todos mortos. Apenas os Partials possuem a cura.

– Isolde contou que o Senado está planejando uma ofensiva contra o continente – disse Marcus.

Kira balançou a cabeça.

– Um plano contingencial. – Ela era a especialista da ilha no assunto, e consultada com frequência por todos, porém trabalhava mais de perto com Skousen e os senadores. Ela sabia que planejavam algo, mas não tinha os detalhes. – Isolde comentou quando vão atacar?

– Em alguns meses, talvez. – Marcus deu de ombros, impotente. – Uma coisa era assistir aos bebês morrendo antes da cura, mas agora... Mais três morreram depois que salvamos Arwen, e as grávidas que receberam as duas outras doses que estavam com Tovar ainda não deram à luz. Não sabemos o que vai acontecer, mas

independentemente do que seja, as pessoas não ficarão de braços cruzados se as coisas voltarem a ser como eram antes. E agora que sabem que os Partialts estão morrendo, é apenas uma questão de tempo até começarem a exigir um novo plano. Houve propostas para uma rodada de negociação de paz e o envio de emissários, mas no atual estado das coisas... – Ele balançou a cabeça. – É mais fácil o embaixador levar um tiro do que conseguir um acordo.

– Como fizemos com eles. – Kira contraiu a expressão. – Talvez. – Ela ainda não sabia exatamente o que pensar sobre Samm. Ele mentira o tempo todo? Seria a paz com os Partialts realmente viável?

– Kira – disse Marcus, e ela na hora percebeu a mudança em sua voz. Ele havia respirado fundo e abaixado o tom, buscando carregar o seu nome com um significado profundo e especial. Kira sabia exatamente o que ele iria dizer e o interrompeu o mais gentilmente possível.

– Não posso ficar com você.

Ela viu Marcus murchar antes mesmo de ela concluir suas palavras. Primeiro seus olhos perderam o brilho, depois ele abaixou a cabeça. Seu rosto voltou-se para o chão e seus ombros caíram.

– Por quê? – perguntou.

Ele não perguntou “por que não”, mas “por quê”, pensou Kira. São perguntas tão diferentes. Quer dizer que ele sabe que tenho outro motivo. Não algo que me afasta dele, mas algo que me empurra em outra direção.

– Por que preciso partir – respondeu Kira. – Existe algo que preciso encontrar.

– Você quer dizer alguém. – Sua voz estava embargada, as lágrimas quase caindo. – É o Samm.

– É. Mas, não... não é o que você está pensando.

– Vai tentar evitar outra guerra – disse, simplesmente, uma afirmação em vez de uma pergunta. Mas Kira sentia que por trás havia a pergunta: *Por quê? Por que ela o abandonava? Por que não pedia para ele ir junto? Por que ela precisa de Samm quando ele estava bem ali?* Todavia, ele não perguntou, mesmo porque Kira não seria capaz de responder.

Porque sou uma Partialt. Porque sou uma incógnita. Porque toda a minha vida, todo o mundo, é tão maior do que era há algumas semanas, e nada está fazendo sentido. Nessa nova realidade tudo é tão perigoso, e de alguma forma estou no olho do furacão. Porque grupos que eu sequer imaginava existir estão me usando para planos que fogem à minha compreensão. Por que preciso saber o que eu sou.

E quem eu sou.

Agora era a sua vez de chorar, a voz fraquejar, os olhos se encherem de lágrimas.

– Eu te amo, Marcus. De verdade. E sempre o amei. Mas... não posso lhe contar. Ainda não.

– Quando?

– Talvez em breve. Talvez nunca. Nem mesmo eu sei o que não posso contar.

Apenas... confie em mim, Marcus.

Ele olhou para a mochila de Kira, à porta.

– Vai partir hoje?

– Vou.

– Agora?

Ela hesitou.

– Sim.

– Vou com você. Nada me segura aqui.

– Não pode vir comigo – respondeu Kira, inflexível. – Preciso que você fique aqui.

Não estou preparada para que você descubra as coisas que eu quero saber sobre mim. Não estou preparada para que você descubra o que eu sou.

– Tudo bem, então. – Suas palavras foram breves, passando da tristeza à raiva, mas sem conseguir disfarçar nenhuma das duas. Levantou-se lentamente, caminhou até a porta e a abriu. Esperou.

– Obrigada – disse Kira. – Por tudo.

– Adeus.

Uma lágrima rolou pelo rosto de Kira.

– Eu te amo.

Marcus se virou e saiu. Kira continuou encarando a porta vazia ainda por muito tempo.

Nandita nunca retornou e a casa estava fria e vazia. Kira recolheu suas coisas: uma mochila com roupas e equipamentos de camping, um novo kit médico, um fuzil sobre o ombro e uma pistola semiautomática na cintura. Correu o olhar pela casa uma última vez, arrumando os lençóis sobre a cama. Naquele momento, algo brilhou sobre o criado-mudo. Uma foto emoldurada. Kira ficou confusa. *Isso não é meu.*

Havia três pessoas na foto, paradas na frente de um edifício. A foto estava virada sobre o criado-mudo, as pessoas de ponta-cabeça, e ela a desvirou lentamente.

Kira perdeu a respiração.

No meio estava ela, uma criança ainda, nem quatro anos. À sua direita, seu pai, exatamente como ela se lembrava dele. À esquerda, Nandita. Atrás deles, no topo de um muro alto de tijolos, uma única palavra:

ParaGen.

No canto da foto, alguém havia escrito uma pequena mensagem, quase um rabisco, a escrita apressada e desesperada:

Encontre a Verdade.

AGRADECIMENTOS

O livro que você segura em suas mãos representa o esforço colaborativo de muitas pessoas com as quais tive a sorte de estar junto. A primeira delas é meu editor, Jordan Brown, que fez tanto, e com tanta paixão, que deveria ser mesmo citado como escritor colaborador. Créditos similares vão para Ruta Rimas, que contribuiu muito com o desenvolvimento do livro e com as primeiras ideias sobre ele. Ela acabou trocando de editora no meio do caminho, mas suas marcas ainda podem ser notadas em cada página deste livro.

Muitos amigos e leitores colaboraram com suas próprias ideias a respeito do manuscrito, incluindo alguns toques pessoais, como Steve Diamond, Ben Olsen, Danielle Olsen, Peter Ahlstrom, Karen Ahlstrom, Ethan Skarstedt, Alan Layton, Kaylynn Zobell, Brandon Sanderson, Emily Sanderson e meu irmão, Bob Wells. Eu também gostaria de agradecer alguns dos artistas que me inspiraram. Gratidão especial a Ursula K. LeGuin, Ronald Moore, Kevin Siembieda e Muse.

Este romance teve muito apoio dos leitores da minha página na Internet, www.fearfulsymmetry.net, que me ajudaram a nomear alguns dos grupos e conceitos mais importantes do mundo de Partials. A Lei da Esperança foi minha esposa quem nomeou. O Break veio de Eric James Stone, e a *Voz*, de Michele Chiapetta. Obrigado a vocês e a todos que ajudaram com dicas incríveis. Foi um projeto em conjunto muito divertido e com certeza farei novamente.

Eu não teria conseguido escrever este livro, e certamente não teria feito um ótimo trabalho nele, se não fosse a ajuda inestimável de três mulheres que fazem com que minha vida flua: minha agente, Sara Crowe, minha assistente, Janella Willis, e minha esposa maravilhosa, o amor da minha vida, Dawn.

Como nota final, gostaria de deixar o meu muito obrigado a Nick Dianatkhah, que está sempre disposto a morrer da maneira mais surpreendente e terrível que uma história possa precisar.

NOTAS

- [1] Espécie de carroça de duas rodas, com capacidade para duas pessoas, puxada por um homem a pé. (N.E.)
- [2] Trepadeira originária do Japão, o kudzu (*Pueraria lobata*) é largamente encontrado no sul dos EUA.(N.T.)
- [3] Ruído branco é o som resultante da combinação de todas as diferentes frequências que compõem o espectro sonoro. (N.E.)
- [4] Trecho de *Death be no Proud*, do poeta inglês John Donne (1572-1631). (N.T.)
- [5] Profissional responsável pela coleta de materiais biológicos para análise. (N.T.)
- [6] A expressão “riding shotgun” apareceu nos filmes e livros de faroeste. Refere-se aos homens armados que faziam a segurança das diligências e sentavam-se ao lado do condutor. Atualmente, de modo geral, refere-se a qualquer pessoa que viaja no banco ao lado do condutor. (N.T.)
- [7] Denominado também como órgão de Jacobson. Localiza-se entre o nariz e a boca e é responsável por detectar os feromônios, influenciando as funções hormonal e reprodutiva dos animais. (N.T.)
- [8] Procedimento cirúrgico realizado em nível molecular. (N.E.)
- [9] Movimento browniano refere-se ao movimento aleatório de partículas num líquido ou gás, resultante do choque das moléculas. (N.T.)
- [10] Conceito aplicado à robótica e baseado no comportamento de insetos sociais como a formiga e a abelha, que possuem excelente capacidade de organização e comunicação. (N.T.)
- [11] Robôs biológicos construídos à escala dos nanômetros, equivalente à bilionésima parte de um metro. (N.T.)

SOBRE O AUTOR

DAN WELLS é o autor da série *John Cleaver*, com os livros *I Am Not a Serial Killer*, *Mr. Monster* e *I Don't Want to Kill You*. Foi indicado aos prêmios Hugo e Campbell e recebeu dois Parsec Awards por seu podcast, *Writing Excuses*. Ele gosta muito de jogos, lê bastante e come muito. Essa é, basicamente, a vida que ele imaginou para si desde criança. Você pode conhecer mais sobre o autor no site www.fearfulsymmetry.net.

Siba mais no nosso site:

www.editoraid.com.br

*Este livro é dedicado àqueles que quebram as regras,
aos arruaceiros e revolucionários. As vezes a mão que te
alimenta merece levar uma boa mordida.*

Título original: *Partials*

Copyright © 2012 by HarperCollins Publishers

Publicado mediante acordo com a *HarperCollins Children's Books*, uma divisão da
HarperCollins Publishers

Todos os direitos reservados.

1ª edição digital 2012

ISBN 978-85-16-08696-1

Tradução: Kátia Hanna

Arte da capa: © 2012 by Craig Shields

Foto da garota: © 2012 by Howard Huang

Design da capa: Alison Klapthor

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de
1998. Todos os direitos reservados.

Editora Moderna Ltda.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho

São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904

Atendimento: tel. (11) 2790 1258 e fax (11) 2790 1393

www.editoraid.com.br

DE ACORDO COM AS
NOVAS
NORMAS
ORTOGRÁFICAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wells, Dan
Partials [livro eletrônico] / Dan Wells ;
tradução Kátia Hanna. -- São Paulo : Moderna,
2013.
3 MB ; ePUB.

Título original: Partials.
ISBN 978-85-16-08696-1

1. Ficção científica norte-americana I. Título.

13-01087

CDD-813.0876

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção científica : Literatura
norte-americana 813.0876